

MARCIA RODRIGUES LISBOA

CUIDADO, SER ADOLESCENTE É ARRISCADO:
formas de apropriação de produtos jornalísticos sobre cuidado e risco à saúde por
adolescentes da Maré

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Informação e Comunicação em Saúde (Icict/Fiocruz), como
requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kátia Lerner

Rio de Janeiro
2014

MARCIA RODRIGUES LISBOA

CUIDADO, SER ADOLESCENTE É ARRISCADO:
formas de apropriação de produtos jornalísticos sobre cuidado e risco à saúde por
adolescentes da Maré

Aprovada em 6 de maio de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Lerner
PPGICS/ICICT/FIOCRUZ

Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano
POSEDUC/UFF

Prof^ª. Dr^ª. Nilda Aparecida Jacks
PPGCOM/FABICO/UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Goulart Ribeiro
PPGICS/ICICT/FIOCRUZ

Prof. Dr. Josué Laguardia
PPGICS/ICICT/FIOCRUZ

Biblioteca de Ciências Biomédicas/Icict/Fiocruz

L 769 Lisboa, Marcia Rodrigues.

Cuidado, ser adolescente é arriscado: formas de apropriação de produtos jornalísticos sobre cuidado e risco à saúde por adolescentes da Maré / Marcia Rodrigues Lisboa. -- Rio de Janeiro, 2014.

232 f.: il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Lerner.

Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Informação e Comunicação em Saúde, Rio de Janeiro, 2014.

1. Adolescente. 2. Saúde do Adolescente. 3. Cuidados de Saúde. 4. Jornalismo.
I. Lerner, Kátia. II. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. III. Título.

CDD: 155.5

Aos adolescentes da Maré

GENEROSIDADES

“Eles são generosos, vão querer colaborar.” As aspas reproduzem minha apropriação de uma fala do professor Paulo Carrano, quando conversamos sobre métodos de pesquisa. No contato com os adolescentes, ao longo de todo o trabalho de campo, não houve um dia em que não me lembrasse dessa referência. Registro aqui meu imenso agradecimento a cada participante, pela abertura ao diálogo, pelo compromisso com a proposta de trabalho, pela paciência e pelo carinho.

À generosidade de Edson Diniz, que além de ter autorizado a realização da pesquisa na instituição Redes de Desenvolvimento da Maré, esteve sempre disponível para ajudar na reflexão sobre o território da Maré. Em nome dele e de Neide Lugão, brava coordenadora do projeto Rede de Saberes - Ensino Médio, agradeço a todos os trabalhadores da organização.

Ao Instituto Vida Real, em especial a Priscila Alves, Sebastião de Araújo e Vanessa Brandão, faço um grande agradecimento pela acolhida, pela rapidez no atendimento às demandas da pesquisa e pelo apoio às atividades realizadas no espaço institucional.

À diretora da Escola Municipal Josué de Castro, Christiane Lagarto, agradeço por sua atenção, em meio a inúmeras demandas da agitada rotina escolar; e também aos professores e funcionários, pela compreensão, durante as atividades que suscitaram algumas mudanças nos fluxos de trabalho. O agradecimento é extensivo às secretarias de Educação e de Saúde do município do Rio de Janeiro, por terem autorizado a realização da pesquisa.

Ao Ictt e ao PPGICS, pela oportunidade de me dedicar a esta pesquisa.

À minha orientadora, Kátia Lerner, agradeço pela confiança, pela grande capacidade de escuta, pela crítica sempre respeitosa e pelo aprendizado que me permitiu.

A Inesita Araújo, pelas boas interlocuções e pela centelha da inventividade, e a Josué Laguardia, pelas sugestões de leitura e pela atenção.

A Ana Paula Goulart e a Luis David Castiel, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação, que espero ter atendido, ao menos em parte. E a Nilda Jacks, a quem tive a honra de contar como avaliadora, pela disponibilidade e pelas importantes recomendações.

A Paulo Carrano, pela generosidade em compartilhar trajetórias de pesquisa com adolescentes e jovens.

Ao querido mestre Muniz Sodré, e a João Freire Filho, pela oportunidade de cursar disciplinas que suscitaram reflexões fundamentais para esta pesquisa.

A Dênis de Moraes, pelo incentivo e pelo crédito.

A Rovená Rosa, pelas indicações e pelo apoio na realização de atividades de pesquisa.

A Sonia Mano e Mercês Navarro, pelas trocas e pelo incentivo.

Aos colegas de PPGICS, agradeço pelas sugestões; e a Jeorgina Rodrigues, pela grande ajuda na normalização do texto.

A Sylvia Moretzsohn, pelos comentários na etapa final da escrita da tese.

A Sonia Aguiar e Patricia Rivero, por diversas contribuições ao longo da minha trajetória no doutorado e pela leitura de parte do trabalho.

A Silvia Noronha, pela ajuda no levantamento de informações para a pesquisa.

Aos meus pais, por compreenderem minha ausência.

A Sérgio Medeiros, pela solidariedade, pelo carinho e pelo asilo.

Ao Júlio, pelo estímulo, pelas sugestões e críticas ao trabalho e pelo exemplo.

Ao Felipe, pelo apoio, pela grande ajuda na etapa final da tese e pelo exemplo.

RESUMO

A tese tem como objetivo investigar as formas de apropriação por adolescentes de produtos jornalísticos sobre temas relacionados ao cuidado de si e aos riscos à saúde. O foco da pesquisa são reflexões feitas por adolescentes na interlocução em grupo. Referencia-se em considerações acerca da centralidade adquirida pela noção de risco na atualidade, particularmente em elaborações críticas à perspectiva epidemiológica dominante de risco, que associa a adolescência a uma etapa de vulnerabilidade; e em análises sobre a mediação jornalística no processo de produção e circulação de sentidos do risco. O trabalho é fundamentado em uma pesquisa empírica qualitativa com três grupos de adolescentes, na faixa etária de 14 a 16 anos, moradores do complexo de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. A investigação foi desenvolvida em três frentes: na identificação dos produtos jornalísticos, nos variados suportes, aos quais os adolescentes têm acesso; na observação das comunidades discursivas dos sujeitos da pesquisa sobre cuidado de si e risco à saúde e dos sentidos atribuídos pelos participantes a esses temas; e nas análises feitas pelos adolescentes de notícias e reportagens publicadas em diferentes veículos de comunicação sobre assuntos relacionados à temática. A partir das atividades realizadas, foi possível observar: a existência de múltiplos interlocutores no cotidiano dos participantes da pesquisa que atuam na disputa de sentidos sobre o risco, entre os quais a família, os profissionais de saúde, os professores e os meios de comunicação; o acesso, direto ou indireto, a veículos jornalísticos, em diferentes suportes, no cotidiano dos adolescentes; a saturação no que se refere a informações e alertas voltados à prevenção da gravidez e de doenças como a Aids, a dengue e a gripe A; a introjeção de valores que reforçam a necessidade permanente de cuidar de si e antecipar-se aos riscos; e também a crítica a esses discursos. As reflexões suscitadas nos grupos apontam para a ambivalência discursiva sobre o risco, como *constructo* científico e na forma da cultura de referência dos adolescentes, percebidos como sujeitos políticos em um campo de negociação de sentidos, no qual o jornalismo tem presença ativa.

Palavras-chave: Risco, cuidado, adolescente, jornalismo, recepção.

ABSTRACT

The thesis aims to investigate the means of appropriation by adolescents of journalistic products on topics related to the caring of themselves and to health risks. The focus of the research are reflections made by adolescents in group dialogue. It is referenced in considerations about the centrality acquired by the notion of risk in present, particularly in critical elaborations of the dominant epidemiological risk perspective which associates adolescence to a vulnerability stage; and in analyses of journalistic mediation in the process of production and spreading of risk senses. The work is based on a qualitative empirical research with three groups of adolescents aged between 14 and 16, living in the Maré favela complex, in the city of Rio de Janeiro. The research was developed on three fronts: the identification of journalistic products, in various supports, to which adolescents have access; the observation of research participants discursive communities about self-care and health risk, and the meanings attributed by the participants to these themes; and the analyzes carried out by these adolescents of news and stories published in different communication media on subjects concerning the theme. Based on these activities, it was possible to observe: the existence of multiple interlocutors in the routine of the research participants that act in the dispute of senses to risk, including family, health professionals, teachers and communication media; the access, direct or indirect, to journalistic means, in different supports, in the daily lives of the adolescents; the overflow in which refers to information and warnings directed to the prevention of pregnancy and diseases such as Aids, dengue and influenza A; the introjection of values that strengthen the permanent need to self care and to anticipate risks; and also the criticism of these discourses. The reflections raised in the groups point to the discursive ambivalence about risk as scientific *constructo* and in the shape of reference culture of the adolescents, perceived as political agents in a field of senses negotiation, in which journalism has an active presence.

Keywords: Risk, care, adolescent, journalism, reception.

RESUMEN

La tesis tiene como objetivo investigar las formas de apropiación por parte de los adolescentes de productos periodísticos sobre temas relacionados al cuidado de si mismos y a los riesgos de salud. El foco de la investigación son reflexiones hechas por adolescentes en la interlocución en grupo. Referente a las consideraciones en relación a la centralidad adquirida por la noción de riesgo en la actualidad, particularmente en elaboraciones críticas a la perspectiva epidemiológica dominante de riesgo, que asocia la adolescencia a una etapa de vulnerabilidad; y en análisis sobre la mediación periodística en el proceso de producción y circulación de sentidos de riesgo. El trabajo se basa en una investigación empírica cualitativa con tres grupos de adolescentes, entre los catorce y dieciséis años, vecinos del complejo de favelas de la Maré, en la ciudad de Río de Janeiro. La investigación se desarrolló en tres líneas: en la identificación de los productos periodísticos en los diversos soportes a los que tienen acceso los adolescentes; en la observación de las comunidades discursivas de los sujetos de investigación sobre el autocuidado y el riesgo a la salud y los significados atribuidos por los participantes a estos temas; y en los análisis hechos por los adolescentes de noticias y reportajes publicados en diferentes vehículos de comunicación sobre asuntos relacionados a la temática. A partir de las actividades realizadas, fue posible observar: la existencia de múltiples interlocutores en el cotidiano de los participantes de la investigación que actúan en la disputa de sentidos sobre el riesgo, entre ellos la familia, los profesionales de la salud, los docentes y los medios de comunicación; el acceso, directo o indirecto, a vehículos periodísticos, en diferentes soportes, en la vida cotidiana de los adolescentes; la saturación en cuanto a información y alertas destinadas a la prevención del embarazo y enfermedades como el SIDA, el dengue y la influenza A; la introyección de valores que refuerzan la necesidad permanente de cuidarse y anticiparse a los riesgos; y también la crítica de estos discursos. Las reflexiones suscitadas en los grupos apuntan a la ambivalencia discursiva sobre el riesgo, como constructo científico y en la forma de cultura de referencia de los adolescentes, percibidos como sujetos políticos en un campo de negociación de sentidos en el que el periodismo tiene una presencia activa.

Palabras-clave: Riesgo, cuidado, adolescente, periodismo, recepción.

SUMÁRIO

1 A COZINHA COMO LUGAR DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	9
2 ADOLESCÊNCIA ARRISCADA.....	16
2.1 A PROMOÇÃO DO RISCO.....	16
2.2 O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DO CUIDADO DE SI.....	25
2.2.1 Da saúde à promoção.....	28
2.2.2 Cuidado e risco e controle.....	31
2.3 O ADOLESCER COMO RISCO À SAÚDE.....	32
2.3.1 O futuro à espreita.....	32
2.3.2 A condição de vulnerabilidade.....	36
2.3.3 Responsabilização individual.....	39
2.3.4 Desejado e temido.....	41
3 OLHARES SOBRE A RECEPÇÃO JORNALÍSTICA.....	46
3.1 MEDIAÇÃO: O ‘ENTRE’ ORIGINÁRIO DO PROCESSO COMUNICACIONAL.....	46
3.2 O SUJEITO-RECEPTOR: DA AUDIÊNCIA À APROPRIAÇÃO.....	50
3.3 A MEDIAÇÃO DA MÍDIA E A ‘SOCIEDADE DO DESCONHECIMENTO.....	53
3.4 O JORNALISMO, SUAS LÓGICAS E PRÁTICAS.....	55
4 CENÁRIOS E SITUAÇÕES.....	61
4.1 SER ADOLESCENTE NA MARÉ.....	61
4.2 PROCESSOS DE APROXIMAÇÃO.....	68
4.3 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	71
4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	76
4.4.1 Grupo Preparatório Redes.....	77
4.4.2 Grupo Vida Real.....	82
4.4.3 Grupo Legião 92.....	84
5 VOZES E SENTIDOS DO CAMPO.....	88
5.1 SENTIDOS DO JORNALISMO NA VIDA COTIDIANA DOS ADOLESCENTES.....	88
5.1.1 Formas de acesso aos meios de comunicação.....	91
5.1.1.1 A televisão.....	94
5.1.1.2 A internet.....	101

5.1.1.3 Jornais impressos.....	108
5.1.1.4 O rádio.....	111
5.1.1.5 Revistas.....	113
5.1.1.6 O livro.....	114
5.1.2 Assuntos que despertam interesse nos veículos jornalísticos.....	115
5.1.3 Estímulo ao acesso a produtos jornalísticos.....	118
5.1.4 Confiança nos conteúdos jornalísticos.....	119
5.1.5 Confiança em fontes não jornalísticas de informação.....	126
5.2 SENTIDOS DE CUIDADO E RISCO À SAÚDE.....	127
5.2.1 O que pensam sobre saúde, cuidado e risco.....	127
5.2.2 Como se informam sobre saúde, cuidado e risco	146
5.3 SENTIDOS DE PRODUTOS JORNALÍSTICOS SOBRE CUIDADO E RISCO.....	154
5.3.1 Prescrição que assusta, mas gera crítica: grupo Preparatório Redes.....	154
5.3.2 Temas repetidos e linguagem pouco acessível: grupo Vida Real.....	179
5.3.3 Mais informação, mais interpretação: grupo Legião 92.....	192
5.4 SENTIDOS NA INTERAÇÃO EM GRUPO	201
5.4.1 O compartilhamento no processo de apropriação.....	201
5.4.2 O que falta e o que sobra nas informações sobre cuidado e risco à saúde.....	209
6 CAMINHOS DE APROPRIAÇÃO.....	215
REFERÊNCIAS.....	221
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	229
APÊNDICE B - Modelo de questionário aplicado.....	230
ANEXO - Materiais jornalísticos discutidos pelos grupos de adolescentes.....	231

1 A COZINHA COMO LUGAR DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

No jargão jornalístico, “cozinha” é o lugar ocupado por profissionais responsáveis pela finalização de cada edição (redatores, subeditores, editores) de um veículo de comunicação. A metáfora também foi aplicada à pesquisa empírica de recepção por Ronsini (2010), para quem “sujar as mãos na cozinha empírica” significa buscar descobrir os sentidos da experiência cotidiana com os meios.

Escolhi o termo para abrir esta introdução por essa dupla conotação: “cozinha” designa o lugar onde passei boa parte da minha vida profissional de jornalista e o percurso de investigação empírica que embasou as reflexões aqui propostas. A tese resulta do acúmulo de perguntas feitas ao longo de minha inserção em veículos jornalísticos, de modo especial naqueles que me puseram em contato com a temática da adolescência associada à educação e à saúde.

Esta experiência foi potencializada após o meu ingresso, em 2006, na Fundação Oswaldo Cruz, como integrante da equipe do portal Fiocruz. Particularmente instigante para o tema da pesquisa foi o processo de construção coletiva do site Fiojovem, com um grupo de adolescentes, ao longo de 2007, e as atividades posteriores à estreia, como a avaliação do site por outros adolescentes e a realização de oficinas de comunicação, que resultaram na produção conjunta de materiais para o site.

As inquietações surgidas nessa trajetória somaram-se a outras, mais antigas, que me acompanham desde a pesquisa de mestrado, quando me dediquei a investigar os modos de percepção dos jornalistas sobre suas práticas. Naquele momento busquei respostas para indagações relacionadas ao fazer jornalístico, a partir da produção e de seus produtores – “o que fazemos?”, “como fazemos?”, “por que fazemos?” e “para quem fazemos?”; agora me volto àqueles para os quais são dirigidos os conteúdos elaborados por jornalistas. Esse deslocamento do olhar para a recepção não se distancia do tema que perpassa os dois estudos: os processos comunicacionais no jornalismo.

Nesta abordagem, a recepção de produtos jornalísticos não é desconectada da produção em nenhum momento, e sim vista como um processo dialógico de construção de sentidos. A recepção não é, portanto, conforme sustenta Martín-Barbero (1995) nem ponto de chegada, nem uma etapa, e sim um lugar de onde pode ser repensada a comunicação.

A pergunta central desta investigação – como adolescentes se apropriam de produtos jornalísticos que abordam temas relacionados ao cuidado de si e à prevenção de riscos à saúde? – é analisada no contexto contemporâneo de construção discursiva do conceito de risco. Ao me debruçar sobre este tema que atravessa a tese, sublinho a dimensão complexa adquirida pelo termo, sobretudo a partir da década de 1980. A centralidade da ideia de risco na vida cotidiana resulta de imbricações múltiplas que envolvem diferentes áreas do conhecimento. Caras para esta investigação são suas articulações com a saúde, direcionadas à prevenção e à promoção, e de modo particular, com a noção de cuidado.

Destaco na pesquisa dois aspectos fundamentais às discussões sobre o risco: a ideia de que deve ser controlado pela ação humana, o que exige um esforço permanente de antecipação do possível dano; e sua vinculação às noções de escolha, responsabilidade e culpa (LUPTON, 1999). A incorporação dessas noções é estimulada pelo acionamento de mecanismos em direção à prevenção, por meio de argumentos técnico-científicos. Essas formas de controle na sociedade do risco, para usar a expressão cunhada por Beck (2010), distinguem-se dos dispositivos de saber e poder acionados na sociedade disciplinar, descrita por Foucault (1985a, 1989), no contexto da modernidade clássica. O poder do Estado sobre os corpos, e posteriormente sobre a vida, deixa de ser exercido por um agente externo, na atualidade, para se configurar no autocontrole dos indivíduos.

A vinculação da noção de cuidado com a saúde ao conceito epidemiológico de risco (com suas regularidades projetadas) tem sido geradora de ações e também de embates no campo da promoção de saúde, no qual convivem elaborações distintas (CZERESNIA, 2009). Nesse cenário, a condição de adolescente ganha dimensões particulares por seu enquadramento como grupo de risco.

As categorias risco, fatores de risco, fatores de proteção e percepção dos riscos, formuladas por especialistas, passaram a ter destaque, particularmente a partir da década de 1980, em diferentes canais, apontando caminhos para as intervenções institucionais de promoção de saúde, sejam elas governamentais ou não. Isto pode ser observado tanto na mídia tradicional como em veículos alternativos, incluindo aqueles promovidos por organizações sociais.

Entre os comportamentos de risco associados aos adolescentes em análises produzidas no formato de artigos e outros tipos de publicações, são recorrentes: o não uso de preservativo

nas relações sexuais, o abuso de bebidas alcoólicas, o consumo de drogas ilícitas; tabagismo, má alimentação (alto consumo de gorduras e açúcares e ingestão insuficiente de frutas e verduras, por exemplo), acidentes de trânsito, envolvimento em brigas e baixo nível de atividade física.

Os apelos à prevenção de riscos à saúde dos adolescentes apoiam-se na repetição sistemática de dados estatísticos epidemiológicos e na disseminação de formulações produzidas por especialistas de áreas médicas e afins, como a psiquiatria, a neurociência e a nutrição, fomentando argumentos para a deflagração de dispositivos de vigilância desse grupo populacional.

A classificação dos adolescentes como grupo de risco à saúde é gestada em um ambiente de fobia ao risco que fundamenta ações calcadas no “hiperpreventivismo” (CASTIEL; SANZ-VALERO; VASCONCELLOS-SILVA, 2011). A partir do trinômio medo-perigo-risco, buscam-se justificações para administrar o inadministrável, em um mundo que não é composto de regularidades (BAUMAN, 2008).

Mas quem são “os” adolescentes? Que aspectos os aproximam ou distinguem de outros indivíduos, para além da faixa etária? Como são construídos os argumentos em favor da sobreposição da classificação etária à de classe social? De que forma os adolescentes aparecem no noticiário jornalístico? Para quem são dirigidas as notícias e reportagens sobre os riscos na adolescência? Cada uma destas, dentre outras perguntas, tem sido objeto de investigações de autores de diferentes áreas, como Pais (2003), Novaes (2006), Abramo (2005), Freire Filho (2006), Rocha e Pereira (2009) e Castiel (2007), que contribuíram para algumas reflexões desenvolvidas nesta pesquisa.

A discussão aqui proposta parte do entendimento de que a adolescência não é uma categoria dada, ao contrário: é um conceito instável, construído socialmente, e com maior pulverização a partir da segunda metade do século XX. A perspectiva adotada neste trabalho diverge, portanto, da visão que reduz a adolescência unicamente a processos biológicos desencadeadores de padrões de conduta para todos os indivíduos nesse período da vida.

A naturalização da adolescência está presente em narrativas, produzidas por adultos, direcionadas a ao menos duas frentes: à criação de rótulos sobre o ser adolescente e à construção

de uma tipologia, muitas vezes associada ao conceito de geração. Ambas são amplamente difundidas em notícias e reportagens produzidas por veículos jornalísticos.

Na pesquisa realizada, procurei observar como produtos jornalísticos que abordam temas relacionados ao cuidado de si e ao risco à saúde vêm sendo acessados por adolescentes e de que maneiras estes sujeitos constroem sentidos acerca desses materiais. Parto da hipótese de que os meios de comunicação e o jornalismo, em especial, mantêm um papel ativo nessas construções, com sua capacidade de fazer circular amplamente discursos técnico-científicos da saúde, sobretudo da medicina. No entanto, esta aptidão prescritiva, como descreve Sodré (2002), não os investe do poder de determinar as formas de apropriação pelos indivíduos. Eles se mantêm ao lado de outros atores sociais, como produtores de discursos em campos de disputas.

O objetivo geral da tese foi investigar as formas de apropriação por adolescentes de produtos jornalísticos sobre cuidado e risco à saúde. Para apoiá-lo, tive como objetivos específicos: identificar como e com quem os sujeitos da pesquisa se informam sobre cuidado e risco à saúde, averiguando a credibilidade atribuída a esses interlocutores; verificar os sentidos atribuídos pelos participantes a esses temas; e analisar as reflexões feitas pelos adolescentes de notícias e reportagens publicadas em diferentes veículos de comunicação sobre assuntos relacionados à temática.

Minha aproximação ao objeto de estudo orientou-se por reflexões teóricas que percebem a comunicação como um processo dinâmico, de negociação de sentidos, por meio de múltiplas mediações. Como referências, trago, de modo especial, as contribuições latino-americanas acerca das mediações, a partir do final da década de 1980, considerando as diferentes abordagens de seus autores.

Para pensar sobre o problema de pesquisa, tomei emprestadas de Orozco Gomez (2003; CLUA, 2002) as noções de mediação situacional e de cenário. A primeira remete ao intercâmbio com o meio de comunicação, que varia segundo a interação dos sujeitos e os seus contextos. Adoto este conceito de forma expandida, para além do acompanhamento cotidiano das formas de recepção dos meios, como o faz Orozco Gomez em seus estudos sobre a audiência televisiva. Percebo a mediação situacional em todo o contato com o produto jornalístico, independentemente de este ter ocorrido a partir uma iniciativa dos sujeitos da pesquisa. A segunda refere-se ao lugar onde confluem as mediações e as comunidades de apropriação.

Ao focar as formas de apropriação, destaco, antes de tudo, seu caráter plural, intrínseco à linha de análise proposta. Outro aspecto fundamental a ser ressaltado quanto ao conceito de apropriação é a sua inserção em um processo que começa antes do acesso a uma determinada informação; continua após o compartilhamento e a ressignificação desse conteúdo; e pode se materializar em decisões e/ou comportamentos, ou ainda ser retomado a partir de novos acessos e/ou interlocuções. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico, que demanda tempo.

Nesta pesquisa, não tive a pretensão, nem condições, nos limites de um trabalho de doutorado, de abarcar todo o processo de apropriação pelos adolescentes participantes da investigação, considerando, inclusive, que ela continua após os encontros dos grupos. Dediquei-me a analisar as formas de apropriação a partir do acesso aos produtos e das reflexões suscitadas no compartilhamento desses materiais. Não foi objetivo da pesquisa observar a conversão dos conteúdos jornalísticos acessados em práticas, no sentido dos comportamentos dos adolescentes.

Pelos mesmos motivos descritos acima, além das dificuldades relacionadas à natureza da pesquisa, tampouco fiz uma etnografia de audiência (LEAL, 1995), com acompanhamento *in loco* dos diversos momentos de recepção de produtos jornalísticos no cotidiano dos adolescentes. Contudo, foram adotados alguns procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com o objetivo de observar contextos e situações de mediação dos adolescentes participantes.

O trabalho de campo foi desenvolvido com base em uma composição de técnicas de pesquisa, relativas às formas de observação direta e indireta: discussões em grupo tendo em vista a construção compartilhada de conhecimento; descrição densa dos contextos do campo de investigação; aplicação de questionário; e produção de diagramas pelos participantes dos grupos, com o objetivo de registrar as discussões sobre como se informam a respeito do cuidado e do risco à saúde.

A opção de ter como sujeitos de pesquisa adolescentes de camadas populares não se deu sem um questionamento do senso comum que aponta o baixo acesso desses indivíduos a produtos jornalísticos e a informações sobre cuidados à saúde, associado ao desinteresse por esses materiais. A definição pelo objeto empírico, adolescentes moradores de um complexo de favelas na periferia do Rio de Janeiro, foi instigada pelo interesse em ouvir as narrativas dos adolescentes daquele território de múltiplas disputas e concorrências discursivas.

Embora não tenha sido uma condição inicial para participar da pesquisa, todos os adolescentes estavam vinculados a instituições que desenvolvem atividades pedagógicas: uma escola e duas organizações sociais. Este foi um critério facilitador para viabilizar os encontros com os três grupos formados.

A seleção dos participantes com idades entre 14 a 16 anos não teve a intenção de aprisionar as reflexões a uma estreita faixa etária. Assim como a condição socioeconômica, o nível de escolaridade e o local de moradia, a idade foi tomada como um aspecto relevante para as reflexões propostas, mas sempre considerando as subjetividades. Embora entenda, como Bourdieu (1983), que exista um nível de arbitrariedade no recorte etário, não rechaço um diálogo com a dimensão biológica. Rejeito, contudo, os enquadramentos da adolescência centrados em fatores como as variações hormonais, características desta fase do desenvolvimento físico, como responsáveis por todo o tipo de conturbação.

O cruzamento da faixa etária com a escolaridade dos participantes (quase todos eram alunos do 9º ano do Ensino Fundamental) buscou trazer para a cena discursiva tanto as reflexões sobre os acionamentos feitos por discursos da saúde dirigidos a indivíduos neste período de consolidação das mudanças no corpo quanto as expectativas com relação ao futuro próximo, após o fim do ciclo do ensino obrigatório no Brasil. A pesquisa tomou os adolescentes como sujeitos políticos, que expressam valores e visões de mundo diversas, buscando compreender as perguntas que fazem a partir de suas leituras da produção jornalística no contexto das mediações, o que significa observar singularidades e convergências.

A tese está estruturada em seis capítulos. Em seguida a esta introdução, o segundo capítulo discute as articulações entre os conceitos de risco, cuidado de si e adolescência. Ao situar o contexto contemporâneo do risco, resgato as referências históricas desta construção, sua apropriação pela epidemiologia e as correlações com a noção de cuidado à saúde, que tem correspondência com a categoria foucaultiana “cuidado de si”. Busco problematizar ainda a adolescência, a partir de elaborações de adultos sobre esses sujeitos e sua vinculação à condição de vulnerabilidade.

No terceiro capítulo reflito sobre os processos de mediação produzidos pelos meios, com atenção especial ao jornalismo. Procuo situar a recepção de produtos jornalísticos dentro desta perspectiva, tendo como foco o conceito de apropriação, entendido como processo contínuo de elaboração discursiva que pressupõe uma atitude reflexiva (THOMPSON, 1998,

2009). Faço considerações acerca do contexto atual de mediação da mídia, fenômeno denominado “mídiatização” (SODRÉ, 2002; BRAGA, 2012), atendo-me à análise sobre as lógicas e práticas jornalísticas neste cenário, de modo particular ao contexto das produções centradas em fatores de risco à saúde (VAZ et al., 2007).

No quarto capítulo, apresento o contexto e as situações da pesquisa. Descrevo o cenário onde vivem os sujeitos participantes da investigação e os percursos de aproximação, com base na escolha metodológica adotada, que busca dialogar com os referenciais teóricos norteadores do trabalho de campo. Caracterizo neste capítulo os três grupos de adolescentes, destacando suas especificidades.

O quinto capítulo traz a análise dos dados da pesquisa. Está dividido em quatro partes. A primeira refere-se à temática do acesso aos meios de comunicação, tendo abarcado: as formas de acesso aos meios, em diferentes suportes, e particularmente de produtos jornalísticos; assuntos que despertam interesse nos veículos jornalísticos; o estímulo ao acesso a esses produtos; e confiança nos conteúdos jornalísticos. A segunda parte voltou-se à análise dos sentidos de cuidado e risco à saúde, ressaltando: o que pensam sobre saúde, cuidado e risco; as correlações entre cuidado, perigo e risco; e as maneiras como se informam sobre esses temas. A terceira parte traz as discussões feitas por cada grupo a partir de materiais jornalísticos apresentados a eles, selecionados com base nas informações dos adolescentes sobre os veículos acessados e nos assuntos trazidos por eles nos debates acerca do cuidado e risco à saúde. Na quarta parte, são apresentadas: as sínteses feitas pelos grupos, na forma de diagramas, acerca dos processos interativos gerados nas discussões ao longo dos encontros; e uma avaliação da oferta de informações sobre cuidado e risco à saúde.

No sexto capítulo, faço minhas considerações finais, destacando as principais conclusões da pesquisa e apontando possíveis caminhos para novos estudos.

2 ADOLESCÊNCIA ARRISCADA

2.1 A PROMOÇÃO DO RISCO

Viver é muito perigoso.

(Riobaldo, narrador-protagonista de Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*)

O alto nível de complexidade que o conceito de risco assumiu, a partir das últimas décadas do século XX, pode ser dimensionado, em uma primeira aproximação, por sua expansão global, com presença marcante no glossário que registra práticas e estudos em diferentes áreas, a exemplo da ciência política, da economia, da engenharia, da administração, do direito, de estratégias militares, das ciências voltadas ao meio ambiente, da comunicação, da saúde, dentre outras. Os contornos e as nuances de sua apropriação por cada uma dessas áreas tornaram-se temas de reflexões sociológicas e antropológicas daqueles que vieram a se chamar “estudos de risco”, com marcante expansão na década de 1990.

A ideia de risco na contemporaneidade – denominada alta modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva ou simplesmente modernidade¹ – está centrada no controle humano da natureza e da vida social, distanciando-se sobremaneira das noções de sina e destino², incorporadas por diferentes culturas anteriores à modernidade, nas quais era marcante o acionamento de fatores cósmicos para explicar os acontecimentos. Isto não significa que estes dois elementos tenham desaparecido nas sociedades modernas (GIDDENS, 2002), mas que não guardam correspondência com os sentidos que o termo risco adquiriu. Um aspecto desta presença foi observado na pesquisa realizada com os adolescentes, conforme analiso no item 5.2.

Ao revisar os sentidos históricos do risco, Spink (2001, p. 1279) inicia suas considerações acerca da gênese do termo sublinhando que a humanidade sempre esteve sujeita a perigos, voluntários e involuntários, entre desastres naturais, guerras e dificuldades diversas. Mas eles não eram considerados riscos, e sim fatalidades, *hazards*, dificuldades, até porque não havia registros da palavra “risco” no vocabulário das línguas indo-européias. *Hazard* teria sido

¹ Autores como Giddens, Beck e Spink usam os termos alternadamente.

² Giddens (2002) atribui distinção entre sina / destino e fatalismo. Enquanto “sina” seria uma forma de determinismo, envolvendo a concepção moral de destino, “fatalismo” seria a recusa da modernidade.

originada do árabe *al-zahr*, que significaria “dado”³, e até o final do século XIII referia-se a um jogo de dados muito popular na Europa Medieval, de acordo com a *Encyclopedia Britannica*.⁴

Os primeiros registros da palavra risco só aparecem nos séculos XIV, no catalão, XVI, em línguas latinas, e XVII, nas anglo-saxônicas (SPINK, 2001). Há diferentes versões sobre sua genealogia, conforme observam Lupton (1999) e Giddens (2002). A pesquisa etimológica de Cunha (1982, p.686) distingue duas possibilidades de incorporação do substantivo “risco”, em nosso idioma: uma derivada do verbo “riscar”, provavelmente originário do latim *resicare*, significando cortar, remover; e outra de *risquo*, com significado de “perigo ou possibilidade de perigo”. O *Novo Dicionário Aurélio* registra essa origem, mas acrescenta a possibilidade de o termo ter derivado do espanhol *risco*, que significava “penhasco alto e escarpado” (FERREIRA, 2009, p.1764).

No inglês atual, o vocábulo *risk* pode ser vinculado a *danger* e *peril*, sinônimos usados em situações específicas, embora também sejam traduzidos para o português como “perigo”. A variedade de termos na língua inglesa, comparada ao português, também aparece em relação aos antônimos da palavra “risco”. *Safeness*, *safety*, *secureness* e *security*.⁵ têm correspondência em português com um mesmo vocábulo: “segurança”. As razões dessa economia, em nosso idioma, ou da proliferação de vocábulos em inglês expressa valores culturais que demandam um estudo particular.

A incorporação gradativa à linguagem de termos antecedentes ao risco, em diferentes idiomas, foi objeto de análise de autores como Spink (2001) e Giddens (2002). Desde a sua emergência, na pré-modernidade, à contemporaneidade, o termo “risco” sofreu deslocamentos. Naquele momento histórico, a ideia de um futuro passível de controle estava ainda em gestação. Daí até se configurar em um conceito central, na modernidade clássica, percorreu um “longo processo de formalização” (SPINK, 2001, p. 1279).

Ponto de passagem para o entendimento desse processo são os estudos de Foucault (1985a,1989) sobre os dispositivos de poder e saber, engendrados naquela por ele denominada sociedade disciplinar, no âmbito da modernidade clássica. Ele classifica este tipo de intervenção social em duas formas interligadas, localizadas historicamente. A primeira, edificada no século

³ Embora não haja consenso sobre esta compreensão, já que os dicionários árabes não registram o significado. O termo atual, em árabe, para “dado” (*die*) é “*nard*”.

⁴ Disponível em: <<http://global.britannica.com/E Bchecked/topic/257915/hazard>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

⁵ O escopo desta pesquisa não permitiu o aprofundamento dos motivos dessa pluralidade de termos no inglês, comparada à limitação de registros em português.

XVII, no período pré-Revolução Industrial, centrava-se no *corpo-máquina*, por meio do adestramento dos indivíduos, visando seu melhor aproveitamento e a submissão aos sistemas de controle. A segunda, constituída a partir da metade do século XVIII, teve como enfoque o *corpo-espécie*, caracterizando-se pelo desenvolvimento de técnicas intervencionistas para o controle da vida, não apenas do indivíduo ou de um povo, mas da população⁶, o que o autor nomeia como uma “biopolítica da população”. Neste contexto, a administração dos corpos passou a ser associada à gestão calculista da vida⁷ (FOUCAULT, 1985a, p. 131-136).

A categoria biopoder, que embasa a perspectiva de gestão da vida, na sociedade disciplinar, também fundamenta argumentos analíticos a respeito da gestão do risco, na sociedade do risco. No entanto, conforme adverte Spink (2002, p. 1282), o fato de novas modalidades de biopoderes tornarem-se as principais estratégias de gestão do risco não significa que as estratégias de soberania e disciplina, aplicadas em governos anteriores não continuem em voga. Mudam, porém, “a natureza dos riscos, os mecanismos de gestão das populações e as estratégias de gestão no nível das pessoas”.

Um dos aspectos distintivos entre as formas de gestão da vida na sociedade disciplinar e os mecanismos de gestão dos riscos na contemporaneidade pode ser observado no processo de internalização dos dispositivos de controle: enquanto na primeira os indivíduos seriam instados a adotar práticas que os direcionariam a um futuro promissor (e também para não serem punidos), na segunda, eles estariam diante da necessidade de fazer escolhas o tempo todo, frente à incerteza em relação ao futuro.

O controle de si não se dá mais pela vigilância externa ao indivíduo, aos olhos do Grande Irmão⁸, mas pelo autoconvencimento acerca da necessidade de evitar um dano, seja ele qual for. O indivíduo passa a ser seu próprio opressor. A demanda introjetada de autocontrole reflete o exercício do governo a distância, que posiciona o indivíduo como parceiro do Estado e das instituições, e exige permanente atualização das recomendações de conduta, reforçando a

⁶ Foucault refere-se à introdução do conceito de população, no século XVIII, como problema econômico e político, que reporta fenômenos e variáveis particulares, como natalidade, mortalidade, esperança de vida, estado de saúde, entre outras (FOUCAULT, 1985a, p. 28)

⁷ “Vida” é entendida por Foucault como: “as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível”. Para ele, esse contexto da modernidade clássica marca a entrada da “vida” na história. Pela primeira vez, o biológico seria refletido no político (FOUCAULT, 1985a, p. 133-136).

⁸ Expressão recuperada da obra ficcional 1984, de Orwell, publicada pela primeira vez em 1949, associada ao sistema panóptico de Bentham. Este conceito foi usado por Foucault em *Vigiar e punir*, publicado em 1975, para explicar a sociedade disciplinar.

importância dos canais de comunicação como participantes dessa construção. Esta correlação será discutida adiante.

Em sua revisão das teorias sobre risco, Lupton (1999, p.19) identifica duas grandes correntes: a majoritária, centrada em abordagens técnico-científicas, na perspectiva da ciência cognitiva; e a que é fundamentada no construcionismo social, na perspectiva sociocultural do risco. Os teóricos da primeira dedicam-se à formulação de probabilidades de incidência de riscos sem procurar responder à pergunta: como os riscos são construídos como fatos sociais?

Entre os pesquisadores voltados à dimensão sociocultural do risco, a autora distingue três linhas de reflexão: a perspectiva cultural-simbólica, com destacada participação de Douglas e outros antropólogos; a linha dos teóricos da sociedade do risco, dos sociólogos Beck e Giddens; e a dos teóricos da governamentalidade (foucaultianos). Resguardadas as diferenças entre as visões de cada linha, há alguns consensos: o risco se tornou um conceito progressivamente generalizado da existência humana; o risco é um aspecto central da subjetividade humana; o risco é visto como algo que pode ser gerenciado pela intervenção humana; o risco é associado a noções de escolha, responsabilidade e culpa⁹ (LUPTON, 1999, p. 26).

Com focos diferentes, a antropóloga Mary Douglas (1994) e o sociólogo Robert Castel (1999) analisam a relação entre perigo e risco. Douglas discute a noção de segurança na perspectiva de uma cultura específica, questionando argumentos de prevenção que ignoram a perspectiva cultural. Para a autora, a responsabilidade pública do risco foi individualizada. Ela propõe que a pergunta essencial sobre o risco não seja “Qual é a segurança necessária?”, e sim “Qual é a segurança necessária para uma cultura?” (DOUGLAS, 1994, p. 40-41).

Castel reflete sobre as novas estratégias preventivas como promotoras da suspeição. “Um risco não urge a partir da presença particular de um perigo para um indivíduo ou um grupo, é um efeito de uma combinação de fatores abstratos que tornam mais ou menos provável a ocorrência de modos de conduta indesejáveis” (CASTEL, 1999, p. 287).

O afastamento da noção entre perigo e risco também é destacado por Giddens (2002, p. 109), segundo o qual “A preocupação com o risco na vida social moderna não tem nada a ver diretamente com a prevalência de perigos da vida”. Ele cita como exemplo as epidemias mortais

⁹ A autora cria ainda duas outras tipologias. Na primeira, classifica os estudos em: estruturalistas (de linha funcionalista ou marxista), pós-estruturalistas, fenomenológicos e teóricos da psicanálise. Na segunda, distingue as análises em construcionistas fracas e construcionistas fortes (LUPTON, 1999).

do século XIX, que se constituíram em grandes ameaças às populações, ou seja, guardavam correspondência direta com situações vivenciadas por aquelas sociedades, diferentemente dos alertas aos riscos “invisíveis” na atualidade.

Tal percepção de Giddens vai ao encontro do pensamento de Beck, teórico fundador do conceito de “sociedade do risco”. Risco, na perspectiva cultural adotada por este sociólogo, coincide com a definição pública do termo (BECK, 2000, p. 213). Fundamental para o entendimento do conceito de risco, segundo o Beck, é o fato de ele não existir *a priori*, a partir de uma ameaça concreta. Trata-se de é uma construção cultural, pautada em uma expectativa de colonização do futuro (BECK, 2010; GIDDENS, 2002).

Em seu clássico livro *Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade*, cuja primeira edição foi lançada em 1986, Beck (2010, p. 25) sustenta a tese de que vivemos, desde a década de 1970, em um período de transição para a sociedade do risco. Ainda não haveríamos chegado lá, mas tampouco estaríamos atrelados apenas aos “conflitos distributivos das sociedades da escassez”, que seriam os riscos da pobreza e da desigualdade econômica, em especial¹⁰.

Inerente ao cenário atual está o caráter coletivo e institucional do risco. As ameaças são para todos, e não apenas para os pobres e que enfrentam privações diversas. Tampouco guardam correspondência com os riscos individualizados, voluntários ou não, como aqueles experimentados por nossos antepassados que se lançaram ao Mar Tenebroso¹¹, seja na esperança de serem glorificados pelo feito heroico ou por submissão compulsória, condição daqueles que integravam as expedições, sem a possibilidade de escolher se gostariam de se expor a tamanho risco pessoal.

A lógica dos riscos globalizados, segundo Beck (2010, p. 43-57), pressupõe uma classe de indivíduos afetados e outra classe dos *ainda não* afetados. Embora desvincule as situações de risco das situações de classe social, o autor observa a possibilidade de sobreposição dos riscos específicos de classes sociais, decorrentes da escassez e da desigualdade, e os riscos globais, na perspectiva da sociedade do risco¹².

¹⁰ Ele escreve no período posterior à catástrofe da Usina de Chernobyl (1986). Tem como principal referência a Alemanha e os países desenvolvidos.

¹¹ Conforme era chamado o Oceano Atlântico na época dos descobrimentos.

¹² Van Loon (2002, p. 22) critica a importância relativa dada por Beck à escassez e às desigualdades entre as classes sociais em relação às relações na sociedade de risco. Para Van Loon, não é possível conceber a modernidade sem uma reflexão sobre a escassez, fortalecedora do capitalismo.

“Ainda não” tornou-se o *leitmotiv* das medidas voltadas à prevenção de risco, na tentativa de antecipar-se aos problemas, na tentativa de evitar que algo negativo aconteça. “O conceito de risco inverte a relação de passado, presente e futuro. O passado perde seu poder de determinar o presente. [...] Discute-se sobre algo que 'poderia acontecer', se não estivéssemos a mudar o rumo” (BECK, 2000, p. 214).

Um efeito deste mundo “negativamente globalizado”, conforme conceitua Bauman (2008, p. 11), é a ubiquidade dos medos. Na classificação do sociólogo, há três tipos principais de perigos dos quais se tem medo: o primeiro seria a ameaça ao corpo e à propriedade; o segundo, a ameaça à natureza, que envolve o comprometimento da ordem social e confiabilidade no sustento e na sobrevivência); e o terceiro, aquele que ameaça o lugar da pessoa no mundo.

Um aspecto central ocupado pelo conceito de risco na sociedade contemporânea, de acordo com Vaz (1999), funda-se na simulação do futuro dentro de um círculo de valores do presente. Estes valores (bem-estar, a juventude prolongada, o autocontrole e a eficiência etc.) implicam o cuidado a partir do risco, como um fundo de negatividade a ser evitado. Tudo o que nos proporciona prazer, e que é nosso dever conquistar, pode implicar dependência e risco de morte prematura.

A informação sobre o que o futuro pode ser é modo de obter um futuro que se deseja; a simulação é modo de delimitar aquilo que os homens podem fazer, pois informar sobre os riscos é dizer aquilo que pode e deve ser feito; por fim, antecipar o futuro para propor compromissos é modo de estabilizar os valores do presente na medida em que não são confrontados com um mundo onde valores totalmente outros pudessem vigorar. Trata-se sempre de preservar o mundo e os indivíduos, e não de transformá-los (VAZ, 1999, p.110).

Outra dimensão importante do risco é sua mensurabilidade. A ideia de governabilidade, em um período de incertezas, está presente nas noções de risco percebido e risco calculável. Com o objetivo de mensurar o risco, põe-se em operação todo um aparato científico-tecnológico, que envolve diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto está inserido o princípio de precaução, presente em instrumentos regulatórios nacionais e em acordos internacionais de áreas distintas, envolvendo diferentes atores (SANDIN, 2006).

O chamado gerenciamento de risco apoia-se na racionalidade para antecipar-se à providência e justificar a previdência, procurando identificar possíveis ameaças a serem configuradas como fatores de risco, tema a ser discutido no tópico seguinte. Essa pretensa racionalidade sustenta-se em dois pilares, fundamentais para o reconhecimento social do risco: a preponderância do conhecimento técnico-científico, em contraposição à perda de valor do saber tradicional, e sua disseminação por diferentes meios de comunicação.

Entram em cena: os especialistas, peritos de campos diversos, que atuam na construção de argumentos científicos com o objetivo de justificar padrões de conduta a serem seguidos por todos; e um corpo de produtores e reprodutores de discursos sobre o risco, veiculados na mídia convencional e em espaços alternativos. Participam destes canais de comunicação: jornalistas, articulistas de várias áreas, profissionais de saúde, integrantes de organizações sociais, dentre outros atores sociais.

A permanência da confiança na ciência, apesar dos equívocos e controvérsias dos peritos, inscreve-se em um cenário de valorização do atual e esquecimento da história, no qual a ciência se transforma em um poderoso meio de promoção da globalização cultural (NUNES, 2002, p.190). A profusão de informações sobre os riscos é um dos mecanismos produtores de confusão, mas ao mesmo tempo, reforça a ideia da necessidade de atualização permanente do conhecimento técnico-científico. O imperativo de se informar sobre os riscos não descredencia a autoridade da fonte especializada, e muito menos põe em xeque a preponderância do saber científico.

A ênfase no conhecimento científico especializado e no controle tecnológico, com vistas à evitação dos *males*, tem duas consequências não intencionais, na avaliação de Van Loon (2002, p. 4-5): uma cultura de aversão ao risco, de paranoia e neurose; e uma espécie de apatia seletiva, na qual os fatos principais são consumados sem qualquer notícia prévia¹³. Entretanto, ambas seriam modalidades da aversão ao risco: a primeira por motivar estratégias de aversão ao risco e a segunda por ser uma estratégia de aversão ao risco.

A cultura do risco nasce na ambiguidade: ao mesmo tempo em que a prevenção ao risco implica obedecer a parâmetros de comportamentos e rotinas, pressupõe a convivência com as incertezas, já que os riscos podem estar em qualquer lugar e serem invisíveis; e a própria tomada de decisão fica condicionada à adoção de novos padrões de normalidade, modificados em curtos

¹³ O autor cita como exemplo a constatação oficial atrasada da contaminação de carne de gado.

espaços temporais. Esta lógica implica uma ordem moral, classificatória de culpados ou vítimas, e definidora de estilos de vida, tema a ser discutido no próximo item.

Onipresente em diversos setores nas sociedades atuais, o conceito de fator de risco está na base do movimento de objetivação do perigo que caracteriza a passagem da disciplina ao controle, conforme elabora Vaz (1999, p. 111):

Na sociedade disciplinar, o perigo era ou subjetivado pela singularidade e força do desejo que habitava um indivíduo – preocupação com a delinquência, a loucura e a perversão sexual – ou atribuído a condições sociais, especialmente a miséria e o que dela derivaria. Daí as estratégias de poder que a caracterizavam: corrigir pela reclusão e medidas de higiene e moralização das classes perigosas. Já na sociedade de controle a objetivação do perigo permite sua subjetivação como informação sobre riscos vinculados a práticas.

Idade, gênero, raça/etnia, estado civil, composição familiar, endereço residencial, grau de instrução, herança genética são alguns dos inúmeros critérios usados para mensuração dos fatores de risco de uma pessoa, de acordo com o interesse em foco, que pode ser um plano de saúde, um seguro de vida, uma apólice de automóvel, dentre outros. Produtos e serviços como esses, destinados à proteção, física e patrimonial, expandiram-se no capitalismo globalizado como estratégia de prevenção.

A proliferação de dispositivos de demanda ocorre paralelamente à de instrumentos de controle. Ao mesmo tempo em que se intensifica a oferta e o estímulo ao consumo de produtos, ou de estilos de vida, como veremos adiante, que poderiam provocar riscos, são oferecidos os bens ou serviços de proteção a possíveis danos. Como alegoria, são ofertados o veneno e o seu antídoto. Mas esta é apenas uma das expressões das contradições deste complexo sistema, do qual participam também os fornecedores de produtos e serviços direcionados à boa saúde e/ou à longevidade. Um efeito desse mecanismo revela-se na expansão do “consumo do bem”, nas últimas décadas, impactando a economia global.

Nessa intrincada movimentação do capitalismo, também o consumo precisa ser dosado, para que o indivíduo não se desestimele a consumir nem se incapacite a continuar consumindo, motivado pela despreocupação com o risco (VAZ, 1999). Eis aqui um componente intrínseco ao contexto contemporâneo do risco, o cinismo, expresso na ambivalência discursiva do estímulo ao consumo de produtos ou serviços ao mesmo tempo em que alerta para seus possíveis danos. A adicção deve ser rechaçada e tratada com base em protocolos médicos (CASTIEL, 2007).

Os pressupostos de regularidade e uniformidade que fundamentam a perspectiva de preservação da vida permitem a cristalização de argumentos direcionados à “hiperprevenção”, definida por Castiel, Sanz-Valero e Vasconcellos-Silva (2011) como o resultado da soma de três variáveis: prevenção, precaução e proteção. Essa cultura do alarmismo, que alimenta a fobia ao risco, manifesta-se por meio de narrativas sobre estilos de vida e apelos ao autocuidado. Tais discursos, fundamentados em um exacerbado moralismo, recorrem à ideia de abuso para tornar os indivíduos pessoalmente responsáveis pela gestão de riscos socialmente gerados. (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2010).

As prescrições exigem mudanças preventivas de conduta de cada pessoa, independentemente da idade. No entanto, indivíduos que se enquadram em alguns grupos etários são considerados mais vulneráveis que outros. É o caso dos adolescentes, classificados como pertencentes a um grupo de risco, categoria que será discutida no item 2.3.2.

A ideia de que somos todos pacientes em espera (se “ainda não” ficamos doentes, poderemos ficar a qualquer momento) se insere neste ambiente “riscofóbico”, que exige uma atitude individual de escolha informada (GIDDENS, 2002, p.132). Para tanto, não basta a opinião de um especialista, já que os critérios científicos não são estáveis. É preciso ouvir o segundo especialista para ter atestada a validade científica.

A responsabilização individual pela saúde, por meio do cuidado da própria vida como expectativa de controle do futuro, é calcada em receituários contraditórios de estilo de vida, que incluem a disseminação de informações sobre alimentação saudável, prática de esportes e outras prescrições. O cuidado crônico de si (VAZ et al., 2007) promove um alargamento da concepção de quem está ou não vulnerável. Trata-se de uma mudança em relação ao próprio conceito de “doença”.

Este cenário tem na mídia um importante ator, o que pode ser observado, no contexto brasileiro, na ampliação progressiva do espaço destinado a assuntos referentes aos cuidados com a saúde nos grandes meios de comunicação. Não deve ser considerada mera curiosidade o fato de a expressão “correr risco de vida”, usual nos noticiários até a década de 1990, ter sido substituída por “risco de morte”. As justificativas, a favor e contra a mudança da expressão, trazem em comum uma referência nada casual para o tema desta tese: o verso de Cazuza “O meu prazer agora é risco de vida”, da canção “Ideologia”.

Não haveria, no entanto, impedimento para o uso da expressão “risco de vida” na forma culta do idioma, já que se trata da adoção de uma figura de linguagem.

A expressão “risco de vida” constitui-se de um recurso de linguagem denominado elipse, cuja característica principal é a omissão de algum termo. Embora este esteja facilmente identificável, basta que analisemos o contexto em que se encontra. Portanto, ao analisar a expressão, constatamos: Risco de (perder) a vida (DUARTE, 2014).

A substituição da expressão em produtos jornalísticos de diferentes suportes, observada a partir da década de 1990, ainda que sem registros em manuais de redação, não parece simples coincidência com o período histórico de pulverização do conceito de risco. No próximo item, buscarei refletir sobre a aproximação do risco ao cuidado e à saúde.

2.2 O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DO CUIDADO DE SI

O ato de cuidar é um ato paradoxal: pode aprisionar ou liberar
(Emerson Merhy, 2004)

Cuidar, segundo Cunha (1992, p 232), vem do latim *cogitare*, tendo origem no século XIII, e significa cogitar, imaginar, pensar, tratar de, dar atenção a, ter cuidado com a saúde de, curar. O termo adquiriu grande amplitude na atualidade, gerando abordagens com focos bastante distintos, em diferentes áreas do conhecimento, com vasta produção no campo da atenção à saúde. Neste item, procuro situar as questões mais relevantes do conceito para a análise proposta e suas implicações relacionadas ao problema desta pesquisa.

Em *Ser e tempo*, Heidegger, o termo *sorge*, em alemão, é traduzido como “cura”, denominação erudita de “cuidado”. Para o filósofo, trata-se de um fenômeno ontológico-existencial básico, um *a priori* de toda a atitude humana, no qual está contida a percepção originária do ser e da relação com o outro. “Cura/cuidado” não deve ser caracterizada somente pela essencialidade, e tampouco indica uma atitude isolada do eu consigo mesmo. A expressão “cura de si mesmo”, portanto, seria uma tautologia, já que a cura não pode significar uma atitude especial para consigo, pois já se caracteriza ontologicamente como precedente a si mesma (HEIDEGGER, 1993, p. 257).

O princípio de que é preciso ter cuidados consigo, segundo Foucault, estaria na base da existência, fundamentando a sua necessidade, comandando seu desenvolvimento e organizando sua prática. A intensificação da relação consigo, que dá ao sujeito autonomia de seus atos,

reforça valores de conduta pessoal e interesses por si próprio, tenderia a misturar fenômenos diversos em épocas diferentes.

[...] o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações, e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (FOUCAULT, 1985b, p.50).

Na cultura grega, o cuidar de si já mantinha estreita correlação com o pensamento e a prática médica. O cuidado estaria relacionado à possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas, que comporiam o que Foucault chama de “um serviço da alma”. “O cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece como uma intensificação das relações sociais.” (FOUCAULT, 1985b, p. 58-59)

A cultura de si propiciou o aumento do cuidado médico, que foi traduzido por uma forma de atenção com o corpo, distinta, no entanto, da valorização do vigor físico – numa época em que a ginástica, o treinamento esportivo e militar eram parte integrante da formação do homem livre.

O corpo com o qual o adulto tem que se ocupar quando cuida dele mesmo não é mais um corpo jovem que se tratava de formar pela ginástica; é um corpo frágil, ameaçado, minado de pequenas misérias e que, em troca, ameaça a alma, menos por suas exigências demasiado vigorosas do que por suas próprias fraquezas (FOUCAULT, 1985b, p. 61- 62).

Nas práticas médicas, esse cuidado com o corpo refletia-se na preocupação com o excesso, na escuta dos distúrbios, na atenção detalhada às disfunções, na consideração de todos os elementos que podem perturbar o corpo (estação, clima alimentação, modo de vida) e, através dele, a alma (FOUCAULT, 1985b, p. 62).

É justamente essa aproximação ente medicina e moral que vai propiciar a valorização do conhecimento de si. O indivíduo doente ou ameaçado por uma enfermidade precisa se reconhecer como tal. Além de se assumir como alguém que sofre de certos males, na cultura de si, ele é impelido a cuidar deles, seja por si mesmo ou por quem tenha competência para isto (FOUCAULT, 1985b, p. 62-3).

A consolidação do sistema capitalista moderno propiciou maior amplitude da perspectiva do cuidado. Cuidar/curar tornou-se interesse do Estado liberal, que precisava ter o maior número possível de súditos sadios (ROSEN, 1980, p.215). Desta forma, doença e morte passaram a ser encaradas como um problema econômico, um redutor de produtividade.

Até o século XVIII, o hospital era um lugar de filantropia, de exclusão e de morte – não de cura –, sob a administração e o controle de instituições religiosas. Nesse cenário, no qual o saber médico limitava-se a grandes tratados, a presença do profissional no hospital era bastante restrita e desvalorizada.

A prática médica naquela altura seria profundamente individualista e não teria justificação científica. O médico era um observador do doente e da doença, com a função de prever os desdobramentos do quadro, mas sem exercer qualquer intervenção. Estava ali, próximo do enfermo, como um aliado da natureza contra a doença, olhando para ele, mas sem, de fato, ver o que se passava (FOUCAULT, 1989b, p. 101-102).

A reforma hospitalar começou a acontecer, por motivos econômicos, nos hospitais marítimos e militares: seja pela desordem causada pelos que se faziam passar por doentes para traficar mercadorias e escaparem ilesos (prática comum no caso dos primeiros), seja pelo alto custo da perda de um soldado e o risco de epidemias (no segundo caso). Tal reforma aconteceu com disciplina e reorganização administrativa e política. Manter a disciplina implicou estabelecer mecanismos permanentes de vigilância e dispositivos de controle. Isto trouxe uma demanda associada, que foi um rigoroso registro de informações.

A intervenção médica e a disciplinarização do espaço hospitalar alteraram as configurações de poder dentro do hospital, deslocando para o médico o controle sobre os indivíduos, sua alimentação, seu sono etc. O exame tornou-se o instrumento fundamental para o exercício do poder da medicina.

O hospital passou a ser um lugar também de formação e transmissão do saber médico. Os estudos e registros a partir desse período permitem constatar fenômenos patológicos comuns, contribuindo também para uma medicina da população.

É nesse contexto que se situa a construção da saúde como um campo, entendido como espaço estruturado de posições (ou de postos) que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes, em partes determinadas por eles (BOURDIEU, 1983, p.89).

2.2.1 Da saúde à promoção

O entendimento da medicina como política aplicada ao campo da saúde e da política como a aplicação da medicina no âmbito social, a fim de curar “os males da sociedade”, estava na base do surgimento da medicina social (PAIM ; ALMEIDA FILHO, 1979, p. 302), no contexto da Revolução Industrial, tendo de um lado a incorporação de reivindicações relativas à saúde pelas classes trabalhadoras – principalmente em países como Inglaterra, França e Alemanha – e de outro, o posicionamento de médicos e filósofos em direção ao caráter social da medicina e da doença.

Conforme classifica Foucault (1989a, p.79-98), três etapas permitiram o desenvolvimento da medicina social na Europa, entre 1830 e 1880, por meio de práticas articuladas a projetos de reorganização social: a polícia médica¹⁴, a medicina urbana¹⁵ e a medicina da força de trabalho¹⁶. É nesse período que surge o médico como administrador da saúde, a quem caberia controlar todos os aspectos da vida, inclusive os mais íntimos, para o bem-estar da comunidade. Questões como moradia, coleta de lixo, proteção às grávidas e às crianças, alimentação e vestuário deveriam ser objetos de sua intervenção. A polícia médica tinha por objetivo transformar o corpo dos indivíduos em força do Estado. Esse sistema serviu de alicerce para as concepções higiênicas do século XIX.

Os princípios básicos da medicina social tornaram-se parte integrante do discurso sanitário, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. O sanitarismo pautava-se na aplicação de tecnologia e em princípios de organização racional para a expansão de atividades profiláticas (saneamento, imunização e controle de vetores) destinadas principalmente aos pobres. O advento do paradigma microbiano nas ciências básicas da saúde representou um reforço ao movimento sanitário.

Outro momento importante neste sentido foi a divulgação do estudo que ficou conhecido como Relatório Flexner (*A Report to the Carnegie Foundation for the Advancement of*

¹⁴ Dentre as ações da polícia médica, implementada na Alemanha no final do século XVIII, estavam: registrar os diferentes fenômenos epidêmicos ou endêmicos, normalizar o ensino, criar um departamento especializado para coletar informações transmitidas pelos médicos e para controlar atividades dos profissionais da saúde com a população, formar um corpo de funcionários médicos competentes, nomeados pelo governo.

¹⁵ A medicina urbana, surgida na França em paralelo à urbanização das grandes cidades, principalmente de Paris, tomou como base a ideia de salubridade, associada à noção de higiene pública, com o objetivo de afastar da cidade todas as fontes de doenças.

¹⁶ A medicina da força de trabalho nasceu na Inglaterra em decorrência da preocupação governamental com problemas de saúde gerados na era industrial.

Teaching), publicado nos Estados Unidos, em 1910. O documento elaborado por Abraham Flexner é considerado o responsável pela reforma das escolas médicas nos Estados Unidos, com impactos na formação médica e na medicina mundial.

No cenário de pós-guerra, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu, em 1946, a saúde como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou incapacidade”.

A desvinculação do conceito de saúde à inexistência de patologia já havia sido feita por Canguilhem (1995), alguns anos antes, em sua tese de doutorado em medicina, que se tornou um marco da epistemologia da saúde. Doença deixava de ter o caráter de desaparecimento de uma ordem fisiológica para ser definida como o aparecimento de uma nova ordem vital; e a saúde tornava-se “margem de tolerância às infidelidades do meio”.

Conceito-chave na obra de Canguilhem, a normatividade vital configura um ponto de vista novo para a constituição de um campo: uma polaridade dinâmica refletida na percepção do sujeito sobre a doença. “O objeto de uma ciência é pensado como algo estável, mas a vida é evolução, variação de formas, invenção de comportamentos” (CANGUILHEM, 1995, p.164). Esta visão converte-se em um contraponto fundamental para a crítica sobre a cientifização da saúde, como as elaborações calculistas da vida, produzidas pela epidemiologia. Estudioso da obra de Canguilhem, Foucault torna-se referência na discussão sobre o conceito de norma.

Ainda na década de 1940, surgiram as primeiras referências à expressão promoção de saúde, naquele momento associada à atenção primária. Ao longo das décadas seguintes, sofreu modificações, sendo impulsionada pelo movimento que propõe uma nova concepção de saúde, calcada em sua determinação socioeconômica e na construção dessa perspectiva cujo foco não é a doença.

Um marco dessa mudança é o Relatório Lalonde¹⁷, de 1974, base da reforma do sistema de saúde canadense. No documento, a promoção de saúde é uma das cinco estratégias para o enfrentamento dos problemas da saúde. A proposta destaca a perspectiva de disseminar informação e persuadir a mudança de comportamentos (ou estilo de vida) dos indivíduos, cobrando destes a responsabilidade pelo cuidado de si (LALONDE, 1981).

Quatro anos depois, foi realizada a I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, em Alma-Ata, no Cazaquistão (antiga União Soviética). Promovida pela

¹⁷ Como ficou conhecido o documento *A New Perspective on the Health of Canadians* (1973-1974).

OMS, em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (Unicef), o encontro estabeleceu a responsabilidade política dos governos sobre a saúde da população e definiu a atenção primária à saúde como estratégia de operacionalização das metas do documento “Saúde para Todos no ano 2000”, lançado no ano anterior.

Castiel, Sanz-Valero e Vasconcellos-Silva (2011) ressaltam, no entanto, que a defesa da universalização da atenção primária à saúde, nos anos posteriores a Alma-Ata, sofreu impactos do novo ambiente do capitalismo globalizado, sobretudo pelos altos custos da assistência à saúde para os Estados. Segundo os autores, esta situação contribuiu para o surgimento de propostas da promoção de saúde centradas no autocuidado e na responsabilidade pessoal.

Os acordos consolidados nesses fóruns mundiais prepararam o terreno da I Conferência Internacional de Promoção à Saúde, realizada em 1986, no Canadá. Uma das principais orientações do documento final do encontro, a Carta de Ottawa, foi a adoção de estratégias voltadas à execução da meta de saúde para todos, retirando o foco nas ações individuais de cuidado com a saúde, que refletiriam apenas um dos aspectos a serem considerados. A Carta destaca que este objetivo só poderá ser atingido com ações políticas de combate às desigualdades sociais e com a maior participação dos cidadãos e de suas representações. O documento é um dos fundadores da promoção de saúde atual.

A nova promoção de saúde envolveria protagonismo e diferentes atores sociais, enquanto a prevenção estaria centrada na difusão de um conhecimento especializado, validado cientificamente, com a intenção de alterar comportamentos considerados “prejudiciais à saúde”. Mas conforme observa Czeresnia (2009, p. 51), apesar de a perspectiva da promoção trazer mudanças profundas na articulação dos conhecimentos e na forma de usá-lo, ela se vale de conceitos clássicos que orientam a produção de conhecimento específico em saúde (doença, transmissão e risco), cuja racionalidade é a mesma do discurso preventivo.

É importante ressaltar a convivência de elaborações distintas do conceito de promoção de saúde: de uma linha mais conservadora, ainda centrada na maior responsabilidade individual que do Estado pelo cuidado de si, à perspectiva que busca fortalecer a capacidade individual e coletiva de lidar com a multiplicidade de condicionantes (CZERESNIA, 2009).

Castiel, Guilam e Ferreira (2010, p. 124) destacam o moralismo como uma forte característica da promoção de saúde hegemônica atual. Ela estaria calcada em uma política de neo-higiene interna, cuja meta principal é a longevidade, “ou, no limite, como denegação da morte”.

O questionamento de concepções do modelo de promoção de saúde, em um cenário de mudanças no panorama político e social do mundo e da situação de saúde, provocou o surgimento, na América Latina, de um movimento crítico ao universalismo naturalista do saber médico, batizado, no Brasil, como saúde coletiva. Ele rompe com a concepção de saúde pública, negando o monopólio do discurso biológico.

O conceito de promoção de saúde e suas proposições têm gerado críticas e propostas de pesquisadores e profissionais. Para Almeida Filho (2000), a própria epidemiologia deve ser reconsiderada, incluindo a sua apropriação da noção de risco, tema do tópico a seguir.

2.2.2 Cuidado e risco: controle epidemiológico

Desde meados do século XX, a noção de cuidado na saúde vem sendo vinculada ao conceito epidemiológico de risco. De acordo com José Ricardo Ayres (2001), este último assumiu três tarefas simultâneas: estender a tradução da doença para além dos limites do corpo (um fator ambiental, por exemplo, pode ser visto como um dano mesmo antes de se materializar no corpo), expandir o raciocínio patogênico, através de um rigoroso manuseio de regularidades, e retraduzir continuamente a interpretação dos seus limites como necessidade de um "saber como" ainda mais rigoroso, "fazendo coincidir toda ideia de sucesso prático com uma infinita busca de controle técnico".

Se o que se sabe sobre uma associação de risco é pouco, ou se o que se sabe não permite intervenções muito eficazes, parte-se para o controle, mais uma vez nomológico, da incerteza, ou para o controle técnico dos fatores que se associam regularmente ao mau resultado. Sempre a arguição sobre o como fazer, raramente sobre o que se está fazendo (AYRES, 2001, p. 10).

Nessa linha (voltada ao controle de doenças), dois conceitos oriundos do direito são apropriados: vulnerabilidade e responsabilidade. Para Ayres (2001, p. 11), o que move o primeiro é a ideia de sucesso prático, pautado em horizontes normativos tecnicistas de validade proposicional.

Já a responsabilidade estaria ancorada na definição de livre arbítrio. Castiel e Diaz (2007, p. 30) situam a retórica da responsabilização individual e da mudança de comportamento "sob a ambiência do individualismo e da moralidade das sociedades modernas e das crises fiscais e econômicas dos sistemas de bem-estar social de muitas nações".

Os discursos voltados ao autocuidado recorrem à ideia de abuso para tornar os indivíduos pessoalmente responsáveis pela gestão de riscos socialmente gerados (CASTIEL;

GUILAM; FERREIRA, 2010). As prescrições dirigidas a cada pessoa exigem mudanças preventivas de conduta de cada pessoa, independentemente da idade, com base em modelos de vida saudável.

Ayres (2001) aponta para a necessidade de uma reflexão sobre a intervenção “que estabelece e justifica os diálogos travados no campo da saúde”. Curar, tratar e controlar seriam práticas limitadas, que supõem relações estáticas, individualizadas e individualizantes, objetificadoras dos sujeitos-alvo das intervenções dos profissionais de saúde.

2.3 O ADOLESCER COMO RISCO À SAÚDE

2.3.1 O futuro à espreita

Adolescência e juventude são duas categorias historicamente recentes, marcadas pela imprecisão e pela instabilidade. A ideia de adolescência como fase da vida surgiu na segunda metade do século XIX, inserida em um contexto de mudanças sociais, em relação a aspectos como a escolaridade e a legislação sobre o trabalho infantil. A própria noção de infância só havia se configurado no final do século XVIII e início do século XIX.

Apenas na virada do século XX, o conceito de adolescência adquiriu maior expressão, a partir da publicação, em 1904, do livro *Adolescence*, do psicólogo norte-americano Stanley Hall. Seu tratado tornou-se um marco de fundação do estudo da adolescência dentro da psicologia evolutiva (LEÓN, 2005, p.11).

A tradição da psicologia nos estudos sobre a adolescência é destacada por Spósito (2009) na apresentação da segunda edição de um levantamento sobre o estado da arte da pesquisa sobre adolescência e juventude produzida no Brasil, nos níveis de mestrado e doutorado, nas áreas de educação, ciências sociais e serviço social, de 1999 a 2006.

Embora a distinção entre adolescência e juventude seja apontada por estudiosos do tema, muitos adotam o uso conjugado, alternado ou sobreposto dos dois termos, quando se trata do adolescente, que pode ser considerado jovem, enquanto o inverso não ocorre necessariamente. Rocha e Pereira (2009, p. 21) justificam o uso de ambos como sinônimos pela intenção de evidenciar o caráter cultural que adquiriram em áreas como a sociologia, a antropologia e a comunicação.

A falta de consenso quanto às diferenças e os nexos entre as noções de adolescência e juventude foi apontada por Freire Filho (2006) em sua revisão sobre o tema. As variações retratariam focos de interesse de pesquisadores de áreas distintas, a exemplo da psicologia e das ciências sociais.

Abramo e León (2005, p. 7-8) observam maior incidência do uso do termo “adolescência” em estudos realizados por psicólogos que buscam descrever ou fazer referências aos processos desta fase da vida, como questões comportamentais relacionadas à puberdade; e a definição de “juventude” seria mais usada por sociólogos, demógrafos e historiadores, “referindo-se à categoria social, como segmento da população, como geração no contexto histórico, ou como atores no espaço público”.

Mesmo em relação ao recorte pela faixa etária, há classificações diferentes, inclusive por autores de um campo específico, como a saúde.¹⁸ Também os organismos internacionais divergem quanto às classificações etárias. O Unicef considera adolescente quem tem de 12 a 17 anos (ou 18 anos incompletos). Já para a OMS, seria alguém na faixa de 10 e 19 anos, enquanto um jovem teria entre 15 e 24 anos. Os que estão na interseção entre a segunda metade da adolescência e os primeiros anos da juventude (de 15 a 19 anos) são denominados “pessoas jovens” (BRASIL, 2010).

A legislação brasileira segue o enquadramento do Unicef: de acordo com o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069, de 13 de julho de 1990), adolescentes são cidadãos de 12 aos 18 anos. Embora não especifique no artigo citado, entende-se que o limite etário seja de 18 anos incompletos, conforme indicam outros artigos deste instrumento legal.

No que se refere ao debate atual sobre políticas públicas, no Brasil, Abramo e León (2005, p. 8) observam uma tendência de distinguir dois momentos do período de vida amplamente denominado juventude: a adolescência seria caracterizada como um período específico de desenvolvimento de preparação para uma inserção futura; e a juventude remeteria a uma fase posterior, de construção de trajetórias de entrada na vida social. Os autores, contudo, percebem que a imprecisão e a superposição entre os dois termos permanecem, nas produções

¹⁸Em pesquisas no campo da saúde, há autores que optam por intervalos etários mais curtos, como o de 13 a 18 anos (MERCHÁN-HAMANN, 1995), o de 14 a 18 (BENINCASA; REZENDE, 2006) e o de 15 a 19 (FARIAS JÚNIOR et al., 2009); e outros que adotam períodos mais extensos, como o de 16 a 24 (SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2005).

acerca da temática, manifestando preocupação com possíveis invisibilidades e desconsiderações de situações específicas provocadas por essa ambiguidade.

Freire Filho (2006) destaca o surgimento, nas últimas décadas, de outras classificações etárias, que expressariam instabilidade na definição de etapas que seriam típicas da transição da infância para a idade adulta, tais como “pré-adolescente” e “pós-adolescente”, entre outras. O autor opta pelo uso preferencial (mas não exclusivo) do vocábulo “juventude” por considerá-lo mais flexível, recorrendo ao termo “adolescente” quando se refere a situações específicas.

Minha escolha neste estudo, ao adotar prioritariamente o termo “adolescente”, no lugar de “jovem”, se deu justamente pela intenção de problematizar essa especificidade. Se parece óbvio que a referência etária por si não dá conta das subjetividades e da diversidade cultural dos indivíduos nascidos em determinado período histórico, também é instigante pensar sobre o uso da noção de adolescente, em especial, nos meios de comunicação, sobretudo por sua caracterização como indivíduos particularmente vulneráveis

A definição quanto à estreita faixa etária dos participantes da pesquisa não teve o objetivo de buscar consensos: ao contrário, procurei estimular discussões que iluminassem diferenças, singularidades e subjetividades. O exercício etnográfico orientou-se pela postura de olhar os adolescentes “por dentro”, a exemplo da descrição de Pais (2003, p. 15) acerca de sua pesquisa com jovens, e em seus ambientes, a partir da interlocução em um grupo.

A preferência ao uso do termo “adolescente” não exclui, certamente, as referências fundamentais a estudos sobre juventude. As análises que abordam a construção cultural da categoria juventude fornecem importantes subsídios para a compreensão da categoria adolescência. Vale ressaltar ainda que em diversos momentos das dinâmicas realizadas com os grupos, os dois termos, “adolescente” e “jovem”, apareceram nas falas dos participantes, seja como autorreferência ou não.

Em sua obra *Culturas juvenis*, Pais (2003, p. 34-36) aponta o desafio de desconstruir a categoria juventude e com ela a sua representação social¹⁹. Um primeiro exercício neste sentido

¹⁹Pais (2009, p. 29) distingue duas grandes correntes teóricas na sociologia da juventude: a geracional e a classista. A primeira estaria voltada à caracterização de indivíduos de uma determinada “fase da vida”, com foco na busca de aspectos mais uniformes e homogêneos, de uma geração definida em termos etários. A segunda tomaria a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, decorrente de diferentes pertenças, entre as quais a de classe social.

deve ser feito em direção à hipótese da inexistência de uma forma de transição para a vida adulta, mas de várias. Não há, portanto, uma adolescência, mas adolescências.

O caráter relativo dessa classificação não se restringe à adolescência, considerando-se a arbitrariedade das divisões entre todas as faixas etárias, que Bourdieu (1983) percebe como objeto de disputas para preservar sabedoria e poder. Também não existiria uma juventude, no singular, assim como apenas uma velhice. Na pesquisa realizada, busquei ficar atenta ao seu alerta: “O fato de falar dos jovens como uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Desnaturalizar a adolescência implica descaracterizá-la como um fenômeno meramente biológico, que a reduz às transformações universais dos indivíduos durante a puberdade. Um dos aspectos correntes desta visão é a “patologização” da adolescência, por meio de construções discursivas que vinculam comportamentos a tipos de transtorno, conforme discutirei adiante, disseminadas em vários contextos e nos meios de comunicação.

O entendimento de que a adolescência estaria sendo caracterizada como etapa da vida não é compartilhado por Rocha e Pereira (2009, p. 30-31), que observam a substituição desta categoria pela noção de rito de passagem²⁰ entre a infância e a idade adulta. O surgimento da expressão “terceira idade”, para os autores, reforça a arbitrariedade da definição de adolescência, ao considerar a existência de apenas duas fases anteriores: a infantil e a adulta. O termo adolescência conteria, assim, a noção de liminaridade e transitoriedade e o discurso ambivalente acerca dessa “passagem”.

Convergem neste ponto os discursos do “não ser ainda”, sobre a incompletude dos indivíduos na adolescência, e do “ainda não”, enunciadores da cultura do medo, antecipatória dos riscos. Não é surpreendente que os adolescentes tenham se transformado em alvo privilegiado de campanhas e discursos institucionais difundidos nos meios de comunicação acerca da prevenção de riscos.

²⁰Este conceito é discutido por Pais (2009), para quem os ritos de passagem da juventude na atualidade estariam sendo substituídos por “ritos de impasse”.

A extensa produção bibliográfica que associa “risco” a “adolescentes” revela o grau de interesse pela temática também no meio acadêmico, de modo especial na área da saúde, e a compreensão de que eles devem ser foco de atenção nas políticas de promoção de saúde.

2.3.2 A condição de vulnerabilidade

Embora sejam abundantes os trabalhos que associam adolescência e risco, o relatório de 2011 do Unicef registra melhoria histórica e universal das condições de saúde nesse período da vida.

Apesar da percepção comum em contrário, adolescentes em todos os lugares do mundo são, em termos gerais, mais saudáveis hoje do que em gerações anteriores. Em grande medida, esse é o legado de maior foco e investimentos na primeira infância, de taxas mais altas de imunização e melhor nutrição de bebês, que produzem benefícios fisiológicos que continuam na adolescência. Essas crianças que alcançam a adolescência já superaram o período de maior risco de mortalidade (UNICEF, 2011, p.19).

O órgão destaca as lesões por acidentes como as principais causas de vitimização dos adolescentes (UNICEF, 2011, p.19). No Brasil, a preocupação em acompanhar a evolução dos registros desses óbitos através do tempo gerou uma das séries históricas temáticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). A mais recente reporta o período de 1990 a 2009 (IBGE, 2010). O instrumento é alimentado pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde.

Uma análise inicial revela duas características principais que orientam o tratamento dado pelas produções acerca do tema e determinam suas linhas de ação: quando a vulnerabilidade é considerada causada por um agente externo (geralmente um adulto) e quando ela seria *provocada* pelo próprio adolescente. O aspecto distintivo tem como componente-chave a responsabilização individual direta pelo ato que gerou o dano.

O enquadramento dos adolescentes na categoria “pessoas vulneráveis” referencia-se parcialmente em dados que apontam as causas externas²¹ como os principais agentes de mortalidade desse grupo populacional, com destaque para as situações de agressões e acidentes

²¹ Segundo o IBGE, são consideradas causas externas de mortalidade: ocorrências de óbitos por lesões, envenenamentos e outros efeitos adversos, incluindo: acidentes (de transporte e outras causas), lesões autoprovocadas voluntariamente, agressões, eventos cuja intenção é indeterminada, intervenções legais e operações de guerra, complicações de assistência médica e cirúrgica e sequelas de causas externas (IBGE, 2012.).

de trânsito. Apesar de a prevalência das causas externas sobre as demais não surpreender, tendo em vista que pessoas mais jovens são menos sujeitas a adoecimentos do que as mais velhas, os alertas enfocam a premência de reduzir o número de vítimas fatais na faixa etária entre a infância e a idade adulta. É importante citar que as causas externas também ocupam a primeira posição nas estatísticas de mortes de adultos no Brasil, mas em menores proporções, comparadas às dos adolescentes²².

Ao estabelecer suas diretrizes para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens, o Ministério atribui a baixa atenção à saúde dispensada pelos integrantes desse grupo populacional à crença de serem “pessoas saudáveis”, o que reforça a linha argumentativa de responsabilização individual pela exposição a riscos. Ressalta, contudo, uma exceção nas atitudes dos adolescentes quando se trata da saúde reprodutiva. O texto destaca ainda a vulnerabilidade destes quanto às diferentes formas de violência (BRASIL, 2010a).

O alerta está também presente no documento ministerial “Política nacional de atenção integral à saúde do homem” (BRASIL, 2009), que aproxima a adolescência da velhice, pelo crivo da vulnerabilidade. Enquanto os idosos seriam vítimas da degeneração física em decorrência da idade, os adolescentes estariam expostos a riscos à saúde por limitações psíquicas que os afastariam dos padrões de conduta de autoproteção.

Na adolescência, há uma predisposição aos agravos à saúde pela não adoção de práticas preventivas (gravidez indesejável, DST/AIDS) e por maior exposição a situações de risco (uso de drogas, situações de violência). Os altos índices de morbidade e mortalidade relativos a causas externas entre adolescentes e jovens também merecem destaque, e podem ser compreendidos à luz da *crença na invulnerabilidade e na necessidade social de autoafirmação* (grifo nosso). Os adolescentes e adultos jovens são o principal grupo de risco para mortalidade por homicídio na população brasileira, com ênfase em afrodescendentes, que residem em bairros pobres ou nas periferias das metrópoles, com baixa escolaridade e pouca qualificação profissional. Na velhice, os homens são levados a se confrontar com a própria vulnerabilidade, sobretudo porque nessa etapa do ciclo de vida muitos homens são levados a procurar ajuda médica diante de quadros irreversíveis de adoecimento, por não terem lançado mão de ações de prevenção ou de tratamento precoce para as enfermidades (BRASIL, 2009, p. 15).

A busca de explicações para o comportamento dos adolescentes em relação à saúde tem sido tema de pesquisas em campos diversos (neurociência, psicologia, antropologia, dentre outros), e suas interpretações são difundidas por veículos de comunicação. Segundo uma

²²Em 2006, as causas externas representaram 70,7% das mortes de adolescentes e 29,8% das mortes de adultos, de acordo com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (BRASIL, 2010b).

perspectiva neurocientífica, a exposição ao perigo teria relação direta com as transformações do cérebro na adolescência, processo que levaria cerca de dez anos até atingir a maturidade. Enquanto isto não acontece, seríamos movidos por uma espécie de *turbilhão cerebral*, marcado por perdas no sistema de recompensas (da infância) e alterações hormonais (também conduzidas pelo cérebro) que nos tornariam entediados, impacientes e inclinados a novidades arriscadas.

Esta visão pode ser observada em publicações e produtos de diferentes formatos voltados a acadêmicos e leigos, especialmente aos pais de adolescentes, como o artigo intitulado “Adolescência é coisa do cérebro”, da neurocientista Suzana Herculano-Houzel (2007, abril 12), publicado em sua coluna no suplemento Equilíbrio, do jornal Folha de S.Paulo. No texto, ela esclarece aos leitores que “a capacidade de se colocar no lugar dos outros e de antecipar as consequências dos próprios atos, bases para as boas decisões e para a vida em sociedade, só chega ao final da adolescência, à força de mudanças no cérebro e de muita experiência”. A autora acrescenta, no entanto, que a passagem do tempo não basta para uma pessoa se tornar independente e responsável: se quiser aprender a tomar boas decisões, precisará... tomar decisões (HERCULANO-HOUZEL, 2007).

Neste sentido, nos parece razoável pensar que um adolescente e um adulto não habituados a tomar decisões teriam instrumentais cognitivos semelhantes, embora estejam em fases distintas de desenvolvimento cerebral, o que comprometeria a defesa de argumentos biológicos como explicação unicausal.

Os discursos científicos que atribuem ao cérebro a função de coordenar a vida estão longe de ser unívocos, e evidenciam interpretações ambíguas. Se por um lado é reforçada a ideia de autonomia do cérebro e a consequente submissão do indivíduo que o abriga, também ocupam espaços editoriais nos diversos canais de disseminação da produção científica argumentações acerca das possibilidades “evolutivas” do cérebro por meio de práticas de aprendizagem do sujeito (AZIZE, 2010).

Outra linha de discursos de especialistas com grande repercussão sobre a ideia de *vulnerabilidade* do adolescente é produzida no campo da psiquiatria. A expansão dos diagnósticos de transtornos mentais nas últimas décadas²³ e sua aplicação por profissionais têm

²³ Em 30 anos, houve um aumento de mais de 100% do número de categorias de transtornos mentais (BEZERRA JUNIOR., 2010).

impacto na aceitação social da regulação biotecnológica, por meio da medicalização de experiências subjetivas (BEZERRA JÚNIOR, 2010, p. 123).

A redução do limiar entre normalidade e patologia ocorre para pessoas de todas as idades, mas se volta especialmente aos adolescentes, para atender ao imperativo do diagnóstico precoce. Isto pode ser observado nas prescrições de antipsicóticos para adolescentes, com o objetivo de tratar antecipadamente indivíduos considerados vulneráveis, sem a certeza de que esses medicamentos sejam, de fato, preventivos e dos efeitos paralelos causados por seu uso (BEZERRA JÚNIOR, 2010, p. 125).

Os diagnósticos buscam apoiar-se em exames de imagem cerebral e escalas de comportamentos considerados inadequados (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2010). A precocidade das investigações caracteriza o que os autores denominam dimensão virtual do risco, sustentada na perspectiva de antecipação.

2.3.3 Responsabilização individual

Desde o início do século XX, o controle de doenças sexualmente transmissíveis começou a ocupar as atenções da saúde pública, no Brasil. Naquela época, de acordo com Priore (2010), o foco era a sífilis, e a educação sexual, um tabu. Os primeiros manuais de orientação sexual de jovens no país só vieram a ser produzidos na década de 1940, no governo Vargas, com versões bem diferentes para rapazes e moças. Aqueles dirigidos aos primeiros abordavam temas como doenças sexualmente transmissíveis, masturbação e homossexualismo, enquanto os dirigidos às moças (apenas para as que tivessem mais de 18 anos e fossem comprometidas) reforçavam o papel da mulher no casamento e usavam eufemismos como “o rito eterno”, em referência ao ato sexual (PRIORE, 2010).

Mas foi na década de 1960 que a preocupação da saúde pública com o desenvolvimento de ações sistemáticas relacionadas à sexualidade dos jovens se estruturou, coincidindo com um período de liberação de costumes e o conseqüente risco de gravidezes e de doenças sexualmente transmissíveis (CASTIEL; DIAZ, 2007). Os adolescentes tornaram-se alvo privilegiado das políticas de promoção de saúde, seja sob a justificativa de estarem em formação, por carregarem as expectativas sociais de futuro ou por serem considerados, a princípio, mais vulneráveis a determinados riscos. Assumir hábitos saudáveis vem sendo a tônica dos discursos e das ações de prevenção, que disseminam a responsabilização individual por cuidar de si.

Neste cenário, uma das diretrizes da saúde pública tem sido o levantamento de dados

sobre os comportamentos de risco dos adolescentes (ou da possibilidade de ocorrerem), seu monitoramento e a consequente intervenção. A justificativa dos estudos a partir da coleta de informações sobre a prevalência seria a possibilidade de identificar grupos de risco e assim subsidiar políticas e programas de promoção à saúde (FARIAS JUNIOR et al., 2009).

Da emergência de classificações dos fatores de risco para adolescentes e seu enquadramento em um grupo de risco, independentemente de sua inserção social, decorrem caminhos para as intervenções institucionais, sejam elas governamentais ou não. Na busca de controlar comportamentos dos adolescentes considerados abusivos, avolumam-se artigos e outros insumos produzidos por pesquisadores e profissionais que abordam a temática da prevenção/promoção de saúde associada a alguma modalidade de risco: HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, uso de drogas, consumo de álcool, tabagismo, acidentes de trânsito, entre outros.

Uma visão recorrente da epidemiologia aponta que grande parte dessa população estaria exposta a mais de um desses riscos simultaneamente. A justificativa alegada quanto à importância da coleta de informações sobre a prevalência seria a possibilidade de identificar grupos de risco e, assim, subsidiar políticas e programas de promoção à saúde.

Vale ressaltar a observação de Farias Junior et al. (2009), de que boa parte dos estudos feitos no Brasil sobre comportamentos de risco à saúde em adolescentes foram desenvolvidos com amostras muito específicas ou restritas a uma determinada cidade. Além disto, a ocorrência simultânea de comportamentos de risco seria pouco explorada, embora, para os autores, grande parte dessa população estaria exposta a mais de um risco simultaneamente.

Ao analisar o grau de informação, atitudes e representações sobre a Aids, Merchán-Hamann (1995) chama atenção para a necessidade de o pesquisador perceber os mecanismos sociais de construção da masculinidade, da feminilidade, dos papéis, da afetividade e da segurança para uma compreensão dos comportamentos sexuais.

Tal percepção põe em xeque a implementação de ações universais de promoção de saúde. Para Merchán-Hamann (1995), o reconhecimento pela sociedade e pelo Estado dos direitos civis do adolescente devem ser a base de qualquer posicionamento teórico e prático sobre o papel do corpo na estrutura social, seu valor simbólico e o questionamento da própria estrutura que determina as condições de vida.

A exigência de um redimensionamento da noção técnica de risco nas análises a respeito dos perigos para a saúde dos adolescentes, sejam elas decorrentes da vivência da sexualidade, do uso de substâncias ou de outras experiências, volta-se para objetos amplos e complexos, o

que implica uma mudança de foco dos recortes institucionais da prática da saúde pública.

O risco reduzido e quantificado deve ser revisto e interpretado em termos qualitativos, isto é, estabelecer o nexos com outros fatores de fragilização (violência e recessão). Em suma, nossa visão contrapõe-se à do higienismo individualista contemporâneo propondo pensar o “risco relativizado” de coletivos vulneráveis, em vez do “risco relativo” da Epidemiologia (MERCHÁN-HAMANN, 1995, p. 474).

A associação do cuidado de si ao conhecimento do risco, ainda que os indivíduos potencialmente expostos não tenham essa experiência, revela-se frágil, por considerar que ter acesso à informação sobre um determinado perigo é suficiente para a tomada de atitude preventiva. Conforme sustenta Beck (2010), a capacidade de perceber riscos e convertê-los em referenciais para pensar e agir dependem de as relações causais, invisíveis, estabelecidas entre circunstâncias (muitas vezes distantes entre si) e projeções menos especulativas tornarem-se críveis e imunes a prováveis objeções.

[...] a consciência do risco não consiste mais em “experiências de segunda mão”, e sim, em “inexperiências de segunda mão”. E até mais: em última instância, ninguém é capaz de conhecer os riscos enquanto conhecer quiser dizer tê-los deliberadamente experimentado (BECK, 2010, p. 88).

A intenção de modificar os denominados comportamentos de risco, enraizados em *escolhas* de estilo de vida dos jovens, é também observada por Shoveller e Johnson (2010) em relação a estudos e trabalhos de pesquisadores e profissionais do campo da saúde no Canadá. As ações estariam ancoradas em sofisticadas técnicas estatísticas, com foco no conhecimento individual do adolescente.

A análise de Shoveller e Johnson (2010) sobre os discursos que consideram os adolescentes grupos de risco ou pessoas expostas a riscos destaca a construção de novas classificações dicotômicas, elaboradas por vozes autorizadas (acadêmicas e profissionais): o adolescente seguro e o não seguro; o informado e o ingênuo; o responsável e o negligente; o autoconfiante e o com baixa autoestima. Em resumo, quem não se encaixa no padrão de conduta definido é relegado a viver envergonhado.

2.3.4 Desejado e temido

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério.

Charlie Brown Jr

Na década de 1970, Edgar Morin (1975, p. 136) apontava um novo modelo de homem e mulher, calcado em dois pilares: a busca da autorrealização (através do amor, do bem-estar e da vida privada) e o “congelamento” da juventude. Ser jovem tornou-se uma possibilidade para qualquer pessoa, com o bônus de desfrutar para sempre o presente.

Essa contradição, denominada por autores contemporâneos como “adulescência”, “juventude tardia”, entre outras expressões, permanece atual na virada da segunda década do século 21. Enquanto os adultos “rejuvenesceram”, a juventude, aos olhos de Morin (1975, p.137), virou adolescência.

Rebeldia, contestação, inquietação, interesse em mudança e habilidade inata para uso de computadores e aparelhos eletrônicos são alguns dos atributos definidos para os adolescentes, por meio do discurso da naturalidade, e reproduzidos pelos meios de comunicação. Para além dos referenciais biológicos, expressos em mudanças físicas e psíquicas que trariam elementos comuns a um determinado período do desenvolvimento humano, rótulos geracionais buscam classificar as pessoas desse grupo etário através do tempo, com base em padrões de comportamentos.

Perceber como são construídos, articulados e disseminados os discursos políticos, acadêmicos e mercadológicos sobre adolescência e juventude é fundamental também para a compreensão do papel dos meios de comunicação na configuração de modelos ideais de subjetividade juvenil. Os relatos midiáticos acerca dos jovens não se limitam a exaltar posturas e práticas exemplares de conduta; buscam também ensiná-los (e aos adultos que os cercam) a evitar a exposição a riscos (FREIRE FILHO, 2008, p. 37-51). Esse caráter pedagógico assumido pelos produtos jornalísticos, associado a formulações de especialistas e de políticas públicas direcionadas à prevenção de riscos à saúde, consolida-se no processo de midiaticização, tema que será discutido no capítulo 3.

Subsidiadas por peritos, as produções jornalísticas descrevem repetidamente a juventude com base em características e experiências distintivas. Na nova configuração do

capitalismo, o fortalecimento do conceito de geração se dá simultaneamente ao esvaziamento da categoria classe social como marcador de diferenciação e conflito. As estratégias discursivas adotam classificações para o enquadramento de jovens e adolescentes contemporâneos que sublinham atributos específicos, entre os quais: o consumo cosmético (geração vaidade), as novas tecnologias (geração digital) e o risco (geração perigo) (FREIRE FILHO, 2008, p.44-45).

O estabelecimento de denominações diversas para as gerações juvenis após o fim da Segunda Guerra Mundial é outro exemplo desse reducionismo. *Baby boomers*, *X*, *Y*, *Z*, *We*, *Millennials* etc são etiquetas recorrentes de publicações especializadas e produtos midiáticos voltados a adolescentes, mas também, com grande frequência, aos seus pais, professores e profissionais de saúde. O vídeo “*We all want to be young*”²⁴ (MACIEL; LIEDKE; RODRIGUES, 2010), lançado no segundo semestre de 2010, é bastante ilustrativo desta inserção projetada de adolescentes e jovens na atualidade. O filme apresenta duas teses principais: a primeira é a de que os jovens seriam os mais importantes formadores de opinião nas sociedades contemporâneas. Além de consumirem muito mais do que seus pais quando eram adolescentes, eles ocupariam o topo da pirâmide de consumo, sendo alvo de aspiração para os mais novos e de inspiração para os mais velhos.

A segunda tese sustenta que os jovens do século 21 trazem a herança da geração nascida no pós-guerra, “a primeira a conquistar o direito de ser jovem”, mas se diferenciam de seus antecessores por uma característica em especial: o desejo de ser vários “personagens” simultaneamente. Entre a geração *teen* nascida nas décadas de 1940 e 1950 (chamados *baby boomers*) e a dos nascidos ao longo de 1980 e 1990 (rotulados *millennials*, *geração Y* etc), haveria ainda a *geração X*, composta por quem nasceu nas décadas de 1960 e 1970. Enquanto estes seriam individualistas e reforçariam o pertencimento a uma tribo ou outra, os jovens do século 21, desejariam ser “tudo ao mesmo tempo” e expressar essa pluralidade.

Se as duas teses parecem incompatíveis, percebe-se um consenso, nos canais comerciais de comunicação, de que a ideia de juventude ainda deve ser o investimento mais promissor da publicidade. Mais do que isto: a perspectiva de vender ou não está associada à “compreensão” do pensamento dos jovens ou do que se deseja que pensem, independentemente do produto, mesmo quando a proposta é ressaltar a diversidade de perfis.

²⁴“Todos nós queremos ser jovens”. O filme é produzido pela agência Box1824 e possui licença aberta pelo *Creative Commons*.

Rocha e Pereira (2009) também apontam o papel mediador de adolescentes e jovens, interpelados como estimuladores de modos de consumo intrafamiliares, que incluem valores, hábitos, gostos, atitudes, estéticas, práticas sociais, usos e valorização de novas tecnologias. Segundo os atores:

Não é por acaso, portanto, que a mídia destaca o papel do adolescente e o jovem em nossa sociedade, demonstrando sua força como mediador de inovações tecnológicas e modos de consumo na família. Neste aspecto, ele vem se tornando protagonista em um mercado que busca atingir, com rapidez e eficiência, os grandes usuários dos novos meios de comunicação (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 16).

Além de buscarem atender às preocupações com a expansão do consumo, as classificações das gerações, com a valorização das mais novas, têm servido à difusão dos modelos atuais de gestão do trabalho. A associação de atributos considerados típicos dos jovens contemporâneos à dinâmica do mercado de trabalho vem sendo reforçada especialmente a partir da década de 1990, com mudanças em relação à antiga organização do trabalho. O novo mercado tem como características a forte rejeição a hierarquias, a manutenção de pequenas equipes pluridisciplinares, flexibilidade, inovação e ênfase na competência. Para obter adesão sem necessidade de comando são usados dispositivos de autocontrole, envolvimento pessoal ou motivação. Em contrapartida à ideia de garantia e estabilidade presentes anteriormente, faz-se a apologia da mudança, do risco e da mobilidade (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 98-121).

Essas características foram retratadas em uma série de reportagens veiculadas em novembro de 2010, no “Jornal da Globo”, telejornal da maior emissora de canal aberto do Brasil, que explorou as diferenças geracionais a partir do pós-guerra para focar a temática das novas exigências de desempenho profissional. Os cinco programas apresentam padrões para a convivência entre gerações (com base em valores supostamente aceitos pelos jovens do século 21) como condição necessária para o sucesso profissional individual.

Os “cidadãos do futuro” tornam-se “empreendedores do futuro”, cujas características principais seriam a ousadia, o desafio à estabilidade e o inconformismo, não mais voltados a projetos de transformação social, e sim a processos de individuação. Esse “estilo de vida” aventureiro, associado por Ehrenberg (2010) à mitologia esportiva, demandaria uma boa dose de disposição para a tomada de risco. Em um contexto no qual a juventude é a norma, forja-se

como expoente “o indivíduo heroico, que assume riscos, em vez de buscar proteger-se, por meio das instituições do Estado-providência”.

As categorizações e os discursos sobre o comportamento adolescente pautam os veículos de comunicação, que ao difundi-los, atuam na construção coletiva de representações da juventude. A partir de estudos realizados com adolescentes e especialistas, Rocha e Pereira (2009) concluíram que a contribuição das matérias jornalísticas para a formação de estereótipos é decisiva na confecção e na consolidação de um imaginário social que toma a adolescência como um conjunto de subgrupos culturais (“patricinhas”, “internautas” e tantos outros).

No entanto, na pesquisa que realizei, foi observada a crítica a alguns desses rótulos. Isto reforça a perspectiva de que, embora os conteúdos jornalísticos tenham grande poder na construção de “modelos” de adolescentes, há diferentes formas de apropriação de tais discursos, conforme veremos no capítulo 5. A mediação do jornalismo na atualidade será discutida no capítulo a seguir.

3 OLHARES SOBRE A RECEPÇÃO JORNALÍSTICA

3.1 MEDIAÇÃO: O ‘ENTRE’ ORIGINÁRIO DO PROCESSO COMUNICACIONAL

Ao propor investigar as formas de apropriação por adolescentes de conteúdos jornalísticos que abordam temas relacionados ao cuidado e ao risco à saúde, procurei olhar em uma dupla direção: na dos sujeitos da pesquisa, em suas interações com os meios e outras redes de sentido; e na dos processos socioculturais, políticos e econômicos aos quais estão vinculados, conforme sugere Orozco Gomez (2003). Como ponto de partida, tomei o conceito de mediações, no qual está a gênese da comunicação.

Não é demais recuperar a anterioridade óbvia da comunicação em relação aos meios. Conforme registra França (2001, p.41), ela se configura em um “processo social básico de produção e partilhamento de sentido através da materialização de formas simbólicas”. Sodré (2002) aprofunda esta reflexão, sublinhando o sentido de comunicar como “a relação de um com o entre”, a instauração da comunidade. A reflexão sobre o que é o comum e os sentidos dos discursos sociais torna-se um desafio fundamental para o debate sobre a comunicação.

Pensar a partir das mediações é, portanto, pensar os processos comunicacionais para além dos meios e de suas extensões; implica voltar-se à própria estrutura da comunicação. Mas se não há comunicação sem mediação, esta tem como prerrogativa múltiplos contextos, situações e fontes, que promovem a disputa de sentidos, caracterizando o “jogo da mediação” (OROZCO GOMEZ, 2003, 2005).

Epistemologicamente, o conceito de mediações parte da compreensão de que o conhecimento da realidade nunca é direto, mas sempre intermediado. As mediações situam-se no contexto histórico-cultural do indivíduo, expressando-se na linguagem, na inserção de classe social e em experiências nos vários campos sociais. Deste modo, afasta-se a ideia frankfurtiana, na forma da indústria cultural, de uma “exposição ‘direta’ da sociedade à mídia, como entidade passiva diante de um potencial homogeneizador” (BRAGA, 2012, p. 32).

O posicionamento das mediações como tema central na discussão teórica da comunicação teve como marco a obra de Martín-Barbero *Dos meios às mediações* (2006), na qual questiona modelos macroexplicativos da relação entre a sociedade e a mídia, e propõe a retirada da cultura de uma posição secundária à dimensão político-ideológica e o

reconhecimento de seu poder de negociação. Em outras palavras, rejeita-se a ideia de um *continuum* que parta da “análise das *lógicas* de produção e recepção para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento” (MARTÍN-BARBERO, 2006a, p. 294, grifo do autor). Esta visada insere culturalmente o receptor.

Quando Leal (1995, p. 114-115) exclamou “O receptor está vivo!”, quis despertar olhares para autonomia cultural do indivíduo e a segmentação da audiência: a mesma mensagem poderia ser lida de maneiras distintas e havia grupos diferenciados de receptores. Sem renunciar à tradição marxista²⁵, à qual se filiava, a autora rejeitava a ideia de consumidores alienados, vinculada a uma relação unilateral de dominação dos meios, a partir da produção. Em vez disto, percebeu a recepção como lugar privilegiado de negociação e estruturação dos significados.

A percepção sobre a presença ativa do receptor não foi inaugurada pelos estudos de recepção na perspectiva das mediações. Ela já havia sido formulada, na década de 1940, por Lazarfeld, que elaborou um modelo comunicacional baseado em um duplo fluxo entre emissor e receptor, movimentado por um “elemento intermediário” entre os pontos inicial e final do processo de comunicação. (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 47)

A “descoberta” do receptor nos estudos de comunicação de massa nos remete, porém, a duas décadas anteriores, mais precisamente ao ano de 1927, quando Lasswell publicou suas reflexões acerca dos impactos da publicidade durante a Primeira Guerra Mundial sobre as opiniões das populações. Ele via a audiência como massa amorfa que apenas respondia a estímulos do emissor. O termo “agulha hipodérmica”, criado por Lasswell para explicar a ação dos meios sobre os indivíduos, embasou modelos comunicacionais com foco nos efeitos da comunicação (ARAÚJO, 2001; MATTELART; MATTELART, 2005).

Os trabalhos produzidos no âmbito das teorias funcionalistas sobre a audiência dos produtos midiáticos também tiveram forte influência no modelo informacional de Shannon e Weaver, que limita o processo comunicativo a um movimento linear, a partir do qual é feita a transmissão de mensagens entre um emissor a um receptor, e cuja maior preocupação, é eliminar os ruídos (ARAÚJO, 2001; MATTELART; MATTELART, 2005).

²⁵ Leal (1995) se afasta da teoria frankfurtiana, que apesar de tomar pressupostos marxistas como referencial analítico, também já havia sido alvo de crítica marxista.

Houve, no entanto, contribuições dissonantes, ainda que inscritas no quadro teórico do estrutural-funcionalismo, como as análises do chamado Colégio Invisível ou Escola de Palo Alto, sobretudo a partir da década de 1950. Trazendo referencial analítico do interacionismo simbólico, esse grupo defende que o receptor tem tanta importância quanto o emissor. Essa corrente de estudos rompe ainda com o pressuposto de linearidade da comunicação, propondo um modelo circular retroativo²⁶ (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 67-71).

Do outro lado do Atlântico, a teoria crítica, da Escola de Frankfurt, promovia, desde o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, uma reflexão sobre a violência simbólica dos meios de comunicação, em sua função de dominação e manipulação da opinião. Orientada na perspectiva histórico-estrutural, teve enorme influência sobre análises produzidas, especialmente até o final da década de 1970. Estas, no entanto, sustentavam ainda o eixo linear da comunicação, mantendo o receptor passivo diante de um emissor poderoso, que atuaria na reprodução da ideologia dominante.

Certamente houve abordagens e interpretações bastante distintas entre os teóricos filiados a essas correntes e mesmo a inscrição de autores às escolas pode ser controversa, mas ao menos uma característica os aproxima: a percepção do poder da mídia sobre os indivíduos e a sociedade, seja como efeito direto de uma ação (teoria hipodérmica); como mecanismo de alienação, a partir da indústria cultural (teoria crítica); ou da incorporação dos temas tratados pela mídia no cotidiano dos indivíduos (*agenda setting*) e seu reverso (espiral do silêncio), quando os indivíduos têm opiniões diferentes dos meios²⁷.

Os estudos culturais britânicos, a partir de meados da década de 1960, deflagraram um movimento dissonante ao romperem com a linearidade entre fonte e audiência, trazendo a cultura para o centro do debate sobre o processo comunicacional. Os teóricos de Birmingham tiveram múltiplas influências, entre as quais o interacionismo simbólico, a tradição etnográfica britânica, os estudos feministas e a vertente gramsciana do marxismo. Destaca-se a grande influência de Gramsci, de quem absorveram o conceito de hegemonia, que desloca a noção de

²⁶ O modelo foi desenhado pelo matemático Norbert Wiener, tendo como seguidor destacado o biólogo e antropólogo Gregory Bateson. As contribuições dos pesquisadores de Palo Alto foram reconhecidas tardiamente.

²⁷ As referências à *agenda setting* e à espiral do silêncio foram feitas a partir de Ferreira (2001, p. 111-113). Esta corrente também conhecida como teoria dos efeitos limitados, defende que a influência da mídia é limitada (MATTELART; MATTELART, 2005). Outros autores que se debruçaram sobre a produção teórica da comunicação são: Wolf (1999), Hohlfeldt, Martino e França (2001) e Silva (2008).

classe dominante para explicar que as relações de poder demandam negociações (MATTELART; MATTELART, 2005, p. 106-108).

A crítica a uma perspectiva determinista do processo comunicacional embalou trabalhos como o modelo codificando e decodificando²⁸, proposto por Stuart Hall, em 1973. De acordo com o pesquisador, o objetivo de sua proposição foi interromper a noção de transparência da comunicação e chamar atenção para a complexidade da estrutura da mensagem (HALL, 2013, p.391-2). Ele trabalha com a ideia de que o sentido possui várias camadas e é sempre multirreferencial. “A transparência entre o momento da codificação e da decodificação é o que eu chamaria de momento da hegemonia” (HALL, 2013, p.405).

A proposta teórica dos estudos das mediações na América Latina traz muitas contribuições dos estudos culturais de Birmingham. Assim como estes, tem no conceito gramsciano de hegemonia um importante aporte.

Um primeiro grande diferencial entre as análises formuladas no âmbito da teoria das mediações e as correntes descritas anteriormente é que os teóricos da corrente latino-americana não se limitam a reconhecer a não-passividade do receptor e a sua importância na comunicação, mas propõem duas mudanças fundamentais: o eixo da análise e o ponto de partida. Na perspectiva das mediações, a recepção não é ponto de chegada, de acordo com pressupostos condutistas e iluministas, mas um novo lugar de onde se deve repensar o processo inteiro da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 39).

Conforme destaca Sousa (1995, p, 36), a noção de mediação não retoma o lugar positivista do líder grupal ou de opinião nem se limita a identificar sua existência, mas “procura qualificá-la no receptor, no emissor, no processo grupal etc.”. A mediação não nega nem inocenta o emissor, mas mantém seu lugar, assim como o do receptor. Nessa postura dialética, o receptor não é encarado como uma vítima do emissor. Ainda que sejam consideradas as assimetrias entre o lugar social do emissor diante do receptor, este será buscado em seu contexto.

A perspectiva das mediações culturais não abdica da discussão sobre as relações de poder entre os meios e os indivíduos [ou a sociedade], mas as desloca para o terreno das disputas de sentidos nas múltiplas mediações experimentadas pelos sujeitos nos processos

²⁸ Hall (2013, p. 395) considerou, posteriormente, que não fez um grande modelo, com rigor teórico, lógica interna e consistência para durar conceitual para durar por longo tempo. O foco de sua crítica, ao produzir o modelo era o *Centre for Mass Communication Research*. No entanto, ele “sugere uma abordagem, abre novas questões, mapeia o terreno”.

comunicativos. Dentre as limitações da dominação, Martín-Barbero (2006) destaca três ações que o mercado não pode fazer: sedimentar tradições, criar vínculos societários, engendrar inovação social. Daí o papel da memória cultural no processo de construção permanente da identidade coletiva.

Em *Dos meios às mediações*, o autor direciona o foco às “mediações culturais da comunicação”, propondo três lugares de observação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural (MARTÍN-BARBERO, 2006). Posteriormente, desloca o olhar para as “mediações comunicativas da cultura”. O novo mapa traçado por ele²⁹ volta-se a outros três elementos de análise: a tecnicidade, a institucionalidade e a socialidade. Não se trata de uma inversão no sentido das mediações aos meios, mas da cultura à comunicação, reconhecendo que esta estaria mediando as formas da vida cultural e social dos povos (LOPES, 2009, p.153). Este tema será retomado no item 3.3, no qual será discutida a mediação da mídia.

3.2 O SUJEITO-RECEPTOR: DA AUDIÊNCIA À APROPRIAÇÃO

Historicamente, o interesse em investigar as audiências de produtos de comunicação remonta ao final da década de 1920, a partir dos estudos empíricos sobre os efeitos da comunicação de massa, financiados pelo Fundo Payne, que inauguram a *Mass Communication Research* (ARAÚJO, 2001). Crianças e adolescentes eram alvo de grande parte dessas pesquisas.³⁰

Ao situar a origem dos estudos de recepção, Orozco Gomez (2003, p.3) recorre à metáfora de um “campo minado”, que reúne diversas ideologias e tradições de investigação, além de “miopias, teimosias e rotinas ensaísticas adversas à pesquisa empírica de comunicação”.³¹

Dentre os problemas elencados pelo autor para o campo dos estudos de recepção está a predominância de uma corrente condutista, fora da América Latina, que considera os receptores como passivos e manipuláveis. Nesta perspectiva alinham-se os chamados estudos de “rating”, voltados a interesses mercadológicos de conhecer as audiências, e também aqueles vinculados

²⁹ Abordado no prefácio à 5ª edição do livro e em entrevista a Lopes (2009, p.151) para a revista Matrizes.

³⁰ Mattelart e Mattelart (2005) apontam esse marco, com a ressalva de que o precursor tenha sido o alemão Hugo Munsterberg.

³¹ [...] “terreno minado de ideologias y tradiciones de investigación diversas y hasta encontradas y aun de miopias, terquedades y rutinas ensayísticas adversas a la investigación empírica de la comunicación”. [tradução livre]

à corrente designada “Análise crítica da audiência”, que se limitariam à diferenciação de seus estudos daquilo “que não é *rating*”. Outro problema seria a compreensão fragmentária da comunicação, no campo acadêmico, dentro e fora da América Latina, segundo a qual cada componente desse processo poderia ser estudado de forma independente do conjunto. Por fim, Oozco Gomez (2003, 4-5) aponta, uma “pesada tradição culturalista”, na América Latina, que privilegiaria o “consumo”, em detrimento da recepção (OROZCO GOMEZ, 2003, p. 4-5).

No que se refere aos estudos de recepção no Brasil, um levantamento coordenado por Jacks acerca do estado da arte de trabalhos produzidos em programas de pós-graduação em comunicação, ao longo da década de 1990, nos níveis de mestrado e doutorado, revelou que das 1769 pesquisas realizadas, apenas 49 fizeram relação entre audiência e meios. Em relação ao total de pesquisas, somente 12 tiveram os adolescentes como parte do objeto de investigação; e destes, metade abordou a recepção como tema (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008).

Ao me inscrever nesse quadro da pesquisa de recepção, trago também a crítica de Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 43) às análises que não problematizam suficientemente o campo da produção, por conta da rejeição à ideia de onipotência do emissor. Entendo como as autoras que o processo dialógico da comunicação não prescinde de uma discussão sobre os meios. No caso desta investigação, tive como foco a recepção de produtos jornalísticos, o que inclui reflexões sobre as lógicas de produção (capítulo 3.4) e as especificidades dos gêneros narrativos nos diferentes suportes (capítulo 5.1).

Para discutir o segundo conceito caro ao estudo proposto, a apropriação, apoiei-me em algumas reflexões de Thompson (1998 e 2009), a partir da hermenêutica. O termo apropriação é definido como “processo de tornar próprio algo que é novo, alheio, estranho”. Torna-se própria uma determinada mensagem por meio da relação com pessoas que as receberam, que falam sobre elas com outras pessoas e quando, em um processo contínuo de elaboração discursiva, são interpretadas e incorporadas pelo indivíduo.

Há na apropriação um convite à inserção do sujeito. Segundo Thompson (1998, p. 409-410), a compreensão das mensagens é um processo de entendimento e reentendimento de si mesmo, de autoinformação e autorreflexão. Carrega, assim, um potencial para a crítica e a autocrítica, mesmo que seja determinado e incompleto. O termo “processo” sublinha o caráter contínuo da apropriação, que não somente demanda tempo, mas pode se modificar através dele, por motivos diversos. Tal processo envolve compreensão, compartilhamento e

conhecimentos próprios. Na formulação a seguir, Thompson (2009, p.45) distancia a apropriação da recepção inicial do conteúdo e reforça seu caráter dinâmico.

A apropriação das formas simbólicas – e, em particular, das mensagens transmitidas pelos produtos da mídia – é um processo que pode se estender muito além do contexto inicial da atividade de recepção. As mensagens da mídia são comumente discutidas por indivíduos durante a sua recepção e depois; elas são portanto elaboradas discursivamente e compartilhadas com o círculo mais amplo de indivíduos que podem ter participado (ou não) do processo de recepção. Desta e de outras maneiras, as mensagens podem ser retransmitidas para outros contextos de recepção e transformadas através de um processo contínuo de repetição, reinterpretação, comentário, riso e crítica (THOMPSON, 2009, p. 45).

Na apropriação de um conteúdo, o indivíduo se apodera dele e o incorpora à sua vida, aos seus contextos e circunstâncias. Esse apoderamento e essa incorporação se dão no campo reflexivo, e não necessariamente implicam a conversão em prática aquilo que resultou desse processo de entendimento.

Também a recepção dos produtos da mídia é uma atividade situada em contextos socio-históricos específicos, inserida no cotidiano dos indivíduos. Nessa atividade são acionados materiais simbólicos de maneiras bastante variadas, que “desfixam” o conteúdo simbólico “fixado” pela produção, ainda que esta “fixação” não tenha sido pensada. Ou seja, os receptores podem usar as matérias simbólicas de maneiras divergentes daquelas pensadas ou desejadas pelos produtores. Se é que houve esse pensar/querer (THOMPSON, 2009, p. 42). Retomo este tema adiante, a partir da ótica da produção jornalística.

Refletir sobre a apropriação pressupõe voltar-se ao sujeito-receptor, nos espaços contraditórios de negociação e de busca de sentidos. É olhá-lo “em situações e condições”, como define Sousa (1995, p. 27), ou, conforme Orozco Gomez (2003), no seu intercâmbio com múltiplas fontes referenciais.

Não apenas se entende, então, que a produção de sentido se realize pela confluência ou convergência de diversos referentes (o que também é o caso) como nenhum deles é monolítico, monossêmico, nem definitivo, mas suscetível sempre a interpretações distintas, diacrônica e sincronicamente³² (OROZCO GOMEZ, 2003, p. 7-8).

³²”No sólo se entiende, entonces, que la producción de sentido se realice por la confluencia o convergencia de diversos referentes (lo cual también es el caso) sino que ninguno de ellos es monolítico, monosémico, ni definitivo, sino susceptible siempre de distintas interpretaciones, diacrónica y sincrónicamente.”[Tradução livre].

O autor sublinha que a capacidade de agência dos sujeitos sociais não se restringe a reações a estímulos, mas inclui a criatividade e a iniciativa pessoal nos intercâmbios comunicacionais. Para Orozco Gomez (2003, p.8), a condição complexa do sujeito-receptor não se apaga nem é eliminada na interação com um referente comunicacional (midiático ou tecnológico). O hiperdimensionamento deste referente, caracterizado pela presença dos meios na cotidianidade, será o tema do tópico a seguir.

3.3 A MEDIAÇÃO DA MÍDIA E A ‘SOCIEDADE DO DESCONHECIMENTO’

Se entendermos que o processo comunicacional se constitui de múltiplas mediações, também observamos que elas se inserem no campo da correlação de forças do sistema capitalista. Orozco Gomez (2005, p. 89) destaca a ocorrência, na atualidade, de um rearranjo quanto aos pesos das mediações institucionais: escola e Estado, por exemplo, perderam força em comparação com a que tiveram há um século. Enquanto isto, a mediação tecnológica ganhou importância desmedida.

O mecanismo pelo qual este tipo de mediação foi apropriado pelos meios de comunicação, de forma acelerada, da segunda metade do século XX até o presente, tem sido denominado “mídiatização”. Para Sodré (2002), trata-se de uma ordem de mediações no sentido da comunicação como processo informacional, a reboque das organizações empresariais, com ênfase na “tecnointeração”, que toma o lugar da mediação.

A mídiatização é uma mediação social exacerbada, que implica um novo modo de presença do sujeito no mundo, a partir de uma articulação entre instituições e mídia, na qual a vida passa a ser organizada por fluxos informativos. Esta nova moralidade objetiva comporia o que Sodré (2002 e 2006) chama de bios midiático (quarto bios ou bios virtual)³³.

O processo tecnológico, segundo Braga (2012, 49-50), é associado a um processo social para a redução do estranhamento da mídia. Eis um aspecto que marca a diferenciação entre as concepções de mídiatização e indústria cultural: enquanto esta última “fornece apenas um subconjunto de processos e de referências e, eventualmente, partes de circuitos”, a mídiatização

³³ Para Sodré (2002, p.9-21), o bios midiático parte de cinco processos de transformação: a pauta de interesses comuns para a qualificação virtualizante da vida (*ethos* mídiatizado); as referências simbólicas com as quais se forma a consciência de jovens e adultos (*hexis* educativa); os modos operativos da consciência dos processos de construção da realidade (*virtus* como metáfora); o campo das normas e dos valores da sociabilidade (*communitas, ethiké*); o sistema de pensamento pelo qual são aferidos os fatos socioculturais (*communicatio e episteme*).

da sociedade resulta da “criação e recriação contínua de circuitos”, promovendo interação a partir de processos de intermediação tecnológica.

Isto não significa que sejam acionados os mesmos instrumentos pelos diferentes campos sociais. “Não são as características gerais da midiatização que “dizem” o social – mas sim os modos pelos quais sejam historicamente acionadas” (BRAGA, 2012, p. 49-50).

Esse hiperdimensionamento da tecnologia na vida cotidiana tem correspondência com uma perspectiva instrumental da informação, desconectada da cultura, da memória e da produção de sentido, que ganhou repercussão no período da Guerra Fria. Naquele contexto de culto ao presente e de valorização da velocidade, foi construído o conceito de “sociedade da informação”, com base no primado da ciência e da tecnologia (MATTELART; MATTELART 2005).

Tal concepção inspirou um modelo de comunicação no qual a inovação se difunde do alto para baixo e do centro para as periferias. O futuro, na era pós-industrial, em um “mundo sem fronteiras para a expansão de empresas”, estaria calcado na construção de um projeto hegemônico planetário centrado nas tecnologias de informação, no qual o conhecimento seria *commodity* valiosa. Esta percepção originou, nos Estados Unidos, o conceito de *knowledge society*, que na crítica de Mattelart (2005, p. 14), são consideradas “‘*minddriven*’ guiadas pelo espírito”.

Na contramão dessa perspectiva dominante, Martín-Barbero (2006b, p.55) caracteriza as sociedades atuais, particularmente na América Latina, como “sociedades do desconhecimento”, por não reconhecerem a pluralidade de saberes e concorrências culturais “compartilhadas pelas maiorias populares ou as minorias indígenas ou regionais”, que não são incorporadas aos mapas sociais nem aos sistemas educativos.

O imperativo da informação sugere o que ele descreve como uma esquizofrenia entre a modernização e possibilidades reais de apropriação daquilo que nos moderniza (MARTÍN-BARBERO, 2006a). Esta parece ser também uma preocupação de Orozco Gomez (2003, p.11) ao recomendar aos que se propõem a realizar um estudo de recepção, aquela que seria, para ele, uma das grandes perguntas: “Como está se constituindo o sujeito individual e coletivo como cidadão de um país e do mundo quando a maior parte de sua constituição está midiatizada, por seus múltiplos vínculos com os meios e as tecnologias de informação?”

Para além das rotulações dicotômicas entre catastróficos e otimistas, é fundamental situar a discussão sobre as mediações no contexto histórico-cultural das transformações ocorridas, sobretudo na América Latina contemporânea. Conforme ressaltam Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 34), tanto os meios de comunicação quanto as tecnologias de informação, em nosso subcontinente, têm minimizado os contextos nacionais, provocando um redimensionamento nas identidades, à medida que “simultaneamente globalizam e fragmentam, além de paradoxalmente deslocarem e revitalizarem o local.”

No item a seguir procuro situar o jornalismo no espaço de produção e circulação de sentidos sociais, a partir de um olhar sobre as lógicas e os modos de fazer jornalísticos nas grandes empresas de comunicação no Brasil.

3.4 O JORNALISMO, SUAS LÓGICAS E PRÁTICAS

A compreensão de que o jornalismo é apenas uma parte dos processos de mediação e de midiaticização e que, portanto, são limitadas as análises que o situam como intermediário exclusivo entre informações/discursos produzidos por públicos restritos e os consumidores dos veículos de comunicação, não exclui sua função socializadora. Ele continua a ocupar um importante espaço discursivo no cenário atual, dentro do campo de disputas de hegemonia.

O jornalismo herda o postulado iluminista que o inscreve em uma perspectiva de esclarecimento, por meio da “oferta de informações para que o público tire suas próprias conclusões”, conforme resalta Moretzsohn (2007, p. 29-30). Porém, opera no e para o cotidiano. Aí estaria a origem do dilema do jornalismo: “lidar com a imediaticidade dos fatos com um distanciamento capaz de conferir-lhes sentido, lidar com a vida cotidiana com a perspectiva de fornecer-lhes elementos de crítica”. Esta reflexão nos coloca diante de duas categorias: mediação e cotidianidade.

Pensar a mediação jornalística implica necessariamente um debate sobre o estatuto do jornalismo e dos jornalistas na atualidade e nos direciona a refletir sobre o processo de ordenação dos acontecimentos e sua transformação em produto noticioso. Portanto, sobre os modos de fazer jornalísticos.

Entendo, como Hall et al. (1999, p. 226), que o trabalho jornalístico de tornar um acontecimento inteligível seja um processo social e que sua intervenção ao ordenar os

desordenamentos do mundo não se distancia dessa perspectiva; ao contrário, a reforça. Mas isto não inscreve os meios na condição de *primary definers*:

Os media, então, não se limitam a ‘criar’ as notícias; nem se limitam a transmitir a ideologia da ‘classe dirigente’ num figurino conspiratório. Na verdade, sugerimos que, num sentido crítico, os media não são os *primary definers* de acontecimentos noticiosos; mas a sua relação estruturada com o poder tem um efeito de os fazer representar não um papel crucial, mas secundário, ao reproduzir as definições daqueles que têm acesso privilegiado, como de direito, aos media como ‘fontes acreditadas’. Nesta perspectiva, no momento da produção jornalística, os media se colocam na posição de subordinação estruturada aos *primary definers* (HALL et al., 1999, p.230).

A transformação de um fato em uma narrativa noticiosa demanda uma interpretação singular do fato pela cultura jornalística, descrita por Sodré (2009, p. 58-71) como “conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional”, mas, conforme pondera o autor, esta análise é apenas parcial por não observar a diferença entre os “fatos brutos” e o “acontecimento jornalístico”, que é sempre posterior aos fatos. Neste último, há um trabalho técnico de apuração e entrevistas com parcela do público, que também seriam “atores” do acontecimento.

Se não concordamos com a sina do jornalismo de reproduzidor da ideologia dominante, seguindo uma leitura mais ortodoxa de Frankfurt acerca da indústria cultural, tampouco negamos a sua intervenção ao projetar comportamentos e a disseminar de estilos de vida ou padrões de gosto, conforme aponta Martín-Barbero (2006).

A dimensão pedagógica da escrita jornalística está presente em todos os seus formatos, com a função de antecipar-se à recepção de um público que presumidamente não conhece o assunto. Um recurso para facilitar esse trâmite é a adoção de princípios de clareza, explicação e adaptação do vocabulário (NEVEU, 2006).

Isto não significa que o jornalista, ao redigir seu texto, para qualquer meio e suporte, ou mesmo quando define um assunto como tema de pauta, pense em um perfil médio do público do veículo para o qual trabalha.³⁴ No contexto atual, marcado pela velocidade de produção e pelo acúmulo de tarefas pelos profissionais que atuam em redações de grandes e médias empresas de comunicação, parece caber ainda a referência de Darnton (1990, p. 71-72) sobre o fato de seus colegas de redação do *The New York Times* nunca escreverem “para imagens de

³⁴ Este tema é tratado em minha dissertação de mestrado “Jornalista: profissão passageiro – As relações de trabalho dos profissionais da notícia na grande imprensa brasileira atual” (1994), com foco no jornalismo impresso.

pessoas invocadas pela ciência social”, embora acreditassem que seus editores tivessem a expectativa de que eles escrevessem as matérias pensando em uma menina de 12 anos como modelo imaginário de leitor.

Como em qualquer atividade industrial, as redações jornalísticas possuem rotinas de trabalho, naturalizadas pelos profissionais, em uma estrutura fragmentada e hierarquizada. Nesse universo caracterizado por um conjunto de pressupostos e crenças partilhadas, são selecionados os fatos noticiáveis, referenciados em critérios como: atualidade, ineditismo, proximidade, identificação, intensidade, oportunismo e envolvimento de personalidades públicas. Os definidores de noticiabilidade são permeáveis ao próprio dinamismo da notícia, podendo variar conforme o momento. Para além das pressões mercadológicas, é esperado que a prática dê ao jornalista a capacidade de discernir o nível de relevância que um assunto tem diante de outro.

O caráter dinâmico e efêmero da notícia e a velocidade da produção são alguns dos fatores que inviabilizam o controle rígido do trabalho pelas chefias. Conforme observa Traquina (1993, p.12), a apuração das informações é feita em situações de grande incerteza, com falta de elementos, limitações temporais e sob a pressão da concorrência dos outros órgãos de informação. Mas as dificuldades começam antes, quando chefes de reportagem, pauteiros e/ou editores precisam selecionar certos acontecimentos dentro de uma avalanche de múltiplos acontecimentos, fazendo escolhas sem grande tempo para refletir o significado e o alcance histórico do que acaba de acontecer e que "precisa" ser informado imediatamente.

Tanto as atividades dos repórteres quanto as dos editores vêm sendo impactadas pela avalanche de informações, reflexo das mudanças globais provocadas pela expansão do capitalismo, que tiveram como desdobramento, a implantação de inovações tecnológicas para tornar mais ágil a distribuição informacional. Exemplos desse quadro são a produção avassaladora de material informativo pelas assessorias de comunicação e, posteriormente, os numerosos canais disponíveis na internet.

O volume informacional nas redações, em todos os suportes, ampliou-se significativamente a partir de meados da década de 1990, com o surgimento dos jornais on-line no país, que no início eram quase exclusivamente a transposição do meio impresso para o digital. A consolidação dessa mídia reforçou os conglomerados jornalísticos brasileiros, que aqui tiveram característica peculiar ao se anteciparem a empresas de outros setores, como o de tecnologia, na criação de sítios de conteúdo, ao contrário do que ocorreu, por exemplo, nos

Estados Unidos, onde os portais surgiram de sites de busca³⁵. A presença desses grupos nos diferentes meios facilitou a convergência e a expansão de produtos multimídia em seus portais na internet.

O acúmulo de atribuições dos jornalistas³⁶ foi acentuado quando a própria perspectiva de “fechamento” da edição perdeu o sentido, em uma conjuntura na qual ganhou destaque a informação instantânea, 24 horas por dia. Em redações dos veículos *on-line* das corporações jornalísticas, editores absorvem tarefas de repórteres e redatores, conforme a editoria ou seção, e mesmo estagiários podem ser autorizados a publicar informações em “tempo real”.

Embora a discussão sobre a profissão jornalística fuja ao escopo deste estudo, a análise proposta não prescinde da compreensão dos embates e das contradições que perpassam os modos de fazer do jornalismo em empresas de comunicação na atualidade. Procurei ressaltar o caráter efêmero desse processo produtivo, sem desconsiderar a permanência de características relativas ao *ethos* da profissão, apesar do enfraquecimento do lugar estratégico de mediação clássica atribuída aos jornalistas.

Há sempre um receptor (ativo, certamente), mesmo no modelo de comunicação de “muitos para muitos”, característico do período pós-web 2.0, quando o espaço de comunicação midiática tornou-se mais horizontal, sendo ocupado por múltiplos emissores, que participam da disputa de sentidos, seja de forma alternada ou simultaneamente, como emissores e receptores. O interesse em observar o estatuto do jornalismo neste novo cenário parte do pressuposto de que se ele já não tem a prerrogativa de ser o único mediador nas novas mídias, tampouco se posiciona no mesmo patamar de outros emissores/receptores no campo da produção de notícias.

A apropriação de técnicas e instrumentos acumulados nas práticas jornalísticas por indivíduos, grupos ou organizações não os insere na mesma lógica de produção; e não os investe de compromissos, ainda que questionáveis, com os resultados desse processo produtivo.

A credibilidade é o principal capital simbólico do jornalista, decorrente de um pacto implícito entre o profissional da informação e o leitor, gestado sob a bandeira da objetividade e introduzido na cultura jornalística em meados do século XIX. “Essa credibilidade não nasce simplesmente de uma lógica do enunciado, mas sim de uma hegemonia da enunciação (SODRÉ,

³⁵ O Jornal do Brasil foi o pioneiro, em maio de 1995, seguido por outros grandes títulos nacionais. Poucos meses antes, a Agência Estado, do Grupo O Estado de S.Paulo, havia estreado.

³⁶ O progressivo corte de postos de trabalho nas redações de empresas jornalísticas (no Brasil, sobretudo a partir das duas últimas décadas do século XX), provocou o aumento da quantidade de tarefas executadas por um número reduzido de profissionais, no mesmo prazo ou em períodos ainda mais curtos.

2009, p 47).

A manutenção desse pacto, explícito em manuais de redação, espaços editoriais e argumentações de jornalistas³⁷, sustenta-se hoje, em grande medida, no manejo de fontes consideradas confiáveis. Com a emergência do conhecimento técnico-científico, enraizado no modelo informacionista, há uma reconfiguração da parceria entre jornalista e seu informante especializado. A credibilidade da fonte e a ausência de controvérsias tornam-se a base da aproximação entre jornalismo e ciência.

Ao analisar os fatores de risco à saúde na mídia, Vaz et al. (2007) observam a existência de um novo vínculo entre a mídia e a medicina, que se constituiria em um ponto de transição da história do cuidado com a saúde.

Em um contexto de excessiva valorização tecnológica, peritos da “ciência” acionados pelos meios de comunicação (o que inclui desde profissionais de diversas especialidades médicas a pesquisadores de diferentes áreas) ampliam a preponderância desses discursos. Isto não se dá sem o descredenciamento de saberes desvinculados desse modelo hegemônico. Portanto, ao se propor uma taxonomia do risco implica em realizar também uma taxonomia dos *experts*.

Elaborados por especialistas, frequentemente a serviço de interesses comerciais, os receituários acerca do cuidado com a saúde ganharam espaço de destaque, nas duas últimas décadas, em diferentes canais, da mídia tradicional a veículos alternativos, incluindo aqueles promovidos por organizações sociais. Com o aval da ciência, os cidadãos consumidores de notícias são informados, por exemplo, que determinado alimento pode causar aumento do colesterol e que outro, anteriormente considerado fator de risco para hipertensão, foi “reabilitado” em nova pesquisa.

Na esteira das informações sobre a prevenção de riscos à saúde reproduzidas nos meios de comunicação, a fala “científica” contribui para a construção de um padrão de vida saudável que deve ser seguido por todos. Mas como as informações especializadas são fluidas, é recomendada a atualização permanente das novas versões de padrões de comportamento e consumo para que nos tornemos “saudáveis”.

Caso faça uma “escolha equivocada”, o indivíduo é culpabilizado pelo erro. Seguindo esta linha, as narrativas midiáticas sobre fatores de risco estabeleceriam uma distinção social

³⁷ Esta visão foi registrada em entrevistas com jornalistas para minha dissertação de mestrado (LISBOA, 1994).

entre quem sabe e quem não sabe cuidar de si: “O conceito de fator de risco generalizou o estado de quase-doença, que tem como contrapartida o cuidado crônico de si” (Vaz et al., 2007, p.153).

O impacto desta ideia de cuidado permanente disseminada pelos meios sobre as construções sociais é observado por estudiosos como Van Loon (2002), segundo o qual, as tecnologias de informação e comunicação não apenas têm papel fundamental na formação e na percepção dos riscos, mas contribuem para a sua aceleração. Esta discussão certamente não se restringe o jornalismo. Tais discursos amplificam-se de forma exponencial a partir de sua oferta, por meio de vários produtos e de funcionalidades disponíveis na plataforma web.

4 CENÁRIOS E SITUAÇÕES

A favela é nós!

(André, Grupo Vida Real)

4.1 SER ADOLESCENTE NA MARÉ

A contextualização do território onde vivem os adolescentes que participaram da pesquisa configura-se em um caminho indispensável para a reflexão proposta. O Complexo da Maré, ou simplesmente a Maré, é um conjunto de favelas na zona norte do Rio de Janeiro, região da Leopoldina, à margem da Baía de Guanabara. Ocupa uma área total de 4,27 Km², onde vivem 129.770 pessoas, em 41.759 domicílios, segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Do total de moradores, 18.779 estavam na faixa de 7 a 14 anos e 6.506, de 15 a 17 anos (IBGE, 2010).

De acordo com a classificação do IBGE, 76.718 habitantes da região vivem em áreas denominadas aglomerados subnormais³⁸, e 53.052 nas demais áreas. A imagem a seguir destaca, em vermelho, os locais considerados aglomerados subnormais. A linha branca no entorno da área enumerada 3304557010 demarca o território (Figura 1).

³⁸O IBGE adotou esta terminologia a partir do Censo de 2000, definindo “aglomerados subnormais” como: “um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa. A identificação dos aglomerados subnormais é feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuir pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; ou precariedade de serviços públicos essenciais, tais quais energia elétrica, coleta de lixo e redes de água e esgoto.” (IBGE, 2011).

Figura 1 – Locais considerados aglomerados subnormais



Fonte: IPP/IBGE (2010)

A Maré está situada entre as duas principais vias de acesso à cidade, a Avenida Brasil e a Via Expressa Presidente João Goulart (Linha Vermelha), bastante próxima ao Aeroporto Internacional Maestro Antonio Carlos Jobim (Galeão), à Rodoviária Novo Rio e ao Centro da cidade. É cortada pela Avenida Governador Carlos Lacerda, Linha Amarela, ligação entre a Ilha do Fundão e a Baixada de Jacarepaguá. Nos seus limites estão instituições de pesquisa e ensino, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)³⁹, o Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes) e o Centro de Pesquisas de Energia Elétrica (Cepel/Eletrobras); a Refinaria de Manguinhos; e o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR).

A região de manguezal e pântanos começou a ser ocupada na década de 1940, com sucessivos aterros, feitos tanto pela população quanto pelo poder público. O nome “Maré” originou-se do fenômeno natural que atingia os barracos, construídos em palafitas, levando sujeira e lama para dentro das casas. Meio século depois, foi fundado, em 19 de janeiro de 1994, o bairro Maré, pelo Projeto de Lei nº 2119. No entanto, apenas em 2012 teve as ruas mapeadas, a partir da iniciativa das instituições locais Redes da Maré e Observatório de Favelas, com o

³⁹A UFRJ desenvolve ações na Maré, em diferentes áreas, entre as quais: o Centro de Referência de Mulheres da Maré, projeto-piloto do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas; e o Núcleo Interdisciplinar de Ações para a Cidadania, conjunto de projetos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade Nacional de Direito, do Instituto de Psicologia e da Escola de Serviço Social.

apoio de associações de moradores das comunidades e de outras organizações. A atualização da base cartográfica era um requisito para garantir que todas as ruas tivessem um Código de Endereçamento Postal (CEP). Inserido no projeto Censo Maré, o Guia de Ruas Maré 2012 foi o primeiro do gênero a registrar a cartografia de uma favela (REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ; OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2012)⁴⁰.

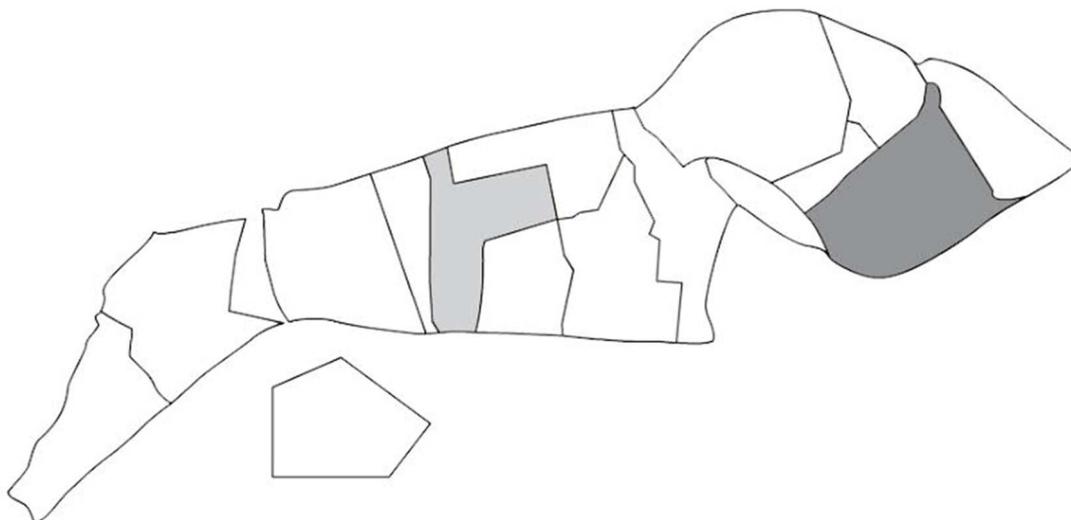
Apesar da designação de “bairro”, os adolescentes que participaram da pesquisa usam preferencialmente os termos “favela” e “comunidade” em referência ao lugar onde moram. As duas formas de nomeação estiveram presentes nas falas espontâneas dos participantes e em discussões sobre o tema da pesquisa. Esta é a principal razão para que sejam adotados aqui estes termos, e não o substantivo bairro. A verbalização dos sujeitos da pesquisa tem correspondência com o forte escrutínio no qual se insere a categoria favela e a sua variante, comunidade.

As 16 comunidades ⁴¹ que integram o complexo apresentam diversidade de conformações: além das diferenças em relação à constituição dos terrenos (um morro e áreas distintas de aterro), os tipos de habitação são diferentes (há conjuntos habitacionais, construções de alvenaria e outras mais precárias). A pesquisa foi realizada em duas dessas comunidades: a Nova Holanda e a Vila do João, distantes cerca de dois quilômetros, em linha reta (Figura 2). Isto não significa que os adolescentes participantes residam exclusivamente nessas localidades. Embora grande parte more nas proximidades das instituições que sediaram os encontros, os grupos também contaram com moradores de outras comunidades da Maré. Este fato não foi considerado relevante à medida que todos moram no complexo.

⁴⁰ Além do mapa completo, o guia contém um breve histórico do surgimento de cada uma das comunidades.

⁴¹Em ordem alfabética: Baixa do Sapateiro, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Conjunto Marcílio Dias, Conjunto Nova Maré, Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue), Conjunto Pinheiros, Morro do Timbau, Nova Holanda, Parque Maré, Parque Roquete Pinto, Parque Rubens Vaz, Parque União, Praia de Ramos, Vila do João e Vila do Pinheiro.

Figura 2 - Mapa da Maré, com destaque para as duas comunidades onde a pesquisa foi realizada: a Nova Holanda (ao centro) e a Vila do João (à direita).



Fonte: Redes de Desenvolvimento da Maré e Observatório de Favelas (2012)

Tanto a Nova Holanda quanto a Vila do João surgiram a partir de iniciativas do poder público. A Nova Holanda nasceu de um projeto governamental da década de 1960 denominado Centro de Habitação Provisório, destinado a moradores de morros do Rio de Janeiro que foram demolidos para a ampliação da cidade, sob a coordenação da Fundação Leão XIII. Em 1962, chegaram os primeiros moradores, vindos da remoção da Favela do Esqueleto (atual campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), da Praia do Pinto, do Morro da Formiga, do Morro do Querosene e das margens do Rio Faria Timbó. O que era provisório tornou-se definitivo, já que não houve soluções permanentes para alocar a população removida. Ao longo da década de 1970, consolidaram-se grupos de apoio à comunidade, como o de mulheres e o de jovens da Igreja Católica. Em 1981 foi criada a Associação de Moradores e Amigos da Nova Holanda (NOBREGA JR; BELFORT; RIBEIRO, 2012).

A Vila do João começou a ser construída cerca de 20 anos depois do início da ocupação da Nova Holanda. O nome é uma homenagem ao general João Baptista Figueiredo, então presidente da República. O conjunto de casas pré-fabricadas sobre aterros na Baía de Guanabara foi concebido no âmbito do Projeto Rio, do governo federal, com o objetivo de abrigar moradores que viviam em habitações precárias, sobre palafitas, principalmente nas

comunidades da Baixa do Sapateiro e Parque Maré – cerca de um terço da população da Maré na época.

De maneira geral, a Maré é uma região árida, pouco arborizada, com exceção da comunidade de Vila Pinheiro, onde está localizado o Parque Ecológico Municipal da Maré, chamado de Mata pelos moradores. Conta com serviços básicos de abastecimento de água, eletricidade, telefonia, sistema de esgotamento sanitário na maior parte do território⁴² e coleta de lixo, embora haja poucas lixeiras nas ruas, causando acúmulo de materiais de diversos tipos descartados. As vias são asfaltadas, em geral, com muitas e altas lombadas.

No período de realização da pesquisa, o complexo contava com 18 escolas públicas municipais (incluindo um centro de educação de jovens e adultos) e três estaduais, quatro creches conveniadas e 12 creches e pré-escola. Outra escola municipal no entorno atende majoritariamente moradores da Maré. Dentre as escolas públicas municipais, apenas cinco oferecem o Ensino Fundamental completo. As três escolas estaduais oferecem ensino médio regular, sendo duas em horário noturno (SANTO; SILVA, 2013).

Quanto aos equipamentos de saúde, a Maré dispõe de oito postos de atendimento, uma clínica de saúde da família e um centro municipal de saúde, gerenciados pela Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, em parceria com a organização social Viva Comunidade; e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), gerida pelo governo estadual do Rio de Janeiro. Os postos e a clínica são responsáveis pelo primeiro atendimento da população, nas especialidades básicas de clínica médica, pediatria e ginecologia. Cada unidade possui de duas a seis equipes, compostas por um médico generalista, um enfermeiro, um técnico de enfermagem e seis agentes de saúde. As unidades contam ainda com equipes de saúde bucal, formadas por um dentista, um assistente em odontologia e técnico em odontologia que fazem aplicação de flúor e restauração, além de darem orientações para escovação. Há cerca de 20 farmácias no Complexo.

Quando é indicada a realização de exames ou a consulta com especialista, o morador é encaminhado para o Centro de Saúde Américo Veloso. Casos de maior gravidade são dirigidos UPA, localizada na Vila do João. É o único hospital de emergência dentro da Maré. Como alternativa, os moradores buscam atendimento no Hospital Geral de Bonsucesso, instituição

⁴² Na localidade Parque Rubens Vaz, contudo, 13% dos domicílios despejam seus dejetos sanitários em vala (SANTO; SILVA, 2013).

federal próxima ao complexo. Esses recursos são considerados deficitários para o atendimento da demanda populacional (SANTO; SILVA, 2013).

Dentre os equipamentos sociais de cultura, esporte e lazer da favela, destacam-se: o Museu da Maré, a Vila Olímpica, o Centro de Artes da Maré e o Galpão Bela Maré. Não há agências bancárias e existem poucos caixas eletrônicos, o que leva os moradores a enfrentarem longas filas em casas lotéricas ou se deslocarem até outros bairros para pagarem suas contas. (SANTO; SILVA, 2013).

Calcula-se que haja, na Maré, mais de 4 mil estabelecimentos comerciais, de diversos ramos, dentro e fora de residências. Os dados completos do censo comercial e de serviços da Maré estavam sendo computados durante a elaboração desta tese⁴³.

Em termos de mobilidade, existem apenas duas linhas de ônibus que circulam dentro do complexo, ligando as comunidades às zonas oeste e sul. Na Avenida Brasil, no entanto, há diversas linhas para vários pontos da cidade. O transporte alternativo (vans, kombis e mototáxis) é bastante usado pelos moradores para deslocamento interno e externo especialmente a bairros vizinhos.

Quanto à renda mensal da população, a Maré se aproxima de outras favelas cariocas, marcadamente pela pobreza: segundo dados agregados pelo IBGE para a região, com base no censo de 2010, 24,89% da população economicamente ativa (PEA)⁴⁴ da Maré têm rendimento nominal mensal de até um salário mínimo; 27,73%, de um a dois salários mínimos; 7,15%, de dois a três; 1,26%, de cinco a dez; e 35,25% não têm rendimento.

Duas características são emblemáticas no território: a presença de cerca de 40 organizações não governamentais, sendo algumas de grande repercussão social, a exemplo do Observatório de Favelas, a Redes de Desenvolvimento da Maré, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm) e a Ação Comunitária do Brasil, apoiadas por organizações como a Anistia Internacional e outros organismos internacionais; e o fato de abrigar um batalhão da polícia militar (22º BPM)⁴⁵.

⁴³ Fonte: Redes de Desenvolvimento da Maré.

⁴⁴ De acordo com o IBGE, a População Economicamente Ativa (PEA) “é composta pelas pessoas de 10 a 65 anos de idade que foram classificadas como ocupadas ou desocupadas na semana de referência da pesquisa” (IBGE, 2013) Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>.

Acesso em: 13 dez. 2013.

⁴⁵ Também o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (Bope) iniciou, em 2012, sua

Na região, considerada estratégica pelos setores de segurança pública, o embate sobre temas relacionados à violência e aos direitos humanos tem grande repercussão, especialmente pela atuação das organizações sociais inseridas no território. Um exemplo foi a campanha realizada para alertar os moradores sobre seus direitos legais diante de abordagens policiais em suas casas.⁴⁶ Além desta forma de opressão, os moradores convivem com a violência promovida pelas organizações criminosas em disputa pelo território (facções ligadas ao comércio de drogas ilícitas e grupo de milicianos), impondo restrições de circulação.

No contexto das políticas de segurança pública elaboradas a partir do final da década de 1980, foi implementado, em 2008, o programa de Policiamento Pacificador, da Secretaria de Segurança Pública do governo estadual do Rio de Janeiro. A presença das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e a relação entre policiais e moradores têm sido objeto de análises de pesquisadores que estudam o tema da segurança pública, como Machado da Silva (2010), Ramos e Musumeci (2005) e Corrêa (2013).

Em levantamento coordenado por Machado da Silva e Leite (2007), houve destaque para o maior volume de críticas de adolescentes e jovens (comparadas às queixas de adultos e idosos) a respeito do convívio com os policiais em áreas onde as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) foram implantadas. Na avaliação dos pesquisadores, um aspecto preponderante para a reação negativa dos mais jovens em relação à atuação dos policiais é o fato de eles serem abordados com muito mais frequência que os mais velhos, sendo submetidos a constantes revistas (e agressões), a novas restrições de circulação e a proibições como: sair de casa sem documento de identificação (mesmo na vizinhança), ouvir música em alto volume e ficar conversando com amigos ou vizinhos depois das 22h.

A implantação da UPP da Maré, anunciada para o início de 2013, foi postergada, sem data definida. Em março de 2014, teve início a ocupação pelas Forças Armadas. Dentre as razões alegadas para o retardamento das ações governamentais, estaria o fato de haver muitas organizações sociais sediadas na região cuja atuação reforçaria “a organização dos moradores, que se tornam mais conscientes de seus direitos e deveres” (OS DESAFIOS..., 2013). A campanha pela garantia dos direitos civis dos moradores em relação à entrada dos policiais em

transferência para a região.

⁴⁶ Este tema aparece na discussão com um dos grupos da pesquisa, conforme descrevo adiante, neste capítulo.

suas casas foi um assunto levado para discussão por integrantes de um dos grupos da pesquisa, conforme veremos no item 4.3.

As incursões policiais e os confrontos armados foram contínuos durante o período de realização da pesquisa. Alguns deles acarretaram o cancelamento das aulas em escolas locais, incluindo a Professor Josué de Castro, onde um dos grupos desta pesquisa se reuniu.

De forma abreviada, este é o contexto onde vivem os sujeitos da pesquisa. São adolescentes moradores da periferia da segunda maior cidade do Brasil, que abriga grandes contradições socioeconômicas e culturais. São adolescentes que enfrentam a discriminação pelo endereço (NOVAES, 2006). São adolescentes moradores da periferia em um território de confrontos armados e outras formas de violência, mas também de discussões e ações políticas sobre direitos humanos, direito à saúde, à educação e a bens culturais.

4.2 PROCESSOS DE APROXIMAÇÃO

Para discutir a pergunta norteadora da pesquisa – como adolescentes se apropriam das produções jornalísticas dos meios de comunicação que abordam temas relacionados ao cuidado de si e à prevenção de riscos à saúde? –, trilhei o percurso de investigação qualitativa. O objeto empírico de análise foram adolescentes vinculados a três instituições que desenvolvem atividades pedagógicas na região, sendo duas organizações sociais (Redes de Desenvolvimento da Maré e Instituto Vida Real) e uma escola pública municipal (Professor Josué de Castro). As duas primeiras estão sediadas na comunidade Nova Holanda, e a terceira, na Vila do João. Participaram das atividades da pesquisa 33 adolescentes⁴⁷, de 14 a 16 anos, moradores da Maré.

A entrada em campo condicionou-se à autorização das instâncias gestoras das instituições (incluindo as secretarias de Educação e de Saúde do Município do Rio de Janeiro) e ao consentimento esclarecido dos adolescentes e de seus responsáveis, já que são menores de 18 anos. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/Fiocruz) e autorizada sob o parecer número 140.113, emitido em 7 de novembro de 2012. Posteriormente, foram submetidas duas emendas, aprovadas pelo mesmo Comitê.

⁴⁷ Este número representa o total de adolescentes que tiveram algum tipo de participação, mesmo de forma descontinua.

A maioria dos participantes cursava o 9º ano do Ensino Fundamental. Apenas três deles, que integraram o Grupo Vida Real, cursavam séries anteriores. A participação nos projetos mantidos pelas organizações sociais está condicionada à frequência escolar.

O limite etário associado à escolaridade não se estabeleceu sem um questionamento sobre o acesso à educação formal no Brasil, particularmente em regiões periféricas das grandes cidades capitais. No Complexo da Maré, de acordo com o Censo de 2010, frequentavam escola ou creche 17.955 moradores de 7 a 14 e 5.255, de 15 a 17 anos. Ao cotejar esses dados com a população nas duas faixas etárias na região, constata-se que 4,38% de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos estão fora da escola. O percentual de indivíduos nesta situação cresce expressivamente na faixa de 15 a 17: 19,22%.

Uma probabilidade deste resultado seria o abandono dos estudos após o ciclo obrigatório de educação formal no país, o Ensino Fundamental⁴⁸ para a inserção no mercado de trabalho. Trata-se de um momento da vida no qual os adolescentes são confrontados com a necessidade de tomar decisões acerca de carreiras profissionais que implicam o prosseguimento dos estudos ou o abandono da formação escolar, para quem não consegue conciliar o trabalho à continuidade dos estudos.

Além da demanda de geração de renda, em apoio à família, a evasão escolar pode estar associada ao envolvimento em funções do comércio de drogas ilícitas⁴⁹ ou ao consumo de drogas pesadas, como o crack⁵⁰. Dois critérios foram definidores da exclusão de adolescentes inseridos nesses contextos: o fato de os materiais jornalísticos acerca do cuidado à saúde não serem direcionados a eles, que frequentemente são nomeados, nos meios de comunicação, de maneira distinta à de outras pessoas na mesma idade; e a dificuldade de viabilização do trabalho nos limites de uma pesquisa de doutorado.

O recorte etário se justifica ainda pelo entendimento de ser um período no qual os adolescentes são demandados a assumir posturas de cuidado com o corpo, especialmente de

⁴⁸ O Ensino Fundamental de nove anos foi implementado no Brasil em 2005, pela lei nº 11.114. Desde então, a criança entra na escola aos 6 anos de idade, e não mais aos 7, como no período anterior à lei, e conclui o 9º ano aos 14 anos, caso não haja nenhuma reprovação no percurso acadêmico. Segundo o Censo Escolar de 2010, 31.005.341 alunos estão matriculados no Ensino Fundamental regular no país. A maioria (54,6%) na rede municipal com 16.921.822 matrículas. As redes estaduais correspondem a 32,6% dos matriculados, as privadas atendem a 12,7% e as federais a 0,1%.

⁴⁹ O antropólogo Luke Dowdney (2003) traz importante contribuição acerca do tema, com um estudo de caso sobre o envolvimento de crianças e adolescentes e violência armada organizada no Rio de Janeiro.

⁵⁰ Os dados sobre o número de crianças e adolescentes usuários de crack ou envolvidos com o tráfico são imprecisos.

prevenção a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), seja por meio de campanhas institucionais, alertas de profissionais de saúde ou no ambiente escolar. Isto torna os indivíduos nessa faixa objeto recorrente também de conteúdos jornalísticos sobre prevenção de riscos à saúde, referenciados em estatísticas de agravos.

As atividades de pesquisa com os adolescentes das organizações Redes de Desenvolvimento da Maré e Instituto Vida Real foram iniciadas antes daquelas realizadas na Escola Municipal Josué de Castro por dois motivos principais: a agilidade quanto aos trâmites de autorização naqueles espaços institucionais em comparação à escola, devido à estrutura organizacional desta, cujos processos decisórios perpassam várias instâncias; e os limites relacionados ao ano letivo.

O desenvolvimento da pesquisa nessas duas organizações deveu-se ao fato de oferecerem atividades educacionais e culturais diversas para adolescentes e jovens da Maré, sendo um local frequentado diariamente por eles quando não estão na escola. Embora sejam parceiras, têm estrutura, dinâmicas e objetivos específicos. Estes fatores, aliados à intenção de conhecer adolescentes vinculados a diferentes instituições locais, estimularam a formação dos grupos nas organizações.

A Escola Municipal Professor Josué de Castro foi identificada como espaço em potencial para o trabalho de campo por acolher adolescentes moradores da região, na mesma faixa etária definida para a pesquisa, em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. Assim como outras escolas localizadas em áreas consideradas de risco, na cidade do Rio de Janeiro, integra o Programa Escolas do Amanhã, da Secretaria Municipal de Educação do Município. O programa prevê o desenvolvimento de ações pelo Núcleo de Educação e Saúde, instigantes para as reflexões propostas neste estudo.

A escolha do *locus* escola para a realização da pesquisa não elimina o questionamento sobre suas limitações, dentre as quais destaco: a percepção de que ela não está imune a constrangimentos decorrentes das relações de poder ali estabelecidas e a recorrência de estudos apoiados em investigações produzidas no ambiente escolar. Entretanto, entendo que as assimetrias nas relações perpassam vários ambientes sociais e mesmo um contato entre a pesquisadora e os adolescentes em local escolhido por eles estaria carregado de significações e expectativas.

A favor da decisão de desenvolver parte da investigação na escola, juntamente com as outras duas organizações que desenvolvem atividades pedagógicas, está sua condição de ambiente privilegiado de compartilhamento de informações e de experiências, no qual o adolescente passa grande parte de seu tempo. Nesse espaço formador, ele teria a possibilidade de debater (com professores, colegas e outros profissionais) temas relacionados aos cuidados com a saúde, às transformações ocorridas na puberdade, dentre outros assuntos caros à pesquisa proposta.

O interesse em realizar parte do trabalho de campo em uma escola pública (e não privada) de Ensino Fundamental justificou-se pelo fato de ela atender ao compromisso constitucional de promover educação gratuita a todos os cidadãos, possibilitando o acesso de moradores de áreas de baixa renda, como a Maré, incluindo aqueles na faixa etária dos sujeitos de pesquisa.

4.3 MÉTODOS E TÉCNICAS

A escolha metodológica pela pesquisa empírica orientou-se pela perspectiva teórica adotada, que considera o cotidiano como lugar privilegiado de mediações. Busquei, antes de tudo, fugir de simplificações, conforme aconselha Lopes (2005, p.141-143), dentre as quais a “ilusão de transparência do real”. Tampouco o exercício de afastamento necessário garante a exclusão de subjetividades, embora esta prática seja fundamental para que o pesquisador possa observar e refletir sobre o problema de investigação. Caso contrário, ele estaria apenas a confirmar suas impressões anteriores acerca do objeto.

Assim como Lopes (2005), considero a observação uma etapa crucial da pesquisa, que não se resume a “um conjunto de operações para reunir dados brutos”, mas implica a percepção de que as técnicas têm um sentido epistemológico e um significado teórico em relação ao objeto de análise. Seguindo esta linha, procurei manter, no percurso de observação, um diálogo constante com o objeto teórico da pesquisa: o processo de apropriação. Neste sentido, as técnicas são instrumentos a serviço do problema de investigação, e não o oposto.

Conforme registrei no capítulo introdutório da tese, a pesquisa se apoiou em alguns recursos etnográficos, dentre os quais o registro das observações do campo, por meio de anotações daquilo que observava do cotidiano e do contexto em que se encontravam os sujeitos da pesquisa. Apesar de não ter frequentado as casas dos adolescentes, ao longo do período de

realização do trabalho, acompanhei algumas rotinas da escola e das organizações, locais onde os participantes passam grande parte do tempo, e transitei pelas principais vias de acesso a essas instituições.

As anotações foram importantes para registrar também as leituras precipitadas dos primeiros olhares sobre o campo e, para atenuar o seu reverso: os “esquecimentos” ou a naturalização daquelas situações cotidianas, após um período maior de convivência. A descrição densa da observação desses contextos foi outra forma de diálogo com a etnografia. Diferentemente da descrição superficial, na qual o etnógrafo se dedica à descrição dos códigos a partir da observação, na descrição densa, o esforço intelectual é direcionado à percepção e à interpretação das situações (GERTZ, 2008, p.5-7)⁵¹.

O trabalho de campo foi desenvolvido prioritariamente com atividades em grupo. Dois motivos principais levaram a esta escolha: a experiência prévia na realização de atividades reflexivas a partir da interação em grupos de adolescentes; e a proximidade de interlocução entre os sujeitos participantes, tendo em vista sua convivência diária.

As atividades em grupos inspiraram-se no método de grupos de discussão, que busca observar os processos interativos e discursivos dos sujeitos de pesquisa. Seguindo esta linha, o pesquisador não conduz a dinâmica, mas propõe um tema como ponto de partida, estimulando o diálogo entre os participantes, que podem fazer associações com outros assuntos, não previstos, redirecionando o debate. (WELLER, 2006).

Por limitações do campo e do próprio objeto de investigação, não houve uma aplicação estrita deste método, e sim a adoção de orientações no sentido de propiciar o diálogo entre os participantes, permitindo que eles desenvolvessem o tema proposto em diferentes direções. Dentre as recomendações do método, procurei adotar a postura de deixar as discussões prosseguirem, sem me ater a um roteiro fechado. Contudo, o próprio ato de instigar o debate reconduziu a dinâmica em vários momentos, o que não impediu a interação, como veremos no capítulo 5.

⁵¹ A noção de “descrição densa” é tomada por Gertz (2008) de Oilbert Ryle.

O trabalho em grupo foi precedido de uma atividade individual: o preenchimento de um questionário, contendo perguntas abertas e fechadas, sobre o acesso aos meios de comunicação⁵², tema que seria debatido no segundo encontro dos grupos.

Foram realizados cinco encontros com cada grupo, com exceção do primeiro (Grupo Preparatório Redes), que teve um encontro a mais, necessário para alguns ajustes metodológicos e o esclarecimento de dúvidas. Para permitir maior interação, propôs-se a formação dos grupos com até 10 integrantes. O convite à participação foi feito no primeiro contato com os adolescentes, a partir da apresentação da proposta de pesquisa: tema, objetivos, dinâmicas, datas e cronograma de atividades. Em cada uma das instituições, reiterou-se o caráter voluntário da participação. Após a leitura em conjunto do termo de consentimento esclarecido, aqueles que manifestaram interesse em participar receberam cópias do documento, que deveriam ser assinadas por eles e pelos responsáveis.

O segundo encontro com os adolescentes abordou o acesso à informação nos meios de comunicação, em especial, de produtos jornalísticos veiculados em diferentes suportes. Considerou-se acesso à informação⁵³ o contato com o produto jornalístico, independentemente da ocorrência de uma busca ativa de informações, por parte do adolescente, de seu interesse e mesmo de sua compreensão daquele enunciado ou grupo de enunciados. Este encontro foi o único momento em que os participantes realizaram uma atividade individual: o preenchimento do questionário.

Os temas listados a seguir serviram de guia para a dinâmica, não tendo sido apresentados necessariamente no formato usado.

- a) Meios de comunicação aos quais têm acesso.
- b) Formas de acesso às informações produzidas pelos meios de comunicação. Direto ou indireto? Tipo de mídia/suporte (TV, rádio, jornal, revista, internet), formato e periodicidade.
- c) Preferências nesses canais.
- d) Acesso a informações em formatos jornalísticos (notícias, reportagens etc).

⁵² Após a sua aplicação no primeiro grupo, Preparatório Redes, houve pequenos ajustes, para torná-lo mais acessível. O formato está disponível nos Anexos da tese.

⁵³ A discussão sobre o conceito de acesso será aprofundada no item 5.1

e) Formas de acesso a essas notícias, reportagens etc. Tomam iniciativa em buscar a informação ou chegam até ela por outros meios?

f) Estímulo à busca de informações jornalísticas. Quem?

g) Assuntos preferidos e como é feita a seleção.

h) Participação em redes virtuais. Quais? Mantêm *blog* ou *twitter*? Seguem algum *blog* ou *twitter*? Qual/quais? Sobre que tema(s)?

i) Confiança em suas fontes de informação.

j) Identificação de diferenças entre as informações veiculadas por canais jornalísticos e as disseminadas em outros meios ou redes sociais (o conceito foi usado no sentido mais amplo, da rede de atores sociais aos quais estão vinculados, e não apenas suas redes virtuais).

O terceiro encontro buscou observar a percepção dos adolescentes sobre saúde, cuidado e risco; e o papel dos interlocutores que compõem suas redes sociais na construção desses conceitos. As perguntas a seguir também serviram de guia para a dinâmica, não sendo necessariamente apresentadas dessa forma.

a) O que é saúde para vocês?

b) Quando vocês ouvem a palavra “saúde”, o que vem à cabeça?

c) Saúde é uma preocupação para vocês? Pensam nisto em algum momento? Em qual (ou quais)?

d) O que poderia ser uma questão de saúde para vocês?

e) O que é cuidado para vocês?

f) Alguém costuma falar sobre cuidado com vocês?

g) O que significa risco? E perigo?

h) Fazem alguma associação entre cuidado, risco e saúde?

i) Alguém em casa, na vizinhança, na escola ou em outros lugares que frequenta faz comentários sobre cuidado com a saúde? Faz (ou fazem) recomendações específicas?

j) Buscam informar-se sobre assuntos relacionados a cuidado com a saúde e sobre riscos? Onde ou em quais meios?

l) Confiam nas informações que acessam sobre esses temas?

No quarto encontro, os participantes foram convidados a avaliar um produto jornalístico (texto, vídeo ou link de página na internet) sobre cuidado e risco à saúde na adolescência. A seleção do conteúdo analisado foi feita a partir das referências de cada grupo sobre os meios de comunicação que mais acessavam (citados no segundo encontro) e dos temas relacionados ao cuidado e ao risco (debatidos no terceiro encontro). Por este motivo, os materiais apresentados foram diferentes para cada grupo.

A análise orientou-se pelas perguntas a seguir, que, mais uma vez, serviram como guia para as discussões, e não como um roteiro fechado⁵⁴.

- a) De que trata o texto, áudio, vídeo ou a página de material jornalístico na internet?
- b) Já leram, ouviram ou assistiram a notícias/reportagens sobre o assunto?
- c) Quem é o autor do texto, vídeo etc.?
- d) Quem são as fontes de informação – pessoas ou instituições consultadas?
- e) A linguagem é acessível? É fácil compreender?
- f) Teriam vontade de ler, ouvir ou assistir (a) essas notícias ou reportagens, caso estivesse em casa... (espontaneamente)?
- g) De que mais gostaram? E de que não gostaram? Dariam alguma sugestão para o texto, vídeo etc. ficar mais claro?
- h) Confiam nessas informações?
- i) Têm hábito de conferir, em outros meios de comunicação ou com pessoas nas quais confiam, o que leem, ouvem ou assistem?

Em seguida, os grupos avaliaram o que não ficou claro, o que eles já sabiam, o que acharam da linguagem usada, para quem eles achavam que o material seria dirigido e que outras reflexões foram possíveis a partir daquele conteúdo?

⁵⁴O guia foi também uma exigência do Comitê de Ética em Pesquisa.

O quinto encontro deu continuidade ao debate sobre materiais jornalísticos e buscou construir um quadro-síntese das interações ao longo da pesquisa, validado pelos adolescentes. No Grupo Preparatório Redes, o diagrama foi produzido no sexto encontro.

De acordo com a metodologia proposta pela pesquisa não era esperado que os três grupos seguissem a mesma linha de discussões e tampouco que abordassem os mesmos temas.

Para proteger os participantes da pesquisa de possíveis constrangimentos, uso neste trabalho nomes fictícios. A decisão atende à proposição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Creio ser importante para o tema da pesquisa observar que ao serem comunicados sobre esta condição, alguns adolescentes manifestaram decepção. Registro uma dessas falas: *Ah, queria que meu nome aparecesse!*

Embora os encontros tenham sido gravados, nem sempre foi possível identificar os autores das falas, especialmente em momentos de falas simultâneas ou de ruídos externos e internos (como um ventilador de teto). Usarei a inscrição “Não identificado(a)” quando for o caso e marcarei os trechos ininteligíveis.

Na apresentação das reflexões feitas pelos adolescentes, optei por manter algumas discussões mais longas por entender a relevância do processo interativo que caracterizou o contexto daquelas falas. Para destacar as vozes dos adolescentes de citações de fontes secundárias, uso o formato em itálico em relação aos primeiros.

4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A orientação teórico-metodológica da pesquisa demandou um olhar aproximado sobre os contextos nos quais se encontravam os atores sociais que aceitaram participar do estudo. A própria disposição dos adolescentes a participar de uma pesquisa com o tema e a dinâmica propostos foi uma questão relevante para análise.

As observações de campo sobre comportamentos e práticas, associadas às atividades desenvolvidas revelaram particularidades dos três grupos de adolescentes participantes da pesquisa, descritas a seguir. A caracterização dos ambientes de pesquisa (as duas instituições e a escola) certamente está impregnada de subjetividades de quem lança o olhar sobre o campo e sujeita a limitações (demasiadamente humanas) no uso dos sentidos de percepção.

Em todos os grupos, ocorreram mudanças na composição, ao longo da pesquisa, seja pela evasão, pela ausência em alguns encontros ou pelo interesse posterior em participar do grupo. No entanto, também nos três grupos, houve participantes que estiveram presentes em todas as atividades. Observaram-se diferenças expressivas em relação à participação individual dependendo da composição do grupo em determinado encontro. Exemplo: quando o integrante mais falante de um dos grupos faltou, foi possível ouvir com mais frequência outras vozes que haviam se manifestado timidamente nos encontros anteriores.

Com o objetivo de propiciar maior interação, no espaço onde ocorreram as dinâmicas, posicionamos as cadeiras dispostas em formato circular. No contato inicial, fizemos uma rodada de apresentação individual e uma dinâmica com a intenção de aliviar um pouco a tensão inicial e estimular a participação espontânea⁵⁵.

No último encontro, quando houve a construção coletiva do quadro-síntese do grupo sobre cuidado à saúde, foi solicitado aos participantes que escolhessem um nome para o grupo. A proposta visou a apropriação pelos adolescentes tanto do conteúdo que seria sintetizado no diagrama quanto da forma de representação gráfica, conforme veremos no capítulo 5.4. Os nomes escolhidos foram: Grupo Preparatório Redes, Grupo Vida Real e Grupo Legião 92.

4.4.1 Grupo Preparatório Redes

Este grupo foi formado por alunos do curso Preparando o Futuro – Ensino Médio da organização Redes de Desenvolvimento da Maré, uma das maiores e mais expressivas da região. A Redes, como é conhecida, possui três prédios na Rua Sargento Silva Nunes, importante via da comunidade Nova Holanda, na altura da passarela 9 da Avenida Brasil⁵⁶, e tem vários parceiros internos e externos, incluindo empresas, órgãos governamentais, instituições não governamentais e organismos internacionais. Assume como missão:

Promover a construção de uma rede de Desenvolvimento Territorial através de projetos que articulem diferentes atores sociais comprometidos com a transformação estrutural da Maré e que produzam conhecimentos e ações relativas aos espaços populares, que interfiram na lógica de organização da

⁵⁵ Foi proposto que cada um dissesse uma palavra associada a algo de que gostasse ou que tivesse a ver com ele ou ela. Foram estimulados a falar o que viesse à cabeça, sem pensar muito.

⁵⁶ As passarelas de pedestres são pontos de referência citados comumente por quem mora ou trabalha ao longo da Av Brasil, a maior via urbana do país, com 58,5 quilômetros de extensão, cortando vários bairros e localidades.

cidade e combatam todas as formas de violência. ((RELATÓRIO NARRATIVO ANUAL 2013, 2013)

Como estratégia de atuação, a instituição busca desenvolver projetos sobre temáticas como: educação; arte e cultura; mobilização social; segurança pública; desenvolvimento local; comunicação; combate à violência; e geração de trabalho e renda.

Inserido no programa Rede de Saberes, o curso Preparando o Futuro – Ensino Médio foi inaugurado em 2003, seguindo o êxito do curso preparatório para o vestibular, oferecido desde 1999 pela instituição. O programa busca fortalecer a escola pública, em todos os níveis, por meio de incentivo para que os alunos frequentem regularmente as aulas e participem dos eventos realizados durante o curso ou de outros projetos oferecidos pela instituição. “A ideia é fazer com que os estudantes tenham um compromisso maior, não apenas como alunos, mas como parte fundamental de um ideal maior: o de construir, por meio da educação, um mundo mais justo. (REDE DE SABERES, 2012).

O curso tem, em média, 120 alunos por ano, dos quais cerca de 50 são aprovados em seleções para escolas públicas de ensino médio, dentre elas as escolas técnicas federais. Há duas turmas, sendo uma pela manhã e outra à tarde, para atender aos que estudam em turnos diferentes⁵⁷. As aulas são de segunda a quinta-feira, e às sextas acontece a reunião de professores. São oferecidas ainda várias atividades externas.

[...] uma das metas do projeto é levar os estudantes a participar de iniciativas sociais – na comunidade ou não – como uma das maneiras de contribuir para sua formação enquanto cidadão e profissional. Esta concepção de aprendizado, integrada à percepção do papel do indivíduo como agente social, tem propiciado aos alunos – além de uma educação de qualidade – a conquista de uma consciência cidadã e humana, cuja atuação ultrapassa os limites da Maré e se estende para os diversos espaços do mundo globalizado (REDE DE SABERES, 2012).

A descrição do ambiente reflexivo no qual os participantes deste grupo e também aqueles do grupo Vida Real estavam inseridos situa a discussão sobre a condição de “aluno de projeto social”, categoria analisada por autores como Novaes. Ser um “jovem de projeto” ressalta um aspecto distintivo em relação aos demais moradores de favelas da mesma faixa etária. Este vínculo suscita a apropriação “de ideias, palavras e expedientes, incluindo-os em suas estratégias de sobrevivência social” (NOVAES, 2006, p. 113).

⁵⁷ É obrigatório estar cursando a escolaridade regular, sendo o curso uma complementação aos estudos.

Esta pesquisa considerou o vínculo com a organização social um aspecto relevante para a produção de sentidos dos integrantes do grupo, mas procurou fugir de qualquer rotulação, entendendo a instituição como uma importante comunidade discursiva⁵⁸ dos adolescentes participantes dentre várias outras.

Nas discussões com o Grupo Preparatório Redes, houve manifestações indicativas de reflexões promovidas pela instituição, como a referência ao adesivo em alusão à legalidade da intervenção policial nas casas dos moradores, que reproduzo a seguir (Figura 3). *Ah, você não conhece?*, disse um dos adolescentes, que me entregou o adesivo da campanha, provida pela Redes de Desenvolvimento da Maré, em parceria com o Observatório de Favelas e a Anistia Internacional. No entanto, ao longo das dinâmicas realizadas, percebeu-se a pluralidade discursiva do grupo, conforme veremos no capítulo 5.

Figura 3 - Adesivo em alusão à legalidade da intervenção policial nas casas dos moradores



Fonte: Redes de Desenvolvimento da Maré (2013)

⁵⁸ O conceito de comunidade discursiva, segundo Maingueneau (1993 apud ARAÚJO, 2003) refere-se a “grupos que produzem e fazem circular discursos que neles se reconhecem e por eles são reconhecidos”.

O início da pesquisa, na terceira semana de novembro de 2012⁵⁹, seria um obstáculo maior não fosse o apoio da coordenadora do curso e a disposição dos alunos em participar. Eles já haviam se submetido à maior parte dos exames de seleção para escolas técnicas de ensino médio e teriam apenas mais duas semanas de aula na instituição. Trata-se de um fato relevante para o estudo, considerando ainda: o fim do período letivo na escola e de um ciclo, o Ensino Fundamental; a proximidade do final do ano; e o elevado índice de evasão escolar nessa época do ano. A opção de iniciar o trabalho na turma da tarde foi motivada pela maior presença dos alunos deste turno naquele momento, de acordo com a coordenação do curso, o que não significa que haja uma regularidade em relação a essa diferenciação, considerando os anos anteriores.

Logo no primeiro contato com a turma, quando fiz o convite à participação, foi possível perceber a proximidade entre os alunos e a coordenadora do curso, que além de ceder parte do tempo de suas aulas para a realização da pesquisa, estimulou os alunos a participarem.

Cinco dos seis encontros aconteceram em uma sala de aula, no terceiro andar do prédio sede da Redes de Desenvolvimento da Maré. O acesso não é feito por escadas, e sim por uma rampa, com piso antiderrapante, acessível a deficientes físicos. Pequenas mesas redondas e cadeiras de diversas cores compõem o ambiente acolhedor e facilitador para a proposta de dinâmica participativa. A mesa dos professores segue o estilo e tamanho das outras, mas em formato retangular. Fica no canto esquerdo da sala, a partir da entrada, de frente para as demais. Na parede ao fundo, em tom violeta claro, há um aparelho de TV e um quadro branco sobre o qual estava afixada uma faixa estreita de papel, ao longo de todo o quadro, com uma citação de Guimarães Rosa, do livro *Grande Sertão: Veredas*: “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2006, p. 318).

A sala era clara e arejada, com janelas voltadas para fora do prédio e para o corredor interno. Dois ventiladores de teto ajudavam a refrescar o ambiente, nas tardes quentes do período de realização da pesquisa. Como ponto negativo, ressalto o ruído provocado por estes equipamentos, associado ao barulho externo, devido a uma obra próxima ao prédio, dificultando a audição de algumas falas dos adolescentes.

⁵⁹ O atraso para o início da pesquisa se deu pela alteração no projeto original em relação à primeira instituição onde seria feita a pesquisa, sendo necessária a submissão de emenda ao Comitê de Ética na Pesquisa.

Após a apresentação, 15 adolescentes manifestaram interesse em participar da pesquisa. No entanto, um deles não compareceu a nenhum dos encontros e a presença dos demais oscilou no decorrer dos encontros: dez no segundo, 13 no terceiro, 11 no quarto, cinco no quinto e cinco no sexto⁶⁰. A maior evasão no quinto e no sexto encontros deve-se ao fato de terem ocorrido em período de férias. Ressalta-se a presença, nos quatro encontros iniciais, de alguns alunos que não tiveram interesse em participar da pesquisa, mas quiseram permanecer na sala, jogando xadrez ou fazendo outras atividades, sem se manifestar nas atividades, mas mantendo silêncio, em respeito ao grupo.

Em termos gênero, a composição do grupo também variou: nos dois primeiros, houve mais meninas que meninos e nos três últimos, eles estiveram presentes em número maior. Os encontros tiveram duração entre 1 hora e 15 minutos a 1 hora e 30 minutos, tempo superior ao que foi possível obter nas atividades com os outros grupos. Nos intervalos das dinâmicas, ofereci pequeno lanche aos participantes.

4.4.2 Grupo Vida Real

O Instituto Vida Real fica localizado em uma das principais vias da comunidade Nova Holanda, a Rua Teixeira Ribeiro, a menos de cem metros da Avenida Brasil, também na altura da passarela 9. Bastante movimentada, concentra estabelecimentos comerciais de diversos setores (mercearias, lanchonetes, bares, lojas de roupas, móveis, oficinas mecânicas e de consertos etc.). Aos sábados, abriga uma feira livre, que torna ainda mais intenso o fluxo de pessoas na via.

Vizinho próximo das organizações Observatório de Favelas (a 60 metros) e Redes de Desenvolvimento da Maré (em torno de 500 metros de distância), o instituto ocupa o segundo andar de um prédio de dois pavimentos. No primeiro piso, funciona uma loja de móveis e uma casa lotérica⁶¹, que atrai muitos clientes, formando filas que ultrapassam com frequência a porta de acesso às escadas que levam ao segundo andar do edifício. Um pequeno letreiro indica o nome da instituição. O acesso é feito por uma escada de madeira, entre paredes grafitadas por alunos da instituição.

Menor do que a organização Redes da Maré, o espaço físico do Instituto é dividido em sete ambientes: secretaria, sala de projeção, sala de computadores, sala da direção

⁶⁰ O primeiro encontro foi o de apresentação da proposta, onde estavam presentes todos os alunos da turma.

⁶¹ A casa lotérica é também uma opção para o pagamento de contas dos moradores, já que não há agências bancárias na Maré.

/administração, duas salas para oficinas e uma espécie de copa, que serve como refeitório e lugar de encontro dos alunos. As portas de madeira maciça e as fechaduras, muito bem conservadas, mostram o cuidado dos administradores com o espaço, limpo e organizado.

Fundado em 2006, a partir da experiência acumulada com o projeto Vida Real, que desenvolvia atividades de reforço escolar, informática, palestras e encaminhava adolescentes para cursos, a organização tem o objetivo de “ampliar os horizontes culturais e educacionais dos jovens envolvidos no instituto, oferecendo-lhes acesso a bens culturais e desenvolvendo sua capacidade criativa e de geração de trabalho e renda” (QUEM SOMOS, 2013).

Os participantes do grupo da pesquisa estavam inseridos no projeto “Viver e aprender na Maré”, que promove atividades de “complementação ao desenvolvimento da criança e do adolescente”, por meio de oficinas diversas (grafite, informática, música, serigrafia, design gráfico aerografia, entre outras). Os alunos circulam livremente pelos ambientes como se ali fosse uma extensão de suas casas. Uma das participantes do grupo disse que frequenta a instituição várias vezes por dia.

Mesmo não tendo a mesma escolaridade, os adolescentes integram uma turma para a qual são oferecidas aulas e atividades variadas ao longo da semana. Há duas turmas: uma pela manhã e outra à tarde. Após a autorização da direção para o desenvolvimento da pesquisa e tendo o apoio da coordenadora pedagógica do projeto, foi feita a opção de desenvolver o trabalho com os alunos do turno da tarde. A fim de atender ao recorte da pesquisa, a coordenadora preparou uma lista prévia com os nomes de dez alunos na faixa etária definida (de 14 a 16 anos), para os quais foi feito o convite à participação.

Da lista inicial, apenas uma pessoa não quis participar, estando presente somente na apresentação da proposta. Outras duas pediram para participar a partir do segundo encontro. Uma delas participou de todos os demais encontros e a outra não continuou. O grupo, no entanto, contou com a presença da maioria em todos os encontros.

Os encontros com os adolescentes foram realizados na sala de computadores, um espaço facilitador da atividade, permitindo que os participantes sentassem lado a lado, de costas para a bancada de computadores e de frente para os colegas. A composição de cores nas paredes, branca e laranja, buscava identidade visual com a marca do Instituto, reproduzida nas camisetas de malha usadas pelos alunos. Na parede próxima à porta, havia um pequeno quadro branco.

As cadeiras estofadas giratórias (também na cor laranja) deram mobilidade aos adolescentes, contribuindo para que ficassem mais à vontade. A única polêmica quanto ao espaço ocorreu devido ao uso do aparelho de ar-condicionado, instalado abaixo da janela: logo que entravam na sala, alguns manifestavam agrado em se refrescar, mas outros reclamavam do frio, mesmo depois do aumento da temperatura. A solução foi o reposicionamento das hastes e a colocação de uma cadeira próxima para que o ar frio não fosse direcionado a ninguém. Manter o ar-condicionado ligado tornou-se um recurso importante para que a porta da sala fosse fechada nas tardes de temperatura elevada na região. Assim, o grupo poderia falar à vontade, sem incomodar o professor e os alunos da sala ao lado. No último encontro, no entanto, o aparelho não funcionou e tivemos que fazer a atividade com porta e janela semiabertas, o que causou algum desconforto para todos.

O tempo médio de realização das atividades foi de até uma hora. No intervalo entre a pesquisa e a volta para as aulas, o grupo lanchava (o lanche é oferecido diariamente pelo instituto). Na apresentação da proposta de pesquisa, os adolescentes manifestaram curiosidade em saber sobre a investigação e também a respeito da Fiocruz. Apesar da proximidade física do campus-sede em relação à Maré, apenas dois haviam visitado a instituição.

Desde a apresentação da proposta, o contato com os adolescentes foi direto, sem a presença da coordenadora pedagógica ou de outra pessoa da instituição. Os participantes me receberam muito bem, sem fazer distinção entre uma pesquisadora e uma professora, usando em geral esta forma de tratamento. Expressaram-se de modo espontâneo, sem preocupação em demonstrar desconhecimento de algum assunto, fazendo muitas perguntas sobre temas diversos que surgiam nas dinâmicas. Muitos usavam volume de voz elevado ao se manifestarem, sem qualquer correlação com agressividade.

4.4.3 Grupo Legião 92

A Escola Municipal Professor Josué de Castro está situada a duas quadras da Avenida Brasil, na altura da passarela 6 da Avenida Brasil, na comunidade Vila do João. Fica a cerca de 300 metros do prédio da Expansão da Fiocruz. De acordo com o Censo Escolar de 2011, tem

1.682 alunos matriculados, do 1º ao 9º ano, distribuídos em dois turnos letivos, sendo 176 no 9º ano; e 81 funcionários⁶².

A Escola Josué de Castro conta com uma profissional de enfermagem, vinculada ao Núcleo de Educação e Saúde, que dispõe de uma sala com equipamentos e materiais educativos. No período da pesquisa, o local era frequentado por estudantes bem mais novos do que os participantes da pesquisa, devido a atividades desenvolvidas com alunos de séries anteriores. Contudo, havia o planejamento de incluir ações com alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental. Durante as dinâmicas, constatei que alguns integrantes do grupo não sabiam da existência do núcleo na escola.

Diferentemente das outras duas instituições, o processo de entrada no campo para o início da pesquisa foi lento. Em primeiro lugar, porque a escola está inserida em uma estrutura hierárquica bem mais complexa que as outras instituições nas quais realizei a investigação. É subordinada diretamente à 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) do Rio de Janeiro, que por sua vez, vincula-se à Secretaria Municipal de Educação, órgão responsável pela autorização de pesquisas no ambiente escolar.

A partir do aval da direção da escola, fundamental para o início do processo, foi encaminhada a solicitação às instâncias superiores, com a abertura de protocolo e entrega da documentação exigida. Como o projeto já havia sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz, não necessitou de avaliação do CEP das instâncias gestoras da escola, o que demandaria ainda mais tempo. A solicitação foi analisada por equipes especializadas da Secretaria de Educação e da Secretaria de Saúde do município, por abordar tema desta área, e obteve aprovação.⁶³

Outras razões que retardaram o trabalho de campo foram: a suspensão das aulas em consequência das incursões policiais na região⁶⁴ e a própria rotina do espaço escolar, com muitas atividades, além das aulas, como por exemplo, a reunião do conselho de classe (quando as aulas são suspensas) e a eleição do grêmio. Observar a mobilização dos alunos para eleger seus representantes também fez parte do trabalho de campo. Destaco o fato de duas alunas

⁶² Fonte: Fundação Lemann.

⁶³Processo número 07/001.835/2013. A contrapartida exigida foi a apresentação dos resultados da pesquisa para os dois órgãos municipais.

⁶⁴O calendário letivo nas escolas na região tem sofrido frequentes alterações devido aos conflitos armados em áreas conflagradas no Rio de Janeiro.

interessadas em participar da pesquisa não terem tido condições de integrar o grupo devido ao envolvimento em ações relacionadas ao grêmio escolar.

Como não havia horários livres na grade escolar, a direção permitiu a realização das atividades da pesquisa em alguns tempos de aula das disciplinas Educação Física ou Artes. Cada tempo de aula tem duração de 50 minutos e não havia brechas em tempos seguidos. Com a ajuda da diretora, foram identificadas duas possibilidades de formação de grupos para a pesquisa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental regular, ambas no turno da tarde.

A apresentação da proposta foi feita para as duas turmas em datas diferentes, porque uma delas havia sido liberada mais cedo, devido à ausência de um professor no dia agendado. A primeira turma ouviu atentamente a proposta, mas quando perguntei quem gostaria de participar, apenas duas meninas, sentadas lado a lado no fundo da sala, manifestaram interesse imediatamente. Perguntei se teriam dúvidas sobre a proposta e reiterei o convite, mas não houve novas adesões. Registrei duas justificativas para a recusa, de dois alunos mais falantes:

*Não quero participar porque ninguém do grupo vai.
Sou tímida, não gosto de falar de mim.*

As duas alunas que quiseram participar manifestaram surpresa pelo fato de os colegas não se interessarem: *Achei tão interessante, não entendi por que eles não quiseram participar*, disse uma delas. A colega concordou. Ambas eram novas na escola e também moravam há pouco tempo na Maré. No entanto, por motivos diferentes, nenhuma das duas pôde participar das atividades de pesquisa.

Na segunda turma para a qual foi feito o convite, a reação foi diferente da primeira. Vários manifestaram interesse e alguns fizeram perguntas, como: *Para que é esta pesquisa?* e *A gente vai poder ver [o trabalho]?*

Inicialmente, oito alunos se dispuseram a participar, sendo cinco meninas e três meninos. Todos receberam o TCLE, que havia sido lido em sala, para seus responsáveis lerem e assinarem. No dia combinado para o primeiro encontro, duas alunas disseram que as mães não haviam autorizado porque estavam inscritas em um programa de aprendizagem da Fundação. Mesmo com a explicação de que não existia vínculo entre a pesquisa e o programa, e, portanto, poderiam participar de ambos, elas não se interessaram e também não aceitaram a proposta de esclarecimento de dúvidas diretamente com as mães. Nessa data, devido a uma atividade

acadêmica dos alunos, só foi possível realizar a parte inicial da dinâmica prevista para o primeiro encontro: o preenchimento do questionário sobre acesso à informação.

As dinâmicas com este grupo ocorreram em dois espaços: na sala de aula, quando os demais integrantes da turma participavam da aula de educação física, na quadra da escola; e na sala de artes, que se diferenciava das outras salas por ter uma parede espelhada, além de uma bancada de apoio, com uma pia, além de mesas pequenas e carteiras. Havia ainda um pequeno quadro negro.

As janelas, do tipo basculante, nas duas salas, estavam emperradas ou com alavancas defeituosas, impedindo o bloqueio do ruído externo, dos alunos que estavam no recreio ou em outras atividades. Este fato, associado ao barulho do ventilador de teto, dificultou a compreensão de alguns diálogos. A sala de artes possuía aparelho de ar-condicionado, mas precisou ser desligado porque estava vazando água para o corredor interno.

Um aspecto a ser considerado foi a participação apenas de meninas na atividade inicial, de aplicação do questionário. No entanto, somente uma delas continuou no grupo. No encontro seguinte, os meninos foram maioria: quatro, ao lado de uma menina. Dos quatro, dois manifestaram interesse em participar no dia da apresentação e outros dois não estavam presentes anteriormente, e quiseram integrar o grupo (em grande medida, impulsionados pelo vínculo com os colegas que se dispuseram a participar no primeiro dia).

A referência ao gênero dos participantes justifica-se pelo fato de este aspecto distintivo ter sido manifestado com maior intensidade neste grupo. Isto foi possível observar não apenas na expressão das preferências e em demais referências, mas até mesmo no volume de voz: enquanto os meninos usavam tom frequentemente mais baixo, o que algumas vezes dificultava a compreensão, as meninas falavam em volume muito alto. Em uma das dinâmicas, um dos adolescentes, dirigindo-se a uma das meninas que havia interrompido a fala de um colega, disse, em tom de brincadeira: *Você está nos oprimindo.*

Outra característica observada especialmente neste grupo, particularmente entre os meninos, foi uma ironia fina, presente em vários momentos. A convivência entre todos os integrantes do grupo, no entanto, foi sempre respeitosa.

O contato com esses adolescentes, no ambiente escolar permitiu a percepção de aspectos que não puderam ser observados nos outros grupos, como a ausência às aulas por motivos

alheios à vontade do aluno, devido à necessidade de ficar em casa para cuidar do irmão mais novo, quando ocorreu algum impedimento, e a suspensão recorrente das aulas em momentos de confronto armado na região.

A constante quebra da rotina marca o cotidiano desses adolescentes. Com base em pesquisa realizada com moradores de favelas, Machado da Silva e Leite (2007) observaram a existência de diferentes formas de lidar com esta desestabilização promovida por ações violentas no território. A maior dificuldade seria o enfrentamento daquelas com maior grau de imprevisibilidade.

Apesar de o tempo para as atividades neste grupo ter sido reduzido, devido à dificuldade de encontrar brechas de horários na grade escolar, houve intensa participação dos adolescentes nos encontros realizados, com grande contribuição para a pesquisa.

5 VOZES E SENTIDOS DO CAMPO

5.1 SENTIDOS DO JORNALISMO NA VIDA COTIDIANA DOS ADOLESCENTES

A investigação sobre as formas de acesso dos adolescentes aos meios partiu de uma reflexão sobre a coexistência de múltiplos significados do conceito de “acesso”, termo com grande expressividade no contexto atual. Dentre os sentidos que o vinculam aos meios de comunicação, estão: a capacidade econômica de adquirir o produto e/ou o equipamento que viabiliza esse acesso (recursos para comprar um jornal ou revista impressos, um televisor, um computador ou um celular com dispositivo de conexão à internet); e a compreensão dos códigos de linguagem adotados pelos meios, o que implica desde a decodificação da escrita no idioma em que foi registrada à familiaridade com o vocabulário.⁶⁵

Em relação ao primeiro sentido, que correlaciona o acesso aos meios à posse e/ou o uso de equipamentos, destacam-se as recorrentes referências ao computador, que deixa de ser um instrumento de suporte para se tornar a própria chave do mundo do conhecimento. Esta perspectiva, que desde o final da década de 1980 embala discursos de formuladores de políticas públicas (e também acadêmicos, empresariais etc.) no Brasil, ultrapassa a referência ao livro, a produtos jornalísticos ou a equipamentos culturais como instrumentos de acesso a diferentes saberes. Os discursos sobre acesso a computador deslocam sua condição de instrumento para a de extensão dos corpos de seus usuários e, portanto, obrigatórios, inseparáveis. O uso da tecnologia, repetido como um mantra, torna-se inexorável ao ato de conhecer. A expansão dos *gadgets*, especialmente entre os adolescentes, alvo preferencial de empresas produtoras, ilustra esta perspectiva (ver capítulo 3).

O computador, no entanto, como aparelho, não será alçado ao status de fonte do saber, a menos que tenha capacidade de conexão com a internet em nível compatível com os formatos disponíveis de produtos, que se atualizam permanentemente. Vale destacar a antecipação de Flusser sobre o tema, em sua análise sobre a fotografia, escrita originalmente em 1983, que desloca a discussão sobre o poder dos meios da propriedade para o domínio tecnológico.

⁶⁵ A expressão acesso à informação é também aplicada em ao menos outras duas situações que não serão objeto de discussão neste trabalho. Uma delas está inserida no debate sobre inclusão social de pessoas com deficiência. O termo acessibilidade sintetiza o conjunto de medidas e soluções tecnológicas adotadas por veículos de comunicação, canais de instituições públicas na internet e instituições para atender a esse público. A outra aplicação refere-se à liberação de dados sobre a administração pública aos cidadãos que queiram consultá-los, o que se tornou obrigatório no Brasil pela Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.

“Perdeu-se o sentido da pergunta: quem é o proprietário dos aparelhos. O decisivo em relação aos aparelhos não é quem os possui, mas esgota o seu programa” (FLUSSER, 2002, p.27).

Um segundo aspecto ligado ao tema acesso à informação (e não apenas aos meios) é a ideia de que o conhecimento se dá pelo acúmulo de textos e materiais audiovisuais acionados. Embora a crítica a este modelo tenha tido grande repercussão, especialmente a partir da década de 1970, com a contribuição fundamental de educadores como Paulo Freire⁶⁶, ele está presente ainda hoje, na formação escolar, em formulações de políticas públicas e em discursos midiáticos.

A associação dos adolescentes ao uso de computadores e particularmente à internet é reproduzida amplamente nos canais jornalísticos. Notícias e reportagens destacam o crescimento do acesso a esse suporte mesmo em áreas de baixo o poder aquisitivo. Um exemplo foi o espaço dado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em uma edição de domingo, com chamada e fotografia na capa, a respeito do resultado da pesquisa Solos Culturais⁶⁷, que investigou os hábitos e as demandas culturais em cinco favelas do Rio de Janeiro. O título destacava o acesso à internet entre os participantes da pesquisa, na faixa etária de 15 a 29 anos: “Morador de favela está 'superligado' à internet, diz pesquisa” (BRISOLLA, 2013).

Em 2008, o mesmo jornal publicou em um caderno especial reportagens sobre o resultado de uma pesquisa realizada pelo instituto do grupo, o *Datafolha*, acerca dos hábitos de adolescentes e jovens brasileiros em relação a vários temas, incluindo o acesso aos meios de comunicação. Dentre as 1.541 pessoas (de 16 a 25 anos) que participaram da pesquisa, em 168 cidades brasileiras, a TV aberta foi citada por 33% como o meio de comunicação usado com mais frequência para se manterem informados; a internet, por 26%; os jornais, por 19%; o rádio, por 16%; as revistas, por 3%; e a TV por assinatura, por 2%. Entre os jovens de 16 a 17 anos e de 18 a 21 anos, a TV aberta e a internet empatam⁶⁸.

Os dados nacionais e aqueles específicos sobre os moradores de favelas no Rio de Janeiro forneceram subsídios à pesquisa na qual se fundamenta esta tese, que não prescindiu de um levantamento próprio com os participantes dos grupos. Diante do cenário atual, a questão

⁶⁶Guardadas as diferenças entre as linhas teóricas e objetos de estudo, outras referências importantes para a reflexão sobre este tema são Piaget, Freinet e Vygotsky, contemporâneos, que influenciaram educadores para a formulação de novas práticas pedagógicas. Também se destacam as contribuições de Anísio Teixeira e, a partir da década de 1980, de Emília Ferreiro.

⁶⁷Alguns dados e reflexões sobre esta pesquisa serão apresentados adiante.

⁶⁸O texto que aborda esses dados foi intitulado “Internet persegue TV”, assinado por Giulliana Bianconi, em colaboração para a Folha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2707200823.htm>>. Acesso em: 10out.2013.

principal de investigação quanto ao acesso aos meios foi saber as formas como ocorre tendo em vista a oferta existente. Que meios de comunicação os adolescentes acessam? Têm acesso a conteúdos jornalísticos? Em quais suportes? Como acessam? Qual a motivação? O que preferem? Alguém os estimula a buscar esses conteúdos? Confiam nessas informações?

Tais perguntas estão situadas em um contexto marcado pela velocidade de produção e circulação das notícias, gerador de um volume diário inapreensível de informações. Eis um componente central na abordagem sobre acesso a informações, jornalísticas ou não. A seleção não é necessariamente uma escolha a partir da análise das opções apresentadas. No tsunami de informações que atinge usuários dos meios de comunicação, multiplicaram-se os elementos de dispersão. Isto ocorre em todos os suportes, mas em especial na internet, que acumula o atributo da instantaneidade, característicos também do rádio e da televisão, à capacidade de pulverização,

É neste meio, nascido sob a égide da comunicação de muitos para muitos, no qual as definições clássicas de emissor e receptor são questionadas, à medida que esses papéis se confundem, que a proposta de interação se apresenta com maior vigor. A internet aprofundou a experiência não linear da comunicação humana, apostando em múltiplos caminhos disponíveis ao navegante⁶⁹. O uso deste recurso certamente não é recente: na literatura, há exemplos clássicos em Borges e Cortázar, para citar autores latino-americanos que propuseram rotas diferentes de leitura de suas obras.

A metáfora da navegação na web estimula uma aventura hipoteticamente sem bússola, na qual perder-se faz parte do jogo. Contraditoriamente, são oferecidas migalhas de pão (*bread crumbs*) para que, tal qual os personagens infantis dos irmãos Grimm (João e Maria, no Brasil), encontrem o caminho de volta. Não é à toa que o léxico dos arquitetos de informação é rico em metáforas.

O estudo de modelos mentais humanos aplicados ao consumo de produtos de comunicação também não foi inaugurado com a internet. Jornais impressos e revistas atualizam seus projetos editoriais e gráficos a partir de pesquisas sobre o que pode estimular a leitura em meio à quantidade disponível de conteúdo. O posicionamento na página, o uso de fotos e outros recursos visuais, a definição das fontes, do corpo de títulos, das chamadas, dos “olhos” e das áreas de “respiração” são medidas que buscam convidar leitores em potencial.

⁶⁹ Evito usar o termo “navegador” para designar o internauta ou visitante de um sítio na internet por ser este um termo mais associado à ferramenta de acesso (*browser*).

Ao buscar identificar os meios de comunicação acessados pelos participantes da pesquisa, de forma direta ou indireta, em particular produtos jornalísticos nos diferentes suportes (impressos, no rádio, na TV, na internet ou em todos, simultaneamente), tinha clareza da permeabilidade dessa experiência, caracterizada por fluxos intensos de informação aos quais os cidadãos consumidores são expostos e a apelos de variadas matrizes, acoplados a mídias tradicionais ou a novas tecnologias.

O acesso, portanto, não está limitado à compra do jornal impresso, ao fato de o próprio adolescente ligar o aparelho de rádio ou de TV, sintonizar a rádio pelo celular para ouvir notícias ou navegar intencionalmente em sites e portais de empresas jornalísticas. O cardápio de produtos jornalísticos hoje está disponível em suportes diferentes e em formatos variados, está em todo o lugar. Intencionalmente ou não, chega-se a ele por um clique de *mouse* no *link* que alguém postou em uma rede social na internet; por uma rápida virada de olhos em direção ao apresentador do telejornal presente na TV do bar no caminho de casa, reverberando aquilo que foi classificado como notícia ou reportagem, selecionado por jornalistas (produtores, repórteres e editores) para ter espaço na grade daquela edição, ou aquilo que coube⁷⁰; pelo comentário da mulher que conversa com o cobrador de ônibus; e por tantas outras situações cotidianas (não exclusivas de quem vive nas grandes cidades, mas de forma potencializada nesses locais).

Essas são algumas referências que embasaram a análise sobre as formas de acesso dos adolescentes pesquisados a produtos jornalísticos, cujos resultados apresento a seguir.

5.1.1 Formas de acesso aos meios de comunicação

A identificação dos conteúdos jornalísticos acessados no dia a dia pelos adolescentes que participaram da pesquisa foi o ponto de partida desta proposta de análise. Para chegar a tais produtos, houve a preocupação de dar um passo atrás, buscando levantar, em primeiro lugar, os meios e produtos acessados em geral (e não apenas de materiais jornalísticos), nos diferentes suportes. Esta atividade foi realizada em duas etapas, com pequenas variações, nos três grupos.

Na primeira etapa, cada participante respondeu individualmente ao questionário sobre as formas de acesso aos meios de comunicação, em especial a produtos jornalísticos; suas

⁷⁰Faço aqui uma referência à interpretação de Darnton (1990, p.96) sobre o grafite “Toda a notícia que couber, a gente publica”, na parede da sala de imprensa de uma delegacia de Manhattan. Para Darnton, que trabalhava na redação do jornal The New York Times, a manifestação do grafiteiro poderia se referir não apenas ao espaço físico do jornal impresso, mas às concepções prévias relacionadas à notícia.

preferências em relação a esses conteúdos; e se são estimulados por outras pessoas a acessarem determinado meio ou materiais específicos. Terminado o preenchimento do questionário, os adolescentes foram convidados a debater sobre os temas. Em dois grupos, por limitações na grade horária das instituições onde a pesquisa se desenvolveu, não foi possível realizar a dinâmica no mesmo dia em que o questionário foi submetido.

Os participantes de dois grupos não manifestaram muitas dúvidas a respeito do questionário, mas em um deles, foram feitas perguntas que indicaram algumas dificuldades de entendimento das questões. Após o esclarecimento, responderam atenciosamente o formulário.

Apenas as duas perguntas iniciais eram fechadas, sendo que nesta última poderia haver mais de uma resposta. A compilação desses dados foi feita posteriormente, já que a dinâmica em grupo prosseguiu. Ao longo do encontro, os participantes faziam comentários sobre cada item, complementando informações que haviam respondido ou sintetizando as respostas.

Uma primeira consideração acerca da temática deste tópico é a preponderância da televisão e da internet entre os meios de comunicação acessados pelos participantes da pesquisa. Jornais impressos também foram referenciados por mais da metade dos adolescentes, enquanto as revistas tiveram menor indicação de acesso. O rádio foi pouco citado no questionário, mas apareceu nos debates, como um meio acessado indiretamente, por conta do hábito de uma pessoa da casa (mãe, avó, padrasto...), ou para ouvir música. Esta prática revelou-se em momentos diferentes, algumas vezes deslocada do contexto da discussão sobre os meios.

Outro aspecto a ser destacado foi a referência ao livro como um dos meios de comunicação de preferência. Adolescentes dos três grupos, especialmente de dois deles, mencionaram, de forma espontânea, a leitura de livros, tanto no questionário quanto nas discussões que se sucederam. Este dado assume caráter relevante à medida que não deve ser considerado trivial, na atualidade, o enquadramento do livro como meio de comunicação. Além disto, as citações ocorreram mesmo quando a pergunta se referia a canais jornalísticos. A maioria abordou o gênero preferido, incluindo subcategorias: romance, poesia, romances medievais, livros sobre vampiros, a Bíblia, livros sobre mitologia grega, livros sobre adolescentes.

No questionário, não incluí a opção “livro” (da mesma forma que “cinema”, “jogos”, “música” etc.) na lista de meios para não ampliar demasiadamente o foco naqueles meios nos

quais circulam produtos jornalísticos. Pelo mesmo motivo, considerei o telefone celular como ponto de acesso à internet, e não como meio de comunicação.

O acesso simultâneo a diferentes meios foi mencionado em dois grupos. O diálogo a seguir, registrado em um dos grupos (Preparatório Redes), ilustra esta característica, trazendo ainda um componente de autocritica que se aproxima da representação do adolescente como um indivíduo “multimídia”, permanentemente conectado com diferentes dispositivos.

É complicado. A gente fica no computador e esquece do resto (Tiago).

É muito computador, assim (Alex).

Eu ligo o computador e a TV do lado, Aí, quando estou escutado a TV e mexendo no computador, ela [a mãe] diz: ‘Desliga a TV!.’ E eu digo: ‘Estou escutando’ (Tiago).

Esta sincronicidade de acesso aos meios, ou multimídia, para citar o neologismo usual, é associada, de forma recorrente, a adolescentes e jovens, em diferentes produtos midiáticos, seja em formato jornalístico, publicitário ou de entretenimento. A relação orgânica com as chamadas novas tecnologias é estimulada para todos, mas para quem ainda não chegou à idade adulta, por mais variável que seja esta classificação, estar “plugado” em diversos canais, para além dos aparelhos já “incorporados”, tornou-se quase uma condição, do ser adolescente ou jovem, reforçada por discursos adultos, conforme discuto no capítulo 3.

O adolescente morador de favela, em uma metrópole como Rio de Janeiro, também compartilha desse universo informacional, por meio do consumo de signos e de marcações sociais em territórios virtuais (BARBOSA; DIAS, 2013, p.187). Assim como outros indivíduos da mesma faixa etária que não vivem em favelas, ele se inscreve em um campo de disputa de sentidos que perpassam os diferentes meios e canais.

5.1.1.1 A televisão

Quando eu acordo, eu ligo a televisão e deixo ela ligada (Manuela, grupo Vida Real).

Quem acordar primeiro, liga (Paula, grupo Vida Real).

Acordando primeiro, quem liga sou eu. Agora se meu irmão acordar primeiro, quem liga é ele (Carol, grupo Vida Real).

Quando não tenho nada pra fazer, vou trocar de canal e depois vejo (André, grupo Vida Real).

Televisão, você acorda para ir à escola e já liga, né? Chega da escola com a televisão ligada. Chega do curso, também. Praticamente o dia inteiro com TV (Vitor, grupo Preparatório Redes).

Eu já acordo e a televisão já tá ligada (Débora, grupo Legião 92).

As frases anteriores foram capturadas nos encontros realizados com os três grupos de adolescentes, de modo especial em dois deles (Preparatório Redes e Vida Real). Além destas, várias outras falas confirmaram a presença cotidiana na TV no contexto dos participantes da pesquisa. Mesmo aqueles que estudam no turno da manhã, têm algum contato com o meio antes de sair de casa, ainda que não tenham ligado o aparelho. Isto ficou mais claro no decorrer das dinâmicas com os grupos, quando os adolescentes faziam referências a conteúdos que assistiram.

Os relatos apontam uma relação de proximidade com a televisão no cotidiano desses adolescentes, ultrapassando os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense), de 2012 (IBGE, 2013), acerca do hábito de assistir televisão, que registraram o tempo médio de duas horas ou mais em um dia de semana comum. De acordo com o levantamento, feito com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas no Brasil, este quesito alcançou 78% dos respondentes, sendo superior para adolescentes do sexo feminino (79,2%), enquanto para os do sexo masculino, esta proporção foi de 76,7%. O município do Rio de Janeiro apresentou maior frequência do hábito de assistir a duas horas ou mais diárias de televisão: 82,3%. Dentre os alunos de escolas públicas, o percentual foi superior (83,3%). Vale observar que o IBGE (2013, p. 58) justifica a delimitação do tempo de duas horas em referência à recomendação da OMS de que as crianças não devem estar mais que uma ou duas horas por dia em frente à TV ou diante de vídeo game.

Apesar das manifestações relativas à audiência televisiva ao longo das atividades nos grupos, alguns não marcaram a opção “TV” como resposta a uma das perguntas do questionário sobre os meios que acessavam. Três prováveis motivações foram identificadas posteriormente, após os debates: a compreensão de que o verbo acessar demandaria obrigatoriamente uma iniciativa pessoal (ou seja, caso não ligassem o aparelho, não considerariam um acesso); o fato de a pergunta (“Quais são os meios que você mais acessa?”) incluir o advérbio de intensidade “mais”, justificativa pontuada por dois adolescentes em um dos grupos para explicar por que não selecionaram a opção “TV”; e a naturalização da televisão no espaço doméstico, o que não implica destituí-la de seu valor simbólico.

As citações feitas a respeito do meio não respaldam a hipótese de que ao ficar ligada o dia todo, ela poderia ser colocada, por eles, no mesmo nível de significação que um eletrodoméstico qualquer, tal qual uma geladeira, que está sempre em funcionamento, independentemente do ato de abri-la e fechá-la, para que cumpra sua função. A relação desses adolescentes com o meio televisão não se esgota na “passagem” obrigatória pelo ambiente onde está o aparelho. Ele é parte constitutiva da vida cotidiana, com capacidade de organizar o horário diário dos indivíduos, ordenar e impor rotinas diárias (THOMPSON, 2009, p.43). Muitos pesquisadores brasileiros também se debruçaram a analisar a ação organizadora ou perturbadora (dependendo do enfoque) da TV na rotina das casas, a exemplo de Sodré (2009).

Ao contrário da internet, cujo acesso é geralmente individual⁷¹, a televisão, assim como o rádio, tem a capacidade de congrega pessoas no mesmo espaço físico, de modo especial, aquelas de baixa renda, com restrições econômicas para o consumo de outros meios de comunicação e bens culturais. No Brasil, segundo dados agregados a partir do censo de 2010, a posse de televisão⁷², tal qual a da geladeira, é quase universal, variando pouco entre moradores dos chamados aglomerados subnormais⁷³ e a população que não vive nessas áreas (IBGE, 2013).

Este resultado se confirma no levantamento Prova Brasil 2011, feito com escolares do 9º ano do Ensino Fundamental. A partir do recorte por instituição, foi possível acessar os resultados referentes aos alunos da Escola Municipal Josué de Castro, que abrigou um dos grupos de pesquisa desta tese: do total de respondentes, 20% tinham um televisor em cores em casa, 51%, tinham dois aparelhos, 29%, três ou mais; e ninguém morava em uma casa sem televisor em cores⁷⁴.

Em um dos grupos (Preparatório Redes), foi ressaltada a presença da televisão como primeiro meio de comunicação ao qual acessam. Depois, se o assunto interessar, vão aprofundar na internet. Contudo, uma das participantes discordou dos colegas, registrando sua preferência

⁷¹Ainda que seja um ambiente interativo por excelência, o ato de acessar a web, por meio de um computador convencional ou um dispositivo móvel, demanda uma iniciativa do sujeito.

⁷²Sigo a denominação adotada pelo IBGE, em vez de televisor, substantivo cujo significado restringe-se ao aparelho. Já a palavra televisão tem o duplo sentido de meio e aparelho.

⁷³Ver descrição do conceito no capítulo 4.1.

⁷⁴Os resultados da Prova Brasil e do Censo Escolar foram organizados por uma parceria entre a Meritt e a Fundação Lemann, que trabalharam na construção do Qedu. Diferentemente do IBGE, nesta pesquisa é usado o termo “televisor”. Os dados estão disponíveis em: <<http://www.qedu.org.br/escola/174494-professor-0430001-escola-municipal-josue-de-castro/pessoas/aluno9ano>>. Acesso em 20jul2013.

pela internet: *Eu acho que na televisão é muito resumido. Vou direto para o site, que aprofunda mais.*

Já no grupo Legião 92, a primeira referência à TV foi negativa: *Só tem desgraça*, disse Lucas. A fala remete a uma crítica em relação ao noticiário, especialmente a programas que apelam ao grotesco, conforme veremos adiante. Em seguida, no entanto, questionados sobre suas preferências na televisão, apontaram: desenho, novela, jornal (telejornal) e MTV. Houve destaque para as novelas:

Tem novela que é legal (Débora).

Tem novela inteligente e agradável de ver (Gabriel).

Citaram nomes daquelas que consideravam boas: “Amor à vida”, “Caminho das Índias” e “O profeta” (Rede Globo) e “Carrossel” (SBT).

O perfil de acesso a conteúdos televisivos foi distinto no grupo Preparatório Redes, no qual nenhum participante manifestou interesse particular por telenovelas.

Eu não tenho muita vontade, não (Vitor).

Difícilmente vejo (Tiago).

Quando estou jantando, às vezes (Mariana).

Quando não tem nada pra fazer, né? (Guilherme).

As pessoas nas casas de vocês veem? (pesquisadora).

Minha mãe vê bastante (Alex).

Diferentemente destes adolescentes, os integrantes do grupo Vida Real revelaram grande interesse por esse gênero narrativo. Vários citaram a novela “Malhação”, da Rede Globo, e comentaram sobre os personagens. Também fizeram referência a “Salve Jorge” (Rede Globo) e uma participante destacou a novela “A usurpadora” (SBT). *Chata...*, retrucou um adolescente.

Neste grupo, a discussão sobre novelas voltou em outros momentos, que incluíram críticas como as que seguem em relação à novela mexicana “Marimar”, exibida pela emissora SBT e reprisada várias vezes. A última fala da sequência abaixo revela uma saturação quanto ao *modus operandi* da produção novelesca.

Repetiu um monte de vezes. Ninguém merece (Manuela).

Repete toda hora (Daniel).

É só Marimar isso, Marimar aquilo... A mesma personagem do Carrossel. É a mesma personagem de todas as novelas. É sempre a mesma pessoa, não muda nada. Já tá velha, já (Paula).

Produto de amplo consumo em todo o país, a telenovela reedita o papel da programação de emissoras de rádio até a chegada da televisão no cotidiano das populações no interior do Brasil. Esta função de organizar os horários domésticos a partir da programação fica explícita na referência às telenovelas da Rede Globo: novela das seis, novela das sete, novela das nove. A própria grade de programação é uma matriz de sentido, que não resulta de uma decisão exclusiva de especialistas, mas da concorrência de formulações entre atores diversos, como educadores, pais e setores governamentais (SODRÉ, 2009, p.88).

Além das novelas, em todos os grupos, houve referências a outros programas de entretenimento e esportivos. No caso deste último, as manifestações de preferências foram de adolescentes do sexo masculino, marcando distinção de gênero, como aparece no diálogo a seguir. Diante da pergunta sobre o tipo de conteúdo que despertava interesse para ligarem a televisão, alguns participantes do grupo Preparatório Redes responderam:

Ah, esporte (Vitor).

É, esporte (Guilherme).

Entretenimento. Qualquer seriado, assim (Alex).

Seriado é bom (Mariana).

Em relação a programas de entretenimento, o grupo Legião 92 mencionou desenhos, filmes e séries, sem especificar quais, enquanto uma adolescente do grupo Vida Real listou três dos quais gostava: “O melhor do Brasil” (Record), “Eliana” (SBT) e “Sílvia Santos” (SBT). Outros participantes do grupo citaram programas e canais fechados (pagos) entre os seus preferidos: Canal Futura, *Discovery Kids* e Telecine (um dos adolescentes especificou sua preferência pelo Telecine *Action*). Em relação a este último, o tema da repetição de episódios e/ou programas voltou a ser discutido:

É sempre a mesma coisa (Eduarda).

No final de semana, eles trocam [a programação] (Henrique).

No grupo Preparatório Redes, foram citados os canais fechados de televisão *Discovery Channel* e *GloboNews*. O acesso a estes meios apareceu em todos os grupos, a partir de referências a programas e emissoras. Muitos participantes disseram ter acesso a TV por assinatura e alguns informaram que já tiveram em um período anterior à pesquisa. Os dados

quantitativos sobre o acesso a serviços de TV por assinatura no país não foram coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Censo de 2010. A Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2013 investigou, pela primeira vez, este item.

O levantamento feito pelo projeto Solos Culturais, com moradores de 15 a 29 anos, em cinco favelas cariocas, em dezembro de 2012, mostrou elevado acesso a esse serviço: 57,8% dos entrevistados moradores da favela de Manguinhos e 76,1% dos moradores do Complexo da Penha informaram que assistem sempre TV a cabo. Ambas estão situadas na mesma região da Maré (Leopoldina). Embora a Maré não tenha sido incluída na pesquisa, os resultados são significativos para o contexto dos residentes daquele território.

Ao comentar a respeito de uma de suas respostas ao questionário, uma participante do grupo Preparatório Redes ressaltou que quando mencionou a televisão, pensou logo em telejornal. Quando questionei o grupo sobre quais seriam os telejornais e de quais emissoras, um adolescente respondeu: *Acho que a Record tem muito conteúdo. A única coisa é que repete muito as notícias. Mas também assisto à Rede Globo.* Outros também fizeram referência às emissoras Record e Globo, com mais ênfase nesta. Contudo, não pontuaram um telejornal específico de nenhuma das duas emissoras.

Já no Legião 92, apenas um integrante do grupo citou o telejornal como produto televisivo pelo qual tinha interesse. Outros disseram que não assistiam ou que assistiam raramente. No entanto, os telejornais “Jornal Nacional”, da Rede Globo, e “SBT-Rio”, do SBT, foram listados pelo grupo no último encontro, quando fizeram um mapa contendo as fontes de informação sobre cuidados com a saúde. O fato de não os terem citado no encontro inicial sobre acesso aos meios de comunicação foi entendido como esquecimento ou falta de oportunidade durante o debate, à medida que a dinâmica proposta abria espaço a intervenções dos colegas, que poderiam levar a discussões sobre outros temas correlacionados.

No encontro sobre acesso aos meios de comunicação, uma participante comentou que assistia ao telejornal “Balanço Geral”⁷⁵, da Record, e em seguida, um menino faz referência a outro telejornal da emissora: “Cidade Alerta”⁷⁶, dois programas direcionados às classes

⁷⁵O programa tem duas edições diárias, de segunda a sexta-feira, às 6h30 e às 12h.

⁷⁶A emissora apresenta o programa da seguinte forma: “Cidade Alerta é um jornalístico da TV Record, exibido de segunda a sexta-feira, às 17h. O jornal carrega muita história. Há tempos fora da grade da TV Record, o programa retorna já consagrado pelos telespectadores, devido ao jeito ágil de passar a informação e com a credibilidade dos profissionais de jornalismo da emissora. Apresentado atualmente por Marcelo Rezende, com a participação em tempo real de Comandante Hamilton e as câmeras e equipes comandadas pelo apresentador, o Cidade Alerta leva até você um olhar diferente da notícia habitual.” Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidade-alerta/o->

populares, que atualizam o *fait divers*,⁷⁷ acentuando a carga dramática de episódios como crimes, acidentes, situações inusitadas etc. O telejornal “Balanço Geral” foi citado também em outro grupo (Vida Real), sendo o interesse justificado pela frase: *Porque fala de tudo*.

Apesar de ter como objeto de estudo um jornal impresso “popular”, na década de 1970, a classificação de Serra sobre os processos de produção de conteúdo traz elementos que ajudam a compreender os telejornais mencionados. O autor identifica três processos: a dramatização, a perversão e a recuperação. O primeiro colocaria o veículo jornalístico no nível de uma testemunha do fato; o segundo seria a representação dos fatos pelo deslocamento de seu significado em direção a aspectos que estabelecerão mais facilmente um canal de identificação com o público; e o terceiro, recupera o sentido diferencial, por meio de um discurso moralizante, “seja pelo tom condenatório, irônico, pejorativo e ridicularizador da narrativa” (SERRA, 1980, p.35-40).

O discurso formador da televisão como lugar de disseminação de informação e fonte de entretenimento permanece, embora não necessariamente as duas funções autorreferidas deste meio sejam excludentes em relação aos seus diferentes conteúdos. Os telejornais citados acima se apropriam de elementos da dramaturgia para apresentar notícias.

O uso de bordões pelos apresentadores de programas jornalísticos é um recurso que reforça essa junção entre informação e entretenimento, buscando proximidade do público. Não é casual que, ao falar sobre o programa “Cidade Alerta”, a adolescente repita o bordão do apresentador Marcelo Rezende: “Corta pra mim, corta pra mim, Percival”⁷⁸, e todos riem.

Ao fazer referência ao programa “Domingo espetacular”⁷⁹, da Record, uma participante do grupo Vida Real faz um gesto semelhante ao da integrante de outro grupo, repetindo o bordão do apresentador Paulo Henrique Amorim: *Olá, tudo bem?* Embora tenha formato diferenciado dos telejornais citados, o programa referenda a adoção de bordões que vem caracterizando as

programa/>. Acesso em 12 nov 2013.

⁷⁷ A expressão em francês (fatos diversos, em português) é entendida aqui como descreve Sodré: uma aberração normativa das relações entre seres humanos e natureza. O uso da expressão adquiriu importância teórica para os estudos do jornalismo a partir de Barthes (SODRÉ, 2009: p 227-230).

⁷⁸ O jornalista lançou um livro no qual usa o bordão como título.

⁷⁹ O programa é definido pela emissora como “revista eletrônica de informação e entretenimento para os telespectadores aos domingos.” “Domingo Espetacular” estreou em abril de 2004. Além de Amorim, apresentam o programa as jornalistas Janine Borba e Fabiana Scaranzi. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/saiba-mais-sobre-o-programa-domingo-espetacular-14102013>>. Acesso em 28nov2013.

produções da emissora. A própria Rede Record selecionou em seu *site*, em 2012, sete bordões usados por apresentadores de diferentes programas considerados os melhores da emissora⁸⁰.

Na contramão desse modelo, adolescentes dos três grupos citaram espontaneamente o programa jornalístico “Globo Repórter”⁸¹, da TV Globo, um dos mais antigos da televisão brasileira, há 40 anos no ar, embora tenha sofrido alterações em relação ao formato e ao horário de exibição. No grupo Preparatório Redes, a referência foi feita posteriormente, por uma participante: *Eu gosto muito de ver o Globo Repórter, aquela das sextas*. A mesma adolescente citou uma reportagem do programa “Profissão Repórter” (Rede Globo) quando o grupo debatia sobre um texto jornalístico que abordava o consumo de álcool por adolescentes⁸².

Em relação ao “Globo Repórter”, outro integrante deste grupo disse que o considera de *qualidade muito boa* e que assiste ao programa *quando não tem algo para fazer*. Vale ressaltar que o ele é exibido em um dia da semana bastante concorrido com outras atividades, por ser véspera do fim de semana. O adolescente completou: *Minha avó vê todos os programas*. Uma colega do grupo citou a audiência do pai e outros participantes afirmaram que assistiam ao programa de vez em quando.

Também em todos os grupos, mas com menor ênfase em um deles, houve referência ao telejornal “Globo Esporte”, da Rede Globo. O programa esportivo, que estreou em 1978, propõe-se a “trazer para perto do telespectador o espetáculo e a emoção do esporte, além de acompanhar o cotidiano e o trabalho de atletas, destacar exemplos de esportistas e treinadores que superam as dificuldades do dia a dia e mostrar projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social” (MEMÓRIA GLOBO, 2013)⁸³.

Um destaque em relação aos conteúdos jornalísticos acessados na televisão foi o programa Bem Estar, da Rede Globo, mencionado, espontaneamente, em todos os três grupos. Veiculado de segunda a sexta-feira, às 10h, aborda temas relacionados à saúde, como cuidados com o corpo e melhorias nos hábitos alimentares, em uma linguagem didática⁸⁴ O fato de os

⁸⁰Os “Top sete bordões da Record” estão disponíveis em: <<http://rederecord.r7.com/2012/05/13/top-sete-bordoes-da-record/>>. Acesso em 10nov2013.

⁸¹Estreou em abril de 1973. Vai ao ar às sextas-feiras, às 22h, após a novela das 9h.

⁸²Esta discussão está relatada no item 5.1.

⁸³ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/formato.htm>>. Acesso em 12nov2013.

⁸⁴ O programa estreou em fevereiro de 2011. Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2011/02/conheca-o-bem-estar-novo-programa-de-saude-da-tv-globo.html>>. Acesso em 18out2013.

adolescentes afirmarem que assistem a um programa com este perfil, mesmo não sendo seu público-alvo preferencial, despertou particular interesse para esta pesquisa, ainda que não sejam eles próprios a ligarem a televisão para assistir ao programa. *Eu vejo, assim, quando acordo, está passando, na Globo*, explica Daniela, do grupo Preparatório Redes.

O programa, com duração de 40 minutos, mantém dois jornalistas como apresentadores e consultores (fixos e eventuais) de diferentes especialidades médicas e de outras áreas da saúde. Segue um formato que valoriza o dinamismo, seja por meio da movimentação dos jornalistas e consultores nos cenários distintos, pela prática de demonstrar visualmente os processos relacionados aos temas apresentados ou pela interação com os telespectadores, que enviam suas perguntas aos consultores. Os jornalistas também fazem comentários, assumindo postura participativa, e não apenas de narradores ou entrevistadores, acerca dos conteúdos abordados.

5.1.1.2 A internet

Todos os participantes da pesquisa acessam regularmente a internet. Em um dos grupos (Legião 92), o destaque a este meio foi acentuado desde o início das discussões. Diante da pergunta sobre os meios de comunicação acessados, um adolescente respondeu, em tom sagaz: *Tem um que a gente acessa mais*. A resposta, “embutida” na fala, foi imediatamente completada por uma colega do grupo: *internet*. Os outros participantes confirmaram que o tempo de uso da internet, comparado àquele dedicado à televisão é muito superior, conforme revela o diálogo a seguir:

Muito mais (Lucas).

Hoje em dia, é (Débora).

A televisão seria o segundo (Gabriel).

Por quanto tempo, vocês calculam? (pesquisadora).

Bastante (Luís).

24 horas. Aqui, no celular! (Débora).

Sobre o local de acesso, os participantes deste grupo informaram que seria em casa, por meio de microcomputador, ou via telefone celular. *Tenho em casa e no telefone*, disse um menino. Quando perguntei se não precisavam dividir com ninguém em casa (o computador ou

telefone com acesso à internet), Débora respondeu: *Lá em casa, cada um tem o seu telefone*. A mobilidade em relação a este suporte e a característica de uso individual do aparelho são fatores que contribuem para o tempo maior de conexão.

O uso de aparelhos de telefonia celular com acesso à internet (*smartphones* e *tablets*) não foi averiguado pelo Censo de 2010. Tal qual o acesso à TV por assinatura, o indicador só foi objeto de investigação na PNAD de 2013, cujos resultados não estavam computados no período de elaboração da tese. De acordo com o Censo 2010, dos 41.759 domicílios no Complexo da Maré, 15.743 possuíam microcomputadores, o que representa 37,69% do total. Quanto aos microcomputadores com acesso à internet, estavam presentes em 12.957 domicílios, 31,02% do total. Já o acesso a telefones fixo e celular abrangeu 38.465 domicílios (92,11% do total), sendo: 17.234 apenas com celulares (41,27%), 17.927 com telefones fixos e celulares (42,92%) e 3.304 (7,91%) apenas com telefones fixos.

No grupo Preparatório Redes, todos disseram ter acesso de casa. Já no grupo Vida Real, embora a maioria tenha informado que acessava a internet de casa (oito adolescentes), três participantes disseram que usavam o meio em *lan houses* e um, na casa de amigos. Não houve referências ao uso de telefones celulares como meios de acesso à internet nos outros grupos, o que não significa que nunca acessem por este suporte.

Em relação aos formatos, houve variações significativas entre os três grupos. No Preparatório Redes, dos 13 respondentes ao questionário, 11 informaram que acessam sites e dois, portais. Os adolescentes poderiam selecionar mais de um meio. No entanto, as duas pessoas que marcaram “portais” não marcaram “sites”, o que não necessariamente indica que não acessem sites, mas que os identifiquem como portais. Vale ressaltar que a distinção entre sites e portais⁸⁵, presente no questionário proposto a esse grupo, gerou alguma confusão, revelada ao longo das discussões, à medida que são conceitos pouco claros para grande parte dos usuários da internet e que são tomados como sinônimos com frequência. Por este motivo, o questionário apresentado aos outros dois grupos, formados posteriormente, fez referência apenas a sites, que contempla os portais.

Para a pesquisa, importava saber quais eram os meios acessados, e não a maneira como são classificados na literatura específica. Os dados coletados foram considerados, portanto,

⁸⁵Os primeiros portais eram sites de busca, que além dos diretórios de pesquisa, ofereciam serviço de e-mail gratuito. Depois passaram a ser entendidos como qualquer site que sirva para entrada dos usuários na internet (PINHO, 2003)

conforme esta orientação. Um exemplo foi a referência ao “R7”⁸⁶ como portal em um dos grupos (Preparatório Redes) e como site, em outro grupo (Vida Real). Outro participante deste último grupo, considerou o R7 uma rede social.

O descolamento entre os conceitos dos produtos ou seus enquadramentos e as formas como seus usuários os tomam ficou claro no debate a seguir, do grupo Vida Real, a partir da pergunta acerca dos *sites* de que gostam mais. Apenas um dos participantes procurava diferenciar sites e plataformas virtuais de redes sociais, conforme suas especificidades definidas tecnicamente, embora, a rigor, estas também possam ser denominadas sites.

Facebook, Youtube (André).

Facebook. (Isabele).

Ask. (Paula).

Vocês estão falando de rede social (Henrique).

O Instagram não é; é um aplicativo no celular (Manuela).

Eu tenho só Facebook. (Daniel).

É site, não rede social: O Globo, R7... (Henrique, falando pausadamente, em tom mais alto, paralelamente a outras falas).

Apesar da divergência, no questionário, seis integrantes do grupo marcaram a opção *sites* e cinco incluíram redes sociais na lista dos meios de comunicação acessados. Já no grupo Preparatório Redes, uma adolescente disse que não gostava muito de sites. O debate seguiu com outras intervenções e não foi possível retornar a possíveis críticas da participante. Uma colega citou o site da organização ambiental *Greenpeace* e outro afirmou: *São tantos que é difícil responder.* Os portais R7 e G1 foram mencionados por vários. Outro adolescente do grupo manifestou sua prática de buscar conteúdos jornalísticos: *Eu chego da escola e vejo todas as notícias pelo site.*

Em termos quantitativos, o indicador de acesso a sites na internet mais próximo dos participantes da pesquisa é o que traz os resultados do questionário Prova Brasil de 2011, recortado para alunos do 9º ano da Escola Josué de Castro. De acordo com as respostas dos estudantes no ano em que foi feita a coleta (2011), 65% liam sempre ou quase sempre sites da internet; 28% liam de vez em quando; e 7% nunca ou quase nunca.⁸⁷ A referência a esses dados

⁸⁶Portal da Rede Record.

⁸⁷Meritt e Fundação Lemann. Qedu. Disponíveis em <<http://www.qedu.org.br/escola/174494-professor-0430001-escola-municipal-josue-de-castro/pessoas/aluno9ano>>. Acesso em 8jun2013.

serve apenas como parâmetro, não tendo correspondência direta com os resultados da pesquisa qualitativa aqui proposta.

No grupo Legião 92, o acesso a sites seria motivado pela busca do noticiário, de curiosidades e acontecimentos históricos. Um participante deste grupo citou a *deep web* (*web* invisível ou *web* profunda), termo que designa um conjunto de conteúdos não indexados por mecanismos de busca padrão na internet. Eles podem estar “escondidos”, sob diferentes artifícios, como por exemplo, através de um documento disponível em um site, que ao ser clicado, pede login e senha de usuário. A citação do adolescente provocou risos entre os meninos, deixando em aberto a possibilidade de ele ser de fato um usuário ou se teria feito apenas uma brincadeira.

Uma das questões relevantes para a compreensão das formas de acesso dos participantes da pesquisa à internet refere-se à seleção da página inicial do navegador. Embora este quesito não tenha atualmente o mesmo papel do início da *World Wide Web*, quando era preciso gravar o endereço da página que se pretendia visitar para acessá-la, e não apenas digitar algumas palavras no localizador (*Uniform Resource Locator*), como atualmente, guarda importância simbólica, além de valor comercial.

Para a maioria dos participantes do grupo Legião 92, a página inicial dos computadores na internet é o buscador Google. Uma adolescente, no entanto, usa a rede social virtual Facebook como página inicial. No grupo Vida Real, os dois endereços foram mencionados em proporção equivalente. Ambos também apareceram no grupo Preparatório Redes, mas de forma diluída. Houve neste grupo referências a outros endereços, como os dos portais R7 e Globo.com. No relato abaixo, o adolescente refere-se ao segundo, demonstrando interesse por uma notícia que lhe chamou atenção.

No meu caso, toda vez que ligo o computador, o Internet Explorer já abre no Globo, um portal de notícias. Ontem vi uma notícia que mexeu comigo: era sobre um prédio em que o elevador caiu. Ninguém se feriu, mas é uma coisa assim, de momento, o elevador parar e vir descendo... (Luciano).

Ele não fez uma busca por esta notícia, mas o fato de ela estar no portal que é sua página de entrada, deu destaque a esse conteúdo, tornando-o mais disponível dentre outros tantos que o atrairiam. A influência da página inicial do navegador sobre os conteúdos acessados representa um poderoso instrumento de empresas e instituições inseridas no concorrido espaço virtual, no qual há constantes investimentos no aprimoramento de tecnologias, a exemplo dos

recursos criados pelos buscadores e de funcionalidades dos navegadores, como a função de autocompletar, que trouxe mudanças significativas ao comportamento do usuário.

O fato de os adolescentes dos três grupos terem citado poucos sites, apesar de navegarem na web com frequência, não deve ser interpretado como mero desinteresse por esses canais. No contexto atual, este comportamento é estimulado. Afinal, por que se lembrar de endereços quando ninguém precisa digitá-los para visitar uma página e quando os buscadores funcionam como mecanismos de memória coletiva e individual, ao registrarem nossas preferências e oferecerem resultados diferenciados por perfil? A contribuição das novas tecnologias usadas em buscadores e outros *gadgets* no aperfeiçoamento da função de pensar por cada indivíduo é um aspecto que extrapola os limites deste estudo.

A mediação pelos sofisticados robôs dos buscadores pode ser diferente quando há um assunto específico sobre o qual se quer saber mais ou temas de grande interesse. Isto foi percebido na pesquisa em relação aos blogs, de modo especial no grupo Preparatório Redes, no qual seis dos 12 participantes que responderam ao questionário afirmaram que seguiam blogs. Os objetivos expressos durante o debate foram variados:

Sigo o da minha banda preferida (Vítor).

Moda (Bruna).

Eu sigo [blogs] sobre muitos assuntos diferentes (Mariana).

Moda, literatura, essas coisas (Bianca).

Para buscar evento (Alex).

Nos outros dois grupos, houve apenas uma referência de acesso a blogs em cada. Um adolescente do grupo Legião 92 mencionou o acesso a *vlogs*, tipo de blogs cujo conteúdo principal são vídeos, que costumam ser acessados por meio de redes de compartilhamento, a exemplo do YouTube, mencionado por participantes da pesquisa. O tema da confiabilidade em blogs é abordado no item 4.2.3.

Em ambos os grupos, houve diversas citações à rede social Facebook, principal canal de comunicação na internet usado por eles. Embora quase todos tenham endereços eletrônicos (e-mails), raramente usam este meio para trocar mensagens. No grupo Legião 92, foi destacado, pelos adolescentes do sexo masculino, o acesso a *fan pages* (páginas de instituições, empresas, entidades, pessoas famosas ou temáticas). Um deles fez referência à *fan page* no Facebook da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos e alguns colegas disseram que visitavam também.

Dois informaram manter suas próprias *fan pages* e outro afirmou que já teve uma. A única menina presente ao encontro no qual o tema estava sendo debatido informou não acessar esse tipo de conteúdo. *Nem sei o que é isto.*

A frequência de uso à ferramenta, no entanto, não obscurece as críticas que fazem a esta e a outras redes virtuais, como se observa no diálogo a seguir no grupo Legião 92, quando questionados sobre a possibilidade de, em um futuro próximo, haver outra rede social que considerem melhor que o Facebook:

Com certeza. O Facebook já está ficando igual ao Orkut. (Débora).

Lembra do ICQ? Depois veio o MSN. Depois o Skype. Vai assim... (Gabriel).

Quer ficar sozinho, é só entrar no Orkut (Débora).

Ele [Facebook] vai acabar daqui a um tempo (Lucas).

Sempre foi assim (Luís).

As críticas dos adolescentes deste grupo também apareceram quando perguntei se as pessoas que participavam de suas redes no Facebook costumavam enviar conteúdos, por meio de *links*.

Costumam [enviar], principalmente correntes (Gabriel).

É, se você não passar isso aqui para 20 pessoas, amanhã está morto (Débora).

E vocês passam? (pesquisadora).

Eu não. Eu não ligo se morrer daqui a pouco. Eu faço minha própria sorte (Gabriel).⁸⁸ [risos]

Mas é isso o principal que passam [correntes]? Ninguém passa alguma coisa legal? (pesquisadora).

Passa, passa (Gabriel).

Depende da pessoa que está fazendo isto, porque tem hoje muitos babacas que passam conteúdo de merda, e outros que passam coisas interessantes (Lucas).

Fica explícita aqui a distância entre a adesão ao canal e as diferentes formas de apropriação desse espaço virtual. Enquanto o conceito de adesão se limita à constatação de que os adolescentes possuem perfis no Facebook e o acessam frequentemente, o de apropriação permite observar a existência de maneiras diversas de uso desse canal interativo, que variam

⁸⁸Esta fala não pode ser compreendida fora do contexto desse grupo, no qual a ironia e a sagacidade foram características. Em outro momento, quando discutimos temas relacionados ao cuidado e risco à saúde, o adolescente relacionou preocupações que se distanciam desta fala. (ver capítulo 5.2)

também entre os adolescentes participantes da pesquisa, incluindo entre aqueles do mesmo grupo. Exemplo disto foi discussão sobre os tipos de conteúdo que os integrantes do grupo Preparatório Redes compartilhavam no Facebook.

Vídeo sobre reportagem é o que mais a gente compartilha (Vitor).

Talvez até sobre uma matéria de uma prova que a gente vai fazer. É importante compartilhar (Luciano).

O legal é que a gente vai repassando para outras pessoas. A gente não procura só para nós mesmos. É uma coisa de grupo (Guilherme).

No Facebook, a pessoa procura mais informação da vida dos outros, né? (Tiago.) [risos]

No grupo Vida Real, no qual as redes sociais foram nomeadas como o principal motivo para acessarem a internet, o compartilhamento de conteúdos por meio de links foi visto com reservas: *É vírus, quando eles mandam*, disse uma adolescente. Ela cita a ferramenta de convite para participar de algum evento, caso seja uma pessoa conhecida. Neste caso, acha seguro.

Este grupo também manifestou interesse por jogos na internet, incluindo dentro da rede Facebook:

Tem um negócio lá, tipo uma fazenda. (menina não identificada).

No Facebook, eu jogo Dragon City. (André)

Barbosa e Dias (2013, p.188) consideram o uso do Facebook um recurso importante para jovens moradores de favelas, especialmente por sua baixa mobilidade na cidade, configurando-se em um canal de busca autônoma de visibilidade. “É com o uso do Facebook que o jovem de espaço popular, geralmente inviabilizado na cidade, mostra quem ele é, apresenta e faz amigo, diz como vive, o que sente e do que gosta.”

A análise dos autores nos faz refletir também sobre outro aspecto dessa inserção: a mediação para o consumo de signos, comportamentos e estilos de vida, a partir da interação na rede social virtual. Este tema foi considerado ao longo do estudo realizado, sempre com o foco nas formas de apropriação dos sujeitos da pesquisa.

Outras redes sociais virtuais nomeadas pelos participantes da pesquisa foram: YouTube, Twitter, Orkut, MSN, Ask e MePergunte. As duas últimas são plataformas de perguntas e respostas, a partir das quais os usuários trocam informações sobre diversos assuntos, validando

ou não as respostas dadas e também fazendo perguntas. O aplicativo Instagram, que permite aos usuários compartilharem fotos em diversas redes sociais, foi citado em dois grupos (Vida Real e Legião 92), com críticas de um adolescente deste último, pelo fato de o espaço ser ocupado também por pessoas comuns que postam imagens de suas atividades cotidianas, o que considera desinteressante. O diálogo a seguir, partiu de uma pergunta sobre a rede Twitter:

Eu tenho. (Luciana)

Twitter é muito mais para pessoas famosas. (Gabriel)

Vocês seguem? (pesquisadora)

Instagram também. Eu sigo um monte. (Débora)

Instagram, só está tendo pobre naquela merda. “Vou postar minha comida daqui a pouco, lá”. (Lucas)

A crítica de Lucas indica a decepção com a experiência de compartilhamento nessa rede, tendo em vista a expectativa criada. Trata-se de uma discussão interessante, que não poderá ser desenvolvida aqui, acerca das contradições do modelo de interação proposto e suas formas de apropriação.

5.1.1.3 Jornais impressos

Em todos os grupos houve referência à leitura de jornais impressos. A maioria dos adolescentes integrantes dos grupos Preparatório Redes e Vida Real informou que acessa esse meio de comunicação. No primeiro, dos 13 respondentes ao questionário, oito afirmaram que leem jornais; e no segundo, seis entre dez participantes selecionaram esta opção.

Quanto aos títulos dos periódicos, os integrantes do grupo Preparatório Redes mencionaram O Globo e Extra. *Mais o Extra*, completou um adolescente.

Estes dois jornais foram também citados pelos participantes do grupo Vida Real, além de outros três: O Dia, Meia hora (vários) e o Jornal da Universal. Este último foi mencionado por um adolescente que disse ler a publicação na rua, onde é distribuída gratuitamente para todos, e não apenas a frequentadores da igreja evangélica que edita o periódico. Ele, por exemplo, não segue a religião. Quando perguntei se era evangélico, demonstrou surpresa: *Eu? Não, sou católico.*

Questionados sobre como era o acesso aos demais veículos, se alguém em casa comprava e se tinham a iniciativa de pegar o jornal para ler, eles responderam:

Depende (menina não identificada).

Eu passo pela rua e vejo (André).

Eu compro mais porque eu sou fã de um MC aí, que sai direto no jornal Meia Hora (Manuela).

Eu não sou muito fã [de jornal], não, mas a minha mãe compra e eu vejo (Paula).

Eu também vejo (Eduarda).

Notícias sobre futebol e pessoas famosas (jogadores e artistas) foram outros atrativos destacados por adolescentes desse grupo para lerem jornais impressos. O diálogo a seguir traz ainda uma referência da busca de familiaridade com os ídolos, presente nas dinâmicas dos encontros realizados com este grupo.

Leio sobre artista daqui e de fora também. Mais de fora. (Eduarda)

Eu gosto do Neymar. (Emanuele)

Eu também. (menina não identificada)

Ver meu pai jogando, Cristiano Ronaldo... (André) [risos]

Ele é um gato também. (Paula)

Eu gosto de ver só sobre o Flamengo. (Carol)

O interesse pela leitura de notícias sobre esportes, em geral, também apareceu no grupo Preparatório Redes. Quando perguntei sobre a parte do jornal pela qual iniciavam a leitura, a primeira resposta foi: *Sempre gosto de ler (sobre) esportes.*

Já no grupo Legião 92, houve divergência nas respostas do questionário às perguntas acerca dos meios de comunicação que mais acessavam e os meios de comunicação com informações jornalísticas. Apenas uma pessoa, dentre seis respondentes, selecionou a opção jornal na primeira pergunta, mas três marcaram este meio na segunda pergunta. Como houve maior rotatividade entre os integrantes deste grupo, e apenas uma adolescente que respondeu ao questionário esteve presente no encontro que teve como tema o acesso aos meios de comunicação, não foi possível esclarecer os motivos das informações conflitantes.

Durante a dinâmica com este grupo, apenas uma adolescente afirmou que lia sempre jornal impresso, comprado diariamente pela mãe. A referência ao título de um dos veículos que acessava provocou um debate com um colega do grupo:

O Dia. Não, Meia Hora. (Débora)

Maior barraco. (Lucas)

Mas é a mesma notícia que tem em todos os jornais. Só que tem que o tom é diferente. (Débora)

Vai continuar sendo tragédia. (Lucas)

Em comum com alguns programas jornalísticos televisivos mencionados anteriormente, o jornal Meia Hora apela ao grotesco ao destacar, em sua primeira página, crimes e situações constrangedoras ou humilhantes, a partir de representações moralistas. Um diferencial importante, contudo, é o viés humorístico de abordagem na primeira página, enquanto as páginas internas são destinadas a notícias policiais e de prestação de serviços redigidas com base em técnicas jornalísticas convencionais (ver item 3.4).

Dentre os assuntos nos jornais que despertam o interesse pela leitura dos jornais impressos, o que mais se destacou nos três grupos foi o noticiário sobre as ações policiais em favelas, especificamente nas comunidades onde moram. A fala a seguir aponta esta característica.

Se sair assim "Operação na favela, no Complexo da Maré, na comunidade Nova Holanda", eu vou rapidinho no jornal lá pra ver o que tá acontecendo... (Carol, grupo Vida Real)

A referência a notícias e reportagens sobre acontecimentos no lugar onde vivem foi recorrente nos encontros realizados, também em relação a produtos de outros meios de comunicação. As falas faziam menção específica à comunidade na qual moram, e não à cidade do Rio de Janeiro ou mesmo às favelas no município, mesmo àquelas pouco distantes.

Ah, sei lá, tipo, sobre a Nova Holanda. (André, grupo Vida Real).

Esta referência apareceu também em outros momentos da pesquisa, apontando a permanência de um dos pressupostos clássicos de noticiabilidade: a proximidade. Cabe aqui a análise de Sodré (2009, p.58) sobre essa dinâmica.

O sensível é uma categoria importante para se entender essa operação, uma vez que o local e o singular induzem emocionalmente à

identificação do leitor com o acontecimento que, comunicado de forma apenas abstrata ou conceitual, poderia não mobilizar a atenção pública.

5.1.1.4 O rádio

A posse de rádio no país não é universal como a da televisão no Brasil, conforme os dados do censo de 2010, mas a grande maioria da população tem acesso a este bem. Em relação à população que vive em favelas (aglomerados subnormais, segundo o IBGE), o percentual dos domicílios com aparelhos de rádio varia de 68,42% a 95,26%, enquanto para aqueles que não moram nessas áreas, vai de 81,84 e 95,26%. Na Maré, 33.412 domicílios têm acesso a rádio, o que representa 77,61% do total (IBGE: 2013).⁸⁹

A referência ao rádio, que a exemplo da televisão tem grande capacidade de expansão para o ambiente coletivo, foi mais expressiva em um dos grupos (Vida Real), ainda que tenha sido citado nos demais, tanto nos questionários quanto na dinâmica. O meio é bastante acessado por eles para ouvir música. Neste caso, a audiência é individual, notadamente pelo aparelho de telefone celular.

O diálogo a seguir, a partir da pergunta “Vocês ouvem rádio?”, é ilustrativo da relação desses adolescentes com o meio. Observa-se em uma das falas (de Carol) o uso do rádio também como suporte para outra mídia.

Com certeza, todo dia! (Paula)

Na rádio, ouço mais música. (Manuela)

102,1. (menina não identificada)

Só música? No celular ou em casa? Onde vocês ouvem? (pesquisadora)

Celular. (Eduarda)

Com meu padrasto. (menino não identificado)

Em casa, tem alguém que acorda e liga o rádio? (pesquisadora)

Eu. Acordo, ligo o rádio, boto o pen drive e vou fazer meu dever de casa. Aí tomo banho, ouvindo o rádio, e depois saio de casa. (Carol)

Mas só música? Não tem ninguém da casa de vocês que liga para ouvir algum programa? (pesquisadora)

Ah, a Globo FM (Paula)

⁸⁹Dados disponíveis em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/agsn2/>. Acesso em 8nov2013.

Minha mãe ouve oração. (André)

Minha mãe também, bem de manhãzinha, 6 horas da manhã. (Carol)

Tanto no grupo Preparatório Redes quanto no Legião 92 a audiência ao rádio foi vinculada a um hábito diário da mãe. No primeiro grupo, uma participante informou no questionário que gosta muito de ouvir rádio. No debate, acrescentou: *Todo dia, quando acorda, minha mãe liga o rádio e escuto as notícias que passam* (Bianca).

O grupo Legião 92 fez referência a outro uso do meio, além do acesso a músicas e notícias: a eventual audiência à narração de jogos de futebol.

E sobre rádio. Alguém ouve? (pesquisadora)

Faz tempo que eu não ouço. (menino não identificado)

Alguém liga o rádio na casa de vocês? (pesquisadora)

Minha mãe liga, para escutar a FM O Dia. (Débora)

E vocês? (pesquisadora)

Só música. (Renan)

Às vezes, futebol. (Lucas)

5.1.1.5 Revistas

As revistas foram menos citadas nos três grupos que as demais mídias. Em dois grupos (Preparatório Redes e Legião 92), foram mencionadas apenas por adolescentes do sexo feminino. *Gosto de ler revistas com as últimas novidades*, escreveu uma participante do grupo Preparatório Redes em resposta à pergunta sobre o que mais gosta de ler, ouvir ou assistir nos meios de comunicação.

O resultado não surpreende se considerarmos que o mercado editorial oferece títulos variados visando o consumo por adolescentes do sexo feminino. Da sexagenária Capricho⁹⁰ às

⁹⁰ Ao longo de 30 anos foi uma revista de fotonovela, dirigida a mulheres de faixa etária inespecífica. A partir de 1982, voltou seu foco para jovens de 15 a 29 anos. Em 1985, se firma como uma revista para adolescentes, adotando o slogan "A revista da gatinha". Seu público-alvo passa a ser de meninas entre 13 e 17 anos. As informações estão disponíveis em: <http://capricho.abril.com.br/revista/historia.shtml>.

mais recentes *Todateen*⁹¹ e *Atrevida*⁹², as revistas femininas e, em especial aquelas publicações dirigidas a adolescentes, têm sido objeto de estudos de pesquisas e produções acadêmicas, com importantes contribuições de pesquisadores como Freire Filho, que analisou a construção discursiva da adolescência feminina nas páginas a revista *Capricho* (FREIRE FILHO, 2006) e Cláudia Pereira, que também desenvolveu investigação sobre a revista *Capricho* e desenvolveu um estudo com adolescentes de camadas médias e altas, moradoras da zona sul do Rio de Janeiro a partir do rótulo “patricinha” (PEREIRA, 2003).

No grupo *Vida Real*, além das revistas dirigidas às meninas, foram mencionadas outras publicações, incluindo aquelas encartadas nos jornais impressos. Também os adolescentes do sexo masculino citaram títulos acessados. Houve ainda referência a uma revista masculina, mas em tom de brincadeira.

Alguém falou em revistas... (pesquisadora)

Às vezes tem uns [encartes] assim sobre novela. Aí eu leio. (menina não identificada)

Eu pego só encarte na banca (Manuela)

E vocês, leem revista? (pesquisadora)

Não, eu falei dentista. [risos] (André)

Eu gosto. Todateen. (Eduarda)

Eu gosto daquela “Canal”. Não tem aquela “Canal”? [suplemento do jornal Extra] (Carol)

Capricho, eu gosto. (Manuela)

Playboy. [risos] (Daniel)

Playboy. (menino não identificado repete) [risos]

Playboy, se for de menor não pode (Henrique).

Não sabia disso, não. (Manuela)

⁹¹ A publicação mensal da editora Alto Astral completou, em 2013, 18 anos de existência. É dirigida a meninas de 12 a 17. Disponível em: < http://www.dinap.com.br/site/noticias/conteudo_399405.shtml>. Seu preço de capa, no entanto, é inferior ao da concorrente “Capricho”: custa R\$ 3,99 e a *Capricho*, R\$ 4,99, o exemplar.

⁹² Criada em 1995, Editora Escala.

5.1.1.6 O livro

Conforme foi destacado anteriormente, o interesse pela leitura de livros manifestou-se em todos os grupos, tanto nas respostas ao questionário quanto nas dinâmicas realizadas. Em relação ao gênero, prevaleceu a ficção, mas houve ainda menção a “livros sobre adolescentes” e a um livro religioso (a Bíblia). Outros gêneros mencionados foram: romances medievais, mitologia grega, poesia, ficção e “livros sobre vampiros”. Dois adolescentes informaram simplesmente o gosto pela leitura.

Os livros não apareceram somente nas respostas dos participantes dos grupos, mas alguns títulos de ficção foram percebidos no ambiente no qual ocorreram as dinâmicas com o grupo Preparatório Redes. A presença dos exemplares, levados por duas meninas em encontros distintos, não foi anunciada e nem teve correlação com temas em discussão. Tampouco as adolescentes que os levaram tiveram qualquer movimento de “exibição”. Simplesmente os levaram, como quem carrega um caderno ou outro objeto.

De acordo com a pesquisa Solos Culturais (citada neste capítulo), 15,8% dos jovens entrevistados do Complexo do Alemão liam sempre livros (leituras não obrigatórias); 27,7%, às vezes; 21,3%, raramente; e 35,1%, nunca. Em Manguinhos, os resultados foram: 13,9% informaram que liam sempre; 29,1%, às vezes; 15,8%, raramente; e 41,1%, nunca. O alto custo dos livros e o limitado acesso a bibliotecas são fatores relacionados por Barbosa e Dias (2013) como reforçadores do afastamento do hábito de leitura - além dos estímulos a outras linguagens, como o formato audiovisual, que indivíduos de classes sociais diferentes.

Uma informação relevante para colocar em questão a pretensa falta de gosto ou de interesse dos jovens de comunidades populares para com a leitura é a surpreendente quantia de 20 mil empréstimos de livros (em um acervo de 25 mil), concedidos pela Biblioteca Parque de Manguinhos em seu primeiro ano de funcionamento (2011) (BARBOSA e DIAS, 2013, p. 181).

Mas quando o interesse pelo livro é maior? Quem indica as leituras? Alguns participantes respondem:

Ah uma amiga fala assim “ah gostei!”. Aí digo, vou ler. (Paula)

Eu leio mesmo por curiosidade. (Carol)

É maior quando um amigo indica. (Henrique)

5.1.2 Assuntos que despertam interesse nos veículos jornalísticos

Com base nas respostas ao questionário e nas falas dos adolescentes no decorrer dos encontros, foi possível identificar as áreas de cobertura jornalística que despertavam maior interesse dos participantes: notícias ou reportagens sobre acontecimentos cotidianos e conjuntura sociopolítica e econômica; notícias ou reportagens sobre esportes, eventos culturais, entretenimento, moda e estética; e notícias ou reportagens sobre meio ambiente, saúde, educação e novas tecnologias. Vale ressaltar que vários adolescentes fizeram menção a assuntos de mais de uma área e que todos puderam expressar livremente suas preferências, sem qualquer classificação prévia.

Conforme foi observado no item anterior, as notícias sobre acontecimentos em favelas mobilizaram a atenção dos participantes da pesquisa, particularmente aquelas relacionadas às comunidades onde vivem. Este registro foi sendo construído ao longo das dinâmicas, e não apenas por meio das respostas ao questionário. As formas de expressão a respeito do tema variaram ainda de acordo com o contexto de discussão nos grupos. Um aspecto comum a todos foram as referências a conteúdos jornalísticos com essa temática também em encontros posteriores àquele cujo foco era o debate sobre acesso aos meios de comunicação e a informações em formato jornalístico.

Ao se referirem a esses materiais jornalísticos, os adolescentes os nomearam de maneiras variadas, tais como: *notícias do cotidiano*, sobre *coisas mais próximas de mim*, *assuntos do dia a dia*, *temas atuais* ou *temas reais*. A fala de uma adolescente do grupo Preparatório Redes aponta a diferenciação que faz entre *atual* e *real*, este último em oposição ao gênero ficcional, também apreciado por ela. Traz ainda o interesse por conteúdos sobre assuntos relacionados a políticas públicas para as favelas, revelando a pluralidade de motivações para o acesso a produtos jornalísticos.

Eu gosto muito de ver sobre temas atuais, e não só reais. Gosto muito de ler sobre mitologia e sobre coisas fictícias; e também sobre temas atuais, como a pacificação de favelas, essas coisas. (Daniela)

Um colega de grupo restringiu sua preferência a conteúdos não ficcionais: *Geralmente, vejo o que está acontecendo atualmente; não gosto de ver coisa mais fictícia; prefiro algo mais realista.*

Outros participantes da pesquisa expressaram o interesse por notícias sobre assuntos do cotidiano: *roubos, policiais, bandos, mortes em favelas, a violência que vem acontecendo, segurança social, assuntos sociais e polêmicos, vandalismos, acontecimentos das ruas, notícias sociais, notícias sobre o mundo, as novidades, tudo o que rola no país, acontecimentos que têm importância para o pessoal da minha localidade, histórias e tragédias.*

A forte presença de temas relacionados à violência dentre os conteúdos jornalísticos que despertam interesse perpassou as dinâmicas nos três grupos, fazendo emergir preocupações de diferentes níveis e gerando pontos de aproximação com a temática do risco⁹³. Como contraponto, destaca-se a resposta de uma adolescente ao questionário, no qual manifesta sua preferência em acessar *notícias boas*.

Em vários momentos, em todos os grupos, os participantes manifestaram indignação com situações de violência, citando casos que foram noticiados nos meios de comunicação. Um exemplo disto foi o intenso diálogo entre os integrantes do grupo Preparatório Redes, a partir da pergunta a respeito do interesse por notícias sobre situações que envolvem pessoas comuns e, particularmente, adolescentes.

Se for uma coisa mais catastrófica assim, como está acontecendo lá em São Paulo direto... Tem o pessoal no bar assim, aí já chega atirando, mata um monte de gente. (Luciano)

Outra coisa também é estupro de familiar: pai, padrasto. Hoje mesmo eu vi: padrasto que estuprou a enteada de 13 anos e teve um filho com ela. Aí, agora foi preso, depois de anos, ele falou que entrou na igreja evangélica, que tinha se arrependido... Uma coisa. (Tiago)

Tem também o caso de um rapaz há bastante tempo que matava as pessoas por nada. Tem um depoimento dele em que ele falou que fazia isto por diversão. Ou seja: a desgraça de algumas famílias pela diversão de um. (Luciano)

Há casos e casos que fazem a gente pensar: “Caramba, esse é o Brasil em que a gente vive!” Enquanto nos Estados Unidos o pessoal se preparava para um tornado que estava chegando, em Nova Jersey, aqui no Brasil o policial mata por causa de um estouro de pneu, Eu, comentando com meu pai: “Olha a diferença do pensamento de algumas pessoas em um país e o pensamento de outras aqui no Brasil.” Por que o policial que está há tantos anos em uma organização não sabe distinguir um barulho de outro? E isso perturba a gente. Porque

⁹³ Esta discussão será abordada no item 5.3.3.

outros países têm uma especialização maior do que no Brasil. É como se a vida fosse tratada de qualquer jeito. (Vítor)

Já que você perguntou de casos de jovens assim, lembrei daquele garoto que sofreu bullying na escola e depois de adulto voltou na escola e matou um monte de gente. (Luciano)

Foi em Realengo, conheci duas crianças que estavam ainda com bala alojada. (Tiago)

Aquele Wellington. (Mariana)

As situações de violência não foram relacionadas à saúde quando os adolescentes abordaram os assuntos dos conteúdos jornalísticos que despertavam interesse. A reflexão sobre esta correlação será retomada no item 4.3.

A referência ao gosto de ler ou assistir a conteúdos jornalísticos sobre política e economia foi feita por dois adolescentes do grupo Preparatório Redes. No grupo Vida Real, a única citação teve caráter de rejeição: [sobre] *Vários assuntos, menos política*. Embora não tenha sido possível aprofundar a discussão sobre a preferência por esses temas, uma hipótese para entender sua manifestação no grupo Preparatório Redes, e não nos demais, é o ambiente reflexivo na organização à qual estão vinculados, acerca de questões sociopolíticas, conforme discuto no item 4.3.1. Outro fator a ser ressaltado é o fato de a pesquisa ter sido realizada com este grupo no final do ano letivo, quando já teriam um vínculo maior com a instituição, o que não ocorreu com o grupo Vida Real, que integrou a pesquisa no primeiro semestre letivo.

No grupo Legião 92, embora não tenham nomeado a política como tema preferencial nos produtos jornalísticos, uma adolescente fez referência indireta, manifestando seu gosto por assuntos relacionados ao *estado de cultura e desenvolvimento do Brasil e as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro*.

Notícias sobre esportes foram citadas nos três grupos, em menor proporção no grupo Legião 92. Neste item, as manifestações de preferência dos adolescentes do sexo masculino foram mais frequentes que as do sexo feminino, embora tenha havido relatos destas sobre o interesse por conteúdos a respeito do tema.

O gosto por acompanhar notícias e reportagens sobre eventos musicais e artistas específicos foi manifestado especialmente pelos adolescentes dos grupos Preparatório Redes e Vida Real. No grupo Legião 92, houve referências apenas a notícias sobre festas em respostas ao questionário, interesse que também foi explicitado nos demais grupos.

A alusão a conteúdos jornalísticos sobre moda e maquiagem marcou uma preferência de gênero. Outros temas citados pelos participantes foram: notícias sobre celebridades de diferentes setores (músicos, atores, jogadores de futebol etc.), curiosidades e novelas.

As notícias sobre meio ambiente, saúde, educação e novas tecnologias tiveram referências apenas no grupo Preparatório Redes. Em relação à saúde, as citações, no questionário e na dinâmica, trouxeram duas especificações: *novidades sobre saúde* e *saúde pública no Rio de Janeiro*. A falta de referência direta nos demais grupos, contudo, não deve ser entendida como desinteresse, o que pôde ser observado nos debates posteriores, quando houve comentários sobre matérias de saúde (nem sempre com essa referência)⁹⁴.

5.1.3 Estímulo ao acesso a produtos jornalísticos

A observação sobre os canais de interlocução dos adolescentes participantes da pesquisa para a busca de conteúdos jornalísticos nos meios de comunicação foi também objeto de investigação, que ajudou a compor o mapa de acesso. Em todos os grupos, parte significativa dos adolescentes⁹⁵ respondeu que acessa os meios por iniciativa própria, seja por *curiosidade pessoal*, por *interesse em buscar informações* ou por *vontade de saber mais*. Dentre eles, há os que não se percebem estimulados por ninguém e aqueles que agregam o estímulo à motivação pessoal.

Pessoas da família foram citadas em todos os grupos, especialmente os pais, mas também irmãos e tia. Os participantes dos três grupos mencionaram os professores como estimuladores do acesso, mas em um deles (Preparatório Redes) essa influência foi bem mais expressiva. O relato de um participante ilustra essa relação: *Os professores, que sempre, ao contar uma novidade, me motivam a ir buscar mais informações*. (Vítor)

Outra adolescente do mesmo grupo fez referência ao estímulo específico para ler notícias sobre saúde. *A escola influencia muito [a ler notícias] sobre saúde. Então, eu normalmente vejo notícias sobre saúde pública*. (Mariana)

O estímulo de amigos e colegas também foi lembrado, especialmente em um dos grupos (Preparatório Redes). Quando perguntei se era diferente o interesse deles em acessar o conteúdo

⁹⁴Além da manifestação de interesse pelo programa Bem Estar, citada anteriormente.

⁹⁵Em torno de 50% em dois grupos e um percentual ainda maior em um deles.

jornalístico dependendo de quem o indicou – o pais, professores e amigos, conforme citaram os integrantes do grupo –, uma participante respondeu: *Para mim, é quando o colega fala sobre, a gente acaba se interessando mais.* (Verônica). Outra adolescente concordou: *Eu acho igual.* (Daniela); e a discussão seguiu, colocando em destaque o interesse, a partir dessas mediações:

Quando a gente se interessa pelo assunto... (Tiago)

Às vezes, você está pensando em outra coisa e escuta um comentário de uma coisa que interessa muito, aí vai buscar. (Vitor)

5.1.4 Confiança nos conteúdos jornalísticos

Ao propor a discussão com os adolescentes sobre a confiabilidade nos conteúdos jornalísticos acessados, foi possível refletir sobre o grau de legitimidade do discurso jornalístico para eles. Esta aproximação se configurou em um elemento primordial para a análise das formas de apropriação dos conteúdos jornalísticos.

Atributo reivindicado e perseguido tanto por jornalistas quanto pelas empresas que os contratam, seja em veículos tradicionais de comunicação ou nas chamadas novas mídias, a credibilidade⁹⁶ é frequentemente associada a outros conceitos clássicos da prática jornalística a partir do final do século XIX, como objetividade, exatidão, isenção e independência, presentes em manuais de redação e materiais diversos que buscam oferecer diretrizes aos profissionais. Embora quase sempre com a ressalva sobre a impossibilidade de supressão total da subjetividade na produção de notícias, as orientações estimulam esta intenção, a exemplo do registro feito pelos irmãos proprietários do maior conglomerado de empresas de comunicação do país na apresentação dos princípios editoriais do grupo (Organizações Globo).

Antes, costumava-se dizer que o jornalismo era a busca pela verdade dos fatos. Com a popularização confusa de uma discussão que remonta ao surgimento da filosofia (existe uma verdade e, se existe, é possível alcançá-la?), essa definição clássica passou a ser vítima de toda sorte de mal-entendidos. A simplificação chegou a tal ponto que, hoje, não é raro ouvir que, não existindo nem verdade nem objetividade, o jornalismo como busca da verdade não passa de uma utopia. É um entendimento equivocado. Não se trata aqui de enveredar por uma discussão sem fim, mas a tradição filosófica mais densa dirá que a verdade pode ser

⁹⁶ Credibilidade e confiabilidade andam juntas, embora não queiram dizer exatamente o mesmo. Credibilidade é a “qualidade de ser crível”, aquilo que é objeto de crença, que por sua vez, pode ser entendida como “opinião adotada com fé e convicção” e confiabilidade é a “qualidade de quem é confiável”, derivada de confiança, que significa segurança, crédito, fé. (Ferreira, 2009). Ambas as definições, no entanto, trazem a fé como componente primordial.

inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo. É para contornar essa simplificação em torno da “verdade” que se opta aqui por definir o jornalismo como uma atividade que produz conhecimento. [...] é o mesmo que dizer que [o jornalismo] busca a verdade dos fatos, mas traduz com mais humildade o caráter da atividade. E evita confusões. (MARINHO; MARINHO; MARINHO, 2011).

Se a ideia de “primeiro conhecimento”, como os autores observam, atenua a crítica quanto à pretensão de reproduzir objetivamente os acontecimentos, o posicionamento assumido restringe-se ao desejo expresso de encerrar polêmicas, sem buscar refletir sobre a pluralidade da mediação jornalística. Quais seriam os níveis “aceitáveis” de subjetivismo? Qual é o limite do “abandono consciente das interpretações ou do diálogo com a realidade, para extrair dela o que evidencia”, conforme definição de Lage (1982, p. 25) sobre objetividade jornalística?

O tema da confiabilidade é também abordado de forma vinculada à credibilidade das fontes de informação. O Manual de Redação do jornal Folha de S.Paulo (2001) chega a fazer uma classificação das fontes em quatro graus: do tipo zero, no qual se enquadram aquelas consideradas as mais confiáveis de todas, ao tipo três, composto por fontes que exigem maior cuidado de checagem. Como precaução, recomenda o “cruzamento de informações” e a prática de ouvir “o outro lado”.

As relações do jornalista com as fontes e seu comportamento na cobertura dos acontecimentos são objeto de estudo de grande produtividade. Destacam-se dentre os autores, aqueles que se dedicam à reflexão sobre a ética da prática jornalística, como Karam e Christofolletti. Ao abordar a temática da credibilidade, os autores potencializam o papel do jornalismo na “reconexão” do indivíduo ao seu tempo e à comunidade onde vive, além de ajudá-lo a tomar decisões.

Um dos valores mais cultivados no jornalismo é a credibilidade. Sem ela, restam poucas condições para uma sustentação moral da atividade que se propõe fornecer dados fiéis para uma recomposição do senso de atualidade do público. A confiabilidade das informações permite ao cidadão comum não apenas se reconectar ao seu tempo e à comunidade a qual pertence, mas possibilita também a tomada de decisões mais ou menos importantes. [...] se o jornal não consegue reunir elementos que credenciem seu noticiário como algo credível, certamente seu leitorado não o tomará como uma referência para sua atualização do cotidiano. (KARAM; CHRISTOFOLETTI, 2011, p.89-90)

Eis aqui outro atributo autorreferido do jornalismo: ser imprescindível para a atualização do cotidiano. Esta é, de acordo com Karam e Christofoletti (2011, p.96), sua função social, sua “real vocação”.

O tema da confiança nos conteúdos acessados foi discutido em diferentes momentos da pesquisa. Em um dos grupos (Preparatório Redes), o debate, pautado em referências à cobertura jornalística de episódios ocorridos na favela, trouxe elementos que apontaram o processo reflexivo a partir da mediação jornalística.

Geralmente, eu nunca acredito tanto que é exatamente aquilo que eles apresentam, porque acabam mudando. Até tem uma história que aconteceu e quando foi apresentada no jornal, acabou sendo completamente diferente do que tinha acontecido. (Tiago)

A televisão às vezes modifica muito a notícia. (Vitor)

É, na internet também. (menina não identificada)

Igual àquela pessoa que mataram aqui recentemente. Tinha até a conferência de direitos humanos aqui. Eu vi no jornal antes de chegar aqui e [era] uma coisa completamente diferente do que saiu no jornal. (Mariana)

A televisão falou que foram três mortos, e na verdade foram quatro. (Vitor)

Na verdade, tinham cinco no carro. (Mariana)

A televisão falou que todos foram mortos no carro, e na verdade, um continuou vivo; depois que foi morto pela polícia. Falaram que foi uma troca de tiros... Teve uma troca de tiros, só que a polícia, se não me engano, colocou um na parede e começou a atirar. Ou seja, a televisão manipula muito a notícia. (Vitor)

Acho que eles [os veículos jornalísticos] vão muito no que diz a polícia. (Daniela)

Mesmo colocando a notícia correta, às vezes, sempre falta alguma coisa, que é importante. [Fazem]Um mau resumo da história. (Vitor)

Um resumo que eles inventam. (Daniela)

E vocês acham que isto acontece por quê? (pesquisadora)

Política, né? Governo. (Mariana)

Mais por audiência, né? (Vitor)

Ao questionar a veracidade e a exatidão do relato jornalístico, os adolescentes atribuem o resultado do produto a uma atitude intencional do autor da matéria e/ou da empresa

jornalística (de acatar a versão policial, de não ouvir outras fontes, de fazerem ou “inventarem” um mau resumo da história), por interesses outros que não o compromisso com o que seria a descrição fiel dos acontecimentos.

A proximidade dos acontecimentos de pessoas que os testemunharam torna-se um contraponto valioso para a confiabilidade dos relatos. O olhar desse outro que viu ou esteve por perto é respaldado em detrimento do produto jornalístico.

Às vezes, para a gente distinguir o que está escrito no jornal ou é falado na televisão, se foi realmente aquilo, pelo o que nossos amigos falam, porque eles presenciaram, como o que aconteceu aqui. Muita coisa eu vi na televisão e acreditei que foi daquele jeito, mas como [aquele acontecimento] foi aqui perto e afetou alguns amigos meus, eu fiquei sabendo de coisas totalmente diferentes. Às vezes, a gente consegue diferenciar algumas coisas escritas pelo que alguém próximo cita para a gente. (Vitor)

A gente tem mais confiança na pessoa que disse para a gente do que no jornal. (Mariana)

Que presenciou. (Vitor)

Esta percepção dos adolescentes põe em pauta a mediação jornalística, que se investe do direito moral de narrar um fato, presenciando ou não. A credibilidade nesse testemunho não se sustenta na enunciação da verdade, mas no pacto de um tipo particular de “conhecimento de fato”, como analisam Sodré e Paiva (2011, p. 24):

O conhecimento dos fatos redundava, na verdade, em História, em torno da qual sempre girou o jornalismo, mesmo sem pretensões de essência ou sequer de sistematização de seus registros. O que os fatos, em si mesmos, nos transmitem são conhecimentos contingentes, isto é, que poderiam ser de outra forma, relativos, não necessários.

Observa-se ainda na voz dos adolescentes uma crítica à produção jornalística pelo mesmo crivo da busca de reprodução do real, reivindicado no *métier* jornalístico, sobrepondo-se à perspectiva de que a significação dos conteúdos se dá a partir de mediações sociais, históricas e culturais. Genro Filho (1989, p. 128) ilumina esta questão, ressaltando a perspectiva do jornalismo de reprodução dos acontecimentos, “a partir da reconstituição fenomênica e singular, como algo que estivesse sendo imediatamente vivido em qualquer situação”.

A imediaticidade é entendida pelo autor como “uma espécie de ‘simulação’, o que não quer dizer uma farsa ou falácia inevitável, e não pode ser compreendida separadamente da mediação.

Quando indivíduos presenciaram diretamente um fato, a rigor, entre eles e o fato está a totalidade da história humana já percorrida, as alternativas sociais que se abrem concretamente para o futuro e além disto, as incertezas e opções pessoais e sociais. Isto quer dizer que o imediato e o mediado são duas faces da mesma moeda, momentos inseparáveis de uma mesma relação humana. (GENRO FILHO, 1989, p. 128-9)

Em outro grupo, Vida Real, o grau de confiança a produtos jornalísticos variou conforme o meio/suporte, sendo maior na televisão que no jornal. A pergunta sobre a confiança nas informações de notícias e reportagens que acessam, seja no rádio, na televisão ou no jornal, provocou o seguinte debate:

Sim. (Henrique)

Ah eu não confio não, porque uma vez teve um tiroteio aqui na comunidade e eles botaram uma coisa que não tinha nada a ver. (Carol)

Onde, no jornal? (André)

É, no jornal. (Carol)

No jornal eu também não confio, não. (Henrique)

Eles mentem pra caramba. Fazem entrevista com o povo aqui na favela, e quando chega lá, botam outra coisa. Eu não confio, não. E também quando vai, eles não botam tudo. (Manuela)

Eu gosto de ver na televisão. (Eduarda)

Se for na TV, vocês acham que é mais [confiável]? (pesquisadora)

Às vezes é. Tem jornal que fala uma coisa outro fala outra. Um fala que morreram 3, outro fala que morreram 10. A gente nunca sabe qual é o certo. (Carol)

Teve aquele negócio da boate Kiss, né? Um fala: morreu 300 e não sei quanto, 320, 332, sei lá. (Paula)

A exatidão nas referências quantitativas é outro aspecto referencial do jornalismo destacado pelos adolescentes como indicador de credibilidade da notícia ou reportagem. O questionamento dos participantes da pesquisa, no entanto, não se reduz a números: todos os exemplos citados referem-se a pessoas mortas, em situações de violência e chamam atenção para a relação do número divulgado à vida de uma pessoa.

O debate no grupo Legião 92 aponta que a desconfiança em relação aos conteúdos jornalísticos acessados não ocorre de antemão, mas dentro do processo de mediação.

Não dá para confiar 100% na notícia. (Lucas)

Não dá para confiar 100%, mas quando a gente acessa o site ou [quando vê a notícia], acaba acreditando no início. (Gabriel)

No início? (pesquisadora)

No início, acredita. (Gabriel)

A descrença desses adolescentes em relação a conteúdos jornalísticos também não indica obrigatoriamente a confiança em outras fontes.

Mas vocês confiam quando ouvem, leem ou veem informações em geral? (pesquisadora)

Não. (Luís)

Não. (Renan)

E se for em um meio de comunicação, vocês confiam? (pesquisadora)

Também não, porque muitas vezes a pessoa não lê o texto inteiro, e tira conclusões precipitadas. (Lucas)

Mas se vocês escutam alguma notícia no rádio, como você citou a FM O Dia, ou também pode ser em outro meio, vocês acreditam que aquilo aconteceu assim, do jeito em que está sendo falado, ou não? (pesquisadora)⁹⁷

Não. (Menino não identificado)

No começo, a gente acredita, porque é um meio de comunicação e tudo o que fala é verdade. Aí a gente pega uma notícia que é só mentira, furada. [Neste caso,] tenho interesse de pesquisar sobre isto. (Gabriel)

Aí vocês iriam buscar [saber mais]? (pesquisadora)

Se eu estivesse interessado, iria. Se for uma notícia realmente importante. (Gabriel)

O diálogo traz elementos importantes de análise. Uma primeira observação refere-se à negativa como uma resposta imediata, que pode ter sentidos múltiplos. Infelizmente, não puderam ser aprofundados por conta das limitações de tempo de realização das dinâmicas. Um segundo elemento a ser ressaltado é o fato de a desconfiança não se limitar aos conteúdos produzidos pelos meios de comunicação, mas incluir outras comunidades discursivas. Em todos os grupos, houve referências negativas em relação a vizinhos, nomeados como “fofoqueiros”.

⁹⁷ Ao avaliar posteriormente a intervenção, considerei que alguns componentes poderiam induzir uma resposta negativa. Também o uso da expressão “aconteceu assim” daria margem ao entendimento de que existiria uma “verdade” a ser apreendida, o que não corresponde, de forma alguma, à linha de reflexão à qual me filio. A frase deve estar situada no contexto de oralidade, na tentativa de provocar a discussão no grupo, que de fato, ocorreu. A fala de Gabriel (a seguir) aponta que não houve restrição ao seu posicionamento, distanciado da negativa do colega que responde anteriormente.

Outro aspecto que aparece na fala de Lucas remete à percepção de que o acesso indireto está sujeito também aos modos de ler, ver ou ouvir de diferentes interlocutores. Uma possibilidade de entendimento seria considerar as “conclusões precipitadas” como conclusões momentâneas, ou primeiras conclusões.

O quarto aspecto a ser ressaltado é a noção de contradição entre o atributo de compromisso com “a verdade” dos meios de comunicação e a presença da “mentira” no texto jornalístico. Também em outros momentos da pesquisa, ficou claro que há um crédito de confiança no primeiro contato com a notícia. Este aspecto remete à quinta observação acerca do diálogo citado: a busca por saber mais sobre o assunto ou conferir as informações, condicionada ao interesse pessoal ou à importância do tema para o adolescente. Isto foi manifestado em todos os grupos.

Os relatos dos participantes da pesquisa contradizem posicionamentos que reduzem o público dos meios a receptores passivos, a exemplo de Ramonet (1999, p.115).

O que é verdadeiro e o que é falso? Se a imprensa, o rádio e a televisão dizem que qualquer coisa é verdadeira, ela se impõe como verdade. O receptor não tem outros critérios de apreciação porque não tem a experiência concreta do acontecimento. E se todos dizem a mesma coisa, ele tem que admitir que esta é a versão correta dos acontecimentos, a nova "verdade oficial".⁹⁸

5.1.5 Confiança em fontes não jornalísticas de informação

Os adolescentes fizeram diferenciação expressiva entre as informações acessadas na internet em *blogs* e por meio de *links* enviados através de mídias sociais, manifestando cautela em relação a estes. Em um dos grupos (Preparatório Redes), enquanto a maioria dos *blogs* foi considerada confiável, o oposto ocorreu em relação aos *links* enviados via mídia social.

Agora tem muitos links que são vírus que aparecem no Facebook: “Se quiser ver o final da história, clique neste link.” (Vítor)

A maioria é vírus. (Daniela)

⁹⁸*Qu'est-ce qui est vrai et qu'est-ce qui est faux? Si la presse, la radio et la télévision disent que quelque chose est vrai, cela s'impose comme vérité. Le récepteur n'a pas d'autres critères d'appréciation, puisqu'il n'a pas d'expérience concrète de l'événement. Il ne peut se repérer qu'en confrontant les médias les uns aux autres. Et si tout disent la même chose, Il est obligé d'admettre que c'est la version correcte des faits, la nouvelle 'vérité officielle' (tradução livre)*

A maioria é vírus, mas tem uns ou outros que podem não ser. (Vitor)

A gente tem que confiar desconfiando, né? (Tiago)

Tem que aprofundar mais, para tentar saber. (Verônica)

A maioria dos blogs é confiável, mas em alguns a gente vê uma notícia e tem que pesquisar melhor. (Mariana)

Depende também do tempo que a gente acessa o site. Com o tempo a gente vai ganhando confiança no site, na fonte. (Vitor)

Vocês fazem diferença entre o link que mandaram, que pode ser vírus, como você falou, e o que leram nos meios de comunicação? Por exemplo: vocês falaram no R7; se leem algo lá ou em um site qualquer de uma empresa jornalística, acham confiável? (pesquisadora)

Normalmente, acho confiável, mas quando eu vejo que tem alguma coisa que eu duvide, eu procuro no [ininteligível], ou jornal. (Daniela)

A referência ao hábito de conferir no jornal uma informação acessada na internet revela que a credibilidade deste meio pode oscilar, conforme o tema, mas o valor atribuído a ele como fonte credenciada de informação se mantém, mesmo em um contexto de eloquência em canais diversos.

Um exemplo que ilustra o enfrentamento de conflitos de informação foi discutido no grupo Vida Real, quando um adolescente (Henrique) mencionou o boato sobre o fim o programa Bolsa Família, do qual alguns integrantes do grupo eram beneficiários. A citação foi feita a partir da pergunta sobre o acesso a informações divergentes do noticiário dos meios de comunicação.

Eu estava acreditando. (Paula)

Só vai voltar mês que vem. (André)

Disseram que as pessoas iam ficar três meses sem receber, por causa da Jornada Mundial da Juventude e por causa da Copa, que vai ter. Aí iam bloquear. (Manuela)

Vocês acharam que não? (pesquisadora)

Eu achei que era verdade. (Paula)

Eu acreditei. (Eduarda)

O boato ao qual os adolescentes se referiram teve grande repercussão em todo o país, provocando filas em agências bancárias e casas lotéricas para a realização de saques, no fim de semana anterior ao encontro com o grupo.

5.2 SENTIDOS DE CUIDADO E RISCO À SAÚDE

5.2.1 O que pensam sobre saúde, cuidado e risco

A abordagem destes temas centrais da pesquisa aconteceu no encontro seguinte ao que discutiu o acesso aos meios de comunicação. Nesta segunda parte da pesquisa, buscou-se o diálogo a partir do tema mais amplo, saúde, para os mais específicos, cuidado e risco, com especial interesse nas articulações entre eles. Na primeira aproximação, foi proposta uma dinâmica na qual os adolescentes expressariam o que viesse à cabeça quando ouvissem a palavra saúde.

No diálogo a seguir, do grupo Preparatório Redes, destacou-se, logo na primeira fala, a proximidade com a definição adotada pela OMS, que menciono no capítulo 2.

Bem-estar físico e mental. (Mariana)

Cuidado. Equilíbrio entre o físico e o mental. (Guilherme)

O cuidado que a gente tem com essas coisas que o [nome do colega] falou. (Vitor)

Às vezes a gente se preocupa muito com a saúde física, e esquece um pouco a saúde mental, cuida de um lado e acaba adoecendo do outro. (Guilherme)

Eu penso primeiramente no médico [risos]. Saúde mental também faz parte, e a gente não pensa muito nisso. (Alex)

Observa-se a presença da ideia de saúde vinculada a equilíbrio – que remonta à mais antiga teoria naturalista sobre sofrimento, vida e morte, atribuída a Hipócrates (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 30) – e sua associação imediata ao cuidado. Esta visão convive com a que vincula a saúde à figura do médico, na fala de Alex, que traz também a perspectiva de não ser este um tema sobre o qual pensem com frequência. A nomeação do médico informa ainda sobre o estatuto deste profissional para os indivíduos, seja por meio de histórias pessoais ou de representações sociais difundidas, em grande medida, nos meios de comunicação.

Também se destaca nas falas dos participantes o enfoque em relação à saúde mental, tema que voltou à pauta em momentos posteriores da discussão, a partir de relações feitas por dois adolescentes às condições de vida no ambiente em que estão inseridos: a violência e o trabalho desgastante. Ambos não se referiam a situações vivenciadas por eles mesmos, mas por pessoas próximas, conforme revelam os diálogos, apresentados separadamente por não serem contínuos.

Acho que chega uma certa etapa da nossa vida, como se tivesse, sei lá, 50 anos hoje, que a gente começa a pensar nisto [em saúde]. Talvez pelo que as pessoas ao nosso redor estejam passando ou uma preocupação brutal, como a que a gente falou na semana passada, que é muito a comunicação entre nós como grupo, a preocupação de um todo, que vai contaminando os outros e outros a pensar nisso. (Guilherme)

É, também quando acontece algum problema com alguém próximo assim, a gente fica mais ligado nas coisas. (Verônica)

E também pelos meios de comunicação que a gente tem. (Guilherme)

Segundo diálogo:

Acho que [um problema] é a alimentação excessiva⁹⁹ e também o esforço excessivo, trabalhar demais. (Vitor)

Alguém [do grupo] trabalha ou você se refere a outros adolescentes? (pesquisadora) [todos respondem que não trabalham.]

Um exemplo são os nossos pais. (Vitor)

Esse esforço, na opinião de vocês, pode causar dano à saúde deles? (pesquisadora)

Talvez, se não controlar, né? (Tiago)

Tanto física quanto a saúde mental, né? Muita coisa na cabeça. (menina não identificada)

Na continuidade da dinâmica, Vitor retomou o assunto, apontando situações que ilustram a referência feita.

Sobre o esforço físico, trabalhar demais mexe com as duas coisas: saúde física e mental. A mental, por exemplo, você trabalha o dia inteiro e só vê a família na parte da noite ou quando chega; e física também, por exemplo, se fica muito tempo parado em frente a um computador, escritório, pode causar sedentarismo, e esforço físico mesmo no trabalho pode gerar uma lesão.

Destacam-se em sua fala expressões oriundas do vocabulário médico, como “sedentarismo” e “lesão”, além de elementos de construção semântica de discursos preventivos. Quando perguntei onde se informava sobre esses temas, ele atribuiu ao atendimento médico: *Desde cedo. A gente frequenta médico toda hora e eles sempre dão informações para a gente.*

⁹⁹ O tema da alimentação será abordado neste item.

No grupo Vida Real, a correlação entre saúde, bem-estar e cuidado apareceu igualmente.

Se sentir bem todos os dias. (Daniel)

Cuidados consigo mesmo. (Paula)

Tanto neste grupo quanto no grupo Legião 92 a saúde foi definida como um valor e si, altamente desejável, que nos remete a um conceito idealista de saúde (ALMEIDA FILHO, 2011), conforme discuto no capítulo 2.

Saúde é uma coisa importante. Em primeiro lugar é a saúde. (Carol, Vida Real).

Para as pessoas continuarem vivas. Se não tiver saúde, você também não tem vida. Vai estar debaixo de um caixão. (Stefany, Legião 92)

A clássica oposição saúde-doença apresentou-se nos três grupos, aproximada do binômio vida-morte e da noção intuitiva de saúde como ausência de doença. Ao analisar os diferentes discursos contemporâneos da saúde, Almeida Filho (2011, p. 134) aponta como um dos desafios para a saúde coletiva a incorporação dessa noção intuitiva de saúde como ausência de doença em uma concepção positiva de saúde.

Ao serem questionados se pensavam em saúde em algum momento, uma fala foi recorrente: *Quando estou doente*. Como variante desta frase, uma adolescente do grupo Vida Real citou a expectativa de ficar doente como algo que a faz pensar em saúde e expressou sua atitude diante da situação: *Aí, eu penso: “não vou ficar doente”* (Paula). A fala revela a presença de elementos concorrentes à ideia de antecipar-se ao dano, característica dos discursos sobre o risco. Contudo se inscreve na ambivalência propiciada por esta mesma lógica (do risco): “pensar positivamente” e “ser otimista” são algumas recomendações recorrentes para a “boa saúde”.

O tema da saúde no contexto das experiências pessoais de doenças também ocupou as discussões no grupo Legião 92:

Eu não me dou bem com saúde, ficar doente, essas coisas. Não fico doente direito assim... (Lucas, Legião 92)

Ah, direto eu fico doente, o tempo todo. (Stefany)

Dois integrantes deste grupo, no entanto, informaram que não pensavam em saúde. No decorrer da dinâmica, quando perguntei a todos se tinham preocupação com alguma doença, ficou clara a ligação entre as enfermidades e situações vividas com pessoas próximas; e também

a correlação entre comportamentos e danos à saúde, ainda que não tenham a prática que os exporia a tais danos.

Ah, HIV. (Stefany)

Eu tenho medo de câncer. (Sabrina)

Eu tenho medo de HIV. Câncer tem cura, HIV não tem. (Stefany) Cita o nome de uma colega que teve câncer.

Alimento (Lucas?)

Fazem relação dessas preocupações com alguma coisa do cotidiano de vocês? (pesquisadora)

Tipo câncer, não é uma coisa que você pega numa relação, mas HIV é. Mas como não faço relação nenhuma, só fico no beijo, não tenho medo de pegar. O câncer você pega naturalmente. (Stefany)

Você falou de alimentação, em que momento pensa nisto? (pesquisadora)

Quando como gordura. Eu como muita fritura (Lucas).

Vários adolescentes, nos três grupos, vincularam as práticas alimentares à saúde. No grupo Preparatório Redes, o debate partiu da manifestação de um adolescente acerca da preocupação com a *alimentação em excesso*. A referência ao vocábulo “besteira” marcou o debate, expressando a autocrítica dos adolescentes em relação a seus hábitos, que incorpora o discurso da promoção de saúde associada à boa alimentação. As falas apontam para a apropriação de discursos circulantes sobre a “alimentação saudável”. Mesmo quando revelam práticas que contradizem as recomendações, elas são tomadas como referência.

A que alimentação você se refere? É quantidade ou o tipo de alimento que não faz bem? (pesquisadora)

[alguns falam ao mesmo tempo]

Qualidade e quantidade (Tiago)

Um pouquinho dos dois. Às vezes é aquela besteira que a gente gosta e quer comer toda hora (Vitor).

Também a qualidade (Guilherme)

O que vocês gostam de comer? (pesquisadora)

Vários: *Besteira*. [risos]

Tudo o que não pode. (Rafaela) [risos]

[Outra menina repete]

Eu como de tudo, né? Meu físico, né? (Guilherme) [risos]

Mas toda hora ou em determinados horários? Vocês pulam o almoço?
(pesquisadora)

Vários: *direto*. [risos]

Muitas vezes (Verônica)

A gente come a todo o tempo, né? (Tiago)

O que vocês comem ao meio-dia, uma hora, depois que saem da escola?
(pesquisadora)

Vários: *besteira*.

Só? Nada de feijão com arroz? (pesquisadora)

Feijão com arroz é raro... [inaudível] (Guilherme?)

[Vários falam ao mesmo tempo] (risos)

E legume? (pesquisadora)

Não, legume não é legal. (Guilherme)

Eu nunca como legume. (Sofia)

Não como muito, não. (menina não identificada)

E fruta? (pesquisadora)

Fruta é mais light. Como tranquilamente. (Guilherme)

Eu como muita fruta. (Mariana)

Eu gosto. (Daniela)

Se tiver uma maçã um brigadeiro? (pesquisadora)

Os dois. Acho que ficaria bem legal maçã com chocolate. Muito bom.
(Guilherme) [risos]

[Vários falam ao mesmo tempo]

E brigadeiro. (Nicole)

*Maravilhoso. A gente também tem essa coisa de sair misturando tudo:
Coca-cola, biscoito, doce...* (Guilherme)

Salgado, então, é o que mais tem. (Verônica)

Nos intervalos da vida, né? (Guilherme)

Nas saídas, nos passeios... (Verônica)

A flexibilidade no horário de fazer refeições foi mencionada também por uma participante do grupo Legião 92, que relatou longo período de jejum. Eu não tenho hora para comer, não. *Hoje eu não tomei café nem almocei, vou sair às 4h30 [16h30] e vou comer quando chegar em casa* (Stefany).

No grupo Vida Real, a preocupação com a alimentação aparece na fala de uma integrante, que associou saúde à autoimagem corporal. Em resposta à pergunta feita para todos sobre quando pensavam sobre saúde, disse: *Quando me olho no espelho e vejo as gordurinhas. Tem que fazer dieta para emagrecer, é saúde.* (Manuela). Vale ressaltar que a adolescente é magra. No entanto, traz referências de um padrão estético amplamente difundido nos meios de comunicação.

Outro assunto vinculado à saúde por uma participante deste grupo foi a sexualidade. *Até na relação sexual a gente tem que pensar em saúde, tomar remédio, usar camisinha... Tem que se prevenir, senão pega doença.* (Isabele). Em vários momentos, houve referências de outros membros do grupo a questões relacionadas à prática sexual (especialmente sobre gravidez e doenças sexualmente transmissíveis), mas não correlacionados por eles à saúde, como a fala acima.

No grupo Preparatório Redes, o tema foi apresentado por um dos participantes, sem a contribuição dos demais. A desenvoltura a argumentação aponta um contato prévio com o tópico, conforme ele mesmo cita.

Um assunto inevitável, que é pouco abordado entre nós, jovens, sem constrangimento, nada pessoal a ninguém, acho que as pessoas têm muito essa dificuldade de falar sobre sexo. E sexo também envolve saúde. Se não souber como chegar lá e “quero fazer sexo”, “vou fazer sexo”... Mas, às vezes, não entende que tem uma etapa da vida talvez adequada para isto e formas que você pode conhecer mais sobre a saúde sexual. As pessoas se privam muito ao ato, à prática; e não pensam muito na teoria, no que aquilo pode gerar, e trazer riscos e benefícios para uma pessoa. Os jovens têm muito a curiosidade de conhecer... E até é um assunto abordado em escola e assunto nosso também aqui. (Guilherme).

Também a prática de esportes foi associada à saúde tanto por integrantes deste grupo quanto aqueles do grupo Vida Real, conforme as duas sequências de diálogo, sendo a primeira do Preparatório Redes.

A gente pensa [em saúde] na hora do esporte também (Luciano).

Isso é o que eu ia falar também (Alex).

Correr... (Luciano).

Tem que ter muita energia. (menina não identificada)

O debate do grupo Vida Real partiu da vinculação feita por um adolescente de doenças com a prática de exercícios. Contudo, foram irônicos ao se remeterem à experiência própria: incorporam a ideia de que esporte faz bem à saúde, mas não praticam com regularidade. O diálogo a seguir ilustra a presença ampla deste tema nos meios de comunicação, em especial por produtos jornalísticos que destacam as falas especialistas, mas também o distanciamento entre a prescrição e os processos de apropriação. Ressalvo que a pergunta sobre prática se deu apenas para provocar a continuação do debate, sem a intenção de aprofundar este aspecto.

[As que ficam doentes] São mais aquelas pessoas que não praticam nenhum exercício. (Henrique)

A minha avó só vive doente. (Isabele)

Minha avó também. (Eduarda)

Então, praticar exercício tem a ver com saúde? E vocês praticam exercício?

Eu não (Daniel).

Eu pratico, todo dia. Acordar cedo (André).

Eu pratico todo dia. Acordo cedo, subo aquela passarela toda. Queima as calorias. (Carol)

Ir para a escola. (Isabele)

Eu pratico. Futebol. (Henrique)

Ver televisão. (André)

Computador. (Caio)

Exercícios para os dedos. (Paula)

No grupo Preparatório Redes, registrou-se a percepção da amplitude do tópico saúde, com múltiplas manifestações na vida cotidiana. O diálogo a seguir aponta o processo reflexivo suscitado na interação. A última fala revela a percepção da pluralidade de sentidos sobre a saúde.

Tem muita coisa ligada a saúde que a gente fala a todo o momento... (Guilherme)

E não percebe (Mariana, completando a frase)

Não é “a” saúde. (Guilherme, reforçando as aspas com o gesto com os dedos)

A abordagem sobre os sentidos de cuidado para os participantes da pesquisa trouxe elementos ricos para o entendimento de seus processos de apropriação do tema. As dinâmicas revelaram variadas referências ao tema, raras vezes relacionadas por eles à saúde, em um primeiro momento. Por exemplo, no grupo Preparatório Redes, quando perguntei que sentido a palavra cuidado teria, Guilherme questionou: *É para falar de saúde?* A pergunta pode ser respaldada nas informações dadas aos sujeitos da pesquisa sobre o tema e os objetivos da investigação, mesmo que as abordagens tenham sido feitas com a intenção de não direcionar as discussões, possibilitando diálogos para além do formato pergunta-resposta. Ou ainda no debate anterior, sobre o termo saúde.

Se a vinculação entre saúde e cuidado, a partir da apresentação do termo “saúde”, foi imediata, ela não se reproduziu quando a palavra “cuidado” se tornou o objeto de discussão. Ou seja: “saúde” remete a cuidado, mas “cuidado” não remete a “saúde”, de forma imediata. Isto aconteceu, contudo, posteriormente: quando confrontados com a indagação sobre a existência de alguma relação entre saúde e cuidado, vários respondem afirmativamente.

Em relação ao cuidado, um termo que surgiu espontaneamente logo no início dos debates foi o substantivo “prevenção” e sua forma verbal “prevenir”, o que aponta não apenas o acesso a informações (disseminadas por fontes diversas) com este objetivo, como formas de apropriação desses conteúdos, conforme revela o comentário: *É muito aquela coisa que se falou: a gente só tem cuidado quando está doente.* [risos] *Não tem “a”¹⁰⁰ prevenção* (Guilherme, grupo Preparatório Redes, repetindo a referência feita em relação à multiplicidade de sentidos da saúde). Outros participantes concordaram.

No grupo Vida Real, a fala inicial reportou-se à prática sexual: *Usar camisinha, tomar remédio, prevenir* (Isabele). Os integrantes citaram outras referências ao cuidado, sem vinculá-las necessariamente à saúde.¹⁰¹ O mesmo ocorreu no grupo Legião 92.

Um aspecto, observado nos três grupos, em relação ao tema “cuidado”, foi a forte referência à mãe, de modo especial, ou a algum outro familiar, como a principal interlocução direcionada ao cuidado. Os alertas, segundo relataram vários participantes da pesquisa, são

¹⁰⁰ Mais uma vez reforçou a ênfase no artigo “a”, fazendo o gesto das aspas com os dedos.

¹⁰¹ Algumas estão relacionadas e outras, não. O resumo dessas referências é apresentado no quadro a seguir.

diários. A partir dos relatos, identifiquei três blocos temáticos desses alertas: os conjunturais, relacionados ao contexto em que vivem, associados a situações de violência; os vinculados à memória, às tradições familiares e ao saber popular; e aqueles comuns a outros contextos, no Brasil e em outras regiões, na atualidade. A classificação tem o objetivo de organizar os dados para melhor compreendê-los, e não restringir as possibilidades de interseção. O Quadro 1 traz exemplos de cada bloco.

Quadro 1 - Alertas da família (especialmente da mãe)

Alertas da família (especialmente da mãe)		
Conjunturais (ser morador de favela)	Relacionados a tradições culturais	Comuns a contextos mais amplos no Brasil
<ul style="list-style-type: none"> - Cuidado quando há estouro de fogos de artifício (usados pelo comércio ilegal de drogas para alertar sobre a chegada da polícia ou algum grupo rival e também para avisar sobre a entrada de novo carregamento dessas substâncias. - Cuidado quando há tiroteio / “tiro na favela”. - Cuidado para não cair da laje.¹⁰² - Cuidado com o “caveirão”.¹⁰³ - Cuidado com fogo.¹⁰⁴ - Não andar de skate por determinadas ruas.¹⁰⁵ - Cuidado quando vê uma notícia [sobre operação policial ou tiroteio na favela]. - Cuidado com os cracudos.¹⁰⁶ 	<ul style="list-style-type: none"> - Não andar descalço para o pé não crescer demais. - Não sentar no chão quente para não pegar hemorroida. - Não comer gelo (“Vai ficar doente, com pneumonia”). 	<ul style="list-style-type: none"> - Não jogar bola descalço. - Não andar descalço para não pegar resfriado. - Não falar com estranhos. / Cuidado com as pessoas da rua - Cuidado com estuprador. - Tomar cuidado para não ser atropelada. - Cuidado com roubo ou assalto. - Cuidado com a rua. - Tomar cuidado com a internet [relacionamentos virtuais]. - Não pegar carro [carona] com qualquer pessoa. - Tomar cuidado para não deixar o gás ligado em casa. - Quando você vai a uma festa: “cuidado com o copo”, “olhe aonde vai”, “cuidado com isto, cuidado com aquilo”, “a que horas vai chegar?” - Levar casaco e guarda-chuva. - Cuidado com quem vai se misturar. - Cuidado com qualquer coisa.

Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os alertas relacionados ao contexto em que vivem, observa-se a presença da mediação dos meios na fala: “Cuidado quando vê uma notícia [sobre operação policial ou tiroteio na favela]”. O interesse pelo noticiário sobre os acontecimentos na Maré, especialmente aqueles relacionados à violência armada, citado por participantes dos três grupos nos encontros

¹⁰² As lajes são muito usadas para atividades de lazer.

¹⁰³ Veículo blindado usado pelo policiamento especial nas operações na favela.

¹⁰⁴ Muitos cozinham ou usam o fogão para aquecer os alimentos.

¹⁰⁵ Ruas onde o comércio de drogas está presente.

¹⁰⁶ Usuários de crack.

sobre as formas de acesso aos meios de comunicação, aparece novamente, vinculado à temática do cuidado.

A última recomendação, “Cuidado com qualquer coisa”, é reveladora da percepção sobre a amplitude dos perigos no contexto global contemporâneo, que guarda correspondência com o que Bauman define como a ubiquidade dos medos (2006). A fala de uma adolescente do grupo Vida Real toma esta direção: *Hoje em dia, tudo é perigo, agora* (Carol).

De acordo com os adolescentes, algumas das recomendações acima são seguidas por eles, mas nem todas. As falas abaixo mostram posicionamentos divergentes dos participantes em relação às orientações recebidas.¹⁰⁷

Às vezes eu obedeco, às vezes, não. (Isabele, Vida Real)

Mas a maioria só aprende quando vive. (Sofia, Preparatório Redes)

Ou quando alguém perto vive, né? (Vitor, Preparatório Redes)

Já aconteceu comigo de ficar nervosa, já aconteceu com um amigo também. Sou muito medrosa. Se vou a um lugar e tiver muita gente estranha, já fico com medo, já quero ligar para a minha mãe, já quero ligar para o meu pai... (Daniela, Preparatório Redes)

Ah, eu amo andar descalça (Paula, Vida Real).

Quando eu estava sentada na calçada, minha avó falou: Está maluca! Eu falei: ‘O que foi, vó?’ E ela: ‘Vai pegar hemorroida!’ Estava muito quente. Estava com sol batendo na calçada. Eu saí na hora. (Isabele, Vida Real).

Tipo assim, eu tenho mania de comer gelo. Aí minha avó fica: “Cuidado, vai ficar doente, vai pegar uma pneumonia, vai parar no hospital”. Mas eu não quero saber não, como mesmo. (Paula, Vida Real)

Eu gosto de andar de skate e tem muito lugar que minha mãe diz: “Olha, não vai andar lá!”, e sempre que pego o skate, ando no lugar em que ela fala que não pode andar, porque são os lugares mais legais, por exemplo, onde passa muito carro. (Alex, Preparatório Redes)

É interessante observar, no entanto, que nenhum dos participantes mencionou os alertas das mães e de outros familiares em tom de reclamação ou mesmo de insatisfação. Ainda que alguns ironizassem as recomendações, tomadas como atitudes intrínsecas a qualquer movimentação deles, as citações foram carinhosas, como a justificar o gesto de proteção. Um

¹⁰⁷Não estão apresentadas na sequência dos diálogos.

exemplo foi a entonação suave usada por Luís (Legião 92) em referência à mãe: *Qualquer coisa ela fica preocupada.*

No grupo Preparatório Redes, foi feita uma distinção das formas de dizer a palavra cuidado, como recomendação ou não, a partir dos interlocutores. Para provocar a discussão, lancei uma pergunta sobre a expressão corrente “cuide-se”. A construção, que tem significados próximos em inglês e francês (*take care* e *prendre attention*¹⁰⁸, respectivamente), foi alvo de considerações do historiador Peter Burke, para quem ela sinaliza uma forma vaga que corresponderia às sentenças: “Eu me preocupo com você” e “Eu te amo”. “Como se todo o processo da vida diária fosse um perigo” (BURKE, 2010). Os adolescentes, no entanto, apresentaram outras possibilidades de uso da expressão, dependendo do interlocutor e do tom da fala. Uma dessas formas é a ironia, conforme ressaltou Guilherme.

E se alguém falar para vocês: “se cuida”? O que quer dizer para vocês?
(pesquisadora)

Tchau. [risos] (Alex)

Depende da pessoa. (Verônica)

Isso que eu ia falar. (Nicole)

Muita gente diz por falar, e muita gente se preocupa mesmo. (Mariana)

Também dá a concepção de cuidado. Amorosamente, “Ah, toma cuidado”, ou então, na saúde, ou se vai fazer alguma coisa que precisa de cuidado, em relação ao [ininteligível], em relação a outras pessoas, em relação ao conflito... (Guilherme)

Quando a gente tem o [ininteligível] daquela pessoa, a gente se cuida.
(Daniela)

Ou ironicamente, né? Acho que a gente usa mais assim. (Guilherme)

Assim como houve diferença nas formas de vincular “saúde” com “cuidado” e “cuidado” com “saúde”, os integrantes dos grupos relacionaram de imediato os termos “perigo”, “cuidado” e “risco”, articulando-os em suas falas, e não fizeram *a priori* o vínculo entre “saúde”, “perigo” e “risco”. Quando retomei o tema saúde, com uma provocação, no âmbito da discussão sobre cuidado e risco, no grupo Preparatório Redes, embora tenha ocorrido concordância, as situações relatadas poderiam ser consideradas de baixa gravidade, ao contrário de outros relatos relacionados pelos participantes da pesquisa a perigo e risco.

¹⁰⁸A expressão foucaultiana cuidado de si em francês, *souci de soi*, traz o verbo preocupar.

Vocês relacionam essa questão do risco à saúde? (pesquisadora)

Completamente. (Guilherme)

[Duas meninas falam simultaneamente. Ininteligível]

Ao modo de comer, por exemplo. Eu pelo menos não ligo muito, assim, de lavar a mão antes de comer. A gente fica muito vulnerável a esse tipo de problema. (Guilherme)

Também comer besteira na rua, sem saber de onde veio. (Mariana)

É muito risco, né? Sair beijando todo mundo aí é um risco, né? [risos]. Ah, legal, escova o dente aí que eu vou te beijar. A gente não faz isto, né? Então, é perigoso também nesse sentido. (Guilherme)

Ao se confrontarem com a questão se haveria algum risco específico para os adolescentes, os participantes fizeram novamente referências a situações corriqueiras, como compartilhar canudos de refrigerantes.

Vai indo de boca em boca, no guaraná. (Guilherme)

E todo mundo feliz. (Verônica)

E os adultos não fazem isto? (pesquisadora)

Nem tanto. Talvez porque não tenha tantas pessoas para compartilhar ou porque na situação em que ele está, não precisa disto. É mais formal. (Guilherme)

É, não estão num momento como a gente. (Daniela)

Quando perguntei se para eles existia risco em relação ao esporte, que foi um tema relacionado à saúde por vários integrantes deste grupo, os adolescentes divergiram, e o único risco mencionado não se vinculava à prática esportiva, mas à audiência de torneios.

Nenhum. (Nicole)

Acho que nenhum. (Bianca)

Claro que tem risco. (Mariana)

Pode ser nas torcidas lá, quando brigam. (Luciano)

Na sequência, a discussão sobre risco foi ampliada, trazendo a percepção de imprevisibilidade do risco, que se aproxima da ideia de fatalidade, e não de perigo como algo evitável, que destoa da perspectiva de prevenção para o controle do risco, presente na modernidade (GIDDENS, 2001; BECK, 2010). Um dos adolescentes ilustrou o debate fazendo referência a uma notícia lida recentemente e outro relatou a conversa com o pai a respeito do

caso, trazendo para o grupo novos elementos do processo de circulação daquele conteúdo jornalístico.

Acho que tudo tem risco, gente. A gente pode tropeçar e cair lá embaixo. O prédio cair. (Guilherme)

Tudo pode acontecer. (Luciano)

Pode cair e quebrar a perna. Tudo é risco. Tudo é muito imprevisível. (Verônica)

Um caso que aconteceu agora: o noivo estava com um copo [no bolso], caiu e ninguém imaginaria que ia cair e morrer. (Tiago)

[Meninas comentam juntas.]

Meu pai falou que tem pessoas que sempre levam um copinho da festa e nunca passou pela cabeça dele que pudesse tropeçar e morrer. (Guilherme)

No grupo Vida Real, a discussão sobre perigo e risco também remeteu à lembrança, por parte de uma adolescente, de uma notícia à qual, conforme informaram, tiveram acesso pela televisão ou pelo jornal.

Perigo tem a ver com risco? (pesquisadora)

Tem. (Manuela)

Não viu, não, o que aconteceu agora? Uma mulher teve bebê e colocou o filho dela dentro do cano de esgoto. Os moradores ouviram o choro. (Isabele)

[vários completam o relato, falando ao mesmo tempo, dando outros dados sobre a notícia]

É mesmo, no cano. (Daniel)

Aí cortaram o cano. (André)

Sorte que a criança estava viva ainda. (Paula)

E sem um arranhão ainda. (Daniel)

Onde vocês viram isso? (pesquisadora)

Na televisão, no jornal. (André)

Você viu onde? (pesquisadora)

Na Globo. (vários)

Na televisão? Todos? Isso fez você lembrar de risco? Para você o que foi o risco aí? (pesquisadora)

Lembrei, sei lá. (Isabele)

É que hoje em dia tem que temer, a gente não sabe o dia de amanhã. O bagulho está tudo doido. Eu espero tudo do mundo. Depois do bebê no encanamento, eu espero tudo. (Carol)

Embora a situação fosse diferente da que gerou a notícia citada pelo integrante do grupo Preparatório Redes, os adolescentes do Vida Real, a exemplo dos colegas do outro grupo, não entraram no mérito da responsabilização individual pelo ato, tão comum nos comentários de matérias em sites jornalísticos. Apenas relataram as situações que lhes causaram espanto.

O caráter ambivalente de “perigo”, que provoca medo e ao mesmo tempo atração, conforme discuto no item 5.2.1, pôde ser observado nas discussões, como no diálogo a seguir, do grupo Preparatório Redes:

E perigo, tem alguma relação com cuidado? (pesquisadora)

Tem. Onde há perigo, tem que ter cuidado. (Verônica)

Com certeza. (Guilherme)

E para vocês? (pesquisadora)

Perigo é o que não pode. (Nicole)

[um menino repete a frase, concordando].

Eu já passei por coisas arriscadas que podem... (Guilherme)

Adrenalina. (Verônica)

A expressão “curiosidade” foi recorrente nos debates deste grupo, considerada por eles como uma característica de adolescentes e jovens. Na continuação do debate acima, ela aparece como justificativa da exposição a situações que consideram perigosas ou arriscadas.

É o que a [nome da colega] reclamou aqui no meu ouvido [risos]. Ela falou que tem muitos riscos necessários para a nossa vida, para a curiosidade que a gente tem. Pelo menos eu sou muito curioso, gente. (Guilherme)

Eu também. Tudo o que perigoso a gente gosta, né? (menina não identificada)

Porque quebra a disciplina. (menina não identificada)

O que não pode, a gente quer fazer. Sair da rotina, do certo. (Guilherme)

As falas, observadas fora do contexto mais amplo das discussões, podem dar a percepção da existência de um grau de adesão aos parâmetros definidos para comportamentos

de adolescentes, largamente difundidas pelos meios de comunicação, conforme foi discutido no subcapítulo 5.1. Entretanto, participantes deste mesmo grupo questionaram, em outro momento, discursos sobre a adolescência que os caracterizam como sujeitos volúveis e problemáticos (ver item 5.4.2).

Nas discussões sobre perigo e risco com os grupos Vida Real e Legião 92, os diálogos foram pautados por medos individuais e coletivos. As primeiras referências dos integrantes do grupo Legião 92 mostraram que suas preocupações, decorrentes de situações contextuais de quem vive em áreas de confronto armado, se aproximam daquelas manifestadas por seus familiares, de modo especial, pela mãe.

Perigo está relacionando a risco? (pesquisadora)

Violência, assalto. (Luís)

Assalto, estupro, tenho muito medo também. (Stefany)

Ser baleado. (Gabriel)

Ser baleada. (Sabrina?)

O estupro foi um tema mencionado repetidas vezes por adolescentes nos dois grupos, de maneira diferente. No grupo Legião 92, o assunto suscitou relatos de episódios que envolveram pessoas próximas: uma adolescente citou um caso de abuso sexual de uma menina de 5 anos em sua família, por um parente próximo, relatando o impacto que isto gerou para todos, e para ela, especialmente, até hoje; e um adolescente mencionou que uma amiga foi estuprada e morta por um amigo do pai dela.

Já no grupo Vida Real, as referências estavam relacionadas, em parte, a informações obtidas de modo indireto. As citações apareceram tanto no encontro no qual o assunto proposto para a discussão foi cuidado e risco à saúde quanto no encontro anterior, sobre acesso aos meios de comunicação. O diálogo a seguir ocorreu neste encontro, durante a discussão acerca de conteúdos acessados, logo após a citação do boato¹⁰⁹ sobre o fim do Programa Bolsa Família. Pode-se observar ainda, nas falas das adolescentes, que a preocupação com o estupro é aguçada pela circulação de informações de diversos tipos, incluindo aquelas das quais não conhecemos as fontes.

¹⁰⁹ No capítulo 3, é feita uma discussão sobre este tema.

Lá perto de casa tem um [ininteligível], passa lá de carro preto, e um estuprador. (Cecília).

Agora ninguém mais pode andar... (Carol).

Agora falaram que está lá perto da escola, que passa lá de carro preto. (Eduarda).

Ontem, 9h, quando saí do curso, falaram [ininteligível]. E dentro do beco não tinha ninguém. Eu dei uma carreira para chegar em casa. (Carol)

No final de semana, também aconteceu um negócio esquisito comigo. Estava andando com minha amiga, saindo do Parque União, e veio um cara seguindo a gente, e chamando: “Colega, colega!” Não tinha quase ninguém na rua. Aí a gente apressou o passo. Aí ele veio, quando botou a mão assim [no ombro], eu [simula um grito]: “Uar!!!”. Ele virou e começou a andar assim rápido. Aí todo mundo [os moradores próximos]: “O que foi?” Depois, eu fiquei nervosa, comecei a rir. Aí minha colega começou a rir também. Foi estressante. (Paula)

Você acha que ele iria fazer alguma coisa? (pesquisadora)

Acho que não ia, porque a rua não estava tão vazia assim. Tinha umas pessoas conversando na frente do mercado. Ele ficou falando “Morena, colega...” Quando olhei, já estava atrás da gente. Aí eu me assustei e gritei. (Paula)

Além dos temores já mencionados, adolescentes do grupo Legião 92, mencionaram medos relacionados à morte e ao sofrimento. Experiências dolorosas próximas, relatadas por dois participantes, podem ter contribuído para as manifestações.

Eu tenho medo de morrer. (Stefany)

Só tenho medo de ficar internado. (Lucas)

Por quê? É muito ruim o atendimento? (pesquisadora)

É, hospital público... (Lucas)

Eu tenho medo de morrer carbonizada. (Stefany)

Eu não tenho medo de morrer, eu sei que um dia a morte vai chegar. Se estiver programado que vou morrer naquele dia, vou morrer naquele dia. (Stefany)¹¹⁰

Ah, não! Eu tenho medo de morrer. (Sabrina)

¹¹⁰A contradição nas falas da adolescente provavelmente está relacionada ao processo reflexivo suscitado no diálogo com os colegas do grupo.

Eu tenho medo de coisa tipo: [a gente] vai sofrendo, sofre, sofre, sofre, e depois vai morrer. (Lucas)

É, isso é muito ruim. (Sabrina)

Mas vocês conhecem casos de pessoas jovens que passaram por isto?
(pesquisadora)

Tem uma menina aqui na vila que morreu. (Stefany)

Eu conheço. Meu amigo morreu de câncer. (Lucas)

Teve que raspar a cabeça. (Stefany)

Meu amigo tinha a minha idade. Ele tinha no pé. Depois cortou a perna e depois morreu, no ano passado. (Lucas)

O medo da morte também foi explicitado no grupo Vida Real, manifestado, inclusive, em sonhos relatados por vários participantes. Queda, sobressalto e, novamente, o carro preto¹¹¹ se destacam nas imagens registradas pelos adolescentes.

Eu tenho medo de morrer. (menino não identificado)

Vocês pensam nisso algumas vezes? (pesquisadora)

Já, eu penso direto. Quando estou dormindo, eu acordo assustado (André)

Você chega a acordar? Pensando que vai morrer? (pesquisadora)

Aí eu vou para o quarto da minha mãe. (André)

Eu já sonhei também que estava caindo de algum lugar, tipo de um prédio, acordei assustada. (Paula)

[A gente] acorda num salto, pula o coração na hora. (Carol)

Dizem que sonhar que está caindo é alguma coisa. (Manuela)

Eu já sonhei que um carro preto me pegou. (Cecília)

Eu já sonhei que meu corpo estava caindo, sei lá. (Paula)

Quando questionei se achavam que havia algum risco diferente para pessoas na faixa de idade deles e pessoas de outras idades, os temas do estupro e da violência armada voltaram à tona, com referência também à pedofilia. O diálogo permitiu divergências quanto ao risco de ser roubado ou assaltado e argumentações com base em experiências pessoais.

¹¹¹O carro preto que sequestra pessoas, principalmente crianças, é uma representação imagética que ocupa fóruns de discussão na internet e também o noticiário de publicações voltadas a classes populares.

Eu tenho medo de estupro, que fazem mais com a gente que é pequena.
(Carol)

Tiro nas costas (André)

*Tá vendo muito Ben 10*¹¹² (Henrique)

Pedofilia (Cecília)

Andar na rua de noite (Daniel)

Roubo (André)

Roubo, nada a ver. (Manuela)

Assalto. (André)

Assalto, nada a ver também. (Manuela)

É o que a gente pensa. (André)

Tem gente grande que é assaltada (Paula)

É, mais idosos (Henrique)

Na escola já levaram meu material todo (André)

Duvido na escola me assaltar, roubar o meu estojo. (Daniel).

Eu já fui assaltado (Henrique)

A referência aos idosos como pessoas que estariam mais vulneráveis a riscos também foi feita por integrantes do grupo Legião 92, a partir da pergunta sobre a existência de riscos mais direcionados a adolescentes.

Eu acho que para idoso é mais arriscado, depois de 60. (Stefany)

Existe alguma coisa que seja mais preocupante para pessoas na idade de vocês? (pesquisadora)

Existe. Todo mundo tem pá(?) [bate as mãos], esse medo, que deve ser da morte. (Gabriel)

E você acha que esse medo é maior para os adolescentes? (pesquisadora)

Não, acho que é mais para os idosos, que estão mais perto da morte.
(Gabriel)

Pra todo mundo, porque não sabe o dia que vai morrer. (Lucas)

¹¹²Desenho animado norte-americano veiculado na televisão aberta e por assinatura (SBT e Cartoon Network).

Em resumo, os medos manifestos dos adolescentes estão relacionados a dois tipos de situações, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Os medos manifestos dos adolescentes

Medo da morte e do sofrimento	Medo da violência
- Medo de morrer.	- Medo de ser estuprada.
- Medo de morrer carbonizada.	- Medo de ser baleado.
- Medo de ficar internado em hospital público.	- Medo de ser assaltado ou roubado.
- Medo de ter câncer	- Medo de pedófilos.
- Medo de pegar HIV.	

Fonte: Elaborado pela autora

5.2.2 Como se informam sobre saúde, cuidado e risco

Ao longo das discussões em grupo, as referências às fontes de informação foram esboçando algumas de suas comunidades discursivas. Quando este se tornou o foco do debate, os adolescentes trouxeram mais dados sobre a frequência de acesso e o valor dado a cada uma dessas fontes, que poderiam ser pessoas, instituições ou qualquer canal de comunicação. Percebeu-se nessa trajetória que não necessariamente as fontes acessadas com mais frequência são as mais confiáveis. Os registros de cada grupo serão apresentados separadamente para retratar os resultados da interação dos participantes.

Grupo Preparatório Redes

A dinâmica com o grupo começou com uma pergunta que buscava saber se conversavam com alguém sobre alguma questão de saúde. Imediatamente veio uma resposta bem-humorada: *Com você.* (Guilherme) [risos]. No desenrolar do debate, foram mencionados: os pais (em especial as mães, no caso das meninas); outros familiares (irmão, tia...); e amigos, dependendo do tema:

Com meus pais (Vitor)

Às vezes, quando o assunto fluir. (Mariana)

É, se o assunto vier à tona. (Guilherme)

Não dá para fluir o assunto do nada. (Mariana)

Como contraponto aos relatos de várias meninas que nomeavam a mãe como principal interlocutora, uma das participantes registrou: *Eu não converso com minha mãe; ela é que conversa comigo.* (Daniela)

Mas quando os integrantes deste grupo têm interesse em tirar alguma dúvida sobre assuntos relacionados a mudanças no corpo ou sobre adolescência, o recurso usado é a internet. Este suporte já havia sido mencionado anteriormente, na discussão sobre acesso aos meios de comunicação, como um canal para aprofundamento das informações acessadas. No diálogo a seguir, os adolescentes apresentam razões para a preferência em pesquisar na internet, embora não excluam a interlocução com outros atores.

Eu pesquiso tudo. (Guilherme)

Pesquisa na internet. (Mariana)

Eu pesquiso também. (Daniela)

Não tenho vergonha de perguntar sobre qualquer assunto. (Guilherme)

Vergonha eu também não tenho, mas eu vou buscar informação e vou conseguir entender mais [na internet] do que com a pessoa com quem estou falando. (Mariana)

Depende de com qual pessoa você vai falar. Não me imagino falando de sexo com meu avô e com minha avó. (Guilherme)

Entretanto, quando pedi que listassem, por ordem de importância, as fontes de informação sobre a temática do cuidado e da saúde, os primeiros a serem nomeados foram o especialista e o professor, *dependendo do assunto* (Verônica).

Quase tudo para a gente hoje é o professor. (Guilherme)

Dá alguma confiança no conhecimento. (Tiago)

Não é nem por constrangimento, mas porque, dependendo do assunto, entre nós mesmos, tem essa naturalidade. (Guilherme)

Em outra ocasião, ao perguntar se teriam ou não o mesmo nível de confiança em uma informação sobre saúde e cuidado, se a fonte fosse um médico, um professor, o pai, a mãe, um amigo, ou um meio de comunicação, observou-se que embora o valor atribuído à formação profissional seja elevado, o saber médico é relativizado, com base em situações vivenciadas na atenção básica.

[ininteligível] mais em um profissional formado. (Daniela)

No começo, né? (Tiago)

De qualquer forma, eu ainda teria um cuidado com o que o médico falou, porque já aconteceu um caso do irmão da minha amiga estar com febre de 40 graus e o médico falou para mãe dar um banho de água gelada nele. O menino teve um choque térmico, e isso o médico falando. Depois disso, fiquei com o pé atrás. É claro que a gente segue as orientações, mas tem que ter cuidado. Ele estava com dengue na época e o médico mandou dar um banho de água gelada, numa criança de 2 anos. (Daniela)

Em geral, você teria... (pesquisadora)

Sim, acho que tem que ter confiança nos médicos, só tem que ter cuidado, né, com algumas coisas que eles falarem. (Daniela)

Grupo Vida Real

No grupo Vida Real, além da internet e do postinho¹¹³, citados inicialmente, os adolescentes mencionaram a escola e o hospital (*Fui só uma vez com meu pai*, disse Henrique). A enfermeira do “postinho” e o professor de ciências foram profissionais destacados. Houve neste grupo distinção de gênero em relação às citações sobre as fontes de informação dentro da família: as figuras do pai e do padrasto foram mencionadas por meninos, enquanto as mães, pelas meninas. Na discussão, ficou explícito que quando se tratava de um assunto não relacionado ao órgão sexual, os meninos também falavam com a mãe ou com quem estivesse mais perto.

Mas nem todos conversavam com alguém em casa sobre dúvidas que teriam a respeito de saúde e/ou sexualidade. Da mesma forma, a alternativa de conversar com os amigos não é unânime. No diálogo a seguir, é manifestada a precaução quanto à interlocução com amigas grávidas. Uma adolescente discorda dos colegas, atribuindo valor ao conhecimento que essas amigas podem ter justamente por fazerem o acompanhamento pré-natal.

Vocês conversam com amigos [sobre cuidado com a saúde]?
(pesquisadora)

Eu não. (Paula)

Sim. (Henrique)

Só se for sobre relação sexual mesmo. (Isabele)

¹¹³ Foma como os adolescentes se referem ao posto de saúde da localidade.

Conversar com amiga grávida não dá certo, não. (Carol)

Acontece. Por que não? (Manuela)

[Vários falam ao mesmo tempo.]

Ela é toda ao contrário. Tudo o que os outros falam, ela contraria.
(menino não identificado)

Vamos deixar a [nome da participante] falar. Por que você acha importante conversar também com a grávida? Acha que ela pode ajudar?
(pesquisadora)

Porque ela vai ao postinho, tem aqueles exames lá, e deva saber.
(Manuela)

A fala de Manuela revela a confiança depositada em informações dos profissionais de saúde, e também a percepção de que o diálogo com quem já passou pela experiência pode ser um caminho para a prevenção.

Em relação à confiabilidade das fontes de informação, a tradição cultural religiosa manifestou-se, com a evocação do nome de Deus. Após esta vinculação imediata, surgiu, mais uma vez, a figura materna, cuja referência gerou o questionamento de uma participante, ao comparar o saber da mãe de uma colega ao de um profissional de saúde do “postinho”. O diálogo a seguir traz indícios de que a confiança no saber é construída a partir do afeto.

De todas as [fontes de] informações que falaram aqui antes, em quem vocês confiam mais? (pesquisadora)

Ninguém. (Daniel)

Só em Deus. (André)

Só na mãe. (Carol)

Na minha mãe. (Cecília)

Você acha que sua mãe sabe mais que o postinho? (Manuela)

Minha mãe sabe. (Cecília)

Minha mãe. Se ela disser que é, é porque é mesmo. (Carol)

Na minha mãe. (Eduarda)

E vocês? A mãe ou alguém da família? O posto de saúde? Ou outro...
(pesquisadora)

Na minha mãe. (André)

Ir até o postinho para fazer uma pergunta só e voltar! (Henrique)

Em outro momento, perguntei se confiavam em informações que liam ou viam nos meios de comunicação sobre saúde e citei como exemplo uma eventual notícia sobre uma vacina contra a dengue. Ainda que não tenha mencionado outra doença, uma participante citou o vírus HIV, e os comentários enveredaram pelas crenças dos adolescentes do grupo sobre o contágio. Mais uma vez aparecem elementos religiosos-culturais como justificção.

Estavam falando que aqui tem uma grande quantidade de pessoas contaminadas pelo vírus HIV. Eu acredito. (Carol)

Tipo assim, falar que se tomar a vacina, não vai ter [a doença]. Acho que não tem essa história. Se tiver que pegar, com vacina ou não, vai pegar. Acho que nem tudo se resolve com vacina. (Cecília)

Esses negócios todos aí... (André)

Se tiver que pegar, vai pegar. (Daniel)

Tá tudo planejado. (Carol)

Quem planejou? (pesquisadora)

Deus. E Sabbath [ininteligível] os outros. (Paula)

A hegemonia do conhecimento científico é posta em questão diante das referências culturais dos participantes, apoiadas na constatação da impossibilidade de controle d vida por parte da ciência e da ideia de fatalidade , conforme discuto no item 2.1.

Grupo Legião 92

A primeira resposta, quase simultânea, de dois adolescentes (uma menina e um menino), para a pergunta “Com que se informam sobre saúde e cuidado?” foi: [Com] *Minha mãe*. Em seguida, vieram referências à televisão e ao rádio (Sabrina), ao postinho (Stefany) e à internet (menino não identificado). O pai, os irmãos, a avó, os primos e os amigos foram mencionados posteriormente.

Quando, na continuação do diálogo, perguntei qual seria o mais procurado, a ordem de citação se inverteu, com três participantes respondendo: *Internet*. Uma integrante do grupo comparou esta fonte com a televisão, desvalorizando este meio: *Porque se for depender da televisão para você saber, não sabe nada.* (Stefany). Dois colegas (Sabrina e Lucas), no entanto, destacaram como fonte o programa Bem-Estar, da TV Globo, que já havia sido citado no encontro sobre acesso aos meios de comunicação.

Mas em que circunstâncias procuram informações sobre saúde, cuidado e risco na internet? Diante da pergunta acerca do tipo de acesso, por iniciativa própria, ou indiretamente, quando “esbarram” na informação ao procurarem outra coisa, Stefany explicou que seu acesso é indireto, via rede social. *Eu não vou lá para procurar “saúde”. A primeira coisa que vou [na internet] é pro Facebook. Quando tem alguma coisa, vou lá e leio.*

Já seus colegas Lucas, Gabriel e Sabrina informaram que têm iniciativa de pesquisar quando estão doentes. Lucas usou o buscador Google para saber sobre pneumonia, quando estava com tosse. *Está doente, tem que procurar no Google, na internet.* (Sabrina)

Vários participantes disseram que vão ao postinho para consultas, e quando têm alguma dúvida, pesquisam na internet. Como provocação, perguntei o que fariam se as informações encontradas fossem contraditórias ou insuficientes. A farmácia foi a alternativa citada por Lucas e endossada por Sabrina.

Diante do pedido para que listassem suas fontes de informação sobre saúde, cuidado e risco, por ordem de confiança, mais uma vez as mães foram citadas em primeiro lugar. Também neste grupo o médico foi mencionado, mas com desconfiança, demonstrando a permanência de seu elevado status como profissional referido ao termo saúde, porém cujas práticas são dignas de questionamentos por parte dos adolescentes. Assim como no grupo Vida Real, a tradição cultural religiosa é manifestada. No diálogo a seguir, a confiança em Deus aparece na frase de uma integrante do grupo, encabeçando uma lista que inclui o Facebook.

Na minha mãe. (Sabrina)

Confio na minha mãe (Stefany)

Médico? (Lucas)

Confiar eu confio, mas na minha mãe em primeiro lugar. (Stefany)

Eu não confio em médico. Muito médico erra. (Sabrina)

Em primeiro lugar, sempre vai ser Deus; depois dele vai ser minha mãe, minha família, e o Facebook. (Stefany)

Ela falou a rua inteira. E o médico? [risos] (Luís)

O que você está considerando informação sobre saúde no Facebook? São amigos que [postam]? (pesquisadora)

Tem muita gente que fala: “Consulte este site”. Tem muito site do Facebook que tem muitas coisas, do tipo prevenção. Tem sempre alguma coisa se você quiser saber, vai achar. (Stefany)

Você está falando do Facebook mesmo ou de *link* que o pessoal manda?
(pesquisadora)

Link que o pessoal manda. (Stefany)

Link. (Sabrina)

Quando se trata de assunto relacionado ao desenvolvimento do corpo na adolescência e à sexualidade, a mãe deixa de ser a interlocutora preferencial. No grupo familiar, alguns adolescentes mencionaram um irmão ou irmã como sujeitos com os quais confidenciavam ocorrências e buscavam esclarecer dúvidas. Outros falam questões consideradas íntimas somente com os amigos.

E se for alguma coisa mais íntima, vocês falam com a mãe?
(pesquisadora)

Eu falo. (Stefany)

Minha mãe descobre. (Luís)

Eu não falo não. (Sabrina)

Com amigo vocês não falam? (pesquisadora)

Falo. (Gabriel)

Falo. (Luís)

Às vezes. (Lucas)

Eu comento com a minha prima, mas não tenho coragem de falar com minha mãe com quantos garotos já fiquei, já fiz isso e aquilo. Senão ela vai falar: “Ah, não sei o quê...” Tem coisas que você só pode conversar com uma amiga sua. Eu conto pra minha mãe entre aspas. (Stefany)

E com irmão? (pesquisadora)

Eu converso. (Sabrina)

Eu falo tudo pro meu irmão. (Luís)

Eu não. (Lucas)

Eu não converso com a irmã porque ela só fala palhaçada. Não consigo falar para ela. (Stefany)

Na sequência deste diálogo, uma integrante do grupo exemplificou uma situação que a levou a recorrer à irmã para se informar quando menstruou pela primeira vez, sem saber o que estava acontecendo. Tanto a vocalização (espontânea) da adolescente sobre o tema quanto as suas pausas (reticências, não silêncios), quando esbarrou na dificuldade de nomear a

menstruação, são emblemáticos para a compreensão dos processos de apropriação das informações e confirmam o longo percurso entre a oferta de informação e o instrumental sociocultural disponível para sua apropriação. Vale ressaltar que quem completa as reticências, nomeando a menstruação, é um menino, para quem ela sorri, agradecida, por ter pronunciado a palavra em seu lugar. Nenhuma das mulheres presentes, a colega do grupo e esta pesquisadora, entendeu de imediato o contexto em que usou a expressão “primeira vez”.

Eu vou falar. Minha primeira vez... sabe o quê? [olha para a pesquisadora e faz breve pausa.]

[um colega diz algo ininteligível, provavelmente “relação sexual”]

Não é isso não. Sabe... aquela...? (Sabrina)

Fala o nome. (Luís)

[reticências]

Ah, menstruação. (Lucas)

Isso. Eu não sabia o que era e perguntei à minha irmã. (Sabrina)

Se for perguntar isso para minha irmã, ela vai rir da minha cara. (Stefany)

Minha irmã, não. (Sabrina)

Apenas as meninas já haviam recorrido ao núcleo de saúde da escola. Alguns meninos sequer conheciam o serviço, dando indícios da distinção de gênero quanto à iniciativa de buscar atendimento de saúde. *A tia* [cita o nome da enfermeira que trabalha no Núcleo]. *Você não sabe quem é, não? Eu vivo lá, quando tenho dor de cabeça, quando sinto alguma coisa...* (Stefany)

5.3 SENTIDOS DE PRODUTOS JORNALÍSTICOS SOBRE CUIDADO E RISCO

5.3.1 Prescrição que assusta, mas gera crítica: grupo Preparatório Redes

A seleção dos materiais apresentados para discussão com o grupo Preparatório Redes, assim como aqueles propostos aos demais grupos, foi resultado da junção de informações sobre os meios de comunicação acessados pelos adolescentes, apresentadas por eles nas respostas ao questionário e complementadas no encontro a respeito do tema; e os assuntos debatidos no encontro sobre saúde, cuidado e risco. Como neste grupo havia mais tempo para o desenvolvimento das atividades, foi possível apresentar dois vídeos, para que os adolescentes

escolhessem um, e quatro textos noticiosos publicados em sites de empresas jornalísticas, para que selecionassem dois.

Após assistirem aos dois vídeos, sendo o primeiro intitulado “Crianças e adolescentes sonolentos aprendem menos” (Globo Repórter)¹¹⁴ e o segundo, “Psicólogos orientam adolescentes e crianças sobre os riscos da internet” (Jornal Hoje)¹¹⁵, iniciou-se o processo de votação, no qual foi eleito o segundo vídeo para discussão. Ambos são programas jornalísticos da TV Globo, a emissora mais citada pelo grupo. Embora o tema do primeiro tenha sido comentado por vários integrantes do grupo nos encontros anteriores, não houve manifestações de interesse em discutir o assunto.

Já na segunda votação, as preferências dos participantes variaram em relação a alguns temas. Foram submetidos os seguintes textos, capturados de sites e portais jornalísticos mencionados pelos adolescentes.

- 1) “Consumo de álcool por adolescentes cresce e inspira serviço médico especial”, publicado na editoria de saúde do jornal O Globo, com versões no site do veículo, Globo Online, e no G1 (portal das Organizações Globo).¹¹⁶
- 2) “Risco de engordar é maior entre os que têm amigos gordos do que entre os que têm amigos magros”, veiculado na seção de entretenimento do R7 (portal da Record).¹¹⁷
- 3) “Meninas que menstruam cedo têm mais risco de depressão na adolescência”, publicado na editoria de saúde do portal R7.¹¹⁸
- 4) “Sexo na adolescência: 73% dos jovens não usam camisinha na primeira transa”, publicado na editoria de saúde e ciência do jornal Extra, disponível no site Extra Online.¹¹⁹ A reportagem

¹¹⁴ Reportagem exibida em 2/7/2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/07/criancas-e-adolescentes-sonolentos-aprendem-menos.html>>. Acesso em 24/11/2012.

¹¹⁵ Reportagem exibida em 6/9/2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/09/psicologos-orientam-adolescentes-e-criancas-sobre-os-riscos-da-internet.html>>. Acesso em 24/11/2012.

¹¹⁶ Reportagem publicada no dia 7/4/2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/saude/consumo-de-alcool-por-adolescentes-cresce-inspira-servico-medico-especial-4509373>>. Acesso em 25/11/2012.

¹¹⁷ Notícia publicada em 16/7/2012. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/receitas-e-dietas/noticias/risco-de-engordar-e-maior-entre-quem-tem-amigos-gordos-do-que-magros-20120716.html>>. Acesso em 26/11/2012.

¹¹⁸ Notícia publicada no dia 5/1/2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/noticias/meninas-que-menstruam-cedo-tem-mais-risco-de-depressao-na-adolescencia-20110105.html>>. Acesso em 26/11/2012.

¹¹⁹ Reportagem publicada no dia 26/9/2012. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/sexo-na-adolescencia-73-dos-jovens-nao-usam-camisinha-na-primeira-transa-6199418.html>>. Acesso em 26/11/2012.

inclui um texto coordenado, que se propõe a explicar o que é o Papiloma Vírus Humano (HPV) e as formas de contágio.

O último texto foi o mais votado pelos participantes do grupo, enquanto o primeiro e o segundo empataram, em segundo lugar. Obedecendo a ordem de preferência, começamos a discussão pela reportagem “Sexo na adolescência: 73% dos jovens não usam camisinha na primeira transa” e, no encontro seguinte, discutimos os outros dois escolhidos pela maioria: “Consumo de álcool por adolescentes cresce e inspira serviço médico especial” e “Risco de engordar é maior entre os que têm amigos gordos do que entre os que têm amigos magros”.

A proposta inicial para as dinâmicas era a discussão em grupos menores, e posteriormente, a apresentação para todos. No entanto, isto só ocorreu na primeira parte da atividade, quando os participantes debateram o vídeo, com duração de 2:53 minutos, da reportagem do “Jornal Hoje”. A decisão de suspender os subgrupos justificou-se por este recurso não ter ampliado o diálogo, ao contrário de minha expectativa, inibindo a espontaneidade de alguns e tornando o debate repetitivo.

A responsabilização pelo risco: do controle à consciência de cada um

A forma como cada um sintetizou o tema da reportagem trouxe elementos para a reflexão sobre os sentidos atribuídos ao assunto a partir da audiência ao vídeo. Embora sejam próximas as descrições, a ênfase em cada fala e os termos usados apontam a pluralidade de sentidos. Por exemplo, as expressões “prevenção” (aos riscos), “desviar” (de “certos” perigos), “cuidado” (com os perigos) têm estatutos (pesos) diferentes.

Trata da prevenção aos riscos que a internet oferece. (Vitor)

Que os psicólogos orientam a gente a desviar de certos perigos que a internet oferece. (Mariana)

O vídeo fala também sobre o cuidado que a gente deve ter com os perigos da internet, que muitas pessoas acabam não tendo. (Tiago)

O uso cuidadoso da internet. (Alex)

Orientação para o uso seguro da internet. (Guilherme)

Ao serem instigados a lembrar do acesso a algum conteúdo jornalístico sobre o tema, os integrantes do grupo mencionaram vários. No entanto, a primeira citação foi de uma campanha

preventiva, nomeada pelo adolescente como comercial. *Teve até recentemente um comercial, que a Ivete Sangalo gravou, que falava de cuidado com o uso da internet.* (Guilherme). Uma colega disse ter visto também.

Outros participantes manifestaram que o assunto era recorrente no noticiário. Um deles (Tiago) fez referência a uma matéria que assistiu em um telejornal da emissora SBT. O mesmo adolescente citou depois diferentes suportes e o jornal impresso “Expresso”, que não havia sido mencionado no encontro sobre acesso aos meios. O(s) motivo(s) da omissão não foi (foram) discutido(s). Esquecimento, falta de oportunidade para falar e vergonha de dizer que lê um jornal popular de cunho sensacionalista seriam algumas possibilidades.

Tem matéria em jornal [sobre o tema] (Vitor)

Vi uma matéria no SBT de uma menina que marcou de se encontrar com um cara, e sumiu, nunca mais voltou. (Tiago)

[Vários falam simultaneamente]

A gente vê em vários lugares, na internet, na TV, no jornal Expresso. (Tiago)

Ficou tão comum, né? (Vitor)

Vocês veem ou leem essas notícias diretamente ou alguém fala para vocês? (pesquisadora)

Às vezes a gente vê, às vezes escuta no rádio mesmo, vê no jornal... (Vitor)

No jornal mesmo. (Mariana)

Alguma coisa aconteceu e está bombando... (Guilherme)

Em outro momento das dinâmicas, Tiago citou outro caso do qual se lembrou, com situação semelhante, e relatou ao grupo:

Eu me lembrei de uma reportagem agora sobre um cara que se passou pelo Neymar e convenceu a garota a mandar a fotos íntimas dela, e quando ela mandou, começou a ameaçar ela, dizendo que se ela não desse uma quantidade em dinheiro para ele, ele postaria. Aí ele acabou sendo preso.

Os participantes consideraram a linguagem acessível ao público em geral. Vitor ressaltou que essa é uma característica do texto jornalístico, demonstrando familiaridade com o discurso sobre a prática profissional e a lógica de produção: *O texto jornalístico tenta atingir todos os telespectadores.*

Ao serem questionados sobre o público ao qual se dirigia a reportagem, dois adolescentes afirmaram que os pais seriam o alvo. Um deles completou: *que não tomam conta dos filhos* (Alex).

Vale ressaltar que ao final do vídeo, os apresentadores (Sandra Annenberg e Evaristo Costa) travam um diálogo no qual sublinham a necessidade de controle por parte dos pais. Voltados um para o outro e não para a câmera, eles comentam o vídeo, abandonando a postura distanciada para assumirem a linha editorial “opinativa” que ganhou mais espaço nos telejornais da emissora a partir da década de 2000. É claramente um posicionamento prescritivo do jornalismo, conforme define Sodré (2002).¹²⁰

Tem que ficar de olho, sim. Os pais têm que controlar, principalmente nessa idade em que as crianças estão aprendendo a lidar com a internet. Eu costumo dizer que hoje em dia, a gente tem que educar para dois mundos: o mundo real e o mundo virtual. São completamente diferentes. (Sandra Annenberg)

Não tem como excluir o mundo virtual, porque ele está presente na vida dessas crianças. O negócio é você realmente sabe o que seu filho está fazendo, ser sincero na hora de checar o que ele está fazendo e jogar limpo. (Evaristo Costa)

Com certeza. (Sandra Annenberg)

Tanto de um lado quanto de outro. (Evaristo Costa)

Só não pode abrir o jogo na internet. (Sandra Annenberg)

A responsabilização dos pais e dos próprios adolescentes foi um tema que gerou debate no grupo, com opiniões distintas e por vezes contraditórias do mesmo interlocutor. Elas apontam o processo reflexivo que estava sendo feito a partir da interação com o produto jornalístico e com os colegas. Observa-se ainda, na sequência a seguir, um forte componente moral nas falas, culminando na ambivalência experimentada entre as orientações dos pais e o estímulo dos amigos, e também entre a reiterada “curiosidade” e a “consciência” sobre “o que pode e o que não pode” ser feito. Além disto, o diálogo aponta a introjeção da ideia de responsabilização individual pelo risco (CASTIEL, 2007; AYRES, 2001; VAZ, 1999).

E, tipo, a pessoa não tem em quem confiar. (Mariana)

É o caso da menina. (Luciano)

¹²⁰ O tema é discutido no capítulo 3.

Mas espera aí, vai da mãe, da família ter uma relação aberta. A curiosidade instiga a pessoa a ir. Então, tem que ser uma coisa aberta. (Guilherme)

Isso que o [Guilherme] falou. Acho que a educação dos pais é a base. (Vitor)

É. (menina não identificada).

Porque o adolescente já tem consciência, né? Uma pessoa que mexe com computador já sabe o que é certo e que é errado, o que pode e o que não pode. (Guilherme)

Com certeza. (Verônica)

Ele já está procurando um assunto que não é apropriado para a idade ou alguma coisa que [ininteligível], má criação (Guilherme)

E se ele chegou lá sem querer, quando estava procurando outra coisa? (pesquisadora)

Aí, é da consciência. (Guilherme)

Fecha, sai. (Verônica) [refere-se ao site acessado por engano]

Se tiver a consciência, e for sem querer, já vai sair logo. (Vitor)

Não precisa colocar programa para fechar [a internet]. Se os pais estiverem presentes, sendo cuidadosos com a criança, seria melhor do que colocar um programa que talvez incentive a criança até mais a querer saber sobre aquele assunto. (Tiago)

Se eu fosse essa criança, ia entender que meu pai está colocando o programa para me proibir de ver essa coisa porque não quer ter trabalho. É mais fácil colocar a máquina para proibi-lo de ver do que ir ajudar, estar presente. (Guilherme)

Ou seja, preguiça. (Vitor)

E nem prende, porque a criança pode não ver em casa e ver em outro lugar. (Daniela)

Porque o adolescente gosta de procurar aquilo que não pode. (Guilherme)

Tem casos e casos: tem casos em que os pais falam sobre o assunto, pouco, mas falam; tem outros casos em que os pais falam e os amigos influenciam a contradição dos pais. (Vitor)

Vai da consciência: se ele tem a maldade de ver se aquilo realmente, apesar da [orientação] dos pais vai trazer algum problema. (Guilherme)

Os amigos incentivando a ele a contradizer [os pais], até por vergonha ou medo, acabam contradizendo os pais e fazendo a coisa errada. (Tiago)

As falas finais de Guilherme e Tiago trazem à discussão o cenário de concorrência discursiva (OROZCO GOMEZ, 2003; ARAÚJO, 2006) na interlocução com os pais e os amigos. A autoridade dos pais é realçada, ao mesmo tempo em que é confrontada ao poder discursivo dos amigos, caracterizando as negociações realizadas no jogo de mediações.

Quis saber se caso estivessem em um ambiente com a televisão ligada no momento da exibição da reportagem, teriam vontade de assistir. Alguns afirmaram que assistiriam, na hora, ou depois, via internet. O conteúdo foi também qualificado como algo que seria “bom” ou “necessário”, mas também algo sobre o qual já se sabe.

Acho que está ligado diretamente à gente, né? Mesmo que tivesse passado despercebido, como anúncio da televisão, acho que a gente deveria assistir à reportagem. (Vitor)

Não é tão grave assim: a pessoa tem que ter consciência do que está fazendo, independente de reportagem ou não. Pelo menos na minha casa é assim. (Guilherme)

A pessoa já vai crescendo convivendo com isso, né? Alguns leem e gostam de ler, mas isso acaba sendo tão comum que não tem, assim, tanta curiosidade de procurar saber mais. (Tiago)

Eu acho necessário. (Mariana)

Necessário, é. (Tiago)

Mesmo tendo conhecimento. (Mariana)

A reportagem contava com o depoimento da mãe de uma adolescente que desapareceu por três dias depois de marcar um encontro com uma pessoa que conheceu em uma rede social na internet, e da coordenadora de um serviço de ajuda on-line para pais sobre segurança na internet, no qual o atendimento é feito por psicólogos. Ao questioná-los acerca da confiança nas fontes de informação apresentadas no vídeo, os adolescentes responderam afirmativamente. A familiaridade com o tema deu o tom das justificativas:

A gente confia porque já conhece sobre o assunto. (Tiago)

É um assunto que é isso, é isso. Não é uma história que pode ter dois lados. (Daniela)

Levando-se em conta a reportagem apresentada, Daniela informou que não iria conferir as informações em outros meios de comunicação. *Agora uma história que envolve várias coisas,*

pode ter vários lados, né? E tem sites que são mais explicativos, outros que tem mais resumo. Então, se tiver interesse no assunto, acho que sim.

A camisinha onipresente e o “lado negativo” ressaltado pelas matérias

O início da discussão sobre a reportagem “Sexo na adolescência: 73% dos jovens não usam camisinha na primeira transa” foi marcado pelo comentário de um participante que causou risos no grupo. Ele demonstrou surpresa e desapontamento com a informação de que a oferta de vacinação contra o papilomavírus humano (HPV) nos postos de saúde do estado do Rio de Janeiro seria restrita a adolescentes de 9 a 11 anos, e retrucou: *Então, vou morrer virgem.* (Guilherme).

Mais tarde, o enfoque na faixa etária da vacina voltou a se debatido pelo grupo e houve novas críticas à limitação. A justificativa de que a vacina teria maior eficácia para quem ainda não iniciou a vida sexual, provocou questionamentos de adolescentes, que deram exemplos de pessoas conhecidas não enquadradas nessa classificação.

A gente conhece pessoas de 20 anos que são virgens ainda. Com esse dado, eles acabam insinuando que as pessoas são virgens até os 11 anos; depois não precisa tomar vacina porque já se perdeu. Isto é bem chato, né? (Guilherme)

[Vários concordam.]

Tem gente velha que é virgem. (Guilherme)

A minha irmã tem 20 anos e é virgem. (Vitor)

Aí! (Luciano)

Aí ela pode pegar a doença porque não tem mais 11 anos? (Guilherme)

Ela nunca namorou. (Vitor)

Tudo bem, mas ela não pode agora tomar vacina. Aí no primeiro [ininteligível] ela pega a doença. Como ela vai prevenir? (Nicole)

É uma coisa assim: até 11 anos é virgem; depois já não presta mais. [risos]. (Guilherme)

Alguns participantes revelaram desconhecimento sobre o HPV. Houve quem confundisse inicialmente a sigla com HIV, o vírus da imunodeficiência humana, sobre o qual todos tinham informações. Quando questionei a respeito do que consideraram mais interessante

na matéria e o que menos gostaram, foi mencionado o fato de o texto jornalístico apresentar apenas a sigla, e não o nome do vírus, como uma falha de comunicação. Contudo, avaliaram positivamente a possibilidade de acessar informações novas para eles e a clareza do texto, de fácil compreensão.

O que acharam mais interessante e do que menos gostaram?
(pesquisadora)

As informações. Para mim, trouxe um monte de conhecimento. Por exemplo: a detecção [do HPV] pode durar décadas. Eu não sabia. Pensei que fosse no máximo dois ou três anos, e pode durar décadas.
(Vitor)

Eu já tinha ouvido falar sobre essa doença, só que não a fundo. Deu para entender um pouco sobre ela. E isso é bom porque muitas vezes a pessoa não tem informação e acaba não se prevenindo por causa disto.
(Tiago)

Sobre o que não gostei, mais uma dica: sobre essas siglas das doenças, HPV, essas coisas, igual o que o [nome do colega - Luciano] me perguntou: o jornal poderia ter colocado os significados das siglas. Às vezes é uma coisa boba, mas desperta curiosidade na gente de procurar saber o significado da sigla. (Vitor)

Tem até aqui DSTs abreviado, que poderiam ter colocado o significado.
(Luciano)

A crítica mais contundente em relação ao texto referiu-se à citação do percentual de adolescentes que não usariam preservativo na primeira relação sexual sem incluir informações sobre o universo dos pesquisados, seja o número absoluto de entrevistados, a localização geográfica ou a descrição do perfil da amostra. Esta omissão teria impacto sobre a credibilidade da matéria, conforme apontam as falas a seguir¹²¹.

O diálogo traz ainda um questionamento da amostra como reveladora da realidade dos adolescentes (o todo pela parte), colocando em dúvida, senão a metodologia de pesquisa, ao menos a apresentação dos dados, ou seja, o fato de o texto jornalístico ter noticiado o dado sem questionamento da metodologia da pesquisa.

Essa é uma fonte em que eu não acredito, porque é irrelevante dizer que 73% dos adolescentes na primeira transa não usam camisinha.
(Guilherme).

¹²¹Em outro momento das dinâmicas, integrantes do grupo relacionaram a presença de dados estatísticos como referencial de credibilidade de uma reportagem.

Eu não acho. (Daniela).

Depende dos jovens que [eles] pesquisaram, se as pessoas pesquisadas namoram, têm alguma relação com religião ou ao costume familiar. Achei superjogado, né? (Guilherme)

Isso é errado. Acho que deveriam ter colocado. Tipo, “entre 10 ou 20 pessoas”... (Mariana)

Melhor do jogar assim: 73%. (Verônica)

E 73% envolvem todos os jovens? (Guilherme)

Por exemplo, se ele pesquisou 10% da população do Rio de Janeiro. Começou com 100 mil, depois ficou entre 100. Dá um número elevado, mas se pesquisar todos, vai dar um número bem diferente. (Vitor)

A credibilidade da pesquisa também foi posta em discussão por um participante, ao supor uma resposta “inventada” por algum entrevistado. *Eu posso falar usei ou não usei sem nunca ter feito sexo. (Guilherme).* A desconfiança, portanto, ultrapassa a narrativa jornalística, mas também impacta o modo de fazer a notícia ou reportagem sem o questionamento sobre a metodologia. A fala traz um dado relevante a ser considerado por pesquisadores.

O debate sobre a reportagem suscitou uma reflexão sobre a recorrente menção ao uso de preservativo como única possibilidade de realização do ato sexual. Destacaram-se a carência de informações na matéria sobre outras formas de prevenção à gravidez e a DSTs e a percepção de que a narrativa assume uma perspectiva negativa ao abordar o tema.

Por que não podem fazer sexo sem camisinha? Podem ter feito exames e visto que nem a mulher nem o parceiro têm alguma doença e que não há motivo para usar camisinha. Depende disto: se a pessoa quis experimentar sem camisinha ou se o casal não tem risco a trazer e se a menina se previne do não uso da camisinha; sei lá, toma remédio no dia seguinte, tem DIU, anel, entendeu? (Guilherme)

Você está levantando que existem outros métodos que não...
(pesquisadora)

Que não precisam da camisinha em si. Então, são 73% dos jovens, mas as mulheres pesquisadas têm algum outro método contraceptivo? Os parceiros sabiam que tinha doença ou não sabiam que tinham doença? (Guilherme)

A matéria orienta para a necessidade de usar a camisinha sempre?
(pesquisadora)

Sim. [meninas falam juntas]

Fala de prevenção, que pode levar a uma gravidez de risco. (Daniela)

Na verdade, acho que ele não fala em usar camisinha. Acho que ele joga para o lado negativo para a gente ir para o positivo. Para falar: “Não, isto tá errado, para a gente ir para o certo.” (Guilherme)

Ele fala que a camisinha salva 70 a 80%, certo? Não é 100%, mas é grande parte, já faz pensar. (Alex?)

Por exemplo: se você não fizer isto, vai acontecer isso, isso e isso. Fala o lado negativo, como ele falou [refere-se a Guilherme], e a gente vai para o lado positivo. (Vitor)

O que é o lado positivo? (pesquisadora)

Usar. (Luciano)

Usar a camisinha, sim. Mas vocês ouvem, em outros meios, outros lugares sobre esse assunto, não só em matérias e reportagens? (pesquisadora)

Sobre usar camisinha? É bem frequente, na escola... (Guilherme)

Palestras, então... (Vitor)

É uma coisa que as pessoas insistem bastante. É um assunto que não passa despercebido. (Guilherme)

Até comerciais simples falam sobre isto. (Mariana)

Pais como interlocutores destacados entre outros atores

A discussão sobre a reportagem “Consumo de álcool por adolescentes cresce e inspira serviço médico especial” foi feita no quinto encontro com o grupo, que teve presença reduzida, devido ao início do período de férias no curso. Com cinco adolescentes, sendo quatro meninos e uma menina, o encontro permitiu maior participação dos integrantes.

Ao serem questionados sobre qual seria o assunto principal da reportagem, fizeram relatos complementares:

Sobre o consumo de álcool na adolescência. O crescimento do consumo de bebidas alcoólicas. (Vitor)

Fala sobre a pesquisa feita por psicólogos. (Alex)

Fala sobre pessoas que ao procurar um médico, na hora de relatar o problema, ao invés de falar que [buscam tratamento para] bebida alcoólica, mudam o assunto, dizem que é depressão, outro tipo de problema. Muitas vezes chegam a mentir. (Luciano)

Também são as complicações causadas pelo álcool; e quando veem esses sintomas causados pelo álcool (Tiago)

Exatamente. (Mariana)

Eles ficam pensando que é outra coisa. Ao conversar com o paciente, os psicólogos deduzem que aquilo foi realmente causado pelo álcool. (Tiago)

Em relação a outras notícias ou reportagens sobre o assunto que leram ou assistiram, Mariana destacou a informação de que as mulheres adultas consomem menos álcool que os homens adultos, mas que na adolescência elas se igualam aos adolescentes do sexo masculino, consumindo a mesma quantidade de álcool que eles. Após listarem as fontes de informação da reportagem - *uma psiquiatra, um psiquiatra, uma psicóloga...* (Mariana), *uma vítima do álcool* (Vítor), *algumas pessoas* (Luciano), *uma situação* [caso relatado pelo psicólogo]; *não identifica nem o nome*¹²², os adolescentes iniciaram uma reflexão sobre o conteúdo apresentado.

Mais uma vez, houve um posicionamento discordante em relação à influência dos pais sobre as atitudes dos filhos: enquanto a psicóloga consultada pela jornalista autora da reportagem alegou que os pais não teriam um alto nível de autoridade sobre os filhos, como na sociedade chinesa, para proibi-los de consumir bebidas alcoólicas, os participantes do grupo consideraram que os gestos dos pais teriam, sim, repercussão sobre as ações dos adolescentes, ao lado de outros, como os amigos, sublinhando a pluralidade de comunidades discursivas que poderiam contribuir para a decisão sobre esta prática. Na discussão, foi mencionado um ator que não aparece na reportagem: o mercado, representado na figura do vendedor de bebidas alcoólicas.

Acho que ela esclarece bem o problema do álcool, o que causa também; os adolescentes, a influência dos amigos... (Vítor)

Eles incentivam de certa forma a pessoa a procurar, né? (Tiago)

Para mim, isto... (Vítor)

Já relata tudo; serve até para alertar os outros jovens para que não venham a fazer isso. Porque aqui vendo, eles já sabem o que a bebida causa, né? (Luciano)

Hoje em dia, todos nós sabemos o que a bebida causa. Mas também depende da influência, como o texto relata bem aqui, a influência dos amigos. (Tiago)

Como uma “modinha” [faz o gesto de aspas com os dedos], né? (Vítor)

¹²² Todas as fontes da reportagem eram especialistas. Em alguns trechos, houve citações de casos, sem revelar os nomes dos envolvidos.

Acho errado que tem uma parte que fala que não adianta só os pais falarem que não pode. Acho que se os pais forem muito presentes assim: “Você não vai fazer isto!”, ele não vai fazer e ponto. (Alex)

Até uma psicóloga fala que eles [os pais brasileiros] não são como os pais chineses, que... (Mariana)

... que têm autoridade. (Tiago)

Se o pai não só falar. Mas se acompanhar o que o filho faz, para onde vai, com quem ele vai, isso diminuiria muito o número de adolescentes que chega no hospital em coma... (Alex)

Porque esta sociedade deu uma certa liberalidade para os adolescentes. Então, os pais perdem autoridade. Mesmo ele tentando impor autoridade, o adolescente não vai respeitar essa autoridade dele. (Vítor)

Mas, como o texto fala, não adiantaria só a autoridade dos pais. (Mariana)

Só os pais, não. (Alex)

É necessário ter políticas públicas, porque a gente vai ali e diz “Ah, moço, me dá aí um não sei o que lá”, e ele te dá, mesmo sabendo que você tem menos de 15 anos. (Tiago)

Está mais interessado em vender. (Alex)

Ao invés de ver pelo lado da lei, ele quer saber do lucro dele. (Vítor)

Para mim, não basta só os pais, mas os pais fariam uma mudança muito grande. (Alex)

Foi proposto ao grupo que discutisse o objetivo da matéria, o público ao qual estaria direcionada e o acesso a conteúdos sobre o tema em outros meios e publicações. Em vez de abordar o objetivo a partir do veículo de comunicação, Vitor optou por ponderar acerca do lugar da recepção: *A informação vai depender muito do leitor: se ele lê e acha que está entre essas situações, ele já vai com uma consciência de tentar mudar.*

Os adolescentes destacaram informações da reportagem que consideraram pertinentes.

Essa parte de a pessoa estar no meio x, acho que acontece muito, de a pessoa beber e fazer qualquer besteira. Então, se fosse para mim, não ia beber tanto para não fazer besteira. (Alex)

A pessoa acaba saindo do seu juízo normal, fazendo atrocidades até, com aquele consumo alto de álcool. (Tiago)

Fala também das garotas, que a maioria delas... (Vítor)

[lendo o texto]: “elas dizem que ficam com quem não ficariam se não estivessem bêbadas.” (Mariana).

Vocês acham que esse tipo de matéria estaria voltada a que tipo de leitor? Quem teria mais interesse em ler? Qual seria o público-alvo dessa matéria? (pesquisadora)

Acho que, como na matéria passada [refere-se à reportagem sobre o não uso de preservativo na primeira relação sexual], está direcionada a todo mundo, tanto é que é bem fácil de ler, para todo mundo entender. (Mariana)

Vocês acham que ela não é específica para adolescentes, então. (pesquisadora)

Seria mais para os adolescentes e para os pais. Mas [poderia ser] para o público em geral, como o texto anterior. (Vítor)

Quando perguntei se costumavam ver a matérias sobre esse tema, Tiago disse que era comum, e Mariana reforça a afirmação: *Várias vezes. Antes de ontem mesmo, no Profissão Repórter [programa da TV Globo], eu estava vendo sobre o consumo de álcool entre mulheres, a mesma coisa com adolescentes. Bem parecido. Horrível, horrível!* (Mariana)

Do imperativo do *fast food* ao imperativo de magreza

A matéria “Risco de engordar é maior entre quem tem amigos gordos do que entre quem tem amigos magros” provocou a discussão sobre um tema que havia sido abordado por vários adolescentes no encontro sobre saúde, cuidado e risco: a autocrítica sobre o consumo de alimentos assumidos como “não saudáveis”. O diálogo teve como ponto de partida a constatação dos participantes sobre a preferência pelo *fast food*, observando que embora não seja unânime, tem a adesão de grande parte deles.

O adolescente come muito mais fast food [que é], mais rápido, no almoço – hambúrguer, cachorro-quente... – do que arroz, feijão, carne. (Alex)

Eles são mais saborosos (risos), né? (Tiago)

Mas se você tiver que comer todo o dia hambúrguer e batata frita, você come? (pesquisadora)

Não vou dizer isto, mas sexta-feira à noite, o que vou comer? Ah, prefiro hambúrguer. (Alex)

A comida é maravilhosa, só que não é saudável. Mas comer todo dia, acho um exagero. (Vitor)

Tenho um colega que de forma alguma come cheese-tudo. Ele prefere comer arroz e feijão puro do que comer cheese-tudo, cachorro quente. (Tiago)

Este ano eu não tomava café em casa. Eu queria acordar mais tarde, ia para a escola e comia na escola. (Alex)

Nos momentos iniciais da discussão, as considerações dos adolescentes pareceram caminhar para a concordância com o resultado da pesquisa, da Universidade Loyola, nos Estados Unidos, difundido por meio da notícia veiculada pelo portal R7. No entanto, ainda que tenham feito correspondência entre casos abordados na pesquisa e situações de cotidiano, os participantes foram além da possível constatação, ponderaram acerca da mudança de padrões estéticos, do peso que este imperativo traz para a vida das pessoas, de motivações culturais da alimentação e do tratamento preconceituoso contra aqueles definidos como gordos. Ao final da sequência dialógica a seguir, percebe-se, inclusive, o exercício reflexivo de inversão da situação: e os gordinhos que saem com os magros, não se sentiriam estimulados a emagrecer?

Antes um jovem magrinho queria engordar. (Luciano)

Isso aí é um pouco engraçado, do meu ponto de vista, desperta uma curiosidade, porque os gordinhos vão querer sair, se divertir, e acabam comendo muito. Aí o amigo acaba entrando na onda. Pelo menos no meu ponto de vista. (Vitor)

Acho que depende da pessoa. Às vezes pode ser até um incentivo ver aquela pessoa entrando na obesidade, ele vai querer controlar mais para não ficar gordo como aquela pessoa. Foi o meu caso, né? Eu era gordinho e tentei várias formas de emagrecer, aí consegui agora, formas de não engordar. (Tiago) [Tiago é magro, atualmente. O trecho em que detalha a fase na qual se sentia gordo foi cortado para evitar possível constrangimento.]

Vocês concordaram com o que acontece com as pessoas que estão no grupo com uma pessoa gordinha, acabam ficando gordinhas? (pesquisadora)

Eu era bem mais magra e aí comecei a andar com umas pessoas que comem muito e todo dia hambúrguer e refrigerante, engordei acho que uns 15 quilos. (Mariana)

Pão com mortadela... (Alex)

Mas elas são gordinhas? (pesquisadora)

Não! Mas comem muito e não engordam. (Mariana)

A pessoa pode achar que é uma bobagem: tanta gente magra que come. (Luciano)

Depende da pessoa. (Tiago)

Acho importante uma coisa que ele fala [o texto]: será que é mais fácil para o adolescente gordinho se socializar com seus semelhantes ou com magrinhos? (Alex)

Também fiquei com a impressão [sobre a matéria] de que o ideal é ser uma pessoa magra, saudável. Então só vou andar com pessoas magras. As pessoas gordinhas vão ficar excluídas, como se tivessem [ininteligível]. (Mariana)

Eles acabam criticando muito as pessoas pelo seu jeito de ser. (Tiago)

Para mim, vejo assim: se você gostar de ser gordo, não tem problema nenhum. Mas às vezes é uma parada que mexe a tua saúde, tá ligado? Então, às vezes, não faz muito bem. (Alex)

Mas fico indignado quando a pessoa fica criticando a outra só porque ela é mais gorda. (Tiago)

Ah, isso é chato. (Alex)

Acho exagerado. (Mariana)

Vi uma criança, o pessoal estava falando que ela não queria comer, e ela falando: “Eu não quero engordar, não”. Aí, falei assim: “Cara, não importa o jeito da pessoa; é bom a saúde, a pessoa prevenir certas coisas, mas cada um tem seu jeito. Elas são legais do seu jeito. Não é só a aparência que forma a pessoa, né?” Eu falei para a garota para não ter vergonha de se alimentar só por crítica de outras. (Alex)

Às vezes quando a gente vai a um aniversário, as pessoas oferecem: “Cara, come aí, come mais, está delicioso”, e a gente vai e come, por isso. (Luciano)

Acontece mesmo. A gente fica até sem graça de não aceitar, de tanto ele insistir. (Tiago)

Ele faz tanto gosto. (Vítor)

“Tá com vergonha? Tá acanhado? Pode comer mais.” (Luciano)

Depende da pessoa. Se for alguém assim... [mais próximo], digo “Ah, não quero”, mas se for num lugar que ofereceu, fico sem graça de recusar. (Tiago)

E essa situação que a Mariana falou de ser alguém próximo, vocês acham que a matéria tende a mostrar, pelo resultado da pesquisa, que seria o caso de deixar os gordinhos de lado? (pesquisadora)

Se é comum ou não, né? (Tiago)

Eu, quando vi o título, não concordei, mas quando li [a matéria], concordei, sim. Por exemplo: vou sair com um amigo meu para um rodízio de pizza, aí tem aquela pessoa que diz: “enquanto não comer tantas pizzas, não saio daqui” (Alex)

É a competição, né? (Tiago)

Se você falar assim: “Vou comer até ficar satisfeito”, é uma influência, ou seja, você pode sair com a sensação de que pode. (Alex)

Mas pode ser gordinho ou magrinho, nesse caso, não? (pesquisadora)

Tá, um gordinho. Vamos supor que eu saia com um gordinho que fale isso. Quando a gente foi ao aniversário [cita o nome de uma colega], teve um moleque do lado que comeu 22 pedaços de pizza. E o moleque era definido. Estava bebendo suco na jarra, assim. (Alex)

Mas e se for gordinho, você vai deixar de lado? (pesquisadora)

Aí, não. (Alex)

No caso dos gordinhos saírem com os magros, eles também vão querer se esforçar, vão querer emagrecer, fazer academia. Agora o magro que tem a tendência a ser gordo se aproximar dos gordinhos, aí... (Vítor)

Eu acho que depende da mente da pessoa. Se ela disser: “Não, estou satisfeita com o meu peso; vou continuar comendo o que quiser, independente do meu amigo.” (Mariana)

Depende mesmo do que a pessoa conheça, né? (Tiago)

Como provocação, para o aprofundamento do debate, retomei o tema *bullying*, trazido pelo grupo no encontro sobre saúde, cuidado e risco¹²³. A pergunta “Vocês acham que os gordinhos sofrem *bullying*?” gerou intervenções que apontaram elaborações a respeito das diferenças entre os indivíduos e das pressões de homogeneização. Citam exemplos de outras situações, além do consumo de alimentos, como o modo de vestir e gosto musical.

Com certeza. Hoje em dia é só ter um jeito diferente que você sofre bullying. Qualquer coisa. A comunidade adotou um jeito para todo mundo ser igual, né? A pessoa não pode ser diferente. Se for diferente, é estranha. Todo mundo quer criticar ela, quer excluir. As pessoas são diferentes, mas acabam tendo o mesmo pensamento. Porque se tem um estilo diferente do que é normal, hoje em dia, acaba sendo criticada. A forma de pensar, o seu jeito, se for mais gorda, mais magra demais, sempre tem aquela crítica. Claro que são diferentes, mas... (Tiago)

¹²³ A intenção não foi aprofundar a discussão sobre bullying, o que foge aos limites desta pesquisa, mas retomar o tema que havia sido mencionado espontaneamente para o contexto da discussão que os adolescentes estavam fazendo, sobre a crítica a pessoas gordas.

Vai ficando meio piegas. Porque todo mundo é diferente. (Mariana)

Tem aquela brincadeira assim... (Luciano)

Às vezes o outro te zoa por você assumir um gênero musical diferente. Por exemplo, aqui no Rio de Janeiro, uma pessoa normal assim, ou ela usa boné ou [ininteligível]. Eu sou totalmente diferente disso: não curto isso. Eu não gosto de usar boné, eu curto rock, não gosto de pagode nem [ininteligível]. Quer dizer, não é que não goste. Quer dizer, toda pessoa vai ser diferente, apesar de gostar das mesmas coisas, sempre vai ter pensamento diferente. Mas as pessoas acabam criticando, pré-julgando outras pessoas por elas serem diferentes. (Vitor)

Uma coisa que ficam criticando, esse negócio de zoar, fazem até funk para curtir [alguém do grupo fala “gordinha”]. Já ouvi até relato de mulheres: “Chama lá as gordinhas para comer hambúrguer!” [ininteligível]. Quer dizer, estão gostando da brincadeira, mas não estão sabendo. (Luciano)

Para mim, é meio isso que ele falou. Tipo, cara, na minha escola, na minha sala, tem muita zoação, assim quase um preconceito. Mas o pessoal não tem essa de “Ah, vou falar com a diretora”, de repressão. O pessoal é muito tipo “Eu sei o que eu sou”. Bullying, para mim, é a parte em que rola porrada. (Alex)

As pessoas não entendem muito o sentido do bullying. (Mariana)

Quando questionei sobre a quem seria dirigida a matéria, Luciano respondeu que seria para os jovens e também outras pessoas, enquanto Mariana afirmou que seria para todos. *Todo mundo tem amigo gordinho.* Vitor ampliou a discussão, esclarecendo que, em sua opinião, tratava-se uma *matéria de curiosidade*, na linha *ah, o homem mais velho do mundo ou recordes de alguma coisa. Eu colocaria em público geral, porque é mais curiosidade do que informativa.* (Vitor)

Esta última fala é reveladora da familiaridade com a linguagem jornalística. Não por coincidência, a matéria fora publicada na editoria de Entretenimento do portal R7, sob a rubrica “Receitas e dietas”. Ao lado do texto havia uma animação de publicidade seguindo o modelo “antes e depois”, com a imagem de uma mulher gorda de biquíni que se torna magra, e o anúncio de um curso para dietas de emagrecimento. Os participantes do grupo não tiveram essa informação antes da discussão sobre o texto porque leram o texto impresso, e não no computador, devido à falta de acesso à internet na sala onde realizamos a atividade.

Confiança, interesse e apropriação

Procurei saber como imaginavam que aquela matéria seria apropriada por um adolescente obeso, se ela poderia gerar mudança de comportamento. Fiz a mesma indagação quanto à matéria sobre o consumo de álcool. Mariana respondeu: *Acho que depende da mente da pessoa. Se a pessoa está conformada com aquilo que ela é, vai continuar do mesmo jeito; agora se ela acha feio, do tipo falar “tenho que emagrecer”, vai ter uma ideia, de só ter amigos magros agora.*

Quando questionei se teriam o mesmo nível de confiança nas duas matérias, os participantes fizeram uma distinção entre o que os inspiraria confiança e o que os atrairia à leitura. Embora a reportagem sobre o consumo de álcool seja considerada “mais informativa” ou “mais completa”, seria menos atrativa que a outra, sobre a influência dos amigos gordos. Os motivos para esta preferência relacionam-se tanto ao tema quanto à apresentação do conteúdo. No primeiro caso, foi mencionada a recorrência de matérias a respeito do assunto (consumo de álcool) e no segundo, o título “engraçado”, que desperta curiosidade.

Nessa matéria do risco de engordar, a gente encontra várias divergências, várias exceções, não está muito completa. É diferente da sobre o álcool, que é bem mais completa. (Mariana)

Para mim, em termos de confiança, as duas são muito convincentes. A primeira [sobre o consumo de álcool] tem mais entrevistados. A única diferença entre as duas é pela categoria: uma é informativa e a outra é informativa, só que é mais de curiosidade, o que também é engraçado. (Vítor)

Se vocês fossem pesquisar sobre esses assuntos, acham que teriam interesse nessas matérias ou passariam despercebidas? (pesquisadora)

Não. (Tiago)

Eu leria. (Mariana)

A segunda eu leria, a primeira, acho que já sabia. (Alex)

Eu leria porque acho engraçado, o meu caso. (Mariana) [risos do grupo]

Se a matéria sobre o consumo de álcool tivesse esse estilo? Vocês acham que se fosse uma publicação voltada para adolescente, qual seria o melhor jeito de falar? (pesquisadora)

Vai depender da matéria também. Eu acho bem difícil que a matéria do álcool fosse estar em entretenimento, porque é um assunto sério; e a matéria do risco de engordar, se fosse um texto só informativo, eu também acharia [mais difícil], porque é mais, assim, curioso. (Vítor)

Eu acho que se colocasse alguma coisa diferente na matéria do álcool, alguma coisa engraçada, mais adolescentes leriam, porque acho difícil um adolescente entrar em um site e ler um texto desses. (Mariana)

É. (Alex)

Agora, esse [o segundo texto] muita gente leria. Até pelo título, né? (Tiago)

Só o título. (Alex)

Já ajuda. (Tiago)

Em relação ao título, vocês acham que ser mais engraçado ou menos não muda muito, ou muda, para vocês confiarem? (pesquisadora)

Vai depender mesmo da matéria. (Vítor)

Outro aspecto que voltou a ser mencionado, de forma associada à credibilidade, foi a apresentação de dados estatísticos, acompanhados de informações sobre o universo da pesquisa, na reportagem sobre consumo de álcool. Destacou-se que este seria mais completo, diferentemente do texto discutido sobre o não uso de preservativo.

Eu achei legal essa aqui por causa da estatística: ela fala de quantas pessoas... tantos estudantes... Acho legal isto. (Mariana)

Foi o caso do texto do último encontro que tivemos. O erro que apontamos era não ter a quantidade de pessoas, só ter a porcentagem. Então, a gente não tinha ideia de quantas pessoas. Já este aqui tem, explicadinho. (Tiago)

A iniciativa de confirmar as informações contidas nas reportagens, caso tivessem dúvidas e/ou interesse de saber mais, de acordo com os participantes da pesquisa, dependeria do tema. Com base nos relatos dos adolescentes, os assuntos podem ser classificados em três tipos: íntimos, globais e sobre a comunidade. Para saber mais a respeito dos assuntos íntimos, o caminho seria buscar um meio de comunicação ou “uma pessoa segura”; sobre temas globais [“mundiais” ou gerais], tentariam se informar “com alguém que entende muito sobre o assunto”; e acerca de acontecimentos na Maré, acessariam as redes sociais virtuais.

O compartilhamento de informações veiculadas na mídia convencional com pessoas que integram seus grupos de relacionamentos virtuais foi citado como um recurso usual. Os adolescentes também mencionaram o recurso de confirmar a informação com algum familiar ou em um canal jornalístico no qual confiam. No diálogo a seguir, exemplificam a prática fazendo referência à notícia sobre a morte de uma pessoa ilustre, que acontecera na véspera do

encontro. Na internet, apontaram uma plataforma de mídia social, dois buscadores, além de um canal de perguntas e respostas; na televisão, uma emissora por assinatura.

Se fosse alguma coisa mais íntima, eu iria para o meio de comunicação. Agora se fosse algo assim, tipo mundial, eu falaria com alguém que entende muito do assunto. (Mariana)

Com uma pessoa segura, né? Depende do assunto. (Luciano)

Antes, a gente qualquer coisa ia para os pais, mas hoje em dia a gente tem até vergonha de falar com os pais sobre esses assuntos. (Tiago)

A gente compartilha informações, por exemplo, o 11 de setembro, nos EUA. Assim que a gente vê a notícia, a gente quer compartilhar com alguém a informação. (Vítor)

Se for algo que não tem a ver com vocês, vocês falam com qualquer pessoa? (pesquisadora)

Não com qualquer pessoa, mas com pessoas que têm interesse no assunto, mais sobre fatos que acabaram de acontecer. Igual a ontem: eu fiquei sabendo da morte do Oscar Niemeyer da pior maneira, já com as pessoas comentando, né? (Vítor)

Eu abri minha página no Facebook e vi várias coisas voando. Aí perguntei para o meu pai. Ele disse que [Niemeyer] estava no hospital, já era tarde [quando morreu]. (Alex)

Eu estava vendo televisão quando deu a matéria. Acho que ele morreu às 9h55 da noite. (Mariana)

É, 9h55. Passa direto na Globo News. (Alex)

Mas vocês disseram que se for uma coisa íntima, procuram na internet. Onde procuram? (pesquisadora)

Google. (Vítor)

Notícias. Eu ponho logo no Google. Se tiver um site que me interessa, eu vou. (Mariana)

Tem o portal Yahoo respostas, que tem bastante coisa. Eu não tenho e-mail do Yahoo ainda. Vou fazer para isto. Nem é coisa de intimidade, mas qualquer coisa assim. (Alex)

O que aconteceu na comunidade da Maré. Às vezes é só, “como é que tá, pessoal?” No meu caso, eu procuro ver o que aconteceu na comunidade. (Luciano)

Pela internet? (pesquisadora)

Pela internet. (Luciano)

Tem muito especialista também [no Yahoo Respostas]. Isso que a gente estava falando aqui. Por exemplo, eu procuro muita coisa de skate. Aí tudo o que eles falam lá, jogo no Bing [buscador] para ver se é verdade mesmo. (Alex)

Quando questionei que tipo de notícia sobre pessoas desconhecidas chamaria atenção deles, descreveram episódios de crimes - chacinas, estupros e assassinatos - ocorridos no Brasil e em outros países. Nos relatos, puderam ser observados elementos que apontam a indignação dos adolescentes em relação aos casos. O tema do *bullying* voltou à cena, com base em informações acompanhadas pelo noticiário acerca dos ataques. Mais uma vez houve referência à conversa com o pai sobre uma notícia acessada, reforçando o valor dessa mediação para os participantes do grupo. Vale destacar que as citações de conversas com familiares sobre conteúdos acessados em produções jornalísticas, ao longo das discussões, não foram feitas pelos mesmos adolescentes e tampouco ocorreram em um debate específico que abordasse compartilhamento de informações com parentes ou qualquer outra pessoa.

Se for uma coisa mais catastrófica assim, como está acontecendo lá em São Paulo direto. Tem o pessoal no bar assim, aí chega atirando, mata um monte de gente. Isso é meio... (Alex)

Outra coisa também é estupro de familiar: pai, padrasto. Hoje mesmo eu vi: padrasto que estuprou a enteada de 13 anos e teve um filho com ela. Aí, agora foi preso, depois de anos. Ele falou que entrou na igreja evangélica, que tinha se arrependido, uma coisa! (Tiago)

Tem também o caso de um rapaz há bastante tempo que matava as pessoas por nada. Tem um depoimento dele em que ele falou que fazia isto por diversão. Ou seja: a desgraça de algumas famílias pela diversão de um. (Vítor)

Teve também um nos Estados Unidos que matou todo mundo, acho que vestido de Batman, sei lá. (Mariana)

Há casos e casos que fazem a gente pensar: “Caramba, esse é o Brasil em que a gente vive. “Enquanto nos Estados Unidos o pessoal se preparava para um tornado que estava chegando, em Nova Jersey, aqui no Brasil o policial mata por causa de um estouro de pneu. Eu, comentando com meu pai: “Olha a diferença do pensamento de algumas pessoas em um país e o pensamento de outras aqui no Brasil.” Porque o policial que está há tantos anos em uma organização e não sabe distinguir um barulho de outro. E isso perturba a gente. Porque tem outros países tem uma especialização maior do que no Brasil, porque é como se a vida fosse tratada de qualquer jeito. (Vítor)

Já que você perguntou de casos de jovens assim, lembrei daquele garoto que sofreu bullying na escola e depois de adulto voltou na escola e matou um monte de gente. (Alex)

Foi em Realengo, conheci duas crianças que estavam ainda com bala alojada. (Tiago)

Aquele Wellington. (Mariana)

Ele atirou principalmente em meninas, né? (pesquisadora)

A maioria eram meninas, ele escolhia a dedo as pessoas. Passou até na reportagem que ele queria que pegassem ele com luvas e botassem um manto branco em cima dele, e enterrassem ele do lado da mãe dele. (Tiago)

Ele não teve respeito pela vida das crianças. Como queria que fizessem isso com ele? (Vítor)

Ele acabou ficando alucinado, por causa daquele bullying que sofreu. (Tiago)

No encontro seguinte, retornamos à discussão sobre confiabilidade nos produtos jornalísticos¹²⁴, a partir de uma provocação feita ao grupo quanto às notícias que contêm alertas direcionados à prevenção. Para iniciar o debate, citei uma notícia hipotética da morte de uma pessoa por dengue e anúncios sobre a epidemia em determinada região. A primeira reação do grupo foi de dar às notícias sobre saúde um estatuto de credibilidade *per si*, justificada pelo caráter de seriedade do tema. Mas logo em seguida, passaram a questionar o noticiário com foco em medidas preventivas por parte da população [sem citar os meios], colocando em dúvida os alertas, também para outras enfermidades. No diálogo a seguir, podem ser observados: o efeito que um desses alertas teve sobre o cotidiano de um adolescente e a incerteza em relação às informações disseminadas.

Porque como é saúde, acho que não vão fazer uma coisa assim, de qualquer jeito, né? Porque estão tratando da saúde. (Daniela)

Aí é complicado, né? Publicar alguma coisa contra saúde, porque é uma informação séria. (Tiago)

Gripe suína, não conheço ninguém... (Mariana)

Eu não conheço ninguém que teve gripe suína¹²⁵ também. (Daniela)

Eu me lembro que fiquei tanto com isso na cabeça que teve uma vez que eu fiquei até com aquela máscara e tudo. [risos] Nada a ver, né? (Tiago)

Vocês ficam impressionados com isto? Acham que ficar dando muitas vezes uma notícia deixa as pessoas mais alarmadas (pesquisadora)

¹²⁴ Inclui fontes selecionadas, linguagem e edição.

¹²⁵ Forma como ficou conhecida a gripe causada pelo vírus H1N1. O termo foi adotado pela maioria dos veículos jornalísticos, embora a orientação do Ministério da Saúde fosse o uso do termo gripe A.

É que nem essa história agora da vaca louca, que parece que África do Sul e esses lugares assim pararam de comprar carne bovina do Brasil, porque estava com a suspeita de ter vaca louca. (Daniela)

É o alimento que eles dão para ela. (Tiago)

Eu também até hoje nunca conheci uma pessoa com essa doença, para falar a verdade, esta é a segunda vez em que eu já ouvi falar, e eles estão falando que até agora não tem nada demais, mas a gente não sabe realmente se tem alguém no Brasil que está com essa doença, e eles estão falando que não. (Daniela)

A avaliação de Tiago sobre o estímulo ao uso da máscara como consequência das notícias a respeito da gripe A suscitou posteriormente o aprofundamento da discussão quanto ao impacto dos alertas sobre o cotidiano dos adolescentes, com a citação de outros exemplos de situações que despertaram preocupação, mas também a percepção sobre o excesso de orientações, conforme discuto no capítulo 2. A figura do médico aparece como uma fonte de confirmação das informações acessadas e dos discursos construídos a partir delas. Também são citadas a mãe e uma amiga como integrantes de suas redes de compartilhamento nas quais tiveram acesso a conteúdos noticiosos.

A gente acaba até piorando, apertando [põe a mão no rosto para mostrar como usou a máscara]. (Tiago)

Informação sobre saúde causa um impacto maior. (Mariana)

Recentemente, eu vi uma pessoa falando que a cada copo de refrigerante que a gente bebe, tem que beber, acho que 32 copos de água. Quando eu soube disto, fiquei muito chocada, porque bebo muito refrigerante. Tentei parar, mas realmente, não consegui diminuir a porção de refrigerante. (Daniela)

Você ficou preocupada? (pesquisadora)

Fiquei muito. Até procurei um especialista. Fui ao médico, porque tinha consulta. Aí ele falou que realmente isso é verdade, mas que você não precisa parar de beber refrigerante, mas diminuir bastante o consumo e beber mais água, porque também não bebo muita água. (Daniela)

Você lembra onde viu essa matéria? (pesquisadora)

Foi uma pessoa que me falou, no Facebook. Acho que o filho dela é médico. Aí fez uma postagem no Facebook dele e ela me falou. (Daniela)

Vocês se sentem muito pressionados quando veem muitas matérias voltadas para adolescente falando sobre riscos ou quando as pessoas mostram para vocês matérias sobre riscos na adolescência? (pesquisadora)

Acho que ninguém chega para mim e mostra. Eu que vejo na televisão, minha mãe às vezes chega do trabalho e comenta alguma coisa comigo que ela viu. (Daniela)

Principalmente na internet. (Mariana)

[Daniela confirma].

As recomendações da matéria que você citou [sobre o consumo de refrigerante] poderiam ser para adultos também, não? Mais especificamente para adolescente, vocês veem? (pesquisadora)

Eu não fico procurando muito essas coisas, não. (Mariana)

Por exemplo, na internet, assim, tem muita coisa. (Tiago)

Imagina se a gente fosse seguir todas as orientações dadas? Nossa, devia ser linda, né? (Mariana)

Ah, são tantas coisas que a gente não pode fazer. Se seguir todas as orientações... São muito chatas, não gosto, não. (Daniela)

Eu, assim, beber dois litros de água por dia eu não consigo. Se beber um litro e meio já é muito. (Daniela)

Eu gosto mais [de água] até do que de refrigerante. (Tiago)

Uma vez li uma reportagem que os adolescentes são mais sujeitos a obesidade no Brasil. Antes o modelo 34 era assim, agora é assim, já mudou. Vi que os adolescentes tendem a emagrecer quando chega certa idade. Aí perguntei [para o médico], como é que faz? Aí ele falou: 'Não, muda de região para região e também pela idade. Quando chega aos 14 anos, normalmente emagrece, e depois com 16 pode engordar, mas muda de pessoa para pessoa'. (Daniela)

Concordo. (Tiago)

Na continuidade dessa dinâmica, refiz a pergunta sobre como avaliavam as notícias relacionadas à prevenção direcionadas aos adolescentes, em geral, associadas a campanhas como acidentes de trânsito, situações de violência, consumo de álcool, obesidade. A resposta de Tiago foi rápida: *Isso é uma coisa em que a gente confia porque não quer ficar doente. Toda hora está passando, [estão] sempre estão nos buscando, né?* A fala trouxe três aspectos importantes para análise proposta:

a) A correspondência que faz entre confiança e o desejo de não ficar doente, no contexto de outras falas do adolescente (e de colegas) parece apontar mais para a eficácia de discursos sobre cuidado e risco que se sustentam na perspectiva de “estado de alerta permanente”, no qual a doença está sempre prestes a nos vitimar (CASTIEL, 2007; VAZ, 1999; Ayres (2001).

b) A identificação da recorrência dos discursos preventivos nos produtos jornalísticos e o reforço do que seria a “mensagem”.

c) A percepção de que os adolescentes são alvo permanente de tais discursos.

Na sequência, Mariana dialogou com Tiago, que reforçou sua observação:

A gente acaba vendo qualquer coisa e comprovando. (Mariana)

Uma coisa que a gente convive com aquilo [o noticiário sobre o tema] e acaba confiando. (Tiago)

Em casos de divergência entre as fontes de informação, os recursos mencionados para a confirmação foram a pesquisa ou o especialista.

Os pais acabam não sabendo disso; então, é mais fácil a gente pesquisar. (Tiago)

Ou ir a um especialista. (Mariana)

A gente tem que pesquisar qual é o melhor. Quando a gente está doente, acaba procurando a pessoa que tem mais conhecimento sobre aquele assunto, mas sempre os pais falam. (Tiago)

Perguntei ao grupo se havia diferença, em termos de credibilidade entre os noticiários de diferentes suportes, programas ou seções. Daniela respondeu afirmativamente e Tiago completou, dando destaque às formas plurais de apropriação de conteúdos jornalísticos: *Sempre tem uma coisa, por exemplo, posso entender mais [ao acessar uma notícia de uma emissora] e ela entender mais de outra emissora, falando sobre a mesma coisa.*

5.3.2 Entre a repetição exaustiva e o vocabulário ininteligível

No processo de identificação das reportagens que seriam discutidas pelos integrantes do grupo Vida Real, a partir da revisão dos registros dos encontros iniciais, dois temas saltaram intensamente. O primeiro deles foi a gravidez na adolescência, recorrente nas falas de vários adolescentes, seja como fenômeno observado no cotidiano ou como conteúdo acessado em diferentes nos meios de comunicação¹²⁶. A abordagem deste tema não se caracterizou como uma preocupação dos integrantes do grupo com a possibilidade de conceberem um filho ainda na adolescência, mas de um sentimento de saturação a respeito do assunto, por sua recorrência.

¹²⁶Este assunto também foi mencionado nos outros grupos, mas teve mais repercussão no grupo Vida Real.

Conforme ressaltai anteriormente, as práticas não foram objetivo da pesquisa, mas sim a relevância do tema para eles, no nível reflexivo. Elas apenas foram registradas e/ou discutidas quando os participantes quiseram se manifestar a esse respeito.

Para contemplar essa referência feita pelos integrantes do grupo e buscar compreender como se apropriam dos materiais jornalísticos sobre gravidez na adolescência, selecionei uma reportagem, com duração de 2:43 minutos veiculada no “Jornal Nacional” (TV Globo), com a seguinte chamada:¹²⁷ “Campanha polêmica contra gravidez na adolescência gera debate nos EUA”, seguida da cabeça: “A prefeitura de Nova York espalhou quatro mil pôsteres em pontos de ônibus e no metrô. Nos cartazes, não tem sutileza, nem meias palavras.”¹²⁸

O segundo assunto pelo qual os participantes demonstraram grande interesse, tanto no encontro sobre os meios de comunicação acessados quanto em conversas que aconteceram em vários momentos, foi o grande interesse em acompanhar a vida dos ídolos do futebol, e não apenas a carreira ou a atuação profissional, de forma a torná-los próximos de suas relações. Não é casual a inclusão, por parte de alguns participantes do grupo, de jogadores no rol de seus parentes. As referências, feitas em diferentes momentos das dinâmicas, ganharam tom de intimidade com os ídolos, em brincadeiras compartilhadas por vários.

Meu marido, Neymar. (Manuela)

Meu pai, Cristiano Ronaldo. (André)

É meu primo. (Daniel, em relação ao jogador Lucas)

Tais manifestações apontaram a possibilidade de analisar as maneiras como estes adolescentes se apropriariam de temas relacionados ao cuidado com a saúde, quando a personagem da matéria é uma dessas figuras eleitas como integrantes de seu universo íntimo. Não foi difícil encontrar materiais jornalísticos que atendessem aos critérios descritos acima. Selecionei dois textos impressos, ambos disponíveis on-line, veiculados pelo jornal Extra, submetidos aos participantes para escolhessem um a ser discutido em grupo. Os textos apresentados intitulavam-se:

¹²⁷Um adolescente referiu-se à chamada como manchete, mostrando uma forma de apropriação do jargão jornalístico.

¹²⁸ Reportagem veiculada em 3/5/2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/05/campanha-polemica-contra-gravidez-na-adolescencia-gera-debate-nos-eua.html> > e em <<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/campanha-agressiva-contra-gravidez-na-adolescencia-gera-polemica-nos-eua/2553989/>>. Acesso em 30 mai 2013.

1) “Lucas, atacante do Paris Saint Germain diz tomar cuidado para não ser pai antes da hora e prevê um belo confronto com Neymar”.

2) “Neymar revela insônia e não escolhe número da camisa no Barcelona”.

Após a votação, foi escolhido o segundo texto pela maioria. Ainda que o assunto possa ter despertado algum interesse pelo grupo, inclusive pelo fato de se referirem anteriormente à vontade de dormir mais, as falas deixaram claro que a preferência não se deu pelo tema da saúde, e sim pelo interesse em saber mais sobre o ídolo que os atrai, em especial.

Além dessas reportagens, apresentei ao grupo outras duas, para que escolhessem uma e, caso houvesse tempo, discutiríamos ambas:

a) “Bobeou, pegou!” Subtítulo: “Vacina contra HPV, epidemia do século XXI, está disponível em dois estados do Brasil e poderá em breve ser oferecida pelo SUS. Entenda a importância dessa prevenção”, publicada no jornal Folha Universal, com versão no site da publicação.

b) “Os riscos à saúde dos cosméticos nacionais”, publicada no jornal Extra, com versão digital no Extra Online e no O Globo Online.

A preferida do grupo foi a reportagem da Folha Universal. A seleção de um texto jornalístico deste periódico semanal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) teve como motivação as citações feitas em encontros anteriores, principalmente por um participante que informou ler o jornal impresso com frequência, embora não fosse evangélico.¹²⁹ O jornal tem distribuição gratuita e tiragem entre 1,5 milhão a 2,5 milhões de exemplares.¹³⁰ A título de comparação, a revista Veja, publicação semanal de maior circulação paga no país, comercializa em torno de 1,1 milhão de exemplares. O grande investimento da IURD nesse produto de comunicação não tem o objetivo de atingir somente evangélicos ou mesmo cristãos de outras agremiações, mas sim a população alfabetizada, em geral, de diferentes classes sociais¹³¹.

Também recebeu adesões, especificamente das meninas, a reportagem sobre os cosméticos, publicada no jornal Extra. O texto foi posto em discussão no último encontro. No

¹²⁹ Ele informou que frequenta a igreja católica.

¹³⁰ De acordo com a página da Folha Universal na plataforma Facebook, a tiragem em abril de 2013 era de 1.687.500. Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com/pages/Folha-Universal/116462651816623>>. Acesso em 10 jan 2014. Edições especiais tiveram números ainda superiores: 2,5 milhões na milésima edição, em junho de 2011, segundo o site do Exército Universal, braço da IURD. Disponível em: <<http://www.exercitouniversal.com.br/2011/06/folha-universal-chega-sua-milesima.html>>. Acesso em: 10 jan 2014.

¹³¹ Uma discussão sobre a notícia política na mídia evangélica é feita por Lima e Werneck (2012).

entanto, o debate teve participação restrita, que não deve ser justificada apenas pelo desinteresse em relação ao tema, já que integrantes do grupo haviam se manifestado a favor da discussão dessa matéria. No dia do encontro, o ar-condicionado da sala onde estávamos quebrou, e como não havia outro espaço para realizarmos as atividades, precisamos abrir a janela e deixar a porta da sala entreaberta. O calor e ruídos externos contribuíram para a dispersão dos adolescentes. Alguns demonstraram cansaço. Por este motivo, a discussão foi abreviada para que fizéssemos um intervalo.

Campanha ou matéria? O discurso da prevenção em xeque

A reportagem “Campanha polêmica contra gravidez na adolescência gera debate nos EUA” abordava a repercussão de uma campanha promovida pela prefeitura de Nova York que afixou cartazes de conteúdo considerado agressivo em áreas de grande circulação da população-alvo. No vídeo, são mostrados dois pôsteres, ambos usando como recurso a fala de bebês, que seriam filhos de adolescentes: "Honestamente, mamãe, papai não deve ficar com você. E o que vai acontecer comigo? Você está pronta para criar um filho sozinha?" (cartaz 1). "O risco de eu não completar o Ensino Médio é duas vezes maior porque nasci de uma mãe adolescente" (cartaz 2).

O vídeo traz entrevistas com quatro pessoas, sendo uma representante da prefeitura e três críticos à campanha: um aposentado; uma jovem acompanhada da filha, gerada quando a mãe tinha 15 anos; e um psicólogo que atua em projetos de prevenção à gravidez em bairros pobres da cidade. O repórter cita ainda o serviço, criado pela prefeitura, de troca de mensagens de texto, via telefone celular, no qual dois personagens que representam pais adolescentes trocam mensagens, e são chamados de perdedores e estúpidos. A agressividade da campanha foi destacada tanto por seus críticos quanto pela representante da prefeitura, que justifica a opção como estratégia para causar impacto.

Ao final da exibição da reportagem, vários adolescentes expressaram descontentamento, afirmando que não concordavam com o que viram. No decorrer do debate, os participantes demonstraram que o desagrado estava relacionado à abordagem da campanha, e não à reportagem sobre ela. Uma explicação para essa atitude seria o entendimento inicial de que o foco da atividade proposta estaria concentrado na campanha em si. Entretanto, ao observar a espontaneidade dos participantes, em falas e gestos, no decorrer das dinâmicas, tornou-se mais consistente a possibilidade de terem escolhido comentar a campanha por ser o assunto que lhes

chamou a atenção. Isto ficou claro posteriormente, quando perguntei se achavam que a matéria estaria apoiando ou fazendo algum tipo de crítica à campanha.

Está fazendo crítica, porque apoiando não está, não. (Manuela)

Criticando. (Henrique)

Estimulados a discutir o tema da matéria, os integrantes do grupo confrontaram as situações apresentadas no vídeo com aquelas vivenciadas em suas próprias famílias.

Gravidez na adolescência. (Henrique)

Adolescente saindo da escola, não completando os estudos. (menino)

Eu entendi que uma pessoa grávida, na grande maioria das vezes, o pai da criança não fica com a pessoa. (Paula)

Que as meninas novas estão tendo filho cedo. (Carol)

Mas isso é normal. (Manuela)

É nada. (Cecília)

Agora é normal, antes não era, não. (Carol)

Pior que é. Minha mãe me teve com 16 anos. Fala aí! (Daniel)

É, minha mãe teve meu irmão com 17. (Henrique)

Para mim, de 15 anos para baixo que não é normal. (Jessica)

O diálogo levanta algumas questões relevantes para a discussão sobre políticas de prevenção/promoção de saúde, tais como: por que a gravidez na adolescência passou a ser considerada um problema de saúde pública? Por que a gravidez na adolescência tornou-se uma gravidez de risco, com base em justificativas sobre a incompletude do desenvolvimento do corpo, quando as mães, avós e bisavós desses adolescentes puderam ter filhos aos 15 anos ou antes, sem problemas adicionais aos de uma gestação em mulheres adultas? Não se trata de desvalorizar as preocupações com a adolescente grávida, que muitas vezes precisa abrir mão dos estudos para cuidar do filho, ou ingressar antecipadamente no mercado de trabalho para obter recursos ao sustento da criança. O que se põe em discussão são os argumentos desses discursos e a incapacidade de relativizá-los.

Brandão (2006, p. 79) observa que este enquadramento vem sendo feito de forma recorrente com relação a jovens de diferentes classes sociais. “Parir antes dos 19 anos, décadas atrás não se constituía assunto de ordem pública.” A autora ressalta que o discurso “alarmista”

e “moralizante” desconsidera aspectos importantes como a chegada desses bebês à família como mediadores de afeto.

O verbo “prevenir” foi mencionado por dois adolescentes. Seguindo o caminho de diálogo apontado por eles, perguntei se já tinham visto alguma campanha de prevenção à gravidez em meios de comunicação. Ninguém fez referência aos meios, em um primeiro momento, e mesmo quando reformulei a pergunta, citando especificamente as notícias, as respostas foram genéricas:

Às vezes. (Manuela)

Já. (Cecília)

No entanto, os participantes do grupo associaram imediatamente “campanhas de prevenção à gravidez” ao posto de saúde, que havia sido mencionado, em encontro anterior, como fonte de informação. As intervenções remetem apenas à distribuição de preservativos, que também é feita nas ruas. No prosseguimento da discussão, os adolescentes abordaram o não uso da camisinha.

No postinho. (Henrique)

Só no postinho? (pesquisadora)

Na rua. (André)

Tem na rua também gente distribuindo camisinha. Meu irmão pegou o maior pacotão assim. (Daniel)

Vendendo camisinha, só o posto. (Henrique)

Vendendo não, dando. (Daniel)

Camisinha os caras dão, no postinho e na [ininteligível]. (Henrique)

[Em conversas paralelas, não capturadas claramente, foi ressaltada a expressão *Ninguém usa*, dita por uma menina e depois, por um menino]

Viu o que a [Manuela] falou? [risos]

Ninguém usa. (menina não identificada)

Nos diálogos paralelos aparece a contradição entre o acesso (à informação e a artefato material e simbólico da prevenção) e o cotidiano daqueles que são alvo das campanhas. A assertiva “Ninguém usa” remete ao juízo e/ou à expectativa de que esta seja a prática. A generalização (“ninguém”) não inclui necessariamente os participantes. Citavam práticas relatadas por pessoas conhecidas.

Outro aspecto ressaltado no diálogo aponta para uma atenção ao excesso (pegar muitos preservativos) que guarda correspondência com a simbologia de masculinidade, virilidade e poder. O que significa para aquele adolescente citado ter muitas camisinhas? E por que pegar muitas camisinhas, se ninguém usa?

Quando questionei se teriam interesse em ver essa matéria, vários responderam negativamente. “E se estivessem passando diante da televisão naquela hora [no momento da exibição], iam parar para ver a matéria?”, perguntei. No entanto, sem se referir a um conteúdo específico, uma adolescente disse que algumas vezes é chamada pela mãe para assistir a determinada reportagem na televisão. Esta e outra participante dialogaram a respeito da “utilidade” de conteúdos, não necessariamente jornalísticos, sobre prevenção.

As falas se direcionam à responsabilização individual da menina que engravida. No entanto, apontam divergências quanto ao determinismo da campanha norte-americana. Exemplos de histórias familiares das participantes do grupo reforçam esta perspectiva.

Ultimamente estão falando muito sobre isto. Isso já é normal. Prevenção existe. Todo mundo já sabe que existe. (Paula)

Hoje em dia, a coisa mais fácil é isto. A pessoa tem filho porque quer. (Carol)

Acho interessante para quem não sabe sobre isto, mas acho às vezes uma perda de tempo. Quem já sabe e não quer aprender. (Paula)

Acho que as pessoas hoje em dia ficam grávidas porque querem. Tem muita coisa para prevenir! Tem remédio, tem caminha... (Carol)

Nada a ver aquele cartaz que tem neném chorando. É... “Tenho problema mental porque minha mãe me criou, me fez na adolescência”. Nada a ver! Eu achei aquilo nada a ver. (Manuela)

Embora o tom agressivo da campanha tenha gerado indignação de integrantes do grupo, houve também o entendimento de que a iniciativa teria aspectos positivos. Percebe-se nas falas, contudo, o incômodo com a linguagem usada na campanha, e também a expectativa de que o jornalismo “fale a verdade”, trazendo ao debate a herança iluminista do jornalismo, tema discutido no capítulo 3.

Eu não acho preconceituosa. Mas eu até concordo um pouco com ele. Para quem realmente não conhece, não sabe dessas coisas, até que é

bom, mas da forma como eles falaram ali, parece até que se teve filho adolescente [ter filho na adolescência] é pecado. (Paula)

Chamar de imbecil... (André)

Sim, mas uma coisa é a campanha, outra coisa é a matéria sobre a campanha. Estou falando da matéria sobre a campanha. (pesquisadora)

O cara chama o pai de imbecil. (Daniel)

Vocês concordam que seja importante ter matéria quando acontece alguma coisa como isto [a campanha]? (pesquisadora)

É importante, mas tem que apoiar, não criticar. (Manuela)

Apoiar a campanha? Mas se for algo que divide opinião, acham que a matéria tem de ser a favor? O que vocês acham que é a função do jornal ou da TV no noticiário jornalístico? (pesquisadora)

Falar o que é verdade, né? Não é o que eles pensam não. (Manuela)

Vai chamar os outros de imbecil?! (André)

Nada a ver aquele cartaz com o neném chorando. (Manuela)

A insônia de Neymar

O primeiro dos textos veiculados, em suportes impresso e on-line, escolhido pela maioria dos participantes foi extraído da seção de esportes. A proposta de levar para a discussão a notícia intitulada “Neymar revela insônia e não escolhe número da camisa no Barcelona” tinha o objetivo de observar como os integrantes do grupo atribuiriam sentidos acerca do cuidado com a saúde quando este não é o tema central da notícia e quando o atrativo para a leitura poderia estar na figura famosa, um ícone destacado por vários.

A correlação entre insônia e cuidado com a saúde não foi feita, espontaneamente, pelos adolescentes. Isto não se deve apenas ao fato de o substantivo “insônia” não ser familiar para o grupo, já que, quando questionei se conheciam o termo, demonstraram compreender o significado pelo contexto da notícia. Alguns fizeram, inclusive, comentários sobre as prováveis razões para o jogador ter enfrentado o problema:

É mais por nervosismo mesmo. (Manuela)

Ele não tá conseguindo pregar o olho, será? (André)

Ele tá com medo de se machucar. (Henrique)

Para provocar a discussão no grupo, perguntei se haviam sentido insônia. Três deles responderam afirmativamente e iniciou-se um diálogo sobre o sono e a dificuldade de acordar. Em seguida, perguntei se leriam a notícia, caso a vissem no jornal ou no site. Nas respostas, percebem-se motivos diferentes para a provável leitura. Contudo, nenhum deles manifestou interesse em acessar o texto com a intenção de saber mais sobre insônia.¹³²

Claro que leria. (Manuela)

Só por causa do Neymar? (pesquisadora)

Eu leria por causa dele. (Paula)

Não, eu não leria por causa do Neymar, não. Leria por causa que é interessante. Ele tá na Europa. (Henrique)

Do útero ao peito: o discurso científico e a narração jornalística em questão

“Bobeou, pegou!”. A linguagem informal do título da notícia se apoia no longo subtítulo explicativo: “Vacina contra HPV, epidemia do século XXI, está disponível em dois estados do Brasil e poderá em breve ser oferecida pelo SUS”. O texto, de cinco parágrafos, segue o modelo tradicional da pirâmide invertida¹³³, iniciando com uma informação factual, sobre o início da vacinação gratuita contra o *papilomavírus humano* (HPV) no Distrito Federal e no estado do Amazonas e o trâmite no Senado de um projeto que prevê o oferecimento da vacina em todo o país, pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar de pequena, a matéria traz muitos dados quantitativos e aciona uma especialista para esclarecer sobre os danos provocados pelo vírus. Não houve menção a assuntos de cunho religioso e tampouco considerações acerca de restrições a práticas sexuais (ver anteriormente, neste tópico, informações sobre linha editorial do jornal evangélico).

O tom informal ficou apenas no título da notícia, publicada na editoria “Seu corpo”. O texto dá voz ao discurso preventivo, e mesmo sendo orientado por uma linha editorial que busca “traduzir” o jargão especializado a públicos amplos, a notícia mantém o vocabulário médico-

¹³²Tampouco a notícia traz mais informações sobre o assunto.

¹³³ Formato de redação que teve origem na Primeira Guerra Mundial. Para tornar mais rápida a transmissão de informações pelo telégrafo, houve uma inversão na estrutura do texto. O que era desfecho passa a ocupar o primeiro parágrafo, denominado lide, que deve resumir os fatos considerados noticiáveis, com base em cinco perguntas: o que/quem, como, onde, quando, por que/para quê.

científico com termos pouco acessíveis, como “rastreamento citológico”, além de construções frasais que sustentam o hermetismo especialista, a exemplo de “Ofertar essa prevenção única e efetiva para a sociedade trará enormes benefícios à saúde pública”. A falta de inteligibilidade do texto pôde ser observada nos diálogos que seguiram a leitura do texto jornalístico.

Sobre o que é a matéria? Quem resume pra mim? (pesquisadora)

Vacina. (Henrique)

Vacina contra... (pesquisadora)

H... HP... HPV! (André)

O que é HPV? Alguém pode me explicar? (pesquisadora)

É da mulher...(Carol):

Câncer de mama. (Daniel)

Câncer de mama? Vocês sabem o que é? (pesquisadora)

É um remédio. Eu acho... é... (André)

As primeiras manifestações sobre o texto apontam que dois termos presentes no subtítulo, “vacina” e “HPV”, foram capturados rapidamente, ainda que o segundo, somente como sigla, sem a correspondência com o seu significado. Isto fica claro na explicação dada sobre quais seriam os danos à saúde do vírus HPV e o que motivaria a campanha de vacinação dirigida apenas a mulheres. Por que o adolescente teria mencionado o câncer de mama, sem ser contestado pelos demais, inicialmente, se não há nenhuma citação no texto a respeito deste tipo de câncer, mas sim do câncer no colo do útero? Também em nenhum momento a notícia traz informação sobre remédios. Retomei a pergunta para buscar perceber o sentido da correlação feita. O diálogo que se seguiu revelou um distanciamento da leitura feita por adolescentes do grupo e as informações que a notícia procurava comunicar.

Mas o que a matéria diz que é o HPV? (pesquisadora)

É um câncer de mama. Não, é um remédio... (André)

Remédio? (Daniel)

Não. HPV é um vírus. (pesquisadora)

É. Um vírus... (André)

É um vírus que se transmite como? (pesquisadora)

[Vários falam simultaneamente]

Pelas roupas, essas coisas. (Cecília)

No contato... (pesquisadora)

Sexual. (Paula)

Até esqueci o que ia falar, cara. (Henrique)

Vocês tinham ouvido ou lido sobre esse assunto? (pesquisadora)

Não. (André)

Não sabia sobre beijar. (Henrique)

Mas eu sei mais ou menos o que... (Daniel)

[Vários falam ao mesmo tempo]

E sobre a vacina? Por que só as mulheres que vão ser vacinadas?
(pesquisadora)

É? Por quê? (Carol)

[Vários falando]

Por que só as mulheres? (pesquisadora)

Porque homem não tem peito. (Daniel)

[Risos]

Mas qual foi a relação com o peito que vocês viram? (pesquisadora)

Por causa que homem pode ficar brocha. (André)

Mas a matéria não fala de mama. (pesquisadora)

Homem tem peito sim! (Manuela)

Eu tenho peito sim. Aqui oh, o meu mamilo. (Daniel, apontando para o peito, sem tirar a camisa)

[Risos]

Mas a matéria não fala em peito em lugar nenhum. (pesquisadora)

Fala de mama! (André)

Não, ela não fala de câncer de mama, fala de câncer de colo do útero.
(pesquisadora)

O peito? (André)

Ah! Você achou que colo pudesse ser o peito. (pesquisadora)

Pode ser o peito sim. (André)

Está falando de útero, cara, não peito! Pô! (Henrique)

Creio que haja múltiplas razões para o entendimento do adolescente, e não apenas uma. Dentre elas, destaco: a falta de familiaridade com o tema; o uso de referentes do discurso científico inacessíveis para a eles; o possível esgotamento do modelo jornalístico da pirâmide invertida, especialmente considerando a concorrência discursiva dos diferentes circuitos de comunicação nos quais se inserem; a presença de referências fortes como a campanha contra o câncer de mama, veiculada nos meios; ou ainda a dispersão na leitura, durante a atividade coletiva. Infelizmente, não foi possível aprofundar a discussão no grupo.

Iniciou-se, na sequência, um debate marcado pela distinção de gênero quanto aos encargos e responsabilidades na maternidade.

Só uma pergunta. A mulher fala que sofre mais que o homem, quem carregou o filho? (Daniel)

Nós. (Manuela)

Mentira, tem muitas vezes que quem carrega o filho é a gente. (Daniel)

[Vários falando]

Quem carrega o filho somos nós. Nós que sofremos pra carregar a criança. (Eduarda):

Homem só vai lá, planta lá e acabou! (Carol)

Está escrito onde? (André)

O recorte de gênero apareceu de outra forma na fala de um menino, quando perguntei se teriam interesse em ler a matéria, caso vissem o título. *Eu não, porque eu não sou mulher* (André). No entanto, houve também meninas que disseram que não teriam interesse em ler o texto ou apenas o leriam por causa do título.

Eu não acredito em ninguém, cada um fala uma coisa

A fala acima, de Henrique, se insere na discussão a partir da pergunta sobre a confiança que teriam nas informações acessadas nos meios de comunicação sobre assuntos relacionados à saúde. O debate foi ampliado pelo grupo para outras instâncias de mediação. A descrença generalizada em pessoas e instituições expressa não apenas a fragilidade, mas a instabilidade dos discursos tanto da comunicação quanto da ciência, conforme discuto no capítulo 2.

O noticiário sobre futebol, expressão cultural destacada pelos participantes do grupo em todos os encontros, aparece como único tema que não desperta desconfiança, porque assistiram ao jogo, conforme disseram antes. Também se confirma, a partir do diálogo a seguir, o aumento do grau de confiança quando há maior proximidade com o indivíduo ou a instituição, ou seja, quando houve algum tipo de interação entre eles e este ator social.

Vocês confiam nessas informações que vocês leem, que vocês veem?
(pesquisadora)

Como assim? (André)

Às vezes eu confio. (Henrique)

Se vocês veem essa matéria, tem uma pessoa falando. Quem é que está falando? (pesquisadora)

Neymar. (André)

Já não é mais o Neymar. [referiam-se à notícia anterior] (pesquisadora)

É o Lucas. (Daniel)

É a vacina. (André)

É o repórter. (Cecília)

É a garota que tá falando. (Carol)

Quando vocês leem informações que tenham alguma pessoa da área de saúde, como essa [matéria sobre HPV], por exemplo, a coordenadora de um programa de saúde em São Paulo ou pode ser algum médico aqui de algum posto, um pesquisador da saúde, vocês confiam nessas informações? (pesquisadora)

Eu não. (Daniel)

Às vezes sim. (Manuela)

[para Daniel] Você, não? Por quê? (pesquisadora)

Acho que não vou confiar em qualquer um? (Daniel)

É? Mas por quê? (pesquisadora)

Só confio num agente que trabalha no postinho. (Daniel)

Ela também pode, porque ela trabalha. (André)

Se vocês veem na televisão, ou ouvem, ou leem alguma [notícia] assim, vocês acreditam que é isso? (pesquisadora)

Eu não. (André)

Eu não acredito em ninguém, cada um fala uma coisa. (Henrique)

É? Em nada? Nenhuma? Nenhuma informação? (pesquisadora)

Só vejo sobre futebol. (Henrique)

Vale observar que em relação ao último texto discutido pelo grupo, sobre a reportagem “Os riscos à saúde dos cosméticos nacionais”, publicada nos jornais O Globo e Extra, as fontes consultadas, classificadas como “científicas” por um dos adolescentes, foram consideradas confiáveis por outra participante. A discussão desta reportagem foi abreviada por ter ocorrido em um dia mais agitado, no último encontro, devido ao problema com a refrigeração da sala, conforme relatei anteriormente. A necessidade de deixar a porta aberta causou maior dispersão, com a entrada eventual de pessoas que não faziam parte do grupo.

5.3.3 Discurso preventivo e violência, mediados pelo jornalismo

Em função das dificuldades, já descritas, para a realização dos encontros com os adolescentes do grupo Legião 92, no espaço escolar, alheias ao interesse dos participantes e ao apoio institucional, optei pela apresentação de apenas dois materiais jornalísticos para discussão: uma reportagem veiculada em um programa televisivo e um texto publicado em um jornal impresso. A redução do número de produtos, no entanto, não comprometeu a reflexão sobre os sentidos dados pelos adolescentes do grupo aos conteúdos jornalísticos, conforme veremos adiante.

A seleção obedeceu ao critério metodológico adotado de levar para discussão produtos de veículos mencionados pelos participantes, que abordassem temas trazidos pelos adolescentes nos diálogos sobre cuidado e risco à saúde. Os produtos, de suportes diferentes, estavam disponíveis para consulta *on-line*: o primeiro, no site do programa Globo Repórter¹³⁴ e o segundo, no site da empresa jornalística.¹³⁵

O primeiro material jornalístico foi uma reportagem do programa Globo Repórter, da TV Globo, exibida em 10 de dezembro de 2010, que integrava a quinta parte da série “Vida sexual dos brasileiros”. A reportagem proposta para discussão intitulava-se “Jovens ainda têm dificuldades para dialogar sobre sexo”, contendo a seguinte chamada: “Sem conversa e com

¹³⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/12/jovens-ainda-tem-dificuldades-para-dialogar-sobre-sexo.html>>. Acesso em: 5 mar 2014.

¹³⁵ A reportagem não está mais disponível no site do jornal O Dia.

muita insegurança, os adolescentes acabam correndo riscos de contrair doenças e de uma gravidez indesejada logo no início da vida sexual”. A reportagem abordava alguns dos temas debatidos pelo grupo no encontro acerca do cuidado com a saúde. Nos diálogos ocorridos naquela ocasião (ver capítulo 5.2.2), foi sublinhada a recorrência das campanhas preventivas ao HIV, o que desencadeava nos adolescentes um sentimento de saturação quanto ao tema. A mesma avaliação aparece na fala de uma adolescente entrevistada para a reportagem.

O segundo material debatido foi a reportagem intitulada “Mortes e revolta na Maré”, manchete da edição de 26 de junho de 2013 do jornal O Dia. A escolha deste texto para discussão no grupo teve motivação dupla. A primeira delas deve-se ao destaque dado pelos participantes a questões relacionadas à violência, no encontro sobre cuidado e risco à saúde. O medo de ser baleado foi um dos registros feitos no debate. A ação das forças de segurança na favela, ocorrida na madrugada do dia 25, apenas um dia antes do encontro com os adolescentes, teve um impacto imenso no Complexo da Maré.¹³⁶

A segunda motivação foi a grande repercussão do acontecimento nos meios de comunicação. A reportagem do jornal O Dia ocupou quatro páginas, incluindo as centrais, com sete retrancas (matérias coordenadas) e um artigo assinado por dois dirigentes de organizações sociais da favela. Nem todos os jornais publicaram essa matéria como a principal, o que significa que teve um impacto maior para esse jornal. As discussões sobre o segundo tema foram intensas, conforme veremos adiante.

Vale reiterar que os ruídos externos prejudicaram a compreensão integral dos diálogos no grupo Legião 92. O mesmo ocorreu em relação a falas simultâneas, em diferentes momentos. Estas, contudo, expressaram, em grande medida, a interação do grupo, provocada pela discussão dos temas, e certamente trouxeram riqueza à pesquisa. Por este motivo, evitei cortá-las, ainda que em detrimento do resultado das gravações. A recuperação dos registros gravados, em sua íntegra, talvez tivesse obtido maior sucesso com a presença de um assistente de pesquisa, o que não foi possível no âmbito da investigação realizada.

¹³⁶ Além dos mortos e feridos, casas foram invadidas e moradores tiveram que passar a noite ao relento, impedidos de voltar para casa. O tiroteio durou a noite toda e as operações continuaram no dia seguinte. As escolas não tiveram aula. O assunto será abordado adiante.

Iniciação sexual: diálogo forjado sobre a prevenção

Com duração de 8:54 minutos, a reportagem “Jovens ainda têm dificuldades para dialogar sobre sexo” teve como fonte principal uma médica ginecologista que desenvolve atividades com grupos de adolescentes e seus pais (principalmente as mães) sobre temas relacionados à sexualidade. Outros entrevistados foram: mães de adolescentes; um pai; um rapaz de 24 anos cuja mãe também é entrevistada; adolescentes que participam do grupo organizado pela médica; um ator que participa de uma peça sobre iniciação sexual, apresentada em escolas; e alunos de uma dessas escolas.

O vídeo em questão teve como foco o estímulo ao diálogo entre pais e filhos sobre temas relacionados à sexualidade, sendo referendado pela fala médica, fundamental para dar legitimidade ao discurso preventivo, conforme discuto no capítulo 2. A maioria dos entrevistados (tanto adolescentes quanto pais) informa que não conversa a respeito deste assunto em casa, com exceção da primeira entrevistada e de seu filho.¹³⁷

A reportagem cita duas pesquisas, realizadas em São Paulo: uma contendo dados quantitativos que contrapõem o conhecimento de métodos contraceptivos e o seu uso no início da vida sexual; e outra sobre o conhecimento e o uso da pílula do dia seguinte. O acionamento de dados quantitativos não apenas é um dos principais recursos do jornalismo na atualidade, em especial na cobertura de temas da saúde (estejam ou não inseridos em editoriais específicas de saúde), mas o ponto de partida de muitas pautas.

Ao fazer referência aos resultados da segunda pesquisa, que apontam o uso pouco criterioso da pílula do dia seguinte, a reportagem assume um tom de gravidade, contendo a ideia de risco futuro, na fala da repórter: “As consequências podem ser graves, comprometer a fertilidade, a saúde e o futuro da adolescente.” Como recurso pedagógico, traz a explicação da médica sobre a ação da pílula do dia seguinte no organismo feminino.¹³⁸

A discussão sobre a reportagem pelo grupo Legião 92 teve um componente que julgo relevante ressaltar: o fato de só terem comparecido adolescentes do sexo masculino nesse dia.

¹³⁷ A reportagem foi aberta pelo exemplo considerado positivo, aquele para o qual a discussão vai ser encaminhada.

¹³⁸ Não estou fazendo aqui juízo de valor em relação à importância dessa fala médica e da fala jornalística, no sentido de oferecer informações a públicos distintos sobre os possíveis danos causados por um medicamento. Apenas destaco que ela se insere na lógica de disseminação dos riscos, na forma de alerta, no sentido da responsabilização individual pelos danos futuros. Não há um questionamento sobre como as adolescentes se informaram a respeito da pílula do dia seguinte antes de usá-las. Como souberam da existência deste método? Por meio de amigas, de um profissional de saúde, de uma palestra na escola, de publicidade?

Uma das meninas só pôde chegar mais tarde, quando já havíamos terminado o encontro. Mas demonstrou interesse pelo tema, e pôde assistir ao vídeo antes do início da aula que teria.

A familiarização com o tema “prevenção” foi percebida logo na primeira questão que levantei para o grupo:

De que trata o vídeo? Qual é o tema principal dele, para vocês?
(pesquisadora)

Fala sobre como se relacionar e prevenir. (Gabriel)

Prevenir o quê? (pesquisadora)

Doenças, gravidez antes da hora... (Luís)

Doenças sexuais transmissíveis. (Gabriel)

Embora estivesse no contexto da reportagem, a expressão “gravidez antes da hora” não havia sido pronunciada por nenhum entrevistado nem pelos jornalistas, mas foi recuperada pelo adolescente, demonstrando também sua recorrência nos canais de interlocução dos participantes da pesquisa. Esta fala nos remete à discussão feita pelo grupo Vida Real (ver item 5.3.2)

Quando perguntei, mais adiante, sobre o que despertou maior interesse na reportagem, dois participantes mencionaram as informações sobre a pílula do dia seguinte. [...] *que pode ajudar e pode atrapalhar*, disse um deles (Lucas).

Em um novo questionamento, busquei observar se havia alguma correspondência entre as dúvidas apresentadas pelos adolescentes ouvidos na reportagem e adolescentes próximos dos participantes, acrescentando a informação de que a reportagem havia sido produzida em dezembro de 2010. Gabriel disse que tinha a ver com o universo deles, sob a justificativa de que *a pessoa tem que saber*. Luís ponderou: *Acho que as pessoas estão mais informadas*. Mas pouco depois, completou: *Tem gente que sabe, mas não usa*. Gabriel seguiu a reflexão: *A gente já sabe bastante. Mas se for um pouco para trás, a gente vai ver que não sabia quase nada*.

Observa-se nas falas o valor dado à informação (ainda que isto não signifique a conversão em prática), sem menção aos canais jornalísticos. Procurei trazer a especificidade desses meios para o debate, perguntando se teriam interesse em ler notícias ou reportagens sobre o tema ou assistir a um programa a respeito, mesmo que não fossem ligar a televisão para isto, mas estivessem em um ambiente (em casa) no momento da exibição do programa.

A gente vai assistir na Globo. (Renan)

Povo alienado. (Luís, em tom irônico)

Quando não tenho o que fazer, quando a internet cai... E é interessante.
(Lucas)

Quando acha interessante, você fica [assistindo]? (pesquisadora)

É, quando passa a propaganda do programa. (Lucas)

Mas vocês ligam a TV para ver, se a chamada for bem antes?
(pesquisadora)

Se me interessar... (Gabriel)

E vocês ficam vendo? (pesquisadora)

Se não me der sono... (Gabriel)

O diálogo acima aponta ao menos três questões. Em primeiro lugar, uma crítica, mesmo que em tom de ironia à audiência da maior emissora de televisão do país. Esta crítica é retomada no momento em que o grupo constrói o seu diagrama com a síntese dos espaços discursivos onde se informam sobre cuidado e risco à saúde.

A segunda questão se refere à prevalência da internet sobre a televisão para este grupo. Embora tenham informado que a televisão fica ligada desde a manhã, conforme registro no capítulo 5.1, não há uma necessária atenção a este meio. Ele “está ali”, disponível, em interação com as pessoas da casa, potencialmente a despertar sentidos. A atenção pode vir em uma chamada para o programa (“propaganda”, como expressou Lucas) que gerou interesse.

Em terceiro lugar, a fala de Gabriel nos remete ao questionamento sobre a permanência da atenção diante de estímulos diversos, do próprio meio e de outros canais de informação e/ou de entretenimento. O “sono”, mencionado pelo adolescente, pode ser ou não metafórico.

Quanto à credibilidade no conteúdo da reportagem, seguiu-se o diálogo, no qual a confiança no saber médico foi destacada. Apesar disto, um adolescente levantou a possibilidade de conferir as informações posteriormente.

Da forma como foi explicada, é bem convincente, mas tem que ver a literatura, para saber se é verdade ou não. (Gabriel)

Eu confiaria. (Lucas)

Para provocar um pouco, em quem vocês confiariam mais entre os entrevistados: nos estudantes, nas mães, no ator, na médica...
(pesquisadora)

Na médica. (Lucas)

Na médica. (Gabriel)

Isto é importante para vocês, ter a opinião do médico? (pesquisadora)

Uhum. Acho que primeiro pensava mais. (Luís)

Mas por quê? (pesquisadora)

Acho mais confiável (Luís)

Todos consideraram a reportagem acessível, em termos de linguagem. Quando questionei o que menos gostaram, Lucas mencionou o palhaço, referindo-se à peça apresentada em escolas sobre a prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. Para ele, o recurso do humor não deveria ser usado para um assunto sério. Este é um dado relevante se observarmos que tem sido um expediente comum o uso de humor em campanhas de prevenção a DSTs, especialmente naquelas voltadas a adolescentes.

‘Ninguém quer saber de nada da favela!’

Manhã de terça-feira, 25 de junho de 2013. Mais uma vez, na rotina dos adolescentes do Grupo Legião 92, não houve aula. O Complexo da Maré estava tomado por policiais envolvidos em uma grande operação, após as ações armadas na comunidade Nova Holanda que começaram na noite anterior e vararam a madrugada, resultando em dez mortos (incluindo um policial). Embora o centro das ações estivesse distante da Vila do João, a região onde fica a escola também foi alvo da operação.

Nosso encontro ocorreu no dia seguinte, 26 de junho. Mesmo sem ter a certeza de que conseguiríamos realizá-lo, por conta da instabilidade gerada pelas intervenções armadas no território e a consequente interrupção das aulas, decidi levar para discussão a reportagem de capa do jornal O Dia sobre o acontecimento. No início do encontro, expliquei ao grupo os motivos pelos quais levava aquele material, relacionando-os aos dois critérios de seleção, pactuados com o grupo: no caso do Legião 92, as referências anteriores ao jornal O Dia como um dos veículos acessados por eles; e ao temor em relação a situações de violência, quando abordamos assuntos relacionados a cuidado e risco.

Apresentei o exemplar do Dia e perguntei se tinham lido, na versão impressa ou *on-line*, mas ninguém havia acessado. Expliquei que nem todos os jornais deram ao assunto o principal

espaço do veículo (manchete), o que demonstraria o impacto maior do acontecimento para esse jornal. Propus, então, fazer a leitura dos textos para iniciarmos o debate. Em vez de começar a dinâmica com a questão sobre o tema central, por conta da quantidade de fontes do conjunto de textos que integravam a reportagem, procurei levantar antes as vozes presentes, para que não se esquecessem.

Quem são as pessoas que estão falando nessa matéria? (pesquisadora)

O policial, o comandante. (Sabrina)

A população, os moradores... (Stefany)

A viúva [do policial morto] (Luís)

O cara que fez a matéria. (Nicholas)

Aquele cara que escreveu o artigo. (Lucas)

São dois representantes das organizações sociais da Maré: Redes da Maré e Observatório de Favelas. (pesquisadora)

Aquele cara que falou sobre a internet. (Lucas)

Ah, sim, o especialista da UFRJ, que estuda a distribuição de informação pelas redes sociais. [...] (pesquisadora)

Destaco nas falas: a inclusão da voz da população, objeto de discussão na sequência dos diálogos, como veremos adiante; e a “voz jornalística”, que, em uma leitura inicial, estaria presente na construção *O cara que fez a matéria*, sendo alçada ao estatuto de fonte de informação. Esta percepção estaria na contramão do posicionamento editorial adotado, em uma cobertura coletiva que envolveu seis repórteres. Ressalto que não houve assinatura individual na matéria principal e nas sete coordenadas. Os nomes dos seis jornalistas vieram agrupados, no final.

Em seguida, quando questioneei qual seria o tema central da matéria, a resposta imediata foi: *O abuso de autoridade.* (Luís). A discussão continuou com várias referências à usurpação de poder, identificado na instância governamental e nos agentes que instrumentalizam o desrespeito aos direitos humanos e civis dos moradores da favela.

Eles estão matando, e não prendendo. (Sabrina)

E isso tem a ver com o quê, para vocês? (pesquisadora)

Com a violência. (Sabrina)

[No texto,] falam da diferença de atitude da polícia na favela e em outros lugares. O que falam sobre isso, lembram? (pesquisadora)

É diferente como tratam a pessoa na favela. Se o bairro tem dinheiro, tratam muito bem. Aqui, não. Abrem a porta de qualquer um, chegam sem mandado. Lá não, tem que ter mandado. (Sabrina)

Eles são muito ignorantes pro meu gosto. (Stefany)

Vocês viram que essa matéria, com várias pessoas entrevistadas, não traz uma opinião só. Tem opiniões diferentes, né? (pesquisadora)

Eu acho que tem que mudar. Só porque a gente abre a porta de cara feia, ele [policial] vem revistar a casa. Ficam olhando o celular da pessoa na rua... (Stefany)

Embora as falas tenham trazido o repúdio das participantes em relação a práticas recorrentes das forças de segurança na favela e clareza quanto aos procedimentos legais que deveriam ser adotados antes de uma abordagem ou de qualquer ação repressiva, o grupo esteve contido nesta discussão. No entanto, o debate foi retomado quando busquei saber se concordavam, não com a opinião das pessoas, mas com a forma de elaboração da matéria.

Concordo. Tenho interesse. (Sabrina)

Vocês acham que a matéria não foi inclinada para um lado ou para o outro? (pesquisadora)

Partiu mais para o lado do governo. (Nicholas)

Ela vai muito mais para o lado do policial. Tinha que falar mais um pouco da Nova Holanda do que ficar repetindo toda a hora que o policial foi atacado. Porque do lado dos moradores [ininteligível]... (Stefany)

É, do governo. (Lucas)

Mas vocês acham que eles falam muito só do policial? (pesquisadora)

Não, eles falam dos dois lados, mas acabam pendendo mais pros policiais. (Nicholas)

Você acha que essa matéria está defendendo mais... (pesquisadora)

Os policiais! (Nicholas)

É mesmo. (Stefany)

Não está completa. Não está falando “Ah, os policiais são inocentes”, mas pende mais pro lado do governo. (Nicholas)

Eu não ouvi falar que os moradores... (Sabrina)

[cortando a fala da colega] Eu não ouvi falar o nome de quem fez a matéria, só o policial... Não apareceu o nome de uma pessoa que trabalha na favela, só... (Stefany)

[interrompe a colega] Mas falaram! Interpreta o texto! (Luís)

O jornal não falou dos moradores, dos que morreram na favela. (Sabrina)

[Várias falas simultâneas]

Não ouviram as famílias dos moradores. (Sabrina)

Nem pra dar um apoio aos familiares das vítimas. (Luís)

Ninguém quer saber de nada da favela! (Sabrina)

Por que vocês acham que não ouviram as pessoas da favela? Tem três pessoas de organizações sociais da Maré. Vocês acham que eles estão falando em nome de quem? (pesquisadora)

Da Maré. (Luís)

Da população da Maré. (Sabrina)

Na fala deles, eles estão chamando a atenção para quê? (pesquisadora)

Para defender, para... (Sabrina)

Para a crueldade dos policiais. Chegam atirando. (Luís)

Mas por que vocês acham que, fora eles, não tem outras pessoas da comunidade falando? (pesquisadora)

Porque ninguém põe pra fora, não. (Sabrina)

Destaco, inicialmente, o diálogo entre Stefany e Luís sobre a inclusão dos nomes de quem fez a matéria e dos moradores. Ao divergir da colega, ele sugere que a colega *interprete o texto*. O convite à releitura da matéria pareceu trazer para o grupo o esforço de afastamento daquele cenário, tão próximo, de violência.

Por que a matéria “*penderia mais para o lado do governo*” se há mais espaço ocupado pelo questionamento à ação policial, incluindo a página central, do que aquele destinado às fontes dos órgãos governamentais? O lamento de Luís (*Nem pra dar um apoio aos familiares das vítimas.*) e o de Sabrina (*Ninguém quer saber de nada da favela!*) nos dão uma pista para entender por que a manchete e quatro páginas em um jornal ainda são insuficientes para mostrar

a tragédia. Como no verso de Haroldo Barbosa e Luís Reis¹³⁹, eles parecem dizer que a dor de quem foi vítima daquela violência não cabia no jornal.

O desejo pela presença de vozes dos moradores na reportagem é justificado pela própria adolescente que expressou a sua ausência. A dificuldade de *pôr para fora* se explica pela imposição do silêncio¹⁴⁰ para aqueles que convivem com violência armada na favela. Esse dispositivo de defesa dos moradores (o silêncio), no entanto, tem natureza e extensão variáveis, conforme observam Machado da Silva e Leite (2007, p. 568), assim como as formas de lidar com as condutas violentas.

Além dessas vozes dos moradores, quando perguntei do que teriam sentido mais falta na reportagem, três participantes referiram-se a informações sobre a ocupação da favela.

A maioria afirmou que teria interesse em ler a matéria. Sobre a confiança nas informações, dois participantes afirmaram:

Eu confiaria em algumas coisas. (Sabrina)

Não confio 100%. (Luís)

Se a reportagem foi posta em questão, a imprecisão quanto ao nível de confiabilidade depositado pelos participantes deste grupo aponta mais para o exercício da dúvida do que para a rejeição daquele conteúdo. Não houve manifestações de discordância quanto a alguma informação específica, apresentada no texto jornalístico. O fato de o acontecimento ser muito recente e próximo deve ser considerado, tanto no sentido da memória da tragédia quanto da necessidade de terem mais tempo para refletir sobre as informações acerca do episódio.

O dinamismo do processo reflexivo dos adolescentes deste e dos demais grupos trouxe novas inserções ao final da pesquisa, quando os adolescentes interagiram na construção de uma representação gráfica que retratasse suas redes de comunicação sobre cuidado e risco à saúde. Este é o tema abordado a seguir.

¹³⁹O verso “A dor da gente não sai no jornal” faz parte da música “Notícia de jornal”, composição de Haroldo Barbosa e Luis Reis, que ficou famosa com a gravação de Chico Buarque, em 1975.

¹⁴⁰Alguns autores que discutem este tema são: Novaes (2006) e Machado da Silva e Leite (2007).

5.4 SENTIDOS NA INTERAÇÃO EM GRUPO

5.4.1 O compartilhamento no processo de apropriação

A proposta metodológica da pesquisa creditou à interação entre os participantes dos grupos não apenas as respostas aos questionamentos da investigação, mas as revisões e as reconstruções feitas por eles, no decorrer dos encontros. Como em qualquer dinâmica estabelecida em grupos sociais, houve diferenças em relação ao posicionamento inicial dos sujeitos da pesquisa, dependendo do arranjo estabelecido e das negociações de sentidos.

Portanto, quando propus que, ao final dos encontros, os adolescentes fizessem em conjunto uma síntese no quadro com base nas discussões em grupo a respeito das informações sobre cuidado e risco à saúde, não tinha a expectativa de que fosse feito um retrato, estático, de conteúdos gerados nos diálogos anteriores. Tampouco que ali estivesse registrada a soma de opiniões individuais. Reiterando Mangold (apud WELLER, 2006), a opinião do grupo é produto de interações coletivas.

Imaginei, sim, que talvez não se interessassem, por ser uma atividade que exigia maior concentração para apresentar os registros, no formato que seria definido por eles. No entanto, fui surpreendida pelo empenho dos integrantes dos três grupos na construção dos diagramas correspondentes às discussões feitas por cada um deles, ao longo dos encontros. Ao desenharem os diagramas, registraram autoria, apoderando-se daquilo que os mostrava.

Diagrama do Grupo Preparatório Redes

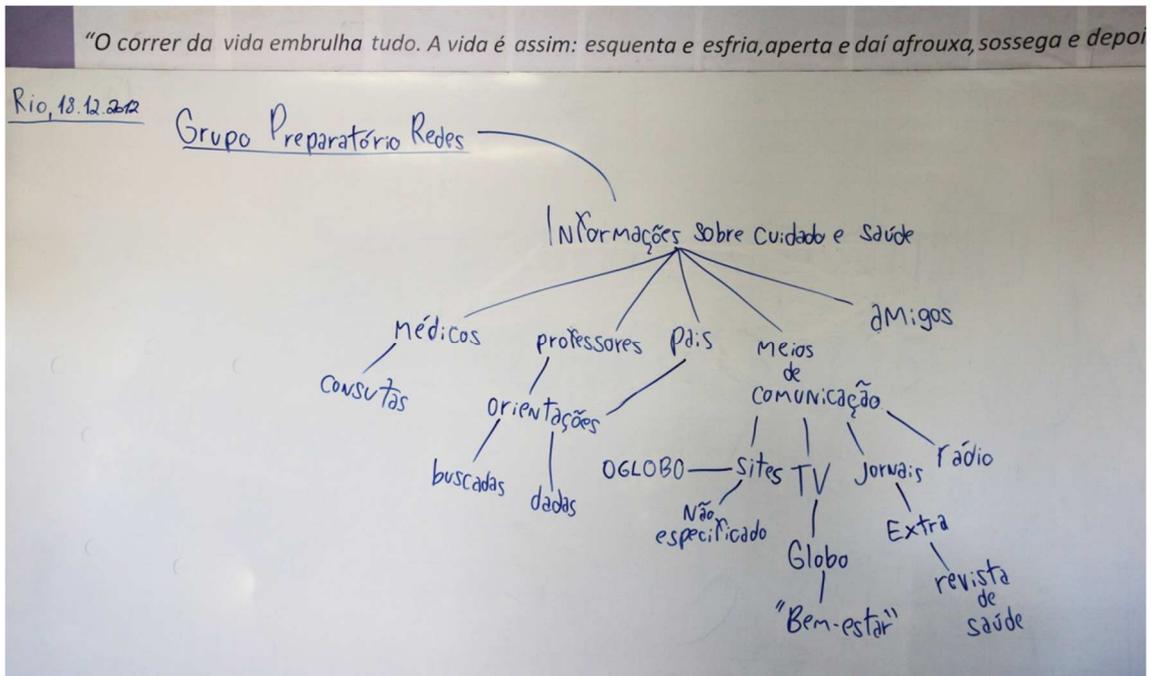
A representação do Grupo Preparatório Redes ganhou o formato abaixo logo depois de um primeiro esboço, abortado pelos participantes por acharem que a letra ficou grande e não haveria espaço para escrever tudo. Para facilitar a leitura, reproduzi os diagramas deste e dos demais grupos a partir do desenho original (Figura 4).

Figura 4 – Diagrama Grupo Preparatório Redes



Fontes: Grupo Preparatório Redes e autora

Figura 5 – Diagrama elaborado por adolescentes do Grupo Preparatório Redes



Fonte: Grupo Preparatório Redes

A data no quadro, 18 dezembro, mostra a proximidade com o Natal.¹⁴¹ Mesmo de férias, os cinco adolescentes do Grupo Preparatório Redes presentes não quiseram abreviar a atividade: ao contrário, tiveram um rico diálogo para chegar ao diagrama construído, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma de apresentação (Figura 5).

Assim como nos demais grupos, procurei não intervir no desenho, apresentando a ideia inicial de ter como ponto de partida as formas de acesso a informações sobre cuidado e risco à saúde e fazendo algumas perguntas com o intuito de trazer para a discussão assuntos abordados em encontros anteriores.

O grupo optou por fazer o registro de suas comunidades discursivas de forma horizontal. Ainda que possa haver uma hierarquia em relação ao acesso às fontes citadas e que os médicos tivessem aparecido com maior realce nas discussões anteriores, preferiram dispô-las assim, lado a lado, ressaltando as diferentes motivações para o acesso. Por isto, especificaram abaixo que os médicos, por exemplo, são acionados na sua função clássica de atendimento em consultas, quando estão doentes; enquanto a relação com os professores é de mão-dupla: as informações são “buscadas” pelos adolescentes, quando têm alguma dúvida sobre o tema, e “dadas” pelos professores em aulas que tratam de assuntos relacionados à saúde, ao cuidado de si e ao risco.

Os pais, para os adolescentes deste grupo, ocupam um lugar semelhante ao dos professores neste quesito, como orientadores e como pessoas acionadas por eles para o esclarecimento de dúvidas. Isto não significa que os assuntos tratados com os professores seja os mesmos daqueles abordados com os pais, mas que ambos são interlocutores importantes para orientação sobre os temas da pesquisa. Os amigos também aparecem no mesmo nível, embora não tenham detalhado as situações em que ocorre esse acesso.

Os meios de comunicação foram apresentados a partir do suporte: “sites”, “TV”, “jornais” e “rádio”. Em relação aos sites, no primeiro momento, escreveram “não especificados”, justificando que seriam muitos, mas posteriormente um dos participantes ponderou que deveria constar *o site da Globo* por ter sido mencionado nos encontros.

Cabem aqui duas observações: a não adoção do conceito de portal, conforme é difundido por esses canais de comunicação; e a ausência de nomes de alguns produtos mencionados nos encontros, como o portal R7, da Record. Também o buscador Google, bastante citado

¹⁴¹ No alto do quadro da sala onde ocorreram as atividades, está a frase de Guimarães Rosa, citada na apresentação do grupo, no item 4.3.1.

anteriormente, ficou de fora do diagrama, por não ter sido considerado um meio de comunicação.

Os registros quanto aos veículos acessados nos suportes “TV” (“Globo”) e “jornal” (“Extra”) marcam a preponderância das empresas de um mesmo conglomerado, as Organizações Globo, ao menos no que se refere à oferta de conteúdos sobre “cuidado e saúde”, conforme define o quadro. O destaque dado ao programa Bem Estar é condizente com referências feitas nos encontros. Já a “revista de saúde” do Extra foi um dos produtos lembrados na elaboração do diagrama, que não havia aparecido nos encontros anteriores.

O rádio é apontado como fonte porque havia sido mencionado por uma colega do grupo que não estava presente. Por este motivo, não foram citados os veículos acessados nesse suporte.

Diagrama do Grupo Vida Real

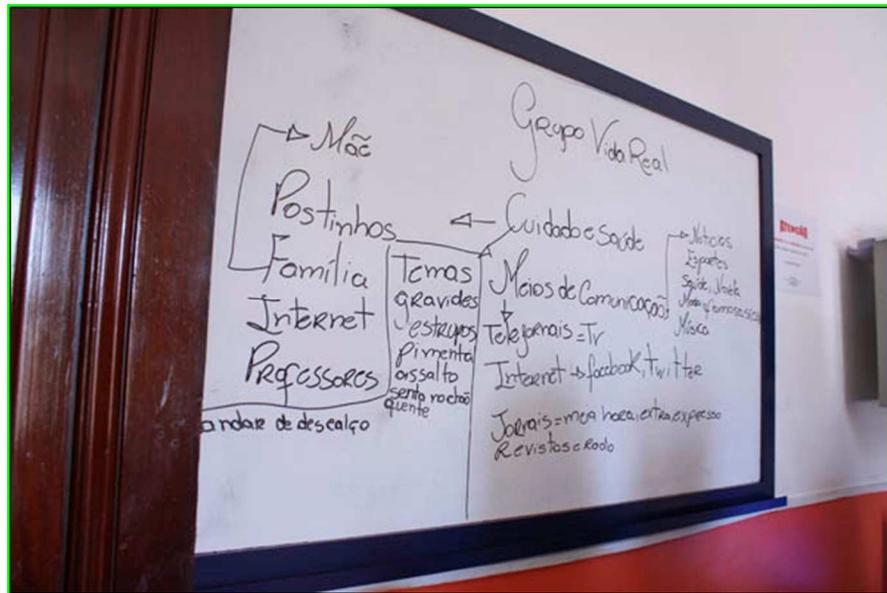
A construção do diagrama do Grupo Vida Real contou com a participação de dez integrantes e também propiciou reflexões sobre os debates anteriores. Por falta de espaço no quadro, os registros ficaram “apertados”, mas foi a forma que encontram para registrar ali o que consideraram relevante diante da proposta de fazer a síntese (Figura 6).

Figura 6 – Diagrama Grupo Vida Real



Fontes: Grupo Vida Real e autora

Figura 7 – Diagrama elaborado por adolescentes do Grupo Vida Real



Fonte: Grupo Vida Real

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é que o formato vertical das comunidades discursivas sobre temas relacionados a cuidado e saúde não correspondeu a uma ordem hierárquica. Isto foi frisado pelos participantes quando perguntei se aquela apresentação seria por grau de importância. Uma adolescente disse que preferia deixar apenas listados, sem definir uma ordem. Os colegas concordaram (Figura 7).

Minha pergunta estava baseada na observação de que haviam citado os “Postinhos” (postos de saúde) em primeiro lugar, apesar de a figura materna ter aparecido com destaque maior nas falas dos adolescentes como fontes de informação sobre o tema. No percurso de registro no quadro, a palavra “Família” foi a segunda mencionada. Quando, ao final desta listagem, perguntei sobre a ausência de referência às “mães”, muito citadas nas dinâmicas, vários responderam que estava incluída no coletivo “família”. A seta sinalizadora direcionada à palavra “mãe” foi criada após esta intervenção, para especificar a decisão do grupo de incluí-la no coletivo “família”. Este é um importante marcador da presença da instituição “família” como referência forte, a despeito das análises que apontam o seu enfraquecimento.

Neste grupo, foram incluídos os assuntos mencionados nos encontros sobre cuidado e saúde que os participantes consideraram merecedores de destaque. Separo-os em dois grupos, sendo o primeiro composto de temas presentes no cotidiano deles e no contexto das narrativas jornalísticas, a saber: “gravidez”, “estupros” e “assaltos”; e o segundo por assuntos relacionados

a orientações de familiares direcionadas à prevenção de doenças: “comer pimenta”, “sentar no chão quente” e “andar descalço”. Discuto essas referências no subcapítulo 5.2.

Na lista das comunidades discursivas sobre os temas saúde e cuidado, estão “internet” e “professores”. Houve o entendimento do grupo de que ali deveriam estar apenas as fontes “buscadas” por eles para se informar sobre o tema, apesar do questionamento de um participante: *você vai ao postinho para buscar informação?* (Henrique). Os colegas responderam que iam ao posto de saúde para consultas, e não em busca de informação.

Embora o uso do termo “internet” pareça vago, já que pode abarcar todos os veículos de comunicação produzidos originalmente em outros suportes e uma imensa gama de conteúdos informativos, a referência dos adolescentes é precisa, no sentido do acesso quase exclusivo que fazem a páginas disponíveis neste sistema de computadores integrados por meio de mecanismos de busca, cujo efeito mais direto é a não identificação do site que acessaram. Vale destacar que o grupo não nomeia o buscador no quadro. Ele é tomado como um sinônimo de “internet”.

Os meios de comunicação são citados em outra lista, como forma de registrar aqueles acessados por eles, mas não necessariamente em busca de informações sobre cuidado e saúde. O advérbio sublinhado se justifica para explicar a presença dupla da “internet”: na listagem das comunidades discursivas e na dos meios. Nesta última, o termo aponta para dois produtos de grande acesso, em termos globais, na Web: as plataformas “Facebook” e “Twitter”.¹⁴² Ambas são acessadas diretamente, ao contrário dos demais produtos veiculados na internet.

A citação de telejornais antes do meio TV foi justificada pela compreensão de que tais programas veiculariam mais informações sobre cuidado e saúde. Desta forma, identificam o jornalismo como um canal informativo sobre a temática.

A citação de três jornais impressos dirigidos a classes populares - Meia Hora, Extra e Expresso - reitera as referências anteriores do grupo ao acesso a esses meios. Um adolescente mencionou o “jornal da Universal”, referindo-se ao periódico “Folha Universal”, citado nos debates. A inclusão deste registro acabou sendo esquecida tanto pela colega que escrevia no quadro quanto por todos nós, porque foi um momento de várias falas simultâneas. As revistas e o rádio foram citados nesse momento, e registradas sem que detalhassem os produtos.

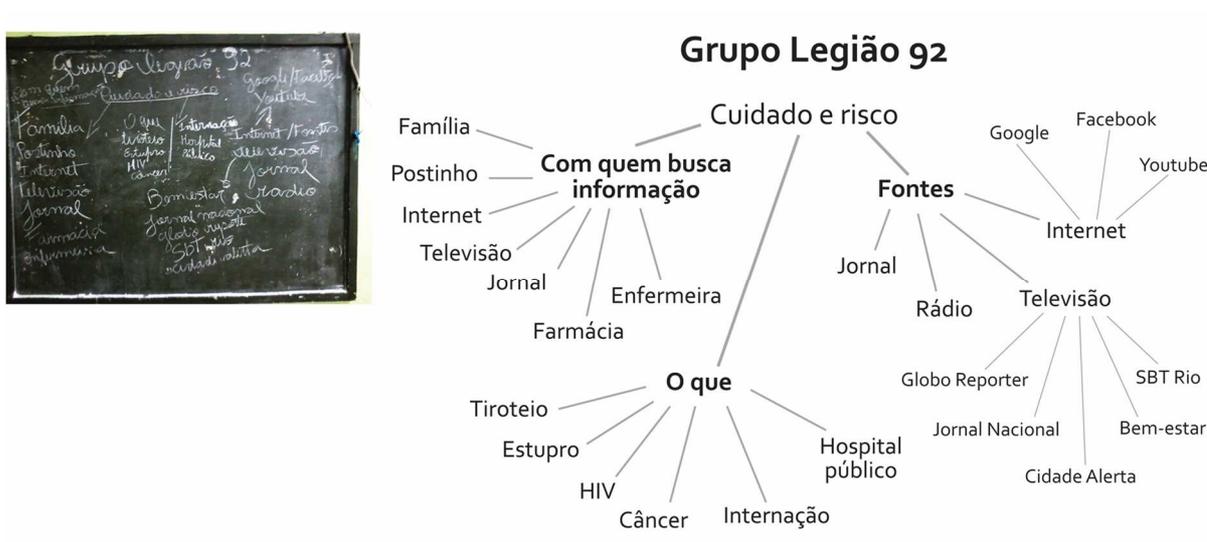
¹⁴² Diferentemente do Facebook, esta plataforma não é acessada por todos.

Este grupo quis destacar suas preferências em relação aos tipos de conteúdo e temáticas que acessam nos meios de comunicação: notícias, esporte, saúde, moda, música, famosos e novela. Todos haviam sido mencionados em encontros anteriores.

Diagrama do Grupo Legião 92

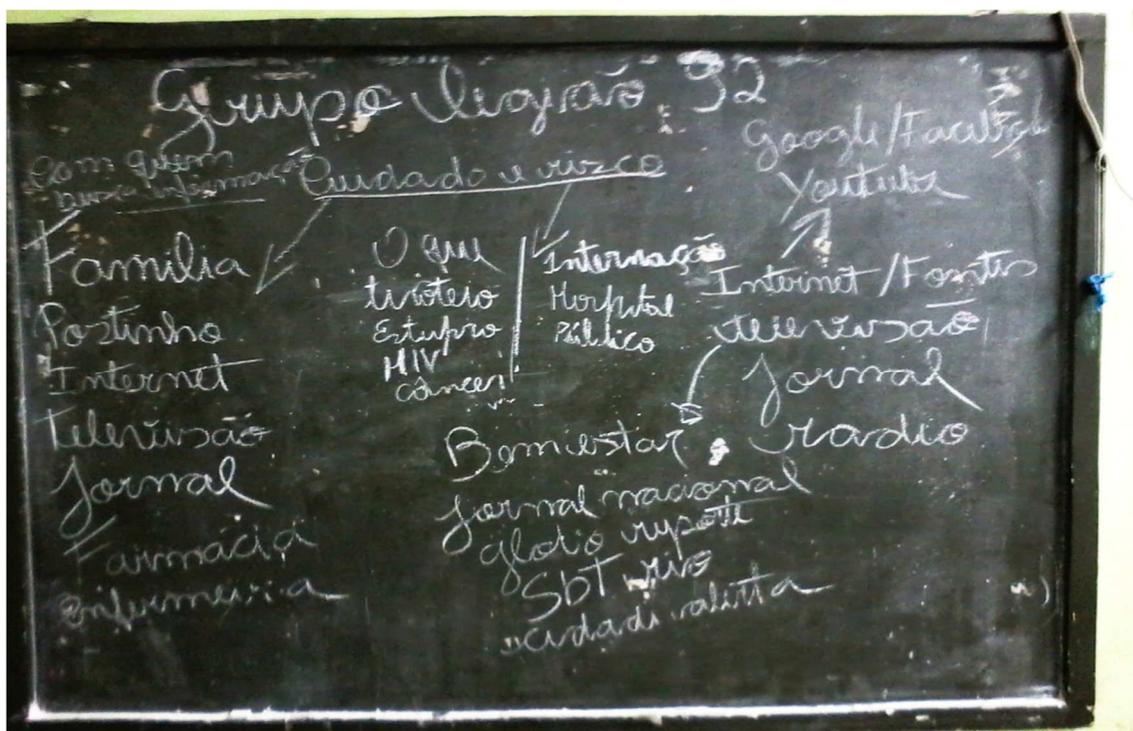
O diagrama do Grupo Legião 92 foi desenhado a giz, de forma colaborativa no pequeno quadro da sala onde se realizaram três dos cinco encontros, por cinco participantes que estiveram presentes no encontro final (Figura 8).

Figura 8 - Diagrama do Grupo Legião 92



Fontes: Grupo Legião 92 e autora

Figura 9 - Diagrama elaborado por adolescentes do Grupo Legião 92



Fonte: Grupo Legião 92

A semelhança quanto à forma de organização deste diagrama e o do grupo Vida Real pode ter correspondência ao tamanho reduzido dos quadros nas duas salas e ao tempo menor que tiveram para a atividade, em comparação ao que foi gasto pelo grupo Preparatório Redes.

No que se refere ao conteúdo do quadro, o grupo Legião 92 também optou por usar o coletivo “família” em lugar da descrição dos atores nomeados como fontes de informação preferenciais: mãe, pai, avó, irmãos, primos. Assim como no grupo Vida Real, o “Postinho” e a “internet” foram incluídos. As outras duas citações referem-se a vozes de profissionais de saúde: a “farmácia”, subentendida como o farmacêutico ou profissional de atendimento; e a “enfermeira” da escola (Figura 9).

Os participantes do grupo Legião 92 explicitaram que, por falta de espaço, fariam os registros sobre os produtos acessados nos meios de comunicação do lado direito do quadro. Em relação à internet, vale ressaltar a identificação do buscador “Google”. Este, assim como as plataformas “Facebook” e “Youtube”, fora mencionado em encontros anteriores.

Destaca-se no quadro o detalhamento da programação televisiva, embora este não tenha sido o meio de comunicação mais citado pelos integrantes e ainda recebera críticas em

diferentes momentos das dinâmicas. Chamou atenção a inclusão do telejornal SBT Rio, que não havia sido mencionado antes.

Outro elemento importante para a reflexão feita pelos adolescentes deste grupo foi a distinção, identificada por meio de uma seta, daquilo que estaria relacionado a cuidado e o que se vincularia ao risco. O primeiro apontaria para suas comunidades discursivas sobre o tema e o segundo para as preocupações expressas em relação ao risco.

5.4.2 O que falta e o que sobra nas informações sobre cuidado e risco à saúde

Neste item procuro destacar reflexões feitas pelos três grupos acerca do contexto da comunicação sobre cuidado e risco à saúde, em especial de temas voltados à saúde do adolescente. As discussões sugerem uma intensa circulação de discursos a respeito dessa temática no cotidiano deles, por meio de diferentes canais de interlocução, gerando questionamentos diversos que ampliam o debate para a inserção política desses sujeitos como cidadãos.

A primeira reflexão que destaquei foi feita pelo grupo Legião 92, a partir da pergunta: “Vocês acham que faltam informações sobre cuidado e risco à saúde?”. Os adolescentes tiveram opiniões distintas: duas participantes negaram; um ressaltou que se não houver a iniciativa de pesquisar, isto poderia acontecer – ou seja, as informações estariam disponíveis, mas o adolescente precisaria ter interesse em buscá-las – e outros dois concordaram que seriam necessárias mais informações.

Na continuidade da discussão, busquei verificar o oposto: se em algum momento ficavam cansados de ter qualquer tipo de informação. “Violência” e “dengue” foram os primeiros temas citados. Em seguida, a questão gerou um rico debate entre os participantes, com troca de opiniões sobre as reivindicações que ocuparam as manifestações de junho de 2013.

Tem algum momento em que vocês ficam cansados de ter algum tipo de informação? (pesquisadora)

Violência. (Sabrina)

Violência. (Stefany)

Dengue. (Renan)

Violência, eu estou cansada. (Sabrina)

Gente, o que é que estão fazendo agora nesses protestos no centro da cidade? Não vai mudar nada mesmo. (Stefany)

Calma aí! E os impostos que a gente paga? (Sabrina)

Se não parar, vai continuar subindo, vamos continuar sofrendo, que nem escravos. (Luís)

Gente, [a passagem] não foi de 1 real para 2,50, não. (Stefany)

É direito. Não são 20 centavos. (Luís)

O quê? (Stefany)

Eles não estão lutando mais por 20 centavos! (Luís)

[São] direitos. (Lucas)

Acho isso uma frescura. (Stefany)

[Falas simultâneas]

Uma coisa que lutaria era pelos hospitais, porque hospital é público. Hospital de rico tem tudo, do bom e do melhor; e em hospital público, tem gente que deita no chão, passando mal. (Stefany)

Deveria estar lutando por seu direito. (Gabriel)

Ter hospitais de melhor qualidade seria uma reivindicação de vocês?
(pesquisadora)

Eu tiraria o protesto pelos [em troca dos] hospitais. (Stefany)

O diálogo revela reflexões prévias dos participantes da pesquisa sobre temas relacionados ao direito e à cidadania, trazendo uma reflexão política sobre temas do cotidiano. Ressalto ainda a formulação, feita por Stefany, de uma pauta preferencial voltada à melhoria do atendimento em hospitais públicos; e a interlocução com Gabriel, sugerindo que ela lutasse por isto. Vale observar que este grupo não era formado por alunos de projetos sociais¹⁴³.

Na discussão a seguir, os participantes deste mesmo grupo abordaram a apropriação de discursos sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Embora os considerem importantes, as falas trazem um tom de enfado pela repetição temática. Uma adolescente relata também o duplo constrangimento causado pela distribuição de preservativos após uma palestra na escola, especialmente para quem ainda não iniciou a vida sexual: o de rejeitar o produto e o

¹⁴³A definição de aluno de projeto e a repercussão de ações sociais na Maré são temas discutidos no item 4.3.1.

de receber a crítica da mãe ao levá-lo para casa. Isto não significa que não considerem importantes essas informações.

Só tem isso: a prevenção de não engravidar. (Stefany)

Usar camisinha. (Lucas)

Usar camisinha, tomar pílula (Stefany)

Quando teve isso? [a palestra] (Luís?)

Teve uma, no ano passado. (Sabrina)

Eles distribuíram camisinha para todo mundo. Eu não ia dizer: “Não quero isto porque não uso ainda.” Peguei e levei pra casa. Quando cheguei em casa e minha mãe viu, ela falou: “Por que a escola está dando isto?” Falei: “Ué, prevenir”. Ela disse: “Eles estão incentivando vocês a se pegar por aí com os outros.” Porque, para minha mãe, tudo é assim. Quando falo que estou ficando com um menino, ela fala: “Não quero escutar falar de novidade”. A novidade dela é gravidez. Tudo dela é assim. (Stefany)

Vocês acham que é legal ter esse tipo de informação? (pesquisadora)

Pra mim, acho. (Stefany)

É. (Sabrina)

Claro. (Luís?)

No grupo Vida Real, o debate sobre as demandas de informações acerca de cuidado e saúde tomou rumo de questões que seriam mais relacionadas à saúde dos adolescentes, trazendo também críticas ao excesso de informação sobre alguns assuntos como violência armada, estupro e gravidez, que se estenderam à observação do cotidiano.

Hoje em dia, só se fala em adolescente está morto, adolescente está grávida. (Daniel)

Ultimamente só falam de gravidez e estupro. (Cecília)

É. (André)

Até hospital. (Paula)

Agora ninguém pode andar mais. Todo o lugar onde a gente olha tem mulher grávida, meu Deus! (Carol)

A primeira fala traz uma reflexão acerca das formas como os adolescentes estariam ocupando o noticiário dos veículos acessados. As duas situações relatadas ressaltam o posicionamento desses sujeitos como grupo de risco, conforme discuto no capítulo 2.

O diálogo provocou a referência de outros adolescentes a notícias que leram ou viram sobre os temas citados, como no exemplo de André: *Que nem no jornal da Universal* [notícia publicada no jornal da Igreja Universal], *já faz tempo, o menino de 13 anos engravidou a garota.*

Mas a interação neste grupo apontou não apenas a saturação às informações veiculadas por produtos jornalísticos: a gravidez na adolescência era algo muito próximo do cotidiano deles. Quando perguntei se conheciam pessoas que ficaram grávidas na adolescência, vários participantes citaram exemplos:

Conheço uma com 13 anos que já tem filho. Engravidou com 12. (Eduarda)

Primeira vez aos 10 anos já. (Daniel)

Lá no hospital, vi garotas de 10, 12 anos. (Carol)

Eu tenho uma conhecida... (Paula)

Eu conheço uma de 14. (Isabele)

Eu tenho uma conhecida que tem 15 anos e já tá com neném no braço. (Manuela)

Minha cunhada tem 17 anos. (Paula)

E menino, vocês conhecem alguém que já tenha sido pai? (pesquisadora)

Já. (André)

Os casos citados pelo grupo, associados às informações acessadas em produtos jornalísticos ou por meio de suas comunidades discursivas explicam a recorrência do assunto no decorrer de todos os encontros. As reflexões suscitadas por este tema mostraram que a preocupação com a prevenção à gravidez está fortemente presente no cotidiano desses adolescentes, apontando a todo o momento as contradições entre as informações acessadas acerca da prevenção à gravidez e as situações observadas na vida cotidiana. Isto não significa que não manifestem incômodo com algumas formas como os adolescentes são retratados em discursos preventivos, a exemplo do debate feito pelos participantes deste grupo, apresentado no item 5.3.2.

Por outro percurso, o grupo Preparatório Redes também pontuou seu desagrado com outra forma de tratamento associada ao adolescente: o uso do rótulo “o problemático”. Embora não especifique a autoria dessa correlação, está claro que é um discurso circulante do qual participam vários atores, dentre os quais os produtos jornalísticos.

É bem, tipo, o jovem ser [considerado] “o problemático”. É engraçado isto. A gente tem meio essa tendência, de definição para um adolescente e problemas. Não gosto muito disso porque acho que vai de cada pessoa e personalidade. (Guilherme)

Vocês acham que faz sentido dizer isto para o adolescente?
(pesquisadora)

Não, sou totalmente contra. (Guilherme)

Acho que não. (Mariana)

De forma geral, não. Inclusive hoje, por coincidência, estava conversando sobre isto com um professor da escola, que falava de um amigo psicólogo que fala muito com ele sobre essa coisa do adolescente estar perdido, meio que numa fase de descoberta. [...] Ele fala que o jovem tem essa fase da vida que está muito perdido, muito aéreo, e pensando no que realmente vai fazer, o que tem que pensar. Talvez isso faça as pessoas pensarem que a gente é, sei lá, louco, maluco. Não, é uma coisa normal, a gente está se descobrindo agora. (Guilherme)

É uma descoberta... (Mariana)

Também tem influências de amigos, parentes, e exemplos. (Guilherme)

É fase de conhecimento. Não é problemático. Às vezes a gente erra, às vezes a gente acerta... (Daniela)

Apesar da rejeição ao adjetivo “problemático”, observa-se no diálogo o acionamento de discursos circulantes, por meio de diferentes interlocuções: o adolescente que fala com o professor, que por sua vez dialoga com o amigo psicólogo, trazendo justificativas de um campo do conhecimento científico. Também os conceitos “fase de descoberta” e “fase de conhecimento” foram apropriados pelos adolescentes, revelando as contradições dos próprios argumentos que os caracterizam como “problemáticos”.

Assim como os outros participantes da pesquisa, este grupo apontou a percepção da coexistência entre a mediação cultural e a mediação dos meios, nos processos de apropriação pelos pais de informações sobre cuidado e risco à saúde. O diálogo a seguir ocorreu após a menção aos alertas recebidos pelos adolescentes, especialmente das mães.

Vocês acham que essas informações que os pais dão, eles recebem de onde, de quem? (pesquisadora)

É hereditário. Além disso, tem os meios de comunicação, até a televisão. (Daniela)

Por causa da experiência de vida, né? (Mariana)

A compreensão de que a interlocução dos pais a respeito dos temas relacionados ao cuidado e ao risco à saúde traz múltiplas referências, de outras comunidades discursivas, é fundamental para a reflexão sobre os processos comunicacionais dos adolescentes, considerando-se, em especial, o grau de credibilidade dado a eles, em todos os grupos.

A experiência de compartilhamento de informações e opiniões pelos adolescentes que participaram da investigação foi também uma forma de construção de conhecimento. Cada grupo teve suas especificidades, a partir de diferentes formas de interação. E também eles perceberam essa apropriação. As falas de despedida, como as três que registrei *off the records* dão conta dessa possibilidade.

Ah, acabou? (Grupo Legião 92)

Que pena! (Grupo Preparatório Redes)

Você não vai voltar na semana que vem? (Grupo Vida Real).

6 CAMINHOS DE APROPRIAÇÃO

Quando comecei a pensar no tema da pesquisa, uma das perguntas iniciais foi: “O que os adolescentes fazem com o que nós, jornalistas, fazemos?” Meu interesse maior não era o questionamento sobre a conversão em práticas dos conteúdos discursivos veiculados em produtos jornalísticos acerca dos cuidados à saúde. A correlação entre as práticas dos adolescentes e as informações às quais acessam têm sido objeto de investigação no campo da saúde, cujos resultados geram notícias e reportagens, incluindo algumas analisadas pelos grupos, no trabalho que realizei. Em vez disto, busquei direcionar meu olhar para as reflexões suscitadas a partir do contato, direto ou indireto, com produtos jornalísticos de diferentes suportes sobre a temática recortada.

Assim, a pergunta principal da pesquisa passou a ter como elemento central a apropriação, este processo extenso de conhecimento e autoconhecimento, conforme define Thompson (2009). Ao me debruçar sobre as formas de apropriação dos adolescentes de conteúdos jornalísticos que abordassem temas relativos ao cuidado de si e ao risco à saúde, dediquei-me a analisar uma parte significativa desse processo: as reflexões propiciadas no compartilhamento de informações, opiniões, dúvidas, inquietações e expectativas.

Certamente os adolescentes tiveram liberdade de falar sobre suas práticas quando o assunto em discussão os instigava a isto, ainda que não tivesse sido objeto de estudo. Da mesma forma, havia outros caminhos e ambientes para investigar a apropriação por adolescentes de produtos jornalísticos, com recortes específicos quanto aos atores sociais, ao suporte, ao veículo etc. Minha escolha metodológica, no entanto, foi a de pensar as mediações experimentadas a partir da interação dos participantes dos grupos, em um dos espaços de convivência frequentados por eles, e de observações sobre o seu cotidiano e o ambiente em que vivem.

A decisão de adotar uma leitura expandida da noção de mediação situacional desenvolvida por Orozco Gomez (CLUA, 2002), para além do acompanhamento da audiência no dia a dia e nos ambientes onde os sujeitos de pesquisa teriam contato com o meio, permitiu a abertura necessária para a identificação das diversas formas de acesso a produtos jornalísticos em diferentes suportes. Um dos aspectos relevantes para o percurso escolhido foi a constatação de que esse contato pode ser casual, e não obrigatoriamente rotineiro, por exemplo, quando uma notícia estampada na banca de jornal desperta a atenção do adolescente. Ou ainda, quando clicou no link de um vídeo de telejornal disponível em uma plataforma de vídeos na internet.

Como em qualquer situação de pesquisa, minha presença como investigadora não esteve livre de assimetrias. No entanto, busquei suavizar esta situação com a dinâmica proposta de interlocução em grupo, para que os adolescentes ficassem à vontade nas atividades. Em vários momentos, fui chamada de professora, embora tenha explicado minha condição de pesquisadora na apresentação. Apesar de o gesto ter correspondência com uma forma hierárquica de relação, não considerei este um problema no entendimento do trabalho que estava sendo desenvolvido, mas uma forma familiar de lidar com uma pessoa adulta, externa ao grupo, que interagia com eles, propondo atividades de discussão, no espaço físico de usualmente destinados a aulas.

Um episódio interessante foi quando um dos participantes do grupo Vida Real me chamou de “tia”, o que gerou a reação do colega: *Em pleno século XXI, chamando a professora de “tia”!* Entendi a segunda fala como uma forma de autovalorização desses interlocutores, que já teriam autonomia reflexiva para colaborar com uma pesquisa.

Nem sempre minhas intervenções foram felizes, no sentido proposto de estimular o diálogo e a participação de todos. Algumas vezes o silêncio de alguns contrastou com a loquacidade de outros, reproduzindo, provavelmente, uma dinâmica já existente entre os participantes daqueles grupos. Houve momentos em que interrompi ou perdi discussões paralelas que poderiam ter trazido boas contribuições para a pesquisa; e outros sobre os quais apenas pude refletir depois de ouvir as gravações dos encontros. Também como pesquisadora precisei de tempo para começar a me apropriar dos achados do campo.

Apesar das limitações já mencionadas no campo de investigação, a metodologia adotada, sobretudo a partir da discussão em grupos, atendeu ao objetivo de responder as perguntas da pesquisa. A hipótese de que as produções jornalísticas teriam presença ativa nos discursos circulantes na vida cotidiana dos adolescentes, foi confirmada, assim como a negação de um caráter determinista da apropriação desses conteúdos feita pelos adolescentes. As alusões feitas à “mídia” evocam sua condição de referente, dando concretude e naturalidade a este tipo de mediação.

A partir das atividades realizadas, foi possível observar a demanda introjetada de discursos da cultura do risco, que reforçam a necessidade permanente de cuidar de si, por meio de mecanismos de autocontrole, manifestados, por exemplo, na autocrítica quanto ao consumo

de alimentos que não seriam saudáveis (*comer besteira*), na assepsia em relação ao compartilhamento de copos com colegas ou no uso de máscara de proteção à gripe A.

Tais discursos, no entanto, convivem com outros, construídos a partir de lógicas distintas, entre os quais aquele que nos remete ao sentido de sina e destino (GIDDENS, 2002), expresso na fala *É porque Deus quer. Porque tem que acontecer*.

As discussões em grupo permitiram observar ainda a presença de um discurso concorrente aos argumentos da prevenção ao risco, inscrito nas construções que enquadram os adolescentes como grupos de risco. Ao justificarem algumas atitudes de submissão a riscos pela *curiosidade do adolescente*, apontam a contradição dos alertas ao cuidado de si.

Esta correlação recorrente nas falas de especialistas acionadas em produções jornalísticas sobre o tema não apenas reduz as motivações de submissão a riscos à dimensão biológica, pelo crivo homogeneizador da faixa etária, como aponta um obstáculo intransponível para as estratégias de proteção desses indivíduos. Afinal, se a curiosidade é considerada uma característica constitutiva da adolescência, estaria justificada a maior submissão a riscos pelos indivíduos assim caracterizados?

Um terceiro aspecto desta concorrência discursiva, na direção oposta da anterior, é a crítica a esses mesmos discursos que vinculam a adolescência à exposição a riscos. A fala de uma das participantes, *Às vezes a gente erra, às vezes a gente acerta...*, traz o questionamento sobre a naturalização da ideia de que apenas eles estariam sujeitos a “erros”, como se estes não fossem intrínsecos à condição humana, em qualquer momento da vida.

As reflexões suscitadas nos grupos apontam para a ambivalência discursiva sobre o risco, como *constructo* científico e na forma da cultura de referência dos adolescentes, percebidos como sujeitos políticos em um campo de negociação de sentidos. Destacam-se, portanto, o caráter dinâmico da apropriação e a incapacidade de determinação das formas de pensar pelos meios, em particular, pelo jornalismo. A relação dialética dos processos de recepção, para além da indústria cultural, pôde ser observada a partir do compartilhamento dos conteúdos jornalísticos, no decorrer dos encontros com os adolescentes.

O processo de apropriação também se manifestou no sentido do apoderamento das reflexões feitas ao longo da pesquisa durante a construção dos diagramas dos grupos. Em todos

eles, os participantes demonstraram interesse em produzir o quadro-síntese, além de lamentarem o fim das atividades de pesquisa.

Sintetizo a seguir alguns achados relevantes da pesquisa:

a) A forte interlocução com a família, especialmente da mãe, e a percepção de que esta mediação traz também leituras e interpretações desses outros sujeitos a partir do acesso que fazem dos meios e de produtos jornalísticos, além dos acionamentos da tradição cultural, presentes nas falas dos adolescentes.

b) A mediação dos profissionais de saúde, em particular dos médicos, que atuam na atenção básica, nos postos de saúde da Maré, chamados pelos adolescentes de “Postinhos”.

c) As referências distintas nos três grupos quanto à presença dos professores dentre os seus mediadores de informações sobre cuidado e risco à saúde: mais significativa no grupo Preparatório Redes, menos expressiva no grupo Vida Real e ausente no grupo Legião 92.

d) A baixa interlocução com vizinhos ou mesmo a rejeição a essa interação.

e) A escassez de referências a autoridades religiosas, embora alguns participantes tenham mencionado espontaneamente algum tipo de vínculo com instituições de diferentes credos ou o interesse por um espaço virtual de ateus e agnósticos. No entanto, as discussões trouxeram elementos culturais religiosos sem correlação direta com instituições religiosas.

f) O acesso indireto a produtos jornalísticos sobre a temática do cuidado com a saúde, e não por meio de busca voluntária, sobretudo em veículos televisivos. Este suporte se mantém destacado na rotina doméstica, desde o início da manhã, garantindo a circulação discursiva, ainda que os adolescentes tenham a atenção dividida com a execução de outras atividades ao longo da programação, incluindo o acesso a sites e a redes sociais virtuais.

g) O uso da internet para aprofundar as informações acessadas ou tirar dúvidas, especialmente quando se trata de assunto mais íntimo, sobre o qual não se sentem à vontade para dialogar com os pais ou outros interlocutores. Os acessos partem de mecanismos de busca ou de sites de perguntas, e não de sites jornalísticos, sobre temas que desejam pesquisar.

h) A distinção entre uso e adesão a mídias sociais. Os adolescentes dos três grupos apontaram limites e excessos da interação gerada nessas plataformas.

i) A presença de diversos elementos com relação a preferências e hábitos que se desvinculam sobremaneira de estereótipos do adolescente, particularmente do adolescente morador de favela, tais como o vestuário, o gosto musical e literário. Destaco ainda o incômodo expresso por participantes em relação aos estereótipos.

j) A ausência de referências a veículos jornalísticos alternativos como fontes de informação, em qualquer suporte, inclusive daqueles produzidos pelas organizações sociais na Maré.

l) O deslocamento da autoria dos materiais jornalísticos acessados para os meios. O jornalista como produtor revelou-se invisível (e não apenas anônimo) nas discussões em grupo. Com exceção de alguns apresentadores de telejornais ou de outros programas que tenham conteúdo jornalístico, os profissionais não foram identificados como atores no processo de mediação. As referências, especialmente as críticas, foram feitas à “mídia”, situada como uma comunidade discursiva. Algumas vezes, no entanto, os veículos foram qualificados, deixando de ser configurados em um bloco monolítico.

Dentre as possibilidades que vislumbrei para novos estudos, a partir das reflexões sobre os dados da pesquisa, estão análises a respeito dos seguintes temas:

- O uso de sites colaborativos que permitem a submissão de perguntas e respostas para os visitantes que querem tirar dúvidas sobre temas relacionados a cuidados com a saúde.
- As formas de apropriação de informações difundidas por profissionais de saúde que atuam na atenção básica, particularmente em campanhas preventivas a riscos à saúde na adolescência.
- Os diálogos intrafamiliares a partir das produções jornalísticas sobre cuidado e risco à saúde.
- A linguagem jornalística na produção de conteúdos sobre saúde e ciência dirigidos a adolescentes.

Conforme ressaltai anteriormente, as críticas apresentadas quanto às estratégias “hiperpreventivas” (CASTIEL, 2007) dirigidas aos adolescentes e a seus pais, especialmente, não pretendem desconsiderar os esforços feitos para a democratização do acesso à informação sobre saúde. No entanto, é preciso observar em que circunstâncias a lógica do risco (antecipação, responsabilização individual e autocontrole) se sobrepõe a esse direito. Acredito ser esta uma reflexão importante para fazermos como profissionais de comunicação que atuam na construção de produtos jornalísticos voltados à promoção de saúde.

Por que os três grupos apontaram a saturação de informações sobre temas como prevenção a gravidez e a doenças sexualmente transmissíveis, exatamente como fez uma adolescente de 14, de São Paulo, entrevistada em reportagem apresentada para discussão de um dos grupos? Relembro que a reportagem foi levada para discussão após os adolescentes terem manifestado este sentimento, no encontro anterior. Esta é uma questão que merece ser refletida mais detidamente não apenas por formuladores de políticas públicas de promoção de saúde, mas de forma igualmente intensa por jornalistas e outros profissionais de comunicação que atuam na produção de conteúdos circulantes sobre cuidado e risco à saúde.

Ao final do percurso deste estudo, outras inquietações se somaram às iniciais, como não seria surpresa. Espero que os percalços no desenvolvimento de pesquisas empíricas não desestimulem propostas inventivas, métodos e técnicas, em busca de um diálogo aprofundado com novos objetos de estudo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Weber. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro In: FREITAS, Maria Virgínia (Coord.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- ALMEIDA FILHO, Naomar. O conceito de saúde: ponto-cego da epidemiologia? **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 3, n.1-3, abr./dez. 2000.
- _____. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; e FRANÇA, Vera. **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ARAÚJO, Inesita Soares de. **Promoção da saúde e prevenção do HIV/Aids no Município do Rio de Janeiro: uma metodologia de avaliação para políticas públicas e estratégias de comunicação: relatório de pesquisa**. Rio de Janeiro: CICT/Fiocruz, 2003.
- _____. Polifonia, concorrência discursiva e produção dos sentidos. O método do mapa do mercado simbólico. **Unirevista**, São Leopoldo, RS, v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 63-72, 2001.
- AZIZE, Rogério Lopes. O cérebro como órgão pessoal: uma antropologia dos discursos neurocientíficos. **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 563-574, 2011.
- BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves (Org.). **Solos culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BENINCASA, Miria; REZENDE, Manuel Morgado. Percepção de fatores de risco e de proteção para acidentes de trânsito entre adolescentes. **Bol. Psicol.**, São Paulo, v. 56, n. 125, p. 241-256, dez. 2006.
- BEZERRA JÚNIOR, Benilton. A psiquiatria e a gestão do bem-estar. In: FREIRE FILHO, João. (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BIANCONI, G. Internet persegue TV: meninos mais novos já preferem à Rede a televisão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2008. Especial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2707200823.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.112-121.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.
- BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em:

<<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=16/07/1990>>. Acesso em: 27 maio 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. 2010a.

Disponível em:

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes_nacionais_adoles_jovens_230810.pdf>. Acesso em: 2 mar 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de indicadores do SUS, n.º 5**. 2010b. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/painel_indicadores_sus_n5_p2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem**. Brasília: 2009. Disponível em:

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/politica_nacional_atencao_integral.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

BRISOLLA, F. Morador de favela está 'superligado' à internet, diz pesquisa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2013. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/02/1231878-morador-de-favela-esta-superligado-a-internet-diz-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2013.

BURKE, Peter. Quem cuida de quem? Palestra realizada em Campinas (SP) e exibida no programa **Café Filosófico**, TV Cultura, São Paulo, 24 set. 2010. Disponível em: <<http://vimeo.com/27550258>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CASTEL, Robert. From dangerousness to risk. In: BURCHELL, G., GORDON, C.; MILLER, P. (Ed.). **The Foucault Effect: studies in governmentality**. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 281-298.

CASTIEL, Luis David. Identidades sob risco ou risco como identidade? A saúde dos jovens e a vida contemporânea. **Interthesis**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 2-16, jul./dez., 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/621/10857>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

CASTIEL, Luis David; DIAZ, Carlos Álvarez-Dardet. **A saúde persecutória: os limites da responsabilidade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CASTIEL, Luís David; GUILAM, Maria Cristina; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. (Coleção Temas em Saúde).

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. **Das loucuras da razão ao sexo dos anjos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

CLUA, Anna. El lugar del investigador ante los retos del análisis crítico de las audiencias (Entrevista com Guillermo Orozco Gomez). Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodisme i de Ciències de la Comunicació). **Anàlisi** 28, 2002, p. 189-202.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: _____; FREITAS, Carlos Machado de (Org.). **Promoção de saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2 ed. rev. , ampl. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

CORRÊA, Juliana Silva. **As representações de jovens moradores do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora – UPP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOUGLAS, Mary. **Risk & blame: essays in culture theory**. London: Routledge, 1994. p. 38-54.

DOWDNEY, Luke. **Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2003.

DUARTE, Vânia. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/gramatica/as-expressoes-risco-vida-risco-morteuma-analise-linguistica.htm>>. Acesso em: 20 out. 2013.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

FARIAS JÚNIOR, José Cazuza de et al. Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Rev. Panam. Salud Publica**, Washington, v. 25, n. 4, 2009, p. 344–352. Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892009000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: C. Naify, 2007.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985a.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985b.

_____. O nascimento da medicina social. In: _____. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989a, p. 79-98.

_____. O nascimento do hospital. In: _____. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1989b, p. 99-112.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera (Org.). **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 39-59.

FREIRE FILHO, João. Novas perspectivas para o estudo da relação entre discursos midiáticos, juventude e poder. **Compós**, Belo Horizonte, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/82/82>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

_____. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco. Imperativos da conduta juvenil no século XXI: a “Geração digital” na mídia impressa brasileira. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 5, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/124>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (UNICEF). 2011. Disponível em: <http://www.unicef.pt/18/Relatorio_SOWC_2011.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2012.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 2. ed. Porto Alegre: Tchê, 1989.

GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. Destino, risco e segurança. In: _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.104-134.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HEIDDEGER, Martin. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Adolescência é coisa do cérebro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 de abril de 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1204200707.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

IBGE. Conceitos. 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/agsn2010.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2013.

JACKS, Nilda (Coord.). **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JORNAL DA GLOBO. Gerações. **Rede Globo**, 15 a 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2010/11/geracoes-apresentam-diferentes-perspectivas-e-metas-profissionais.html>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

KARAM, Francisco José Castilhos; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação. In: SILVA, Gislene et al. (Org.). **Jornalismo contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós. 2011. p 79-101.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LALONDE, Marc. **A new perspective on the health of Canadians**. A working document. April 1974. Ottawa: Minister of Suplly and Services, 1981. Disponível em: <<http://www.hc->

sc.gc.ca/hcs-sss/alt_formats/hpb-dgps/pdf/pubs/1974-lalonde/lalonde-eng.pdf>. Acesso em: 8 jun 2011

LEAL, Ondina Fachel. Etnografia de audiência. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (coord.) **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LIMA, Diana; WERNECK, Vinícius. A notícia política na mídia evangélica: o Mensageiro da Paz e a Folha Universal em perspectiva comparada. **Dados**. Rio de Janeiro: v. 55, n. 1, 2012.

LISBOA, Marcia Rodrigues. **Jornalista: profissão passageiro**: as relações de trabalho dos profissionais da notícia na grande imprensa brasileira atual. 1994. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Uma aventura epistemológica. **Revista Matrizes**, ano 2, no 2, 1º sem 2009, p.143-162.

LUPTON, Deborah. **Risk**. London:Routledge, 1999. p. 18-36.

MACHADO DA SILVA, L. A. Afinal, qual é a das UPPS? **Observatório das Metrôpoles**.

Março de 2010. Disponível em:

<http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/artigo_machado_UPPs.pdf>

MACHADO DA SILVA, L. A.; LEITE, M. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007.

MACIEL, Lena; LIEDKE, Lucas; RODRIGUES, Rony. We all want to be young. **BOX 1824**. Disponível em: <<http://www.vimeo.com/16641689>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

MARINHO, Roberto Irineu; MARINHO, João Roberto; MARINHO, José Roberto. **Princípios editoriais das Organizações Globo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., 2005, Salvador. **Conferência de abertura**. Disponível em: <<http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/ArmandMattelartPortugues.pdf>> . Acesso em 4 jun 2010.

MATTELART, Armand; MATTELARD, Michele. **História das teorias da comunicação**. 8 ed. São Paulo, Loyola, 2005.

MEMORIA GLOBO. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/formato.htm>>. Acesso em 12 nov. 2013

MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Grau de informação, atitudes e representações sobre o risco e a prevenção de Aids em adolescentes pobres do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.11, n. 3, p. 463-478, set. 1995.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. Juventude. In **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975. p. 132-141.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NOBREGA, Edson Diniz; BELFORT, Marcelo; RIBEIRO, Paula. Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda. Rio de Janeiro: Redes de Desenvolvimento da Maré, 2012.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NUNES, João Arriscado. As dinâmicas da(s) ciência(s) no perímetro do centro: uma cultura científica de fronteira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 189-198, 2002.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. Los estúdios de recepción: de un modo de investigar, a uma moda, y de ahí a mucho modos. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 9, p.1-13. jul./dez. 2003.

_____. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n.1, p. 27-42, 1º sem 2005.

OS DESAFIOS da Maré. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 fev. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/os-desafios-da-mare-7557579>>. Acesso em 15 fev. 2014.

PAIM, Jairnilson S.; ALMEIDA FILHO, Naomar de. Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n.4, ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101998000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2012.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Adolescente, feminino plural: um corpo em construção. **Revista Gênero**, Niterói, v.4 n.1, p. 151-168, 2003.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet**: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

PRIORE, Mary Del. O casamento entre amor e sexo. [Palestra exibida no programa **Café Filosófico**, TV Cultura, São Paulo, 10 set. 2010]. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/wp/2010/09/13/o-casamento-entre-o-amor-e-o-sexo-mary-del-priore/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

QUEM SOMOS. Instituto Vida Real: 2013. Disponível em:< <https://institutovidareal.org.br/>>. Acesso em 26 jan 2013.

RAMONET, Ignacio. **La tyrannie de la communication**. Paris: Gallimard, 1999.

RAMOS, Sílvia, MUSUMECI, Leonarda. (Org.). **Elemento suspeito**: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

REDE DE SABERES. Redes de Desenvolvimento da Maré, 2012. Disponível em: <<http://redesdamare.org.br/?p=1418>>. Acesso em 27nov2012.

REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ; OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Guia de ruas Maré 2012**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://redesdamare.org.br/wp-content/uploads/2012/10/GuiaMare_Web.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

RELATÓRIO NARRATIVO ANUAL 2013. Redes de Desenvolvimento da Maré, 2013. Disponível em: <<http://redesdamare.org.br/?p=1418>>. Acesso em 13set. 2013.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 318.

ROSEN, George. **Da polícia médica à medicina social**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **GT: recepção, usos e consumo midiáticos**. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf>. 20 jan. 2014.

SANDIN, P. The Precautionary Principle and Food Safety. **Journal für Verbraucherschutz und Lebensmittelsicherheit**, v. 1, n. 1, p.2-4, 2006.

SANTO, Andréia Martins de Oliveira; SILVA, Eliana Souza. **Vivências educativas na Maré**. Rio de Janeiro: Redes de Desenvolvimento da Maré, 2013.

SERRA, Antonio. **O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num jornal popular**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SHOVELLER, J. A.; JOHNSON, J. L. Risk groups, risky behavior, and risky persons: dominating discourses on youth sexual behavior. **Critical Public Health**, v.16, n., p. 47-60, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____.; PAIVA, Raquel. Informação e boato na rede. In: SILVA, G. et al. (Org.) **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n. 6, p.1277-1311, nov./dez., 2001.

SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. v. 1

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica da era dos meios de comunicação de massa**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

- TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2013. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_2115.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2014.
- TRAQUINA, Nelson. (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vegas, 1993.
- VAN LOON, J. **Risk and technological culture: towards sociology of virulence**. London: Routledge, 2002
- VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. Corpo e Risco. **Forum Media**, Viseu, v.1, n.1, p.101-111, 1999.
- VAZ, Paulo et al. O fator de risco na mídia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.11, n. 21, p.145-63. jan./abr. 2007.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Formas de apropriação por adolescentes das produções jornalísticas dirigidas à prevenção de riscos à saúde”, que desenvolvo no curso de doutorado em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As atividades consistirão na discussão em grupo e em um questionário individual a respeito de temas relacionados a informações jornalísticas sobre cuidado e risco à saúde.

Seu nome e os dos outros participantes da pesquisa ficarão em sigilo. Os dados obtidos serão divulgados de forma a não permitir a identificação de quem os relatou. Os encontros serão gravados apenas para garantir que as informações não se percam.

Como você tem menos de 18 anos, também será necessário o consentimento de seu/sua responsável. Os encontros acontecerão na [nome da instituição], nos dias _____, das _____ horas às _____ horas.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento poderá desistir e retirar seu consentimento. Você receberá uma cópia deste termo, com meus contatos, para que possa tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa e sua participação. Também estarão disponíveis os dados do Comitê de Ética na Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), que autoriza a realização desta pesquisa.

Declaro que concordo em participar da pesquisa.

Nome do participante (por extenso)

Assinatura do participante

Nome do(a) responsável

Assinatura do(a) responsável

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

Seguem dados da pesquisadora e do Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz.

APÊNDICE B - Modelo de questionário aplicado

Nome:

Idade:

Série:

Data:

As questões abaixo devem ser respondidas individualmente. Não se preocupe com a linguagem. Escreva o que realmente faz no dia a dia e suas preferências. Seu nome não será divulgado.

1) Quais são os meios de comunicação que você mais acessa?

Jornal Rádio TV Revista Sites Portais Blogs

2) Onde você os acessa (em casa, na casa de amigos, na escola, na lan house...)?

3) O que mais gosta de ler, ouvir ou assistir nos meios de comunicação?

4) Sobre qual (ou quais) assunto(s)?

5) Você costuma acessar informações jornalísticas (notícias, reportagens...)?

Sim Não Às vezes Raramente

6) Em que produtos ou programas?

[Aqui você pode marcar mais de uma resposta]

Jornal impresso Telejornal Programa no rádio Revista Sites Blog Outro (qual?)

7) Sobre que assunto(s)?

8) Alguém o estimula a buscar informações nos meios de comunicação? Quem?

[Pode citar uma ou mais pessoas]

9) Você participa de alguma rede social pela internet? Qual (quais)? Costuma visitar ou seguir perfis de meios de comunicação? Clica nos links para ler/ver/ouvir matérias jornalísticas?

10) Segue algum blog? Sobre quais assuntos?

11) Tem ou já teve blog, twitter ou site?

ANEXO - Materiais jornalísticos discutidos pelos grupos de adolescentes

- a) “Consumo de álcool por adolescentes cresce e inspira serviço médico especial” (O Globo Online). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/consumo-de-alcool-por-adolescentes-cresce-inspira-servico-medico-especial-4509373>>. Acesso em 25 nov. 2012.
- b) “Risco de engordar é maior entre os que têm amigos gordos do que entre os que têm amigos magros” (Portal R7). Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/receitas-e-dietas/noticias/risco-de-engordar-e-maior-entre-quem-tem-amigos-gordos-do-que-magros-20120716.html>>. Acesso em 26 nov. 2012.
- c) “Sexo na adolescência: 73% dos jovens não usam camisinha na primeira transa” (*Extra Online*). Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/sexo-na-adolescencia-73-dos-jovens-nao-usam-camisinha-na-primeira-transa-6199418.html>>. Acesso em 26 nov. 2012.
- d) “Neymar revela insônia e não escolhe número da camisa no Barcelona” (*Extra Online*). Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/neymar-revela-insonia-nao-escolhe-numero-de-camisinha-no-barcelona-8517760.html>>. Acesso em 20 fev 2014.
- e) “Os riscos à saúde dos cosméticos nacionais” (*Extra Online*). Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/os-riscos-saude-dos-cosmeticos-nacionais-8498902.html>>. Acesso em 24 mar. 2014.
- f) “Psicólogos orientam adolescentes e crianças sobre os riscos da internet” (Jornal Hoje, TV Globo). Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/09/psicologos-orientam-adolescentes-e-criancas-sobre-os-riscos-da-internet.html>>. Acesso em 24 nov. 2012.
- g) “Campanha polêmica contra gravidez na adolescência gera debate nos EUA” (Jornal Nacional). Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/05/campanha-polemica-contra-gravidez-na-adolescencia-gera-debate-nos-eua.html>>. Acesso em 30 maio 2013.
- h) “Jovens ainda têm dificuldades para dialogar sobre sexo” (Globo Repórter). Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/12/jovens-ainda-tem-dificuldades-para-dialogar-sobre-sexo.html>>. Acesso em: 5 mar. 2014.
- i) “Bobeou, pegou! - Vacina contra HPV, epidemia do século XXI, está disponível em dois estados do Brasil e poderá em breve ser oferecida pelo SUS. Entenda a importância dessa prevenção” (*Folha Universal*).
- j) “Mortes e revolta na Maré”, publicada no jornal *O Dia*, em 26 de junho de 2013.